

Therezinha Stella Guimarães
Anne Dumoulin

O Padre Cícero

por ele mesmo

2ª edição



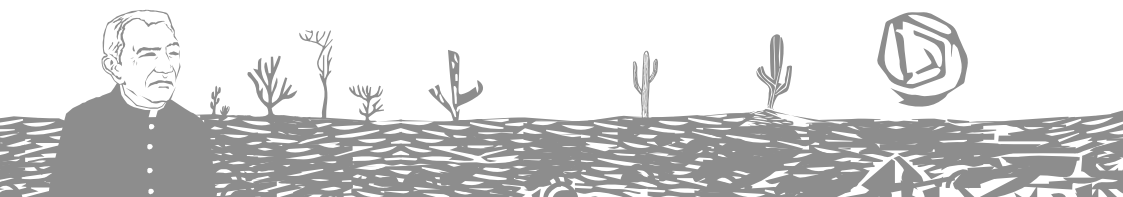
EDIÇÕES
INESP

O Padre Cícero

por ele mesmo

2ª edição





Organizadoras:
Therezinha Stella Guimarães
Anne Dumoulin

O Padre Cícero

por ele mesmo

2ª edição

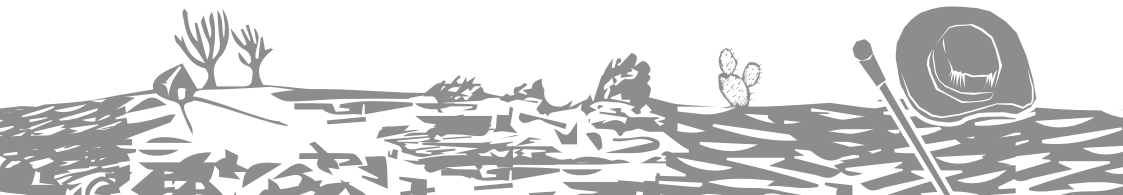


**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza / Ceará

2015



Copyright © 2015 by Inesp

Coordenação Editorial

Roberto César de Albuquerque
Mendonça

Impressão e Acabamento

Gráfica do Inesp

Assistente Editorial

Andréa Melo

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Projeto Gráfico e Capa

José Gotardo Filho

Diagramação

Valdemice Costa (Valdo)

Revisão

Vânia Soares Rios
Lúcia Jacó Rocha

Assistente de Revisão

Carol Molfese

Catalogado por Daniela Sousa do Nascimento CRB-3/1023

P123 O Padre Cícero por ele mesmo / organizadoras, Therezinha
Stella Guimarães, Anne Dumoulin. – Fortaleza:
INESP, 2015.
207p.: il.

1. Batista, Cícero Romão, biografia. 2. Cícero, Padre,
1844-1934. I. Guimarães, Therezinha Stella. II. Dumoulin
Anne. III. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos
e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. IV. Título.

CDDdir. 922.8131

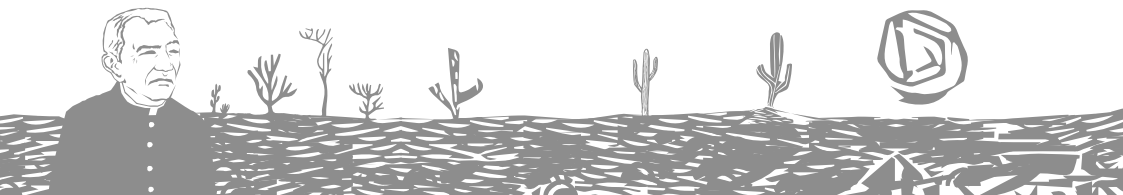
VENDA PROIBIDA

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Instituto de Estudos e Pesquisas Sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp

Av. Desembargador Moreira, 2807 – Ed. Senador César Cals, 1º andar Dionísio Torres CEP: 60.170900

Fortaleza - CE - Brasil | Tel: (85)3277-3701 | Fax: (85)3277-3707 | al.ce.gov.br/inesp | inesp@al.ce.gov.br





*Em memória de Monsenhor Francisco de Sá Barreto, Vigário do Nordeste (*31/10/1930 – +04/12/2005) com quem tivemos a alegria e o privilégio de acolher os romeiros da Mãe das Dores e do Padre Cícero, durante mais de 30 anos.*

Nosso gesto de gratidão, no 10º aniversário de seu falecimento. Os anos passam, as saudades, não!

Nesse dia, 04/12/2015.



Em sua memória, também, querida Ir. Ana Teresa, no dia do lançamento desse livro que escrevemos juntas, em uma vontade firme de revelar a verdadeira personalidade do Padre Cícero, o padrinho dos pobres!

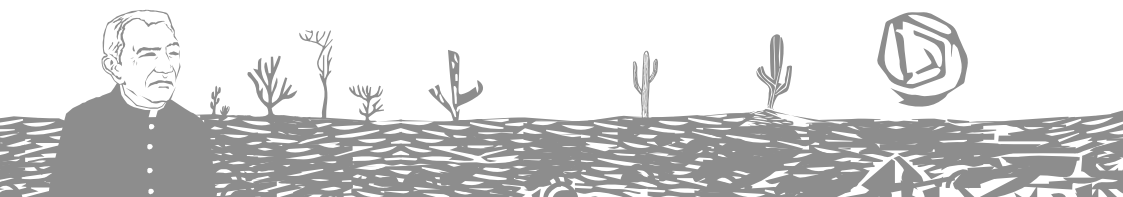
Sua presença continua viva no meio de nós e da “nação romeira” que você tanto amou e serviu!

De coração: obrigada!

Você não morreu: entrou para a vida!

*(*16/04/1935 – +18/05/2013)*





APRESENTAÇÃO

Padre Cícero Romão Batista tem seu nome consolidado em nossa história há mais de um século. Ao longo de toda a sua trajetória religiosa manteve-se, irreprensivelmente, um ministro da Igreja voltado para as manifestações da fé, da caridade e da peregrinação em prol da proteção dos seus fiéis, do seu lugar de ofício e das suas convicções sacerdotais.

Muito se tem dito sobre o comportamento polêmico de Padre Cícero, mas a sua característica carismática reconhecida até os dias atuais é prova incontestada da sua credibilidade e da sua sabedoria, tornando-o uma das personalidades mais reverenciadas da história do estado do Ceará.

A obra que a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio das Edições Inesp, ora coloca à disposição de todos os cearenses, proporcionará o conhecimento do incansável trabalho e da vida de doação de Padre Cícero a partir de dados e informações, pacientemente colhidos pelas autoras, resgatando registros, cartas e anotações do próprio religioso, atestando o seu caráter de bondade,

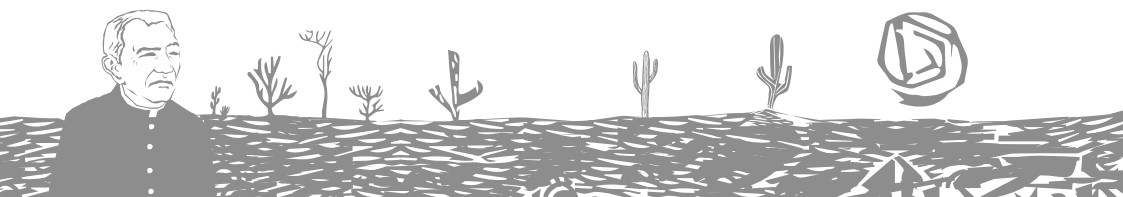


simplicidade e grandeza no cumprimento de sua missão de evangelização.

A presente publicação, portanto, é motivo de orgulho e júbilo para esta Casa Legislativa e para todos os leitores das Edições Inesp.

Deputado José Albuquerque

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará



PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

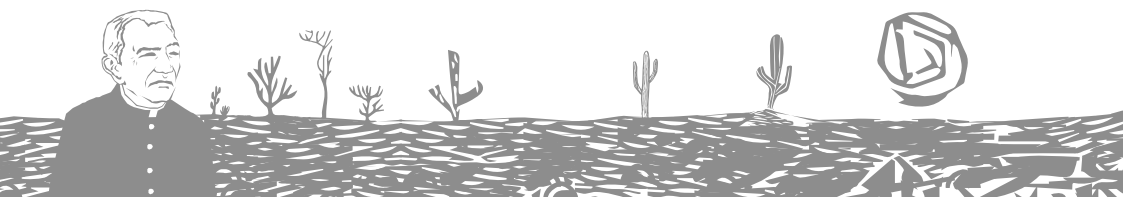
Na minha juventude, pelas ruas de Juazeiro do Norte, não era raro ouvir, pela convivência com gente romeira, a expressão mais simples: “– Como já dizia meu padrinho [...]” Em verdade, dito por gente de boa fé, isso nunca poderia ser contestado. Exatamente porque, algumas vezes, foi ouvindo de pessoas da família, como minha avó, que foi amiga e comadre do sacerdote, que eu tomei conhecimento dessas referências, frutos dessas homilias nos dias mais simples, quando essas coisas eram faladas, ao sabor do acolhimento fraterno de toda uma nação romeira, nos encontros diários da velha casa da Rua São José. Esse hábito de vincular dizeres, profecias e ensinamentos à figura do patriarca fez crescer, até nossa contemporaneidade, o sentimento mais forte de que o “conselheiro” sempre esteve conosco e nunca nos abandonou. Por essas expressões ficaram as lições, a pedagogia adequada para a superação, e nada se põe em dúvida. Mesmo porque, isso nunca é usado, senão, para firmar essa identidade profunda do devoto para com seu padrinho.

Veza por outra, pela grande imprensa do país, alguém escreve sobre a situação convulsa de crises mundiais: e



cá entre nós, afilhados do Padrinho Cícero do Juazeiro, cumpre-se a sua profecia: chegou a hora da roda grande rodar dentro da roda pequena. A verdade é que muitas dessas coisas são atribuídas ao Pe. Cícero Romão Baptista e, com certeza, nem foram ditas por ele. Em outros casos, expressões avulsas são reunidas para formar um conjunto harmônico, coerente com a tradição oral. Bastaria lembrar o caso dos assim referidos preceitos ecológicos que foram propostos pelo biólogo pernambucano Vasconcelos Sobrinho, ganhando foro e certidão – até internacionalmente, pelo testemunho de uma tradição que foi transmitida aos sertões nordestinos, sem a preocupação de configurar nenhum decálogo. Em muitas outras manifestações, sobre fé, família, trabalho, amizade, governo, seca, educação, justiça, política, filosofia, ministério sacerdotal, a correspondência do Padre Cícero, aos poucos revelada, foi se constituindo em riquíssimo manancial para o reconhecimento da personalidade marcante que superou tempos, modismos, crises e se eternizou pelas lições da grafia simples de um rico epistolário. É nesse universo em que se bebe essa sabedoria que o romeiro recita de cor e saltado.

Quando comecei a me questionar sobre a procedência desses ensinamentos, me perguntava simplesmente: onde está escrito isto? Como nos ficaram essas coisas, além da tradição oral de seu povo? Ingenuamente, eu não me dava conta da força como essa história, não oficial, mas escrita pelo povo, tem uma força admirável na conversão, na



certificação, no atestado inequívoco de um conhecimento palmilhado pelos sábios. Padre Cícero foi simplesmente isto: o conselheiro e grande líder que orientou e continua a orientar seu povo, o devoto que, logo cedo, o elegeu intermediário de seu desejo de paz e fraternidade. As razões dessa identidade, aí sim, a história oficial, hoje enriquecida por tantas leituras competentes, tratou de justificar, dando-lhe a justa medida de reconhecimento por uma longa pastoral que também nasceria em tom profético: “E tu, Padre Cícero, toma conta desta gente”.

Padre Cícero, por ele mesmo, resgata na sua segunda edição, revista e ampliada, essa oportunidade de se conhecer mais a fundo o contexto e as expressões fiéis do que parece ter sido dito, mesmo sem essa pretensão, mas *urbi et orbe*. Este livro que me encantou, desde a sua primeira edição (1983), trouxe a sistematização competente diante de uma seleção cuidadosa de textos que, aos poucos, foram sendo exumados de velhos baús, especialmente os dos herdeiros salesianos e Diocese de Crato. Mas, também, de tantos outros arquivos particulares que se revelaram generosos na tarefa ingente de se fazer preservar todos esses preciosos achados.

Permito-me dizer-lhes: é um livro genial. Como tal, simples. Não está rebuscado por análises enfadonhas, complexas, e por referências cruzadas de bibliografias e arquivos exaustivos. A missão, cumprida, exemplarmente, foi a de por nas mãos do leitor a obra sincera, fiel, especular, da alma de quem, efetivamente, o produziu, sem

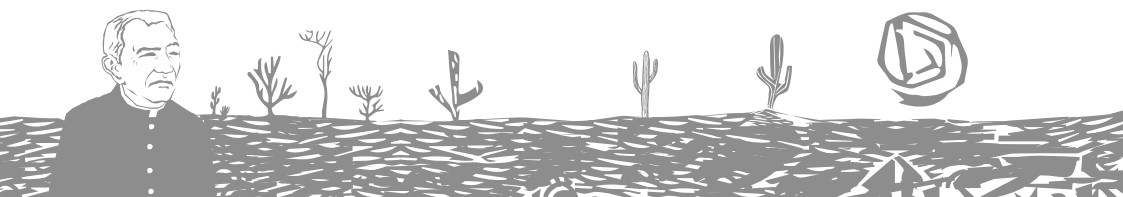


a preocupação, sequer, de ter legado aos seus afilhados um livro que, afinal, não existia de fato. Suas autoras e organizadora fizeram isso, inclusive, revelaram, nas entranhas do vasto documentário que tão beneditina e meticulosamente identificaram, leram e comentaram a obra póstuma irretocável do patriarca dos nordestinos. Pinçar fragmentos de textos, especialmente, quando se propõe daí retirar conteúdos de grande significação, não é tarefa muito simples. Especialmente, porque não raras vezes perde-se o contexto, deturpando o sentido e comprometendo a sinceridade da revelação. A cuidadosa tarefa de suas organizadoras nos deixou a certeza de que, com rara felicidade, mergulharam profundamente na compreensão da alma do autor dos textos para daí se extraiem essências primorosas dessa rica e controvertida personalidade.

Apresentá-lo, agora, em sua segunda edição, inserido como joia estimada no interior desta imensa bibliografia sobre nosso Patriarca é um enorme privilégio. Relevem, portanto, esse palavreado à maneira da prefácio, porque, realmente somos assim, muito vaidosos. Dessas vaidades, sem dúvida, mais nos engrandecemos com obras como esta, com páginas que alimentam o nosso profundo orgulho da terra que recebemos por herança de um padrinho que vive entre nós e disse tudo isso que aí está escrito. É tudo verdade.

Renato Casimiro

Juazeiro do Norte, 01/10/2015.



SUMÁRIO

Dados biográficos da vida do Pe. Cícero Romão Batista ... 15

CAPÍTULO I

Algumas opiniões contraditórias sobre a pessoa do Padre Cícero..... 19

Introdução 21

Algumas opiniões de contemporâneos do Padre Cícero 23

Opiniões de alguns escritores sobre o Pe. Cícero 37

Perplexidade Do Leigo 51

CAPÍTULO II

Padre Cícero por ele mesmo 55

O CPR-Centro de Psicologia da Religião 57

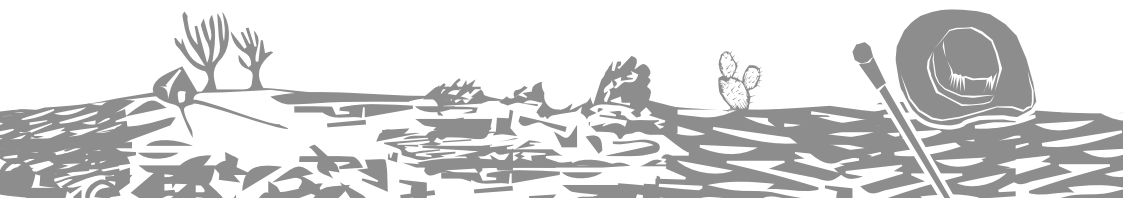
As cartas do Padre Cícero..... 59

Cícero, o filho e o irmão 63

Cícero, o amigo..... 75

Cícero, o sacerdote..... 87

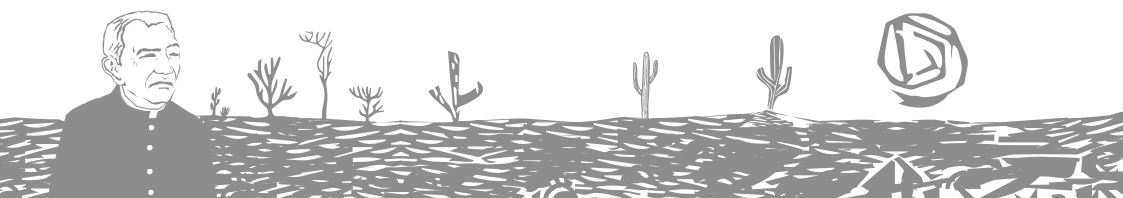
Pe. Cícero e Juazeiro 101



Pe. Cícero, o conselheiro	113
Pe. Cícero e a educação da juventude e do povo	131
Pe. Cícero, romeiro em Roma	141
Pe. Cícero, o sofredor e os injustiçados	149
Pe. Cícero, o nordestino e o flagelo da seca.....	173
Pe. Cícero e a política	185
O homem Cícero e os bens deste mundo	213
Pe. Cícero, o filósofo	229
Conclusão.....	237
Considerações Finais.....	241
Referências Bibliograficas	243

APÊNDICE

Documentação.....	247
--------------------------	------------



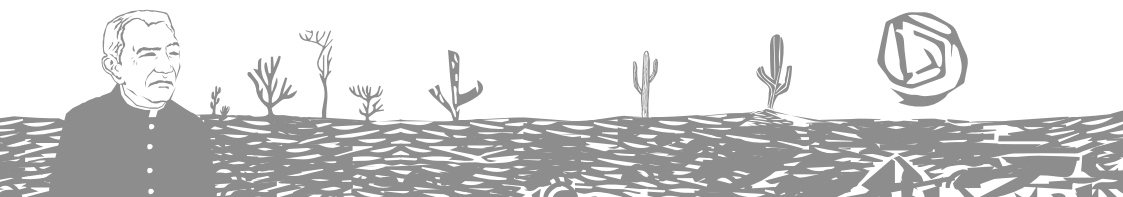
DADOS BIOGRÁFICOS DA VIDA DO PE. CÍCERO ROMÃO BATISTA¹

24/03/1844	Nascimento de Cícero Romão Batista, em Crato; filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana.
30/11/1870	Ordenação sacerdotal na Catedral, em Fortaleza, por D. Luís Antônio do Santos, 1º bispo do Ceará.
24/12/1871	Celebra, pela primeira vez, a missa em Juazeiro.
11/04/1872	Fixa residência em Juazeiro com sua família.
26/09/1872	É nomeado capelão da Capela de N. Senhora das Dores, em Juazeiro-CE.
28/08/1884	D. Joaquim José Vieira, 2º bispo de Fortaleza, sagra a nova Capela de Nossa Senhora das Dores, benzendo a pedra do altar-mor.
22/04/1886	Instalação solene do Sacrário permanente da Capela de Nossa Senhora das Dores.
21/12/1887	Nomeação do Pe. Cícero como vigário da Paróquia de S. Pedro, hoje Caririçu, continuando, entretanto, a residir em Juazeiro.
01/03/1889	Pela primeira vez, ocorre em Juazeiro a transformação da hóstia em sangue, na comunhão de Maria de Araújo.

¹ Estes dados foram retirados do livreto manuscrito de Amália Xavier de Oliveira.



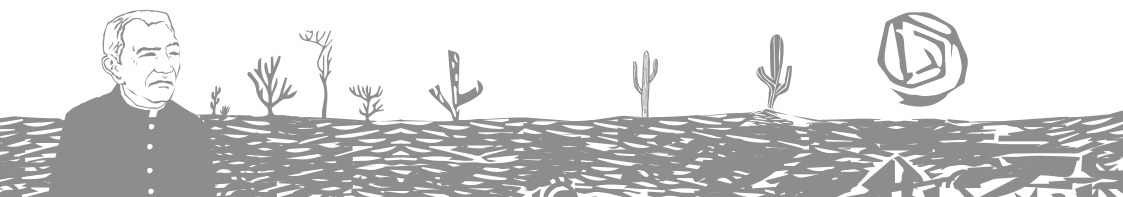
17/07/1891	Pe. Cícero é chamado a Fortaleza e se apresenta ao bispo para responder, sob juramento, a um questionário referente aos fatos extraordinários de Juazeiro.
21/07/1891	O bispo diocesano nomeia a primeira comissão para averiguar os fatos extraordinários ocorridos em Juazeiro, tendo como membros os Padres Glicério e Francisco Antero.
28/11/1891	Entrega, pelo Pe. Glicério, do relatório a D. Joaquim, declarando que os fatos extraordinários de Juazeiro não têm explicação natural.
04/04/1892	Pe. Alexandrino, vigário de Crato, recebe de D. Joaquim a ordem de proceder a um segundo inquérito sobre os fatos extraordinários de Juazeiro.
22/04/1892	Término do segundo inquérito, com a conclusão de que os fatos extraordinários de Juazeiro não são sobrenaturais.
05/08/1892	Pe. Cícero é suspenso de ordens, guardando apenas a faculdade de celebrar fora de Juazeiro.
06/08/1892	D. Joaquim dispensa Pe. Cícero da administração da Paróquia de S. Pedro, Caririçu.
10/11/1893	D. Joaquim proíbe todos os sacerdotes da diocese de celebrar, confessar ou pregar na Capela de Juazeiro, com exceção do vigário de Crato e dos padres por ele indicados.
23/01/1894	Essa proibição foi, também, estendida ao vigário de Crato, Pe. Quintino.
04/04/1894	A Congregação do Santo Ofício reprova e condena os fatos do Juazeiro.
04/07/1894	Pe. Cícero presta obediência às decisões do Santo Ofício, em Fortaleza.
14/04/1896	O bispo de Fortaleza proíbe Pe. Cícero de celebrar em toda a diocese.



21/06/1897	O vigário de Crato, Pe. Alexandrino, entrega ao Pe. Cícero a portaria de excomunhão válida se, no prazo de 10 dias, não se retirar de Juazeiro.
29/06/1897	Pe. Cícero exila-se em Salgueiro, Pernambuco, dentro do prazo exigido.
13/01/1898	Pe. Cícero viaja para Roma, via Recife.
01/09/1898	Pe. Cícero faz seu ato de submissão e obediência aos decretos da Igreja, perante o Santo Ofício. Recebe ordem para celebrar missas e voltar ao Brasil.
12/11/1898	Chegada do Pe. Cícero a Fortaleza para prestar contas de sua viagem a Roma e render obediência ao bispo D. Joaquim.
15/11/1898	D. Joaquim concede ao Pe. Cícero a licença de celebrar missa na diocese, menos em Juazeiro e nas circunvizinhanças.
07/09/1910	O povo de Juazeiro declara-se independente de Crato, negando o pagamento de impostos àquela cidade.
22/07/1911	Criação do Município de Juazeiro.
04/10/1911	Pe. Cícero assume o cargo de primeiro prefeito de Juazeiro.
20/01/1912	Pe. Cícero é eleito 39º vice-presidente do Estado do Ceará.
11/02/1913	O presidente Franco Rabelo demite Pe. Cícero do cargo de prefeito de Juazeiro.
04/12/1913	O prefeito João Bezerra de Menezes, nomeado por Franco Rabelo, é deposto pelas forças revolucionárias, comandadas pelo Dr. Floro Bartolomeu.
14/12/1913	Pe. Cícero convoca o povo para cercar Juazeiro de trincheiras e muralhas, em defesa da Vila que as forças rabelistas queriam arrasar.



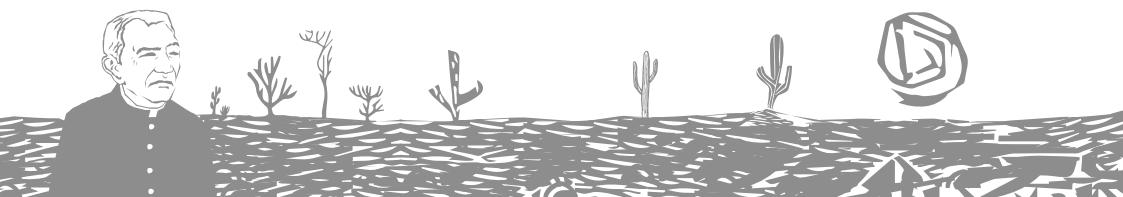
21/01/1914	Segundo ataque das forças rabelistas contra Juazeiro. Este ganhou a batalha. As forças do Dr. Floro Bartolomeu, ajudadas pelo Governo Federal, chegam até Fortaleza e derrubam o governo de Franco Rabelo. Volta ao poder Acioly.
22/07/1914	Pe. Cícero é eleito 1º vice-presidente do Estado.
30/12/1916	O primeiro bispo de Crato, D. Quintino, concede ao Pe. Cícero a ordem de celebrar novamente a missa em Juazeiro.
03/07/1921	Pe. Cícero é novamente suspenso de ordens.
16/04/1926	Pe. Cícero é eleito deputado federal depois do falecimento do Dr. Floro Bartolomeu, mas não assumiu o cargo.
20/07/1934	Pe. Cícero morre às 6h30min, depois de ter recebido os últimos sacramentos.



Capítulo I

Opiniões contraditórias sobre
a pessoa do Padre Cícero





INTRODUÇÃO

A seiscentos km das principais capitais do Nordeste, no meio do Vale do Cariri, “Oásis do Sertão”, ergue-se a estátua de 25m de um padre, de batina, chapéu e cajado na mão.

Migrantes nordestinos pretendem construir, na capital de São Paulo, a estátua mais alta do mundo, desse mesmo sacerdote.

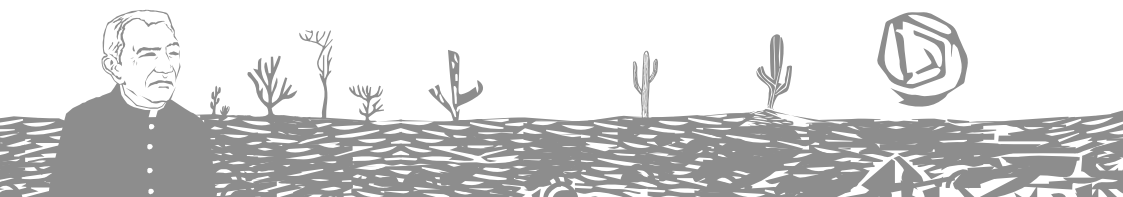
Dezenas de livros, teses e artigos foram e ainda são publicados sobre ele.

Cada ano cresce o número de romeiros que, aos milhares, vêm a Juazeiro “visitar Nossa Mãe das Dores e Meu Padrinho Cícero”.

Não existe no País um padre brasileiro que tenha causado e, ainda hoje, cause tão grande impacto sobre as massas populares e atraia o interesse de inúmeros estudiosos nacionais e estrangeiros.

Não existe, também, padre tão controvertido. Para uns, Pe. Cícero é santo; para outros, embusteiro e herege.





ALGUMAS OPINIÕES DE CONTEMPORÂNEOS DO PADRE CÍCERO

Segundo o parecer dos Padres Lazaristas Franceses, responsáveis pela formação no Seminário da Prainha, em Fortaleza, o seminarista Cícero Romão Batista não deveria ser ordenado sacerdote. No caderno em que o Conselho dos professores relatava as observações, em francês, sobre cada aluno, encontramos os seguintes dados:

Conseil du 8 Octobre 1867.

7º. Cícero Batista Romão. Il a été dit qu'il ne méritait pas l'ordination parce que, depuis longtemps il ne se confesse pas ni communie, et qu'il est peu regulier; qu'il a beaucoup d'idées confuses, qu'il a beaucoup de Foi dans sa propre raison: la 1^e raison est d'autant plus grave qu'il est employé au séminaire. Pour cela il a été dit que, s'il continuait ainsi, il ne pourrait plus remplir cet office en raison du scandale qu'il donnait, et que néanmoins on le laisserait libre pour les deux ordres afin de ne pas désacréditer les professeurs choisis.¹

¹ Tradução nossa: Conselho de 8 de Outubro de 1867: 7º Cícero Romão Batista. Foi dito que não merecia a ordenação, por que faz tempo que ele não se confessa nem comunga, e que ele é pouco regular; que ele tem muitas idéias confusas, que ele tem muita Fé na sua própria razão: o primeiro motivo é bem mais grave, pois ele é empregado no seminário. Por esta razão, foi dito que, se ele continuar assim, não poderá mais exercer este ofício em razão do escândalo que ele dava, e que, entretanto, a gente o deixaria livre para as duas ordens para não desacreditar os professores escolhidos.



Conseil du 12 Mai 1868.

[...] n'y ayant plus personne qui soit dans le cas d'être ordonné, si ce n'est le Sr. Antenor qui n'a pas l'âge, et le Sr. Cícero Batista Romão, dont on ne s'est pas occupé, on a fini le Conseil. La raison est qu'il ne fréquente pas les sacrements, qu'il est opiniâtre et peu régulier; malgré l'emploi de confiance qu'il a.²

Conseil de Novembre 1868 – Ordination [...] On n'a pas parlé des minorés Joaquim Antenor qui, quoique le méritant, ne voulait pas approcher, ni du Sém. Cícero dont l'état était toujours le même, et au sujet duquel on a dit que l'on s'entendrait avec Monseigneur pour le prier de se retirer du Séminaire.³

Mas o seminarista Cícero não se retirou do Seminário. Dom Luis não aceitou a proposta do Conselho dos Professores Franceses.

Em 23 de Abril de 1869, Cícero faz o pedido oficial para ser admitido ao sacerdócio. Sua irmã, Angélica, oferece como dote uma parte de sua propriedade ⁴ (sítio Fernando).

² Tradução nossa: Conselho de 12 de Maio de 1868: Não tendo mais ninguém que esteja no caso de ser ordenado, se não for o Sr. Antenor, que não tem a idade, e o Sr. Cícero Batista Romão, do qual não nos ocupamos, encerramos o Conselho. A razão é que ele não frequenta os sacramentos, que ele é teimoso e pouco regular, apesar do emprego de confiança que ele tem.

³ Tradução nossa: Conselho de Novembro de 1868 - Ordenação. Não falamos dos menores Joaquim Antenor que, apesar do merecimento, não queria aproximar-se, nem do Seminarista Cícero cujo estado era sempre o mesmo, e em relação a quem falamos que nos entenderíamos com Monsenhor (o Bispo) para pedir sua retirada do Seminário.

⁴ Ver o processo de ordenação do Seminarista Cícero no CPR. (cópia)



Começa, então, o processo em boa forma, que termina em 7 de Setembro de 1869 pelo parecer positivo de Monsenhor Hypólito Gomes Brasil, Vigário Geral e Juiz das habilitações no Bispado do Ceará, nesses termos:

Visto estes autos de justificação de *vita et moribus*, em que se mostra que Cícero Romão Batista é natural da freguesia de Crato deste Bispado, que é batizado e crismado, que tem 25 anos de idade, como da respectiva certidão junta aos autos de justificação de gênero, que é nascido de legítimo matrimônio, de bons costumes, sem crime nem irregularidade, eis o referido Cícero Romão Batista por habilitado para receber todas as ordens menores e sacras, *servatis servendis*.

Assim o julgo, e procedente a matrícula em tempo competente, pagos os custos dos autos.

Em 2 de abril de 1877, Dom Luis, primeiro bispo do Ceará, pede ao jovem Pe. Cícero sua colaboração na reabertura do Seminário São José, oferecendo ao novo reitor seus serviços de professor:

O nosso Seminário do Crato esteve em crise e em estado desanimador, porque nem todos servem para tudo. Aí vai o novo Superior inteiramente concorde comigo em reabrir o Seminário porque o ter-se fechado foi a medida a mais inconsiderada, que aí se tomou desde que existe o Cariri. – Podendo acontecer que os autores de tão errada resolução persistam no mesmo sentimento, e ponham em sérios embaraços o novo Superior, V. R. por grande favor a mim e bem desse estabelecimento ofereça seu serviço ao novo Superior se deles ele precisar. Se a necessidade de casa o levar a assisti-los, V. R. sem deixar totalmente o Juazeiro poderá prestar seu servi-



ço em algumas aulas no Seminário, indo celebrar nos domingos e dias santificados a Juazeiro. – É bom que logo que com ele se avistar faça-lhe os ditos oferecimentos dizendo que o faz por indicação minha. É de suma necessidade meu Padre, que todos nos esforcemos por não deixar cair um estabelecimento, que tanto custou a mim e ao bom Pe. Henrile de saudosa memória.

Alguns anos depois, D. Joaquim, 2º bispo do Ceará, ao benzer a nova Capela de N. S. das Dores (23/08/1884), escreve no Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Penha, em Crato:

A capela de Juazeiro, começada em 1875 pelo P. Cícero Romão Batista, sacerdote inteligente, modesto e virtuoso, é um monumento que atesta eloqüentemente o poder da fé e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, pois é admirável que um sacerdote pobre possa construir um templo vasto e arquitetônico em tempos anormais, quais aqueles que atravessam esta diocese, assolada pela seca, fome e peste.

Em 1886, D. Joaquim responde a uma carta do Pe. Cícero:

(Fortaleza, sem data) [...] Tenho a satisfação de responder- lhe atendendo às peculiares condições da Capela de Juazeiro, onde reside um sacerdote ilustrado e zeloso, estou autorizado a conceder-lhe a faculdade de conservar o Santíssimo Sacramento para aumento da piedade dos fiéis e cumprimento dos seus deveres religiosos[...]. N. Senhor lhe conserve o fervor e lhe console nos transe dos officios da vida. Ore sempre pelo seu servo e amigo.



Um ano depois escreve D. Joaquim ao Pe. Cícero:

(Fortaleza, 01/12/1887) [...] Satisfaz-me sobretudo o bom resultado alcançado pelo seu zelo[...]. Deus, que tudo vê, remunerar-lhe-á aumentando-lhe as graças já concedidas e eu, por minha parte, muito lhe agradeço o benefício que fez aos meus diocesanos. Rogue pelo seu humilde servo e admirador.

Em 1888, o mesmo bispo, tendo conhecimento de uma enfermidade do Pe. Cícero, escreve ao Tenente-Coronel Segundo:

(Fortaleza, 12/07/1888) [...] Desagradou-me sobretudo a notícia do agravamento da enfermidade que acometeu o virtuoso sacerdote; pois sei quão grande é a falta dos serviços dele nessas paragens[...] Deus queira que se realize o restabelecimento dentro de pouco tempo para que ele continue no efusivo apostolado[...] além disso, prevejo quanto serão dolorosos os seus padecimentos, posto que esteja convencido da resignação do seu grande coração.

Numa outra carta, escreve o mesmo D. Joaquim ao Pe. Cícero:

(Fortaleza, 04/11/1889) [...] Sou amigo e admirador de V.Rev. Confio na sua sinceridade e na sua ilustração e por isso o julgo incapaz de qualquer embuste...

Depois de 1890⁵ D. Joaquim muda, radicalmente, de opinião. Por exemplo, ele faz um relatório ao Internúncio, nestes termos:

⁵ Em 01/03/1889, aconteceu o “milagre da hóstia”; cf. pequena biografia do Pe. Cícero, p.7-10



(Fortaleza, 04/02/1894) [...] O P. Cícero, homem original e principal protagonista da deplorável comédia, respondia sempre com equívocos[...]. A este sacerdote, que não é sincero, só tenho permitido celebrar o Santo Sacrifício da Missa [...]. Darei mil graças a Deus se o dito sacerdote, efetivamente, retirar-se desta diocese, onde só pode fazer o mal.

Em 08/06/1895, Dom Joaquim apresenta ao Núncio seu diagnóstico:

Exmo. e Revmo. Sr., cumpre-me ainda esclarecer a V. Excia. sobre a índole e o caráter do Revdo. Padre Cícero e do Sr. José de Marrocos. O primeiro é um Sacerdote de bons costumes e de certas qualidades atraentes, mas infelizmente é algum tanto desequilibrado das faculdades mentais, razão por que o meu Antecessor, de saudososa memória, muito hesitou em conferir-lhe as Ordens Sacras, deixando-se afinal vencer pela constância do mesmo Padre Cícero, então aspirante ao Sacerdócio. Este Sacerdote, quando ainda seminarista, leu as obras de – du Merville e de Gomes, e desde então ficou com a monomania dos milagres; o que deu causa aos embustes de Maria de Araújo e de outras mulheres do Juazeiro.

No mesmo ano, dois meses depois, escreve D. Joaquim ao novo Internúncio:

[...] Este sacerdote, que é algo tão desequilibrado, tem se deixado conduzir por José Joaquim Teles de Marrocos, antigo seminarista expulso, homem astucioso, que procura sempre perturbar a paz religiosa na diocese[...]. Atualmente os fanáticos só prestam admiração ao P. Cícero, que é tido por padre santo. Finalmente esta triste história continuará com maior ou menor



ruído, enquanto o P. Cícero permanecer no Juazeiro... Se o padre obedecer ao chamado e for a Roma, o Santo Ofício verá que trata com um homem desequilibrado. Se não obedecer, ficará reconhecida a sua rebeldia e contumácia no erro.

Em 27/03/1897, Dom Joaquim escreve a Mons. Guidi a seguinte interpretação sobre o Pe. Cícero e seus seguidores:

Presentemente, ninguém mais liga importância às mulheres embusteiras, que não fazem mais milagres e já caíram no ridículo; todo o fanatismo agora se concentra na pessoa do Pe. Cícero que os ignorantes apelidaram por “Padre Santo”; é um segundo Antônio Conselheiro, que tem o dom de fanatizar as classes ignorantes.

Cumpre-me cientificar a V.Ex^a. Rv^a. que nesta Diocese os casos de desequilíbrios das faculdades mentais são frequentes e ocasionais, e quase todos se manifestam por tendências para o maravilhoso, não sendo estranha a essa tendência uma boa parte do Clero; isto devido ao Dr. Ibiapina, homem ilustrado em ciências jurídicas mas supersticioso, que resolvendo ordenar-se, conseguiu esta graça sem estudar Teologia, e depois saiu a pregar pelos sertões de Pernambuco e do Ceará, demorando-se mais nesta Diocese, onde muito contrariou o meu Antecessor de saudosa memória o Sr. Dom Luís: o Pe. Cícero, o Sr. José de Marrocos e outros foram discípulos deste Doutor Pe. Ibiapina. Daí vem em parte a história do Juazeiro.

Vejamos agora a opinião do Pe. Quintino, (futuro 1º bispo de Crato). Recém-ordenado em 1888, e nomeado como vigário coadjutor em Missão Velha, pede a Dom Joaquim a seguinte permissão:



[...] Sendo-me necessário ter um diretor espiritual e tendo eu que me convinha e muito, escolher para isto ao Pe. Cícero, cuja residência dista cinco léguas de Missão Velha, (dos limites da freguesia, porém, duas ou menos). Fi-lo na crença de que ver-nos-íamos frequentemente, ou ao aparecer ele por cá, como costumava, ou indo eu lá. Mas agora sobreveio-me uma dúvida que com a Carta Pastoral de V. Ex^a. não pude resolver. Eil-a – Poderei eu, caso não venha meu diretor ao lugar de minha residência (o que d'ora em diante se há de verificar indo eu para Goyaninha, e estando ele encarregado da Freguesia de São Pedro) poderei, digo, ir ao Juazeiro confessar-me, ficando na Freguesia o Revmo. Vigário, ainda mesmo que me seja necessário, ou eu queira fazer isso mensalmente, e lá demorar-me dois ou três dias, ao máximo? Importa dizer a V. Ex^a. que as minhas entrevistas com o Pe. Cícero sempre me são em muitos sentidos proveitosas, pois V. Ex^a. bem conhece este sacerdote.

Como Pároco de Crato, Pe. Quintino recebeu a missão de relatar ao bispo o que estava acontecendo em Juazeiro e como se comportava o Pe. Cícero:

(Crato, 6/1/1904) [...] É verdade que ainda vêm romeiros ao Juazeiro; é certo, entretanto, que eles não falam nos tais milagres condenados, cuja idéia eu considero delida na cabeça deles. Falam sim em N. Senhora das Dores e no P. Cícero, o que não parece ser um mal para a religião. Eles já se mostram dóceis, procuram a confissão e vê-se que se esforçam para corrigir-se de suas faltas. Quanto ao P. Cícero, nada mais disse sobre os tais milagres, protesta sempre sua submissão a todas as leis da Igreja, diz que condena, como é seu dever, tudo que for contrário à fé, etc., e aconselha e manda o povo confessar-se[...]. Falando assim, não quero, como



já disse a V. Ex^a, constituir-me advogado do P. Cícero e apenas externo o que penso.

Em uma carta sem data, mas escrita, provavelmente, entre 1909 e 1911, Pe. Quintino muda o tom e escreve a D. Joaquim:

[...] V. Ex^a tem de ver o que o Correio do Cariri vai dizendo do Pe. Cícero: Uma parenta chegada do Pe. Peixoto diz textualmente, com justeza, que do estômago do Pe. Cícero sai tudo o que o Pe. Peixoto vomita (parece que devo dizer apenas com alguma justeza).

Em 31 de outubro de 1912, agora Monsenhor Quintino, escreve a Dom Manoel, bispo auxiliar de Fortaleza:

Infelizmente, ao pobre Pe. Cícero sempre se deparam auxiliares idôneos na execução dos vaidosos planos de grandeza e renome que alimenta a olhos vistos, tirando proveito do grosseiro e irrefreável fanatismo do povo ignaro.

Em 1920, o então D. Quintino, 1º bispo do Crato, escreve ao papa, a favor do Pe. Cícero. Num rascunho da carta, encontramos as opiniões do bispo:

(Sem data) [...]Este sacerdote, poucos meses de sua ordenação, em 1870, foi residir naquela cidade (Juazeiro) que era nesse tempo uma simples povoação e ali se dedicou com zelo edificante e abnegação, exclusivamente e sem remuneração pecuniária, ao serviço das almas, com reconhecido proveito das almas; exercia o seu ministério com edificação dos fiéis e agrado do superior, que depositava nele toda confiança. As suas ideias e sentimentos a respeito da Religião e da Igreja eram tidos por muitos



por puros, como eram e ainda são puros os seus costumes particulares[...]. Anos mais tarde foi infelizmente vítima de seus estudos de Teologia Ascética e Mística, tornando-se parte saliente dos célebres milagres eucarísticos de Juazeiro.

Outros bispos se pronunciaram, também, naquela época, D. Arcoverde, futuro primeiro Cardeal do Brasil, escreve a D. Joaquim:

[...] É incrível! Eu o tomo por um hipnotizador ou um magnetizador e a infeliz Araújo um médium que age sob o influxo do padre ou sob sua sugestão com intervenção do demônio para produzir as ilusões e maravilhas de que sabemos. Suponho que ele tem já desobedecido a ordens expressas de V.Ex^{cia}., conservando em sua própria casa a companheira de suas experiências de magnetismo e do moderno hipnotismo. Além de ser proibido pela Igreja que um Padre se dê a essas experiências e com uma mulher que tem consigo, cresce de ponto a temeridade e a insubordinação sacrílega de fazerem-se semelhantes experiências com gravíssimo desacato de Jesus Cristo sacramentado e abuso da credibilidade do povo simples e ignorante exposto a adorar sangue de galinha, de gato, de porco, etc!!

Dois meses depois, ele reconhece:

(12/12/1891): O P. Cícero foi meu contemporâneo no Colégio de Cajazeiras e esse P. Monteiro, se é o Francisco Rodrigues Monteiro, também o foi, foram ambos criaturas muito boas e de conduta exemplar; mas isto não basta, ambos hoje têm necessidade de guia e guia enérgico, que os faça caminhar direito pelo caminho que lhes for indicado e não pelo que eles escolheram [...]



Em 08/01/1893, ele aconselha a Dom Joaquim:

Se V.Exa pudesse arrancar do Juazeiro o Padre Cícero e colocá-lo aí na Capital em alguma Capelania ou em alguma aula no seminário, seria talvez a salvação desse pobre Padre inexperiente.

Vejam-se, agora, outras opiniões ou comentários de Padres.

Em 1872, o Pe. Manoel Lima, doente, Vigário em Missão Velha, escreve a Dom Luis, primeiro bispo do Ceará:

(16/12/1872) Afligi-me excessivamente, Exmo. Sr. por achar-me só então e não haver na freguesia um outro sacerdote que suprisse esta minha falta, aliás bem grande, bem sensível; mas felizmente ela foi depois, em parte, suprida pelo meu colega e amigo Pe. Cícero que prontamente se prestou a vir confessar alguns enfermos, que se achavam mal, e administrar-lhes os últimos sacramentos e pelo que sou sumamente agradecido a ele.

Descobre-se um bilhete muito interessante escrito pelo Pe. Felix Arnaud, pároco de Missão Velha. A carta revela que ele reconhecia no Pe. Cícero um dom especial para aproximar-se dos doentes mentais, até perigosos. Vejamos:

Padre Cícero

Vindo chamar-me para confessar um homem, coitado, que se tem entregado ao vício da embriaguês de sorte que está quase louco; e tais cousas, parecem inspiradas pelo Demônio: tenho até medo de confessar a tal pessoa, não me julgando como habilitação alguma para converter quem se acha em tão difícil estado: tenho



medo. Peço-lhe, pois, pelo amor de Deus, que tome o incômodo de confessar este homem, e ver se o converte e salva, porque não tenho capacidade para isso. Não é que me nego a esta viagem, que peço isso, não; é porque tenho medo de nada aproveitar, e por isso lhe peço este favor. (...) Sem mais.

Felix Arnaud , 26 de Julho de 1992

A 27 de janeiro de 1919, Pe. Camilo, que passou alguns dias em Caririaçu, (São Pedro), confessando os antigos paroquianos do Pe. Cícero, escreve-lhe:

[...] o meu amigo deve facilmente imaginar as dificuldades em que me achei para lhes fazer o bem que esperavam de mim. Creio, contudo, ter encontrado o meio termo, por um lado concordando com eles a respeito da bondade extrema do P. Cícero (e quantas coisas bonitas eu não ouvi deles sobre aquela bondade e caridade!) e, por outro lado, recomendando-lhes muito deixar todo exagero, coisas que o P. Cícero é o primeiro a não querer. Julguei que devia ao P. Cícero este dever de gratidão e por isso achei bem empregado tanto tempo e cansaço em consolar a boa grei de São Pedro e arredores.

Em 15 de janeiro de 1925, Pe. Cícero recebe uma carta do Pe. Ezequiel Fraga, vigário-geral da Prelazia de Registro de Araguaia:

[...]Por intermédio deles (os migrantes cearenses), tenho tido notícias que muito honram a V. Rev.^{ma}: para a maioria e quase diria, para todos sem exceção, V. Rev.^{ma} é protótipo do cavalheirismo, da bondade e da caridade, é amante do povo, sendo tudo para todos, sem exceção de pessoas, tendo sabido V. Rev.^{ma} captar uma simpatia que vai aos limites da adoração.



Concluí-se que a apresentação de opiniões diversas sobre a pessoa do Pe. Cícero, com uma carta enviada ao sacerdote em 1909. O autor, Monsenhor A. de Macedo tenta compreender o porquê de opiniões tão opostas. Vale a pena ler a carta por inteiro:

Rvmo. Sr. Pe. Cícero e prezado amigo,

Almocei ontem na Nunciatura com o Cardeal e o Bispo do Ceará, que achei sempre duro e inflexível quanto aos negócios do Juazeiro, fazendo, no entanto as melhores anuências de V.Rvma. Os seus papéis estão comprometidos e não podem ter despacho favorável à vista da informação que deu o bispo de que a Capela foi construída sem licença do Ordinário – se acha em território suspeito.

As informações do Bispo do Ceará são todas contrárias às suas, quanto à criação do Bispado e o resto. Está me parecendo que há entre V.Rma. e o seu Bispo investigáveis desígnios ou intrigas ocultas, das quais, nenhum nem outro descobriram ainda a fonte perversa. Muito naturalmente, o Cardeal e o Núncio, no pé em que se acham os acontecimentos, não podem se guiar senão pelas informações oficiais do bispo. O que se acha em completa escuridão perante as autoridades eclesiásticas é que se devia declarar de um modo peremptório e cabal. Trate d'isto com o Bispo Coadjutor, pedindo-lhe que abra um inquérito completo, abrindo-se com ele em toda sinceridade e manifestando o desejo de viver na mais perfeita harmonia com seus superiores. Destrua pela raiz todos os motivos de desavença, com os maiores sacrifícios e entre em franca relação com a autoridade eclesiástica. Onde está o nó e a espinha é que ninguém sabe, nem pode atinar. Qual o motivo de tal profundo



desacordo? Como explicar a falta de confiança do Bispo para com V.Rma. à quem, no entanto ele faz tantos elogios e a quem respeita como um excelente padre? Mistério! Mistério! Mistério! Quem será o culpado? Um dos dois? Ninguém pode afirmar e bem pode justamente ser um terceiro, que se ignora e anda nas trevas. Descubra o cabra e fogo n'êlle!

Se assim procedo com V.Rma é porque sua pessoa me inspirou uma grande simpatia. Sou sincero e ficarei orando à Nosso Senhor no altar para que V.Rma. entre em breve num período de paz com os seus superiores.

Nas mãos do Rdo Pe. José Maria Natu, sj, Superior do Externato de Sto Ignácio, na rua S. Clemente 223, encontrará VRma os 150#000 rs que me entregou para as despesas de seus papéis: pedindo-lhe mil desculpas de não ter podido alcançar o que ambos tanto desejamos.

Recomendações ao Dr. Macedo, ao Rmo. Pe. Vicente e aceite o abraço de

Seu humilde irmão em Cristo e amigo

Mons. A de Macedo Costa



OPINIÕES DE ALGUNS ESCRITORES SOBRE O PE. CÍCERO

Quando se procura nas publicações sobre o Pe. Cícero em uma melhor compreensão de sua personalidade e ações, as mesmas controvérsias são encontradas. Apresentem-se, apenas, algumas, dentre centenas:

Euclides da Cunha, por exemplo⁶, não hesita em considerar o Pe. Cícero como um heresiarca sinistro que conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro, enquanto para o Pe. Azarias Sobreira, ele é o patriarca de Juazeiro, o pai muito amado, o conselheiro seguro e o protetor por excelência nos momentos de angústia.⁷ Ele reconhece que:

O Padre Cícero é um cruciante ponto de interrogação para quase todo o mundo. Nem mesmo os que com ele privaram e com ele viveram conseguiram jamais decifrar, inteiramente, sua psique, penetrar no âmago de sua mentalidade, tocar as raízes de sua impar atuação. Mutatis mutandis, foi ele, perenemente, um objeto de contradição, não somente na região onde nasceu e onde passou toda a sua vida pública, porém ainda mais longe,

6 Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Livr. Francisco Alves, 1940. p. 368.

7 Sobreira, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro*. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 61.



onde quer que chegou a repercussão do seu nome. Nele se encontravam as marcas de grandes individualidades. Não era nem um arroio manso e tranquilo, de águas claras e silenciosas; nem era também uma torrente impetuosa e gritante, com imprevistos remansos e cachoeiras. Porque era tudo isto ao mesmo tempo. Nele moravam, sob certos aspectos, o Santo Cura d’Ars, S. Vicente de Paulo, São Francisco de Sales e, de mistura, em aposentos bem mais humildes, porém em singular parceria, Eutíquio, Savanarola e Antonio Conselheiro.”⁸

Bem antes do Pe. Azarias Sobreira, Livio Sobral,⁹ um dos biógrafos que estudou a questão de Juazeiro sem tomar partido¹⁰, contemporâneo de muitos acontecimentos de caráter religioso e político, ocorridos em Juazeiro, já classificava o Pe. Cícero entre os grandes místicos e os grandes fanáticos, colocando-o lado a lado de Cura d’Ars, Vicente de Paulo, Francisco de Sales, Eutíquio e Savanarola e, no extremo das concepções místicas, ao lado de Antônio Conselheiro.

Eduardo Hoornaert¹¹ vê nele mais um conselheiro do que mesmo um pregador ou um fazedor de milagres e Maria Isaura Pereira de Queiroz classifica-o entre os grandes líderes messiânicos do Nordeste, a mesmo títu-

8 *Op.cit.* p.53-54

9 Sobral, Lívio. Padre Cícero Romão. In: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1942. t.LVI, p.110-114.

10 Segundo, Joaquim Alves. *Juazeiro, Cidade mística*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1949. p.18.

11 Hoornaert, Eduardo. *Verdadeira e Falsa Religião no Nordeste*. Salvador: Ed. Beneditina, 1972, p. 59.



lo que Antônio Conselheiro.¹² O Pe. Helvídio Martins Maia reconhece no Pe. Cícero o extraordinário poder de comunicação que lhe era peculiar, diagnosticando nele a tendência paranóica, de fundo místico¹³, partilhando a opinião do Dr. Fernandes Távora.¹⁴ Veja-se como esse médico-político chegou a este diagnóstico. Numa longa resposta ao Pe. Azarias Sobreira, ele escreve em dezembro de 1938:

Era bem criança, quando vi o Padre Cícero pela primeira vez, em casa do então Vigário do Crato, meu saudoso tio e padrinho, monsenhor Dr. Antônio Fernandes da Silva Távora, ex-colega de seminário e muito amigo do capelão de Juazeiro.

Este, de longe em longe, aparecia em casa do vigário, com a barba, cabelos e coroa a reclamarem tesoura e navalha, poda em regra, e metido em batina, chapéu e sapatos novos, lá se ia o Padre Cícero para sua capelania, de onde volvia, tempo depois, no mesmo estado de negligência pela sua pessoa, apesar das amistosas admoestações de Monsenhor Távora.

Nesta época, era o homem mais humilde e despreocupado da sua pessoa e dos bens terrenos que se possa imaginar. [...] Em 1889, surgiu o caso dos “milagres de Juazeiro” de que foi protagonista a beata Maria de Araújo [...]

12 Queiroz, M. Isaura Pereira de. *Réformes et révolution dans les sociétés traditionnelles*. Paris: Ed. Anthropos, 1968. p. 99-104.

13 Maia, Helvídio Martins. *Pretensos Milagres de Juazeiro*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 11.

14 Távora, Fernandes. O Padre Cícero (considerações sobre sua personalidade e ação social), *Revista do Instituto do Ceará*, ano LVII (1943), p. 268-281. Apresentaremos apenas alguns trechos dessa carta muito interessante do diagnóstico feito pelo autor na sua procura científica da verdade sobre a personalidade do Pe. Cícero.



Iniciou-se, então, um novo estágio na vida mental do Padre Cícero. [...] O capelão de Juazeiro, cujo equilíbrio mental sempre fora precário, sofreu, naquele rijo combate entre a sua credence e a autoridade diocesana, um choque profundo, que lhe transformou por completo a personalidade. [...] As modificações mentais vieram naturalmente como corolário da nova personalidade: o apego ao dinheiro, a transformação da indumentária, o gosto pelo poder, a iniciação política, a convicção do seu prestígio, etc. [...] Se analisarmos, com atenção, a vida do Padre Cícero, verificaremos que ela foi sempre deficiente, não só em relação à mentalidade, como a outras funções fisiológicas. Bastariam para justificar esta asserção, os constantes êxtases que ele caía, durante horas, e a sua absoluta castidade ou, melhor, frigidez, por todos proclamada. E, realmente, nunca houve quem lobrigasse, na longa vida do velho sacerdote, a sombra de uma mulher [...]

Foi nesse organismo mioprágico que o choque profundo do desentendimento com as autoridades eclesiásticas evidenciou a paranóia.¹⁵ [...] Ficou dito, linhas acima, que a emotividade e a vontade subsistem, mais ou menos nas íntegras, no paranóico. Ora, Padre Cícero era um homem de ótimas qualidades morais, e estas nunca deixaram de manifestar-se, no decurso de sua vida patológica: não esqueceu suas velhas amizades, dava esmolas, educava, por sua conta, grande número de moços pobres, protegia aos que lhe pediam amparo contra os poderosos, comovia-se ante a perseguição aos judeus e o derramamento de sangue na guerra dos Balcãs, aconselhava a todos a ordem, a honra e o trabalho. [...] Sob

15 Segundo o dicionário Aurélio: Psicopatia, de que há várias formas clínicas, caracterizada pelo aparecimento de ambições e de suspeitas que se acentuam, evoluindo para delírios persecutórios e de grandeza estruturados sobre bases lógicas; não há, aparentemente, interferência sobre outros aspectos do pensamento e da personalidade do indivíduo.



as cinzas da antiga personalidade (do Padre Cícero) permaneciam apenas os sentimentos bons, que sempre o animaram e só com a vida se extinguíram.[...]

Este diagnóstico foi contestado, alguns anos depois, pelo psiquiatra Leite Maranhão: “O Pe. Cícero, diz ele, teve uma personalidade absolutamente normal. O seu psiquismo foi hígido e equilibrado, com raro poder de autocrítica e inteligência”.¹⁶ Em sua opinião,

[...] na classificação biotipológica de Kretschmer, Padre Cícero seria um ciclotímico, impressionável, social, religioso, aberto, mas também vaidoso. Ele foi capaz de afrontar as divergências da vida de relação, tanto do ponto de vista social como político. Um só erro existe, afirma o psiquiatra, é o misticismo que envolve o Patriarca do Juazeiro. Mas, continua ele, podemos parodiar o Salmo litúrgico: “Oh feliz culpa que deu ao Ceará um tão grande centro de atividade humana!”¹⁷

Otacílio Anselmo¹⁸ considera o Pe. Cícero nesses termos:

[...] portador de vaidade mórbida, preocupado em conservar o fanatismo religioso associado à mistificação popular a fim de garantir sua estabilidade econômica, política e social.

O psicanalista e teólogo belga Antoine Vergote afirma, na sua conferência, no primeiro Simpósio Internacional so-

16 Maranhão, Leite. Padre Cícero, paranóico? *Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza LXXX, 1966, p.242-247. A carta foi também endereçada ao Pe. Azarias Sobreira.*

17 *Op.cit.* p. 243

18 Anselmo, Otacílio. *Padre Cícero, mito e realidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.495; 504



bre Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte¹⁹ que:

Tenho, sobretudo, uma profunda admiração pelo Padre Cícero [...] Trata-se de uma personalidade humana e religiosa comprovadamente de uma grande humanidade, muito inteligente e culto, de uma coragem intrépida, e, em relação à fé cristã, de uma fidelidade a toda prova. Pessoalmente, considero-o um Padre Santo. Lamento que as autoridades da Igreja tenham sido mal informadas a seu respeito e espero que elas reconheçam, um dia, oficialmente, o valor humano e religioso excepcional desse padre.

Jáder de Carvalho escreve que na leitura do *Padre Cícero, Mito e Realidade*,

Otacílio Anselmo oferece o retrato do Padre Cícero – o maior e melhor de que tenha notícia – e escreve em síntese: sem a imagem feudal do Cariri, sem a fome do Nordeste, sem o analfabetismo de milhões de escravos do sol, sem a ânsia por vida melhor, mesmo depois da peregrinação terrena, não seria possível uma fotografia legítima do Pe. Cícero, com os olhos bolindo, o sangue nas faces, o lábio aconselhando, a astúcia e a manha escondidas nas pupilas, a agressividade disfarçada em mansidão, o bote ofidiano oculto em palavras macias como a seda.²⁰

D. José de Medeiros Delgado, quando arcebispo de Fortaleza, numa documentação pastoral²¹ escreve:

19 Vergote, Antoine. Um esclarecimento da psicologia religiosa sobre o fenômeno Juazeiro do Norte. In: *Anais do 1º Simpósio Internacional sobre Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: URCA, 1990. p. 11

20 Otacílio Anselmo, op.cit. Prefácio escrito por Jáder de Carvalho. Sem número de página.

21 Delgado, José de Medeiros. *Padre Cícero, mártir da disciplina*. Documentário Pastoral (agosto de 1970), p. 57, 58, 81 (mimeografado).



Tenho o P. Cícero como mártir e sua vida como martírios dignos de exaltação[...] O que convém é proclamar que o P. Cícero Romão Batista, destinado por Deus para desempenhar um papel de evangelizador dos pobres sertanejos nordestinos, atravessou atordoantes revezes durante seu currículo escolar, sem perder sua personalidade, sem se desajustar, sem quebra de sua fibra de apóstolo sertanejo[...] Donde lhe vinha tamanha resistência íntima? Da fé e da esperança. Este é o segredo da sua grandeza interior.

M. Ieda Linhares, tradutora do livro de Ralph Della Cava²², conclui na contracapa que:

O P. Cícero de Ralph Della Cava não é santo nem herói. Simples, humilde e devoto, igual a todos os outros sacerdotes do sertão do século XIX, transformou-se no entanto, pelas circunstâncias, numa das figuras mais controvertidas na História do Brasil. Defensor involuntário de um milagre, foi denunciado pela Igreja como um impostor, por temerosos coronéis e chefes políticos, como perigoso agitador, e aclamado pelas massas famélicas de sertanejos, como santo injustiçado, capaz de livrar os pobres e enfermos de sua aflição.

Dona Amália Xavier de Oliveira²³ resume a ação do Pe. Cícero nesses termos:

Coração forte e bom, exímio conhecedor da alma humana, começou logo a desempenhar sua missão evangelizadora[...] Começou seu apostolado, que durou 62 anos, com o mesmo programa de ação: amparar os

22 Della Cava, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

23 Oliveira, Amália Xavier. *O Padre Cícero Que Eu Conheci*. Verdadeira história de Juazeiro. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1974, p. 325-326.



humildes, socorrer os miseráveis, punir a vileza com docilidade, corrigir o orgulho, ensinando a praticar a virtude contrária: a humildade.

No seu livro *Joazeiro do Cariry*²⁴ o Pe. Alencar Peixoto descreve diversas vezes o caráter do Pe. Cícero. Citar-se-ão, apenas, dois dos múltiplos textos que apresentam o sacerdote em questão.

Assim, no Capítulo “*Fiat Lux*”²⁵ em que conta sua versão da transformação da Hóstia consagrada em sangue, na boca da Beata Maria de Araújo, ele afirma:

Tramou-o ele nas trevas e nas trevas o concertou com Maria de Araujo, sugestionada pelo espírito do mal que não dorme [...] Consertou-o no sentido exclusivo de tornar-se bichaço, redemindo-se das misérias da pobreza que o traziam atropelado, transmontado e a corço. [...] Milionário e cainho, ei-lo aí, em meio às vítimas de seus mais indignos processos de exploração, e sorrindo como uma dessas figurinhas pueris dos sonhos bucólicos de Vateau ou Corot; sorrindo de pé sobre as resmigas do sangue que apodrecera, de Maria de Araújo [...]

No capítulo seguinte,²⁶ ele escreve:

Que de vítimas, ah! Que de vítimas não as imolara assim a miserabilidade do Padre Cícero! [...] Em poucas e mal traçadas linhas, eis aí a triste história daquela igreja que lá ficou, no Horto, em menos da metade de sua construção e, como um prefácio à história das vilanias e

24 Peixoto, Alencar. *Joazeiro do Cariry*. Juazeiro do Norte: Edição Centenário, 2. ed., 2011.

25 *Op.cit.* p. 31-32

26 *Op.cit.* “Igreja-arca” p. 35-37 onde fala da construção da Igreja do Horto, que Pe. Cícero começou a erguer com ajuda dos romeiros, para pagar uma promessa.



baixezas do Padre Cícero.

O Pe. Manoel Henrique de Melo Santana, no prefácio de um livro do Pe. Murilo de Sá Barreto,²⁷ escreve:

Padre Cícero foi Padre pra valer! Assumiu de fato seus afilhados. Sofreu por isso ao ser padre do seu jeito, obediente, porém, à sua Igreja. Hoje é o patrono dos padres que sofrem com a hierarquia da Igreja. Nada lhe foi estranho ao seu trabalho de padre, desde que pudesse trazer melhores dias para o seu povo. Padre e político foi para seu povo. Mestre e conselheiro, soube como ninguém ensinar sua gente a viver sabiamente em sua região nordestina, região brasileira. Homem de paz, desarmou os cangaceiros, fez-se respeitado de todos, pois era homem de Deus.

Pe. Murilo de Sá Barreto, “Vigário do Nordeste”, escreveu no seu livro *Testemunho, Serviço e Fidelidade*²⁸ :

Nenhuma dimensão marcou mais a alma sacerdotal do Padre Cícero que a consciência de ser ministro das ações salvíficas essenciais e transmitentes das verdades necessárias à salvação, para apascentar o Povo de Deus, conduzindo-o à santidade. [...] Firme na oração, convicto de que é agente de salvação, fiel a seu Deus e Senhor, devoto e piedoso, Cícero Romão Batista, trouxe para um lugarzinho de nada, perdido no interior do Ceará, qualidades de sobra para ser Padre, exercer o Ministério, celebrar a Vida de Deus com os homens.[...] Chame-mos hoje de caridade pastoral, chamemos de imitação

27 Barreto, Francisco Murilo de Sá: *Padre Cícero*. Coleção “Nossos Padres” – 1; São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

28 Barreto, Francisco Murilo de Sá: *Testemunho, serviço e fidelidade*. Juazeiro do Norte: Paróquia N. Sra. Das Dores, 1998. p. 136-146.



de Cristo, certo que lá chega a Juazeiro, um padrezinho franzinho, baixo que acabara de cantar sua primeira missa, na terra natal, Crato, e daqui, só sairia para o reinado de Jesus.”

Para Rui Facó²⁹:

[...] talvez jamais um homem tenha adquirido no Brasil e mantido durante tanto tempo o prestígio alcançado pelo Padre Cícero entre as massas do campo. [...] O sacerdote, apontado como milagreiro, conseguiu ser, por um longo período, ditador de almas, chefe político local, vice-governador do Estado, deputado federal eleito que se recusou a assumir a cadeira para não abandonar seu aprisco[...]

O teólogo José Comblin³⁰ não hesita chamar Pe. Cícero de “o Pai dos pobres”.

O povo consagrou padre Cícero porque ele antes entregara a sua vida aos pobres. Amou sinceramente os pobres. Foi incansável defensor dos pobres, que o procuravam para solucionar todo tipo de problemas e questões. [...] Antecipou em muitos anos as opções da Igreja da América Latina. É impossível negar a sincera opção pelos pobres de alguém que os próprios pobres proclamam!

Rodolfo Teófilo³¹ apresenta sua visão do Pe. Cícero em relação ao astucioso Floro Bartolomeu:

O Dr.Floro Bartolomeu [...] Estudou o Padre Cícero

29 Facó, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. Fortaleza: Ed.UFC, 1980. Coleção “Retratos do Brasil” v.15, 6. ed. p.133

30 Comblin, José: *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 41

31 Teófilo, Rodolfo. *A sedição do Juazeiro*. Fortaleza: Editora Terra de Sol, 1969. p. 32-33



e viu que podia, com algum jeito, captar-lhe a simpatia e confiança. Pôs em prática os seus dotes e triunfou. O Pe. Cícero deixou-se vencer pela lisonja. Este padre é um psicopata. Desde o seminário em Fortaleza revelou-se um doente. Tanto que o reitor Padre Pedro Chevalier não o queria ordenar; fê-lo por ordem do Bispo D. Luis. A psicologia do Padre Cícero fê-la um patricio, homem velho, inteligente e prático. Vendo passar o padre, com o pesado bordão com que costumava andar, seguido de um bando de fanáticos, disse: 'Ali vai um missionário; amanhã, um grande usurário; depois, um perigoso revolucionário'. E a profecia do sertanejo, feita quando o Padre Cícero era um santo, realizou-se.

Daniel Walker, após ter estudado com profundidade a história da Independência de Juazeiro do Norte³², conclui:

Ninguém deve criticar o Padre Cícero por ter ingressado na política partidária, pois ele tinha uma razão muito forte para fazer esta opção. Ele entrou no caminho sinuoso da política por amor a Juazeiro e a sua gente. Ele tinha certeza (conforme a visão do sonho) de que Deus lhe deu a missão de cuidar de Juazeiro e de sua gente, os romeiros.

Ao se pesquisar na literatura evangélica, encontram-se, também, afirmações sobre o Pe. Cícero. Dar-se-ão apenas, dois exemplos. O de Mary Schultze³³, que se apresenta na sua totalidade:

Do livro *Aventuras com a Bíblia no Brasil*, do pastor anglicano F. C. Glass, este flash sobre Juazeiro do Norte,

32 Walker, Daniel: *História da Independência de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: ed. do autor, 2010. p.184.

33 Ver o site: www.maryschultze.com



a famosa cidade do Pe. Cícero, no início do século XX: Entrando na cidade de Juazeiro, (os colportores) descobriram que ali havia uma enorme coleção de casas e choupanas de aparência miserável, tendo cerca de vinte mil habitantes. Havia ali uma atmosfera de superstições, tremenda falta de asseio e o crime parecia predominar em toda a cidade. Já aguardavam a chegada dos dois homens. Todo o povo saiu de suas casas para vê-los e examiná-los bem, fazendo o sinal da cruz, como se uma praga estivesse passando em frente às suas portas. 'Aqui estão eles - os demônios sobre os quais ouvimos falar! Eles ousaram visitar esta cidade santa!' E tanto os jovens como os velhos olhavam de cara feia para os dois viajantes. Os viajantes encontraram com facilidade a residência do amigo do turco. Imagine qual o seu espanto, quando perceberam que estavam falando exatamente com o comandante em chefe do poder supremo dos padres, poder que havia derrotado as forças do Governo, mais de uma vez, e diretor da quadrilha que pertencia ao chefe, a qual se compunha de assassinos assalariados. 'Aquele velhaco, disse o turco apontando para um homem muito mal encarado, 'é um deles; possui um crédito de vinte mortes'. Por mais estranho que pareça, esse turco recebeu nossos homens muito carinhosamente, oferecendo-lhes não apenas hospitalidade, mas também o mais necessário no momento, sua proteção. Porque, como ele declarou, 'você não podem confiar em nenhuma pessoa deste lugar, pois são uma porção de cachorros'. O turco chegou até a mostrar simpatia para com os livretes evangélicos, escutou muito atentamente tudo quanto os vendedores de Bíblias tinham a falar e, a pedido destes, levou-os no dia seguinte para visitar o próprio Pe. Cícero. O Pe. Cícero demonstrou ser exatamente o tirano fanático que eles esperavam. Enfureceu-se contra os Evangelhos, gritando, até se tornar afônico. Somente



a presença do turco, que era muito temido, salvou-os das mãos do padre e daquela grande multidão de peregrinos e esmoleres, que continuamente enchia o lugar. A entrevista terminou com um aviso muito perverso para que não tentassem vender ou dar aqueles livros a qualquer pessoa. Mesmo assim, eles conseguiram distribuir, discretamente, alguns Evangelhos entre o povo, para aqueles que os pediam, e quase em segredo, os colportores deixaram aquela pequena e miserável cidade e iniciaram sua viagem de retorno ao lar. Até aqui falou o Pr. Glass. Convém notar que aquela cidadezinha miserável transformou-se numa grande cidade, que superou o Crato, minha cidade natal, sendo hoje uma das mais importantes do Ceará. Infelizmente, porém, mesmo tendo recebido tantos missionários evangélicos, desde o início do século passado, Juazeiro do Norte continua a ser, no Nordeste, o maior centro de idolatria, superstição e romaria anula, feita em busca das bênçãos do “Padim Ciço”, acarretando a maldição de Deus para todo o país, porque Deus odeia a idolatria, um pecado que Ele chama de “prostituição espiritual”. Acontece que o Papa Ratzinger provavelmente vai atender os pedidos dos nordestinos fanáticos pelo “Padim Ciço” pois, segundo informação ainda não confirmada, ele vai beatificar o padre cratense, fundador de Juazeiro do Norte. Vai ser mais um pecador canonizado pelo ex-inquisidor maior do Vaticano, pois o Frei “Gavião” já alcançou as alturas estelares do Catolicismo Romano, conforme sua canonização programada para maio de 2007. Meu marido era um luterano liberal e tinha verdadeira fascinação pelo Padre Cícero. Quando eu censurava os romeiros nordestinos por causa de sua romaria, ele sempre os desculpava com esta frase: “Todo mundo precisa de um mito político ou religioso para sobreviver. Se o povo alemão, que era considerado



o mais inteligente do mundo, nos anos 1940 seguiu o paranóico Adolf Hitler, por que os cearenses semi-analfabetos e educados nas “saías” dos padres católicos, não podem cultivar o “Padim Ciço?”

Navegando na internet, não é difícil encontrar outro exemplo de opiniões evangélicas sobre a pessoa do Pe. Cícero:³⁴

Padre Cícero foi sem dúvida alguma, homem bom, de vida transparente e conduta reta, um exemplo de vida que deveria ser copiado pelos homens de nossos dias, mas não faz sentido colocá-lo como mediador entre DEUS e os homens;[...]Com a personalidade humilde e sincera que Padre Cícero tinha, ele mesmo tinha consciência de suas limitações e obviamente se estivesse vivo não receberia louvor ou adoração, pois ele mesmo sabia que é preciso aceitar e submeter-se ao Senhor JESUS CRISTO como Senhor de nossa vida para obtermos a salvação eterna!

34 Ver, por exemplo: <http://www.missaoterra.com/estpadim.html>



Perplexidade do Leigo

Tantas opiniões contrárias sobre uma mesma pessoa levam o leitor a se questionar: Na realidade, quem é o Pe. Cícero? Um santo, um hipnotizador, um sacerdote dedicado aos pobres, um louco, um paranóico, um embusteiro, um coronel, um ditador das almas, um mártir da disciplina, o pai dos pobres, um tirano fanático? Por que tanta polêmica em torno dele? Será que o Pe. Azarias Sobreira tem razão quando afirma que o Pe. Cícero é um cruciante ponto de interrogação para quase todo o mundo e que ninguém conseguiu penetrar no âmago de sua mentalidade?³⁵

Uma boa parte da bibliografia sobre o Pe. Cícero revela mais a psicologia dos autores, geralmente apaixonados “contra” ou a “favor” do que a própria personalidade do sacerdote em questão.

Se é importante e até apaixonante conhecer a rica visão que os devotos e romeiros têm do Pe. Cícero, é também impossível descobrir de mais perto a personalidade do Patriarca do Nordeste a partir desses dizeres, profundamente alimentados pelo imaginário e os desejos coletivos.

35 *Op.cit.* p. 53



Concorda-se com Francisco Régis Lopes Ramos, que, na orelha de seu livro *O Verbo encantado*³⁶, sintetiza seu pensamento nesses termos:

As narrativas populares sobre os milagres do Pe. Cícero guardam íntima relação com um misterioso e cotidiano desejo de encontro com o sagrado, ou melhor, um ardente e primordial desejo de ter a vida sob os cuidados de um grande protetor. O Pe. Cícero que mora no coração dos devotos e gera um largo território de rituais e imaginários é criador e criatura do prodigioso mundo da experiência religiosa dos Sertões, que, nas vivências do cotidiano historicamente constituído, se faz de mudanças e permanências. Ao ser usada como estratégia de marketing para políticos, comerciantes e intelectuais, a imagem sacralizada do Pe. Cícero entra em ambigüidades que caracterizam sua própria vida em Juazeiro, desde 1872 até 1934: um homem do céu e da terra; da Igreja e por ela expulso; venerado pelos ‘coronéis’ e despossuídos; prefeito de Juazeiro e taumaturgo; força de conformismo e de esperança; latifundiário membro da oligarquia Accioly e centro das utopias de igualdade social a partir da fraternidade bíblica; santo da proteção e da punição. Impulso de vida e morte.

Infelizmente, Pe. Cícero não escreveu livros ou artigos, nem publicou suas memórias. Assim, na roda gigante das opiniões escritas e narradas sobre ele, não lhe foi dado um lugar. Diversos autores, quando transcrevem uma carta dele, a escolhem para provar uma tese, um julgamento pessoal. É natural que assim, mais de uma vez, um mesmo documento

36 Ramos, Francisco Régis Lopes. *O Verbo encantado*; a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 1998. Coleção Outros Diálogos.



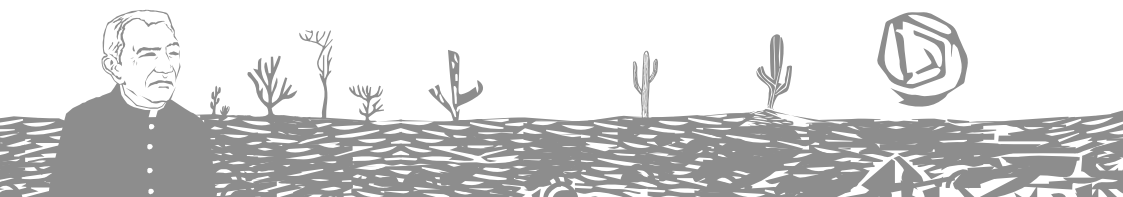
sirva a uns para condená-lo, a outros para valorizá-lo.³⁷

Nós, os pesquisadores encontramos-nos nessa mesma situação de perplexidade, quando chegamos ao Juazeiro do Norte, em 1974. Procurando encontrar o Pe. Cícero, encontramos-nos no labirinto dos escritos e comentários sobre ele. Só chegamos ao centro da questão quando descobrimos um novo caminho de aproximação. Se ele não publicou livros, na realidade escreveu centenas de páginas que poderiam muito bem formar um livro. Se é difícil encontrar o Pe. Cícero pela mediação de terceiros, talvez possamos fazê-lo através de seus próprios escritos: cartas, discursos; anotações. Esses documentos seriam como peças de um quebra-cabeça que, reunidas, dariam-nos a imagem mais fiel possível do próprio autor. Decidimos, então, compilar e estudar essa rica documentação.³⁸

37 Um exemplo típico se encontra nos livros de Otacílio Anselmo, *op.cit.*, p.18, nota 1 e de Amália Xavier de Oliveira, *op.cit.*, p.111. Os dois se referem à mesma carta escrita pelo Pe. Cícero (Roma, 24/03/1898) e que começa assim: “Hoje que faço 54 anos e véspera da Anunciação da Mãe de Deus, ele me alcançou a graça de ver o Papa, o representante de Jesus Cristo na Terra.” Para o primeiro, esta afirmação é uma prova a mais da vaidade doentia do Pe. Cícero mudando, segundo o autor, a data do seu nascimento de 23 para 24 de março, para que coincidisse com a vigília da festa da Assunção. Para Amália Xavier de Oliveira, esta carta prova a doçura e lealdade do Pe. Cícero, para com seus familiares.

38 Material que serviu também a Therezinha Stella Guimarães para a preparação de seu Doutorado em Psicologia, na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, com a colaboração de Anne Dumoulin, Doutora em Ciências da Educação, naquela época, professora nas faculdades de Psicologia e Teologia da mesma Universidade e membro do Centro de Psicologia da Religião, dirigida pelo Professor Antoine Vergote. A Tese foi publicada sob o título *Padre Cícero e a Nação Romeira, estudo psicológico da função de um Santo no Catolicismo popular*, fazendo parte da coleção do Centenário de Juazeiro do Norte, Editora IMEPH (2011). O leitor encontrará na obra pré-citada o diagnóstico realizado por T. S. Guimarães sobre a personalidade do Pe. Cícero, a partir de suas cartas, nas páginas 105-118.





Capítulo II

Padre Cícero por ele mesmo



56 | O Padre Cícero - por ele mesmo



O CPR-CENTRO DE PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Deve-se ao leitor a apresentação do projeto psicopastoral, pois a publicação das cartas do Pe. Cícero situa-se nesse contexto mais vasto.

Em 1974, durante uma permanência de oito meses em Juazeiro, entrevistando romeiros e devotos do Pe. Cícero, tomou-se consciência de que seria, talvez, interessante colocar as pesquisas a serviço da pastoral de romaria daquela cidade.

Em 1976, a equipe de pesquisa volta para Juazeiro, com o total apoio e colaboração do Pe. Murilo de Sá Barreto, Pároco da Igreja de Nossa Senhora das Dores, abriram-se dois centros complementares: de um lado, o Centro de Informações-Romeiros (local de acolhida, diálogo e evangelização); e, do outro lado, o Centro de Psicologia da Religião (C.P.R.), onde se reuné até hoje o maior número possível de documentação e os arquivos ligados à história do Juazeiro.

Quanto mais se entra nesse trabalho psicopastoral, mais se percebe a necessidade de falar ao romeiro e de-



voto do Pe. Cícero. Silenciar é uma falha pedagógica e pastoral que leva o povo a preencher o espaço vazio com uma imagem mítica do Padre, não fundamentada na realidade.³⁹

Apresentar o Pe. Cícero apenas através da ótica dos que o defenderam ou condenaram é um risco de perpetuar uma polêmica viciosa.

Existe um terceiro caminho ao qual já foi referido: reconhecer ao próprio Pe. Cícero o direito de se externar, de falar, um espaço de liberdade para que ele mesmo se revele com suas qualidades e defeitos. A presente publicação é motivada por essa dupla atuação psicopastoral.

39 Eis aqui um exemplo muito significativo: de uma amiga nossa, Dona Selvina, queria nos convencer que Frei Damiano era a encarnação do Pe. Cícero. Interessadas a compreender seu raciocínio, perguntamos como ela chegou a esta certeza. Ela nos explicou: “Assisti a um sermão do Padrinho Frei Damiano, e no final, ele lançou muitos vivas a Jesus, a São Francisco, a Nossa Senhora... mas não lançou um “Viva” ao Meu Padrinho Cícero! Sabem porque? Porque ele não ia gritar “Viva eu”! Por isso, tenho certeza que Frei Damiano é o mesmo Pe. Cícero!” É claro que para Selvina, o silêncio de Frei Damiano não podia ser nem esquecimento nem desprezo ao Pe. Cícero! Ele silenciou seu nome, por humildade!



AS CARTAS DO PADRE CÍCERO

É impossível avaliar o número de cartas que o Pe. Cícero escreveu durante tantos anos de vida. O Centro da Psicologia da Religião – CPR dispõe, atualmente, de umas 180 fotocópias de cartas ou borrões de cartas escritas por ele.

Os documentos datados entre 1874 e 1934 refletem as diversas etapas da vida tumultuada desse “Padre da Roça”.⁴⁰ São cartas oficiais ou íntimas, de esclarecimento ou desabafo, mensagem de intimação ou de conselhos aos afilhados, cartas de conteúdo religioso ou político, de negócios ou de amizade. A variedade dos assuntos escritos ao longo de sessenta anos de vida convenceu que essa amostra de 180 cartas é representativa da correspondência total do Pe. Cícero.

Nesse conjunto de cartas ele se revela: nas linhas e entrelinhas, no vocabulário empregado e expressões escolhidas, nos assuntos tocados e nos sentimentos confessados. Ele se revela nas repetições, como, também, nas omissões, nos silêncios.

40 Segundo a própria expressão de D. Joaquim numa carta do Pe. Quintino (Fortaleza, 14/08/1894).



O verdadeiro autor do segundo capítulo deste livro é o próprio Pe. Cícero. O trabalho resumiu-se em classificar e apresentar essas cartas, fazendo-se pouco comentário, o mínimo necessário para facilitar a leitura, deixando ao leitor a possibilidade de encontrar o Pe. Cícero, sem passar pelas mediações interpretativas.

Deixa-se de lado alguns documentos oficiais assinados pelo Pe. Cícero, mas cujo estilo e construção literária não são dele e deixam supor que foram escritos por Dr. Floro Bartolomeu ou outro colaborador.

As cartas são transcritas, aqui, na ortografia moderna para facilitar a leitura dos documentos, mas os erros de construção são conservados.

Apresentam raramente, cartas inteiras, mas trechos de cartas cujo assunto alimenta o tema de cada parte. Uma carta ou trecho de carta pode ser apresentado em diversos capítulos, na medida em que ela trata de vários assuntos e revela mais de um traço da personalidade do Pe. Cícero. Para que este livro seja, também, um instrumento de pesquisa, indica-se em nota a sigla de cada carta, segundo a sua classificação nos arquivos do Centro de Psicologia da Religião de Juazeiro, possibilitando, assim, o controle e a leitura do original (em fotocópia) para o pesquisador interessado.⁴¹

41 Assim, por exemplo, as fotocópias das cartas dos arquivos dos Salesianos estão classificadas no Centro de Pesquisa da Religião - C.P.R. em pastas Arquivo dos Salesianos, Juazeiro do Norte-CE - Salesiano (a carta SAL 4,12, por exemplo, acha-se na pasta SAL n. 4 e é o décimo segundo documento daquela pasta). Os Arquivos do Bispo de Crato



Uns colocarão em dúvida a neutralidade total; terão razão, pois na própria organização dos textos esconde-se inevitavelmente, uma interpretação pessoal. A neutralidade das pesquisadoras não é e nem pode ser total, é bem verdade. Tenta-se trabalhar em um espírito de “neutralidade benevolente” próprio às ciências humanas, aceitando todos os textos e cartas com o *a priori* positivo de serem interessantes. O objetivo não é defender ou condenar, mas conhecer e compreender um homem, chamado Pe. Cícero Romão Batista. Não se procuram verdades objetivas, mas uma pessoa em carne e osso que pensou, sofreu, se alegrou, chorou, se revoltou, errou, acertou, esperou, agiu [...] procuram-se verdades subjetivas que, na realidade, são as únicas que as ciências psicológicas podem apresentar.

SAL 28,01 (19/11/1914): “Propagaram contra mim quanta calúnia e inverdades que nunca nem sequer pensei produzirem tantas prevenções contra mim.”

“No espírito dos Srs. bispos, que ouviam ao D. Joaquim que se impressionou tanto contra mim, que não sei como formava a consciência para imaginar e dizer até em portaria e escritos, crimes e culpas que nunca as tive, criaram tantas prevenções contra mim que perdi a

estão classificados em Pastas dos arquivos do Bispado do Crato, Croatá-CE - Crato/GEN (assim a carta CRA 2,4 se acha na pasta CRA n. 2 e é o 4º documento daquela pasta). As pastas classificadas em algarismos romanos (I a V) são documentos que provêm em geral de Fortaleza e são fotocópias dos arquivos de Renato Casimiro, do Pe. Azarias Sobreira, de Amália Xavier de Oliveira. A pasta GEN recolheu cartas que pertenciam a Dona Generosa, afilhada da Beata Mocinha e que viveu muitos anos na casa do Pe. Cícero. A pasta VI contém documentos que foram doados por diversos habitantes do Juazeiro ao C.P.R.



liberdade de comunicação com eles, sabendo que não me vêem não como sou, mas como o Sr. D. Joaquim os persuadiu e propagou. E tomei o propósito desde o começo desta enorme perseguição contra mim de entregar tudo a Deus e a Nossa Senhora das Dores, e não defender-me de coisa nenhuma[...].”

Pe. Cícero



CÍCERO, O FILHO E O IRMÃO

O Pe. Cícero morava com a mãe, Dona Joaquina Viência Romana, conhecida pelos íntimos por Dona Quinô, as irmãs Mariquinha, Angélica e uma ex-escrava chamada “Terezinha do Padre”. Mariquinha, nascida em 25 de outubro de 1842, faleceu no Crato, em 1878, durante a grande seca que assolou o Nordeste; Angélica, que nasceu em 1849, faleceu no Juazeiro no dia 6 de outubro 1923, com 74 anos.

Poucos sabem que o jovem seminarista Cícero tinha um grande desejo de ser missionário na China. Tinha comprado até um dicionário Português-Chinês que se encontra, ainda, na Biblioteca confiada aos Salesianos. Pe. Cícero contou ao Pe. Azarias Sobreira o porquê de sua desistência.⁴²

Não sei, teria dito João Brígido, não sei que religião é essa que vocês aprendem no Seminário. Religião contraditória, que manda amar o próximo como a si mesmo e, ao mesmo tempo, bate palmas a um filho que pretende abandonar a mãe viúva e duas irmãs órfãs, que nele possuem o seu único arrimo.

42 Sobreira, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro*. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 23.



Poucas vezes, Padre Cícero deixou Juazeiro para viagens prolongadas. Em 1895, ficou um tempo em Icó, por razões de saúde; em 1897, exilou-se alguns meses em Salgueiro, Pernambuco, cumprindo uma ordem do Santo Ofício; e, em 1898, viajou a Roma para fazer ato público de obediência às decisões do Santo Ofício (condenação dos fatos de Juazeiro), esperando, assim, ser-lhe restituído o uso de suas ordens, especialmente a ordem de celebrar missa em Juazeiro. Nessas ocasiões, escreveu algumas vezes à família. Essas cartas revelam um Pe. Cícero filho e irmão, que, como único homem da casa, era responsável pela sua manutenção.

Ele escreveu de Icó a Angélica, sua irmã:

(SAL 36,26) (31/1/1895): Angélica, a Santíssima Virgem lhe abençoe e a todos de casa. Já escrevi a nossa mãe e você certamente lerá a carta, onde verá que já estou quase bom. Aproveito para dizer, se você tem continuado a dar dinheiro a Manuel Palmeiro para o serviço da Serra, esbarre enquanto eu chego, que pretendo estar aí, querendo Deus, na seguinte semana ou na outra. O Bispo mandou ameaçar o P. Antero de suspensão. Não sei até quando irá tanta opressão. Orem por nós todos ao Sagrado Coração de Jesus, manso e humilde, que nos ensine a sofrer por Ele com paciência. A Santíssima Virgem das Dores abençoe a você e a todos de casa, guardando a todos como boa Mãe. De seu irmão, P. Cícero.

No seu exílio, em Salgueiro, o Pe. Cícero, em várias cartas, conta como foi recebido em Pernambuco e pede mandar alguns presentes para agradecer aos amigos:



(SAL 12,06-2) (19/9/1897): Minha mãe e Angélica. A Santíssima Virgem as abençoe. Cheguei aqui hoje com saúde, graças a Deus, já encontrei o lugar todo em paz, estou com o desejo de fazer tudo para voltar logo e cuidar da minha viagem para Roma que a entregue a Nossa Senhora das Dores, que faça como mestra. Aqui encontrei uma gente muito boa principalmente o Juiz de Direito que se chama Lima Borges e a mulher, Dona Engrácia; são tão bons e têm feito tanto para mim que nem sei agradecer; mande-me meia dúzia de latas de buriti para fazer um presente e uns ananás e mais alguma coisa que achem que sirva. Não sabemos agradecer as finezas do Pe. João Carlos, peça por ele em suas orações. Me abençoe, como a Santíssima Virgem abençoe a todos de nossa casa. De seu filho que muito a estima, P. Cícero.

Em outras cartas, aconselha para que haja paz e tranquilidade em casa:

(SAL 12,06-1) (25/9/1897): [...]Estou com muito desejo de ir breve até lá, quando não me esperam, chego. A gente daqui me tem tratado com muita distinção. O Pe. João Carlos... Não tenho palavras para agradecer a sua caridade. Encarreguei o Manuel Sabino para comprar em Crato umas imagens do Sagrado Coração de Jesus que Joana mandará botar uns pés como ela já sabe e ele acomoda do jeito que não se quebrem. Todos de casa, passeiem pouco e sejam mansos; e orem muito a Nossa Senhora das Dores para que ela como Mãe Nossa me restitua aos seus pés em brevidade. Ela nos abençoe a todos. Seu filho que muito a estima. P. Cícero.

Mais de uma vez recomenda prudência para que a casa não seja roubada na sua ausência:



(SAL 12,11) (24/10/1897):[...]Muito cuidado tenho tido de todos de casa, como de tudo e muito temo que a boa fé de vocês e a muita liberdade que aí em casa se tem, não vai dar lugar a algum roubo aí; portanto, tenha muito cuidado, trazendo sempre consigo as chaves e não se confie em ninguém por bom ou boa que seja. Depois de uma infelicidade, as desculpas não remediavam coisa alguma; espero que você tomará esta recomendação. As meninas estão daqui a 6 léguas e, segundo me disseram, já apresentam uma pequena melhora, ainda não pude ir lá, mas vou para providenciar o que for preciso. A Santíssima Virgem a abençoe e a todos de casa e a minha Mãe, a mim. Reze muito por mim. P. Cícero Romão Batista.

Às vezes, a carta é de desabafo, como aquela que escreveu com a recomendação “reservado”.

(SAL 12,10) (20/10/1897): Minha Mãe e Angélica (reserva). Recebi as cartas e mais coisas que mandaram, as imagens vieram boas e em paz; e eu ainda vou com saúde, graças a Deus e pretendo na seguinte ir até lá, querendo Deus. Estou achando tão desconforme esta perseguição que me obriga andar como vagabundo sem eu, graças a Deus, ter cometido crime, sem casa, sem terra, a toa, só pela maldade e despotismo de homens sem consciência que não sei até onde irá tamanha opressão. Já desejo apressar a minha viagem para Roma para ver em que fica isto, ainda que estou tão descrente das coisas do mundo e dos homens que se Deus Nosso Senhor não fizer um milagre, não espero que deixem de satisfazer ao Senhor Bispo e me prestarem atenção. Se Deus quiser, o Juiz de Direito daqui a quem devo muita gratidão, mandou pedir ao Governador de Pernambuco com quem tenho muita amizade, uma passagem para Roma. É provável que alcance. Entrego nas mãos de



Nossa Senhora das Dores, que ela me governe e me dirija, esta viagem e todo este negócio. Orem muito por mim e ela muito a abençoe Angélica, Teresa, Jerônima, Joana, Isabel, Ana e todos daí... E minha mãe me abençoe.

A Angélica, o irmão Cícero confia suas preocupações com a saúde da mãe, tenta animá-la, pede-lhe para fazer diversos pagamentos, confia-lhe alguns recados, assunto do dia a dia de qualquer chefe de família:

(SAL 12,01-2) (2/8/1897): Angélica, Deus lhe abençoe. Quando estava pensando em não demorar, a necessidade obrigou-me, que já passei mais tempo do que queria; estou esperando uma resposta de um negócio de necessidade que já estando aqui, devo esperar, pretendo, se Deus for servido, ir nesta semana até a outra. Tenho tido muito cuidado de minha mãe e de você como de todos daí. Nossa Senhora é quem tomará cuidado e as guardará como Mãe e Dona de vocês todas. Já soube que as nossas canas nada deram. Aqui, tem sempre gente daí de modo que estou sempre sabendo notícias de vocês. Minha Mãe me abençoe e a console e anime sempre para que ela saiba sofrer tantos golpes. A Santíssima Virgem abençoe a Mãe, a você, a Joana, Maria Cândida, Isabel, Dina, Teresa, Jerônima, Ana e todos daí. Até breve, faça-me recomendado à Pastora e a toda família. De seu irmão que muito lhe estima: P. Cícero.

P.S. Vai para vocês 10\$000.

(SAL 12,16) (18/1/1898): Angélica, Deus a abençoe. A carta de minha mãe lhe sirva também. Não desanime que espero na Santíssima Virgem que é a guarda de todos de nossa casa. Do dinheiro que eu lhe dei, tem



400 e tantos mil do Landim, o tanto que lhe devemos, e a ele mesmo que espero escapar, eu recomendei para alguma precisão. Eu escreverei donde estiver para vocês e minha Mãe. A Santíssima Virgem abençoe a todos. Ore para seu mano que muito a estima.

(SAL 12,01) (22/7/1897): Muito tenho me afligido por saber que minha Mãe e você têm sofrido; estou determinado a ir na semana seguinte, querendo Deus. Diga a Ernesto que quando eu chegar, quero achar já preparado o remédio que ele sabe. Eu muito agradeço ele ter ficado ainda por aí este tempo que tenho andado fora. Não vou logo amanhã porque falta-me pagar umas visitas que, cumprindo este dever de amizade, não me demoro. O mais fica para quando eu chegar. A Santíssima Virgem a abençoe e a todos de casa. De seu irmão que muito a estima.

De Roma, Pe. Cícero escreve no dia de seu aniversário:

(SAL 12,22) (24/3/1898): Minha Mãe e Angélica, Deus as abençoe e as fortifique com a sua graça. Hoje que faço anos - 54, véspera da Anunciação da Mãe de Deus, ela me alcançou a graça de ver o Papa, o representante de Jesus Cristo na terra. Fui admitido assistir o Consistório, na Sala Régia onde o Santo Padre criou 4 Cardeais, e muitos Bispados novos foram criados. Assistia um número imenso de gente, vendo-se estrangeiros de toda parte. Pareceu-me que na sala onde eu estava, só tinha brasileiro eu e o João Davi. É realmente um ato tão admiravelmente majestoso que por aí não se pode fazer uma ideia: causou a maior impressão e eu admirava-me estar ali. Mas enquanto todos estavam cheios de satisfação, a minha alma estava triste, me lembrando de minha Mãe cheia de dores e chorando, de Angélica, das meninas, de todos daí, até de



Antônia; pensando como estariam Conceição e Rosa, e tanta recordação que o espírito só ficaria satisfeito era lá mesmo com os meus[...] Rezem muito a Nossa Senhora das Dores que seja encarregada de todo meu negócio e ela por si mesma, como Mãe poderosa, que me faça voltar em paz para o meio dos meus. Até agora não recebi a menor notícia daí. Rezem muito por mim a Santíssima Virgem. Ela mesma abençoe a minha Mãe, a Angélica, a Joana, a Maria Cândida, Dina, Isabel, Ana, Teresa e a Pastora e família, a Assunção e Maria e a todos daí, como a todos me recomendo. A minha Mãe abençoe ao seu filho que muito a estima. P.S. Quando me escrever, bote a sobreescrita dirigida ao P. Antônio Fernandes portanto com dois envelopes, o de dentro pra mim e o de fora para ele deste modo e botem no correio de Crato que vem direito.

Ele pede às beatas, especialmente à Beata Mocinha, para cuidar bem da mãe:

(Sobreira)⁴³(30/03/1898) Seja mansa com todos e se aconselhem umas as outras, tenham muita caridade com minha Mãe.

Em Junho de 1898, Pe. Cícero anuncia a sua mãe e Angélica que pensa voltar para o Brasil pelo vapor de Julho:⁴⁴

(Pinheiro) (11/06/1898) Minha Mãe e Angélica, Deus as abençoe. Seguem hoje José Lobo e João Batista, e eu ainda me vejo na necessidade de demorar-me, porém, querendo Deus, estou com intenção de seguir no vapor de 28 ou 12 de Julho. Graças a Deus, temos tido

43 Sobreira, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro*. *Op.cit.* p.106.

44 Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963. p.495



saúde, e peçam sempre a Deus e à Santíssima Virgem que me levem sem mais demora em sua santa paz.[...] Até muito breve, querendo Deus. Abençoe-me, e a Santíssima Virgem abençoe a minha mãe, a Angélica, a cada de casa e a todas e todos que me são mais caros, Josefa e Joana, Soledade, Dos Anjos e todas orem muito por mim. De seu filho que muito a estima, Padre Cícero Romão Batista.

Em setembro de 1898, preocupado com a resolução difícil de seus problemas com o Santo Ofício e as notícias da seca no Nordeste, Pe. Cícero manda algumas orientações para a família não sofrer privações, durante a sua longa ausência em Roma:

(SAL 12,26), (22/7/1898) Minha Mãe, Deus a conforto. Quando eu pensava fazer viagem logo depois de José Lobo, não me foi possível e nem sei quando irei. Só Deus pode tirar do embaraço com que, tão barbaramente nos enlinharam. Só Deus, e por isso, orem e orem até que a bondade e o poder dele se encarregue de nos restituir a nossa paz que mãos tão sem caridade nos roubaram. Constando aqui a reprodução da seca que nos assolou, segundo se diz, com perigo de ser como a de 77, me escrevam circunstancialmente. Mande chamar o José Lobo que certamente deve estar aí e ele fará a carta como minha Mãe achar melhor. Eu tenho na Serra de S. Pedro 4 tarefas de mandioca boa de farinha, escreva ao Sr. Cândido vos fazer a caridade de desmanchar, se ele não puder, mande pedir a compadre Antônio Felix ou mesmo a José Lobo, ou a outro. Mestre José Davi não se negará em vista de nossas dificuldades e talvez seja o que mais facilmente possa encarregar-se. Na Serra do Araripe também, tenho 10 tarefas de mandioca que



não obstante estar muito velho, pode dar alguma coisa. Leopoldina sabe delas e pode encarregar-se de ir lá, e no caso de não poder, ela ensinará ao Seu Cândido que dará a providência precisa. Convém prontidão nessas coisas antes que outros lancem mão[...] Com o que tivermos, não deixe as meninas de Dona Leopoldina, Josefa e Rosa, passarem fome. Escrevam-me que estou ansioso para saber notícias de todos e de tudo. Já me parece um século o tempo que estou fora daí, escrevam-me sempre quer suponham achar-me aqui ou não, contanto que não passem semana que não escrevam-me. Angélica, estas recomendações que fiz a minha Mãe sejam também a você que melhor pode determinar as coisas. A Santíssima Virgem abençoe a minha Mãe, a você, a Joana, a Jerônima, a Maria Cândida, Maria da fazenda nova, Dina, Isabel, Anita preta, a Josefa e a Rosa, as meninas de dona Leopoldina e a todos que nos são caros. E minha Mãe abençoe o filho que muito a estima. P. Cícero.

Em Roma, Pe. Cícero escreve uma carta ao Santo Padre e fala-lhe de suas responsabilidades de filho único, chefe de família:

(Sal 26,14) (1898) [...] Fui também obrigado a deixar a minha única irmã em estado gravíssimo de uma afecção cardíaca sem esperança de vida, e minha mãe setuagenária em leito de morte, há 14 anos cega e parálitica e com numerosa família de órfãos e que não tem outra pessoa que de todas elas cuide senão a mim único filho.

De volta ao Crato, após sua longa ausência em Roma, Pe. Cícero recebe de um certo Dom Avelino a proposta de sair da Diocese do Ceará e ir tomar conta da freguesia de



Marvão. Eis a resposta do Padre:⁴⁵

(Antenor) (2/05/1899) A estima e amizade lhe despertaram a caridosa lembrança de livrar-me desta desenfreada perseguição que me fazem, convidando-me para reger a Freguesia de Marvão. Eu, se não estivesse preso de circunstâncias que me impossibilitam, devia aceitar o convite, porque dos que me perseguem, só espero, é todo mal que me poderem fazer, mas as minhas condições são tais que não posso sair, visto o estado de enferma de minha mãe e de Angélica, que não podem fazer a menor viagem, e a minha retirada lhes pode causar a morte.

Na mesma época, ele escreve ao Dr. Carlos de Azevedo uma longa carta começando com estas palavras:

(Antenor⁴⁶) (1898 ou 1899) Felizmente, cheguei em nossa Casa achando ainda viva a minha velha e enferma mãe [...] E continua na mesma carta: “eis que sou obrigado a pedir que ao menos seja mantida a concessão que já me tinha feito de celebrar e continuar minha residência no Juazeiro, onde moro há 27 anos, e donde já teria saído, se pudesse abandonar minha velha mãe cega, paralítica em leito de morte há 14 anos, minha irmã igualmente enferma e uma imensidade de famílias pobres, e muitos órfãos desvalidos em minha própria casa de que fui sempre o único arrimo, sobretudo agora pela flagelo da fome que está assolando.

Em 1912, o Pe. Sóther foi proibido de dar os sacramentos até a velha mãe do Pe. Cícero. Pode-se perceber

45 Silva, Antenor de Andrade. *Cartas do Padre Cícero (1877-1934)*. Salvador: Ed. Salesianas, 1982. p.170-171.

46 Silva, Antenor de Andrade, *op.cit* p.147.



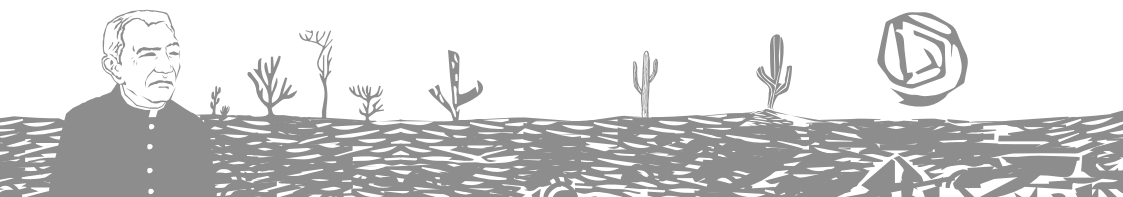
o seu sofrimento:

(SAL 23, 04) (28/03/1912) Sim, Sr. meu bom amigo, senti muito e sinto o Sr. P. Quintino e o Sr. D. Joaquim fazer de minha mãe, velhinha e quase morta, uma vítima de perseguições e ódios que têm contra mim e o Juazeiro, privando-a dos Sacramentos nos últimos dias de vida! [...]

Se Pe. Cícero sofreu muito durante sua longa vida, o que dizer de sua mãe, viúva, que deixou a cidade de Crato e o acompanhou no seu sonho de fazer de Juazeiro a “terra da Mãe de Deus”, o “refúgio dos degredados filhos da terra”? Ela não deixou escritos, mas nas entrelinhas das cartas de seu filho, pode-se vislumbrar, também, a via cruz dessa mulher, chamada “Dona Quinô”!

Entra-se assim na vida familiar do Pe. Cícero, com suas responsabilidades de filho único, “dono” de uma casa aberta aos desvalidos. As suas cartas fizeram viver suas relações com a mãe, as irmãs e as meninas de casa. A referência à Nossa Senhora das Dores corre nas cartas destinadas à mãe e à irmã, como o terço na mão do devoto. Poucas alegrias, muitos pedidos de orações, muitas preocupações e a saudade quando estava longe de casa. Um Pe. Cícero que pouco se encontra nos livros que falam dele. Desistiu de ser missionário na China por ser filho único; e, até o falecimento da mãe e das irmãs, sentiu-se responsável por elas.





CÍCERO, O AMIGO

Uma das pistas certas para conhecer alguém é observar como ele fala e trata da amizade. Pe. Cícero teve muitos amigos, amigos verdadeiros e amigos falsos, interesseiros. Nem sempre conseguiu discernir os amigos autênticos em uma sociedade tecida de protecionismo, de favoritismo e que tem mais a ver com coronelismo do que com pureza de sentimentos de amizade. É difícil ter amigos. Até o Cristo viveu três anos com Judas, pra cima e pra baixo... Eles se consideravam amigos a ponto de partilhar o pão, o dinheiro, os projetos, a vida.

As cartas de amizade do Pe. Cícero são numerosas. Revelam bem as atitudes, os seus pensamentos de amigo.

Em 1899, a beata Mocinha quis mandar embora de casa uma certa “Carolina”, que dava muito trabalho, e estava doente. Recebeu do Pe. Cícero a seguinte ordem:

(SAL 36,42) (Crato, 23/2/1899): Não quero que mostre enfado com Carolina, nem deseje que volte para casa do pai; pode aproveitar a mudança de ar, porém somente por isto, como tentativa para ver se aproveitaria, mas de modo nenhum, por enfado de vocês. A amizade se conhece é na adversidade.



Enquanto estava em Roma, Pe. Cícero abriu uma carta endereçada ao Pe. Fernandes, pensando em encontrar nela um envelope destinado a ele (cf. a carta SAL, 12,22, p. 5, o P.S.). Escreve ao amigo algumas linhas reveladoras:

(SAL 12,27), (17/8/1898): Meu caro e bom amigo P. Fernandes, a sua saída daqui foi um isolamento insuportável para mim. Vieram-me trazer uns jornais e cartas suas, e eu, com a avidez de saber notícias de casa, por engano, abri uma carta sua, somente sei que não era pra mim, não a li. Desculpe o seu velho amigo esta falta involuntária. Vieram do Brasil duas cartas no seguro de você, creio que dentro são minhas, se achar conveniente, mande-me umas ordens, escreva em italiano, ao contrário não sabem, na posta, os empregados não entendem, não entregarão[...]. Estou em uma condição apertadíssima. Escreva-me com toda brevidade que é uma gota de vida nas minhas angústias.

Com o mesmo Pe. Fernandes, Pe. Cícero gostava de conversar sobre os assuntos de política europeia. Em uma carta comprida sobre esses assuntos, ele termina com bom humor:

(SAL 26,10) (13/09/1898): [...]Já estou lhe caceando com conjecturas políticas e tanta prolixidade, que, senão fosse a amizade do amigo velho, talvez concluisse: Destas tais, libera-nos, (Domine)! Mas como a sua paciência é muita, sei que nem repara e escreve-me sempre não para aqui, mas para o nosso Juazeiro onde conte e disponha sempre do amigo e irmão em Jesus Cristo.

Ao amigo, Dr. Lima Borges, ele escreve:



(SAL,12,23) Muito espero na amizade sincera de meu bom amigo e nos sentimentos tão santos e generosos de D. Engracinha, que os tenho como pessoas minhas muito caras.

Ao Pe. João Carlos⁴⁷, escreve de Roma a notícia tão esperada por ele, do perdão pelo Santo Ofício, e agradece porque recebeu o anúncio do envio do dinheiro de amigos:

(SAL 12,30) (12/09/1898): Meu caro e bom amigo João Carlos. Talvez já tenha consigo estranhado eu não lhe ter dado um sinalzinho de vida, escrevendo. Como o conheço e sei que isto não é razão para você enfraquecer na amizade e não foi diminuição da minha confiança e estima que lhe tenho, assentei escrever-lhe quando a bondade de Nosso Senhor com me desse a graça de dar-lhe uma notícia que nos adoçasse tanta amargura. No 19 de setembro, sendo chamado no Santo Ofício, tendo feito ato de submissão, que é devido aos seus decretos, abriram-me de todas as penas e censuras que me prendiam e deram-me a ordem de celebrar e de voltar para casa[...]. Meu amigo, não sei lhe dizer quanto sou grato ao nosso bom amigo Dr. Lima Borges e ao Pe. Pedro, de Belo Jardim. Quando eu não tinha mais recursos e devia muito, e sem saber o que fizesse, eles lembraram-se que eu estaria sofrendo privações e moveram uma subscrição e quando eu não esperava, vieram-me trazer do correio cartas dele e de Dona Engracinha com uma ordem para o Banco de 930 libras. Só Deus podia movê-los a ação tão generosa[...].

Doze dias depois, Pe. Cícero escreve de novo ao amigo para confirmar a recepção do dinheiro:

⁴⁷ O amigo de Salgueiro, que o recebeu quando lá se exilou por alguns meses. Cf. cartas SAL 12,06 (2) e SAL 12,06 (1), p. 3 e 4.



(SAL 12, 32) (24-09-1898) Meu caro e bom amigo Dr. João,

Amizade que tenho a D. Engracinha fez que os estime como pessoas minhas e assim os considere. Recebi a sua carta de 22 de agosto com o cheque de 937 Lrs para o Banco Antonio Cerasi que foi pronto em entregar-me a dita quantia. Não tenho palavras para agradecer tanta generosidade e prova de estima, peço a Santíssima Virgem que os recompense por mim com generosidade de mãe. No dia 12 de Outubro, se Deus não dispuser o contrário, pretendo tomar o vapor de Gênova para Pernambuco onde muita satisfação terei de encontrar já restabelecido e com saúde.

Deus abençoe a toda sua família e disponha sempre do velho amigo.

Na mesma época, escreve uma carta alegre ao Pe. Pedro e lhe manda uma lembrança de Roma para sua Igreja:

(SAL 12,31) (25/09/1898): Meu caro e bom amigo Pe. Pedro. Recebi a sua carta de 30/08, tão cheia de caridade que li e reli como uma consolação nas amarguras que tenho passado. Há generosidades que não se pode e nem se sabe pagar. Somente peço a Nosso Pai que está no Céu, que nos uniu em seu coração na amizade e no Sacerdócio, que o faça por mim. Como um pequeno sinal de amizade e uma pequena prova que não me esqueço de tão bom amigo, lhe levo para sua matriz (não é como eu desejo que posso, mas pela particular memória que imprime em sua igreja, creio que lhe será muito grato) é uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, benta pelo Santíssimo Padre Leão XIII; quis levá-la benta por ele mesmo em pessoa para ser uma recordação que quanto mais anos se passarem, mais notável fica, inspirando e pregando sempre fé,



piedade e amor em sua freguesia. Se não fosse a ir pela Fortaleza, entender-me com o meu Bispo, ia pessoalmente abraçá-lo e entregá-la. Não pude mandá-la dentro de um santuário de vidro como era minha vontade mas não demore em prepará-lo para depois colocá-la na igreja de modo que, bem conservada, dure sempre. O Sagrado Coração fique encarregado de V.Rev.^{ma}, de sua Paróquia e de mim até que nos reúna no Céu. Disponha sempre do amigo e irmão em Jesus Cristo.

Ao mesmo amigo, numa carta sem data, ele agradece a correspondência que recebeu e que lhe fez tanto bem:

(Antenor) (sem data) Sua boa carta, suas edificantes expressões, suas consoladoras palavras de 11 de agosto último, me animaram e me consolaram; porque me deram um testemunho de sua cordialíssima amizade para comigo e me debitaram nesse agradecimento íntimo que lhe tributo, meu Reverendíssimo Amigo, com toda a plenitude do coração, fazendo votos a Deus pela sua felicidade na paz do tempo, as bênçãos da eternidade, e nas lides sacro-santas do seu paróquiato nas duas freguesias de Belo Jardim e de São Caetano. [...] Fortuna risonha e propícia, lhe desejo, meu bom amigo, e a Virgem Mãe das Dores de quem lhe mando um registro em celulóide para botar em cima de sua banca de trabalho, como lembrança pequena d'amizade grande que nos une, faça, como peço e como desejo de todo coração, V.Rma. feliz no tempo e mais feliz ainda na eternidade para consolação de quem é D.E.V.Rma (sad.)

A seu grande amigo Joaquim Secundo Chaves, ele escreve de Roma, partilhando os sofrimentos comuns:⁴⁸

48 Sobreira, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro*. *Op.cit.* p. 100. A mesma carta se acha, também, no livro de Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*. *op. cit.* p.495-499.



(Sobreira) (1898): Meu caro e bom amigo Segundo: a sua cartinha de velho amigo para mim, ambos feridos pelo tempo, você já adiantado em anos, e eu não tanto, porém também já lhe trilhando o rastro; ambos abatidos pelas adversidades da vida, você por um modo e eu por golpes tão profundos que só porque Deus não quis já não me tiraram a vida. Uma cartinha sua em distância tão longa é um fôlego que toma o coração já tão cansado, me fazendo voltar àquelas horas felizes em que nos entretínhamos horas e horas, na satisfação da amizade que, quando é santa, são pedaços do paraíso na terra.

A um amigo falso, que costumava falar mal dele e promover intrigas, Pe. Cícero escreve para colocar clara as ideias e termina:

(SAL 23,28) (30/12/1916): Eu não me dei por ofendido nem levando isto por nada, porque sou sempre o mesmo amigo, lhe desejando todo bem. Porém lhe aconselho sempre como amigo que deixe essas levianidades que não lhe servem, e quando saem fora, está você agoniado.

Quando precisava, Pe. Cícero escrevia aos amigos sem medir seu pensamento, dando orientações firmes. Ao compadre José Ferreira, por exemplo, ele escreve:

(Pasta VI) (23/01/1919) Agora chegou a queixa do Compadre Antônio Gonçalves que um seu filho Francisco, caixeiro de Doroteu Sobreira, passando, o Pedro Ayres o provoca e prendem o Francisco. Isto não está bom. Ainda pouco, o Pedro deu uma bengalada neste Francisco, agora o ameaça e o prendem. Isto não está direito. Talvez queira processar, porque não pode dar-lhe de novo. Eu não consinto neste processo e sei que você



e Moreira não desconcordam deste meu parecer. De seu amigo e Padrinho que os estima. Padre Cícero Romão Batista.

Existem outras cartas reveladoras do tom de amizade próprio ao Pe. Cícero.

Uma, foi escrita em 11/8/1881, bem antes dos fatos ocorridos em Juazeiro⁴⁹, quando o Pe. Cícero era capelão de Juazeiro, admirado por todos, até pelos seus superiores. Nessa carta, ele responde ao Pe. Arnaud, vigário de Missão Velha, que tinha pedido algumas informações:

(SAL 36,11) (11/08/1881): A bom Santo se encomenda você que mal soletra cartilha do P. Inácio, contudo, como discípulo, respondo ao mestre. Enquanto a mim, não há dúvida que você pode e deve designar em virtude da prescrição pontifícia, a igreja ou igrejas de sua jurisdição para as visitas ou romarias do jubileu, como se vê nas Letras Apostólicas do Papa: nós mandamos e ordenamos, em nome da Santa Obediência a todos os Ordinários dos lugares e a cada um em particular, aos Vigários e Oficiais (não será você um destes?) logo que receberem as presentes letras, tenham cuidado de publicar no lugar de sua Jurisdição e que designem as populações, a igreja ou igrejas que deverão ser visitadas ... se não achar racional o que disse, faça como você vir que é melhor. A nossa capela foi designada pelo vigário a meu pedido para a gente daqui, como o foi no Jubileu precedente. Bom, deixemos a consulta que resposta de teólogo de água doce... é como se ficasse calado, e vamos tratar dos seus livros que tenho em meu poder; estou

49 A saber, a aparição do sangue na boca da Beata Maria de Araújo, na hora da comunhão, na 1º sexta-feira do mês de março de 1889.



disposto a não lhe dar mais, lhe mandando o mesmo direito que lhe custou nada, você me fique temendo... vai me perdoar esta confiança, não farei outra. Breve aparecerei lá e havemos de desenferrujar a língua[...] Até descontarmos um ano de separação. Segundo me consta, já o nosso bispo D. Luís não é mais o Bispo do Ceará, já tendo recebido o pálio. Como nos ateremos nós? Peçamos muito a Deus em nossas Missas que nos mande um Pastor segundo o seu coração. De seu amigo velho.

Até o fim da vida, Pe. Cícero procurou ajudar os amigos que pediam dinheiro em razões de problemas de saúde. Encontram-se nos arquivos de Dona Generosa de Alencar, afilhada da Beata Mocinha, algumas cartas datadas de 1933, escritas alguns meses antes do falecimento do velho sacerdote:

(GEN A 53) (23/05/ 1933) Macedinho,

Recebi a sua segunda carta referente ao caso de sua filhinha. No momento me encontro completamente desprevenido de dinheiro e mesmo sem possibilidade de arranjá-lo em vista de certos motivos particulares que me impedem de fazer empréstimos.

Assim, lamento profundamente não poder servi-lo em uma situação tão aflitiva como a que você se encontra. Todavia, para dar o testemunho de meu desejo de servi-lo, mandei Joana tomar emprestados (duzentos mil reis) Rs 200\$000 – quantia que remeto pelo seu portador e com a qual contribuo para a operação da sua filha. Lembro-lhe de procurar outros seus parentes, entre os quais o Duarte Junior, conseguir o restante do que falta para o pagamento da dita operação. Acredito que eles



saberão compreender a aflição que você está passando e saberão cumprir o dever de ajudar num momento de real necessidade.

Fico pedindo a Deus para que o tire de tamanha dificuldade, proporcionando-lhe os meios para que possa a sua filha operar-se com felicidades.

O seu padrinho e amigo certo.

De fato, Pe. Cícero está sem dinheiro: envia um amigo para vender um sítio e pede para ser ajudado por outro amigo nessa transação:

(GEN) (18/07/ 1933) Amigo Augusto Buman

Seguindo para essa Capital, em visita a pessoas da sua família, o meu amigo coronel José Francisco da Costa, e sendo ele homem traquejado em negócios, autorizo-o a procurar venda para o meu sítio “Aldeia-Velha”. Peço-lhe portanto auxiliá-lo nessa incumbência e mesmo tomar o maior interesse por este negócio por que estou com muita precisão de dinheiro.

Aqui, tudo corre sem novidades. Recomendo-me aos seus e disponha sempre do velho amigo at°

Mesmo muito doente Pe. Cícero preocupava-se em ajudar parentes pobres e chamava os amigos para colaborar em gestos de solidariedade, como, por exemplo, o que escreve na carta seguinte:

(GEN A 56) (20/10/1933) Prezada amiga Dra. Amélia,

Deus abençoe.



Que esta encontre com saúde e feliz junto aos seus, são meus votos, recebi sua estimada carta que respondo. Infelizmente não é possível me operar, pois o Dr. Cesario está em todo princípio de novembro no Rio, e mesmo creio não suportaria já esta viagem, me aguardando para o ano vindouro. A portadora desta é nossa parenta Leopoldina Norões, que vai até ai se operar. E como ela é pobre digna da caridade, venho a sua presença pedir tomar todo interesse por ela, o que muito lhe agradeço, facilite tudo quanto estiver em seu alcance. Abençoando me recomende aos seus, disponha sempre de seu

Velho amigo atencioso, Padre Cícero

A última carta que se transcreve aqui sobre o Pe. Cícero, amigo, é de tristezas e de saudades: um de seus melhores amigos, Dr. Leandro Bezerra, faleceu em Niterói. Pe. Cícero escreve ao filho, Dr. Geraldo, uma longa carta de pêsames:

(SAL 64,01) (25/01/1912): Meu prezado parente, compadre e amigo, Dr. José Geraldo, a paz de Deus o guarde; recebi sua carta de 5 do corrente, explicando minuciosamente as despedidas da vida de seu honrado pai, meu parente e meu íntimo amigo, Dr. Leandro. Tanto quanto em você e família, a morte dele produziu em mim um grande abalo, porque, dentre os poucos amigos sinceros de minha mocidade, ainda existentes, perdi o mais dedicado. Bem sabe que só na velhice, pelas sinceras provas de lealdade durante toda vida do homem, é que pode-se ter a convicção da verdadeira amizade. Lanço neste momento um olhar retrospectivo ao passado e não vejo uma ruga sequer no cultivo das nossas sinceras relações de amizade. A sua vida era um consolo para os meus velhos dias, porque nele



encontrava o amigo verdadeiro que, guiado pela pureza da consciência, sabia interpretar as minhas intenções, compreendendo-as com segurança e proclamando-as com interesse inigualável. Quanto à sua identificação preparatória para a outra vida com os seus princípios de nossa Imaculada e Santa Religião, durante os seus últimos dias, não me admiro, porque só aos justos, como ele, que em vida já estão redimidos das menores culpas, é por Deus permitido tal desprendimento. E a sua morte, conforme você comunicou-me, sem agonia, tendo entre suas mãos o livro de leituras consoladoras, verdadeiro escrínio de fé, e cercado da família extremosa e das crianças, suas discípulas e filhas espirituais, bem justifica quanto angélica era sua vida. Morreu como viveu: justo entre os mais justos. A última carta que ele escreveu antes de morrer, sendo a última a mim endereçada, lia e relia ao peso de dor intensa, e a guardarei, como todas que me dirigiu, como a mais pura relíquia de amizade, e que há de produzir em minha alma, sempre que relê-la, a doce recordação de um verdadeiro amigo que não poderei mais ver neste mundo, mas que, tenho fé, nos veremos e nos reconheceremos no céu. Agora, porém, que dele só nos resta a lembrança, tão-somente cumpre a você e aos seus manos, como filhos que sempre souberam seguir os exemplos de honestidade e virtudes, consolarem-se e rogarem, como eu, a Deus que lhes ajude a continuar honrando o nome que ele deixou. No dia imediato ao da recepção do telegrama, bem como no sétimo dia da morte dele, celebrei por ele o Santo Sacrifício da Missa, e assim farei enquanto Deus conceder-me a vida. Aqui termino, pois os velhos não podem dizer tudo quanto sentem; entretanto, você poderá avaliar quanto de sinceridade têm as minhas palavras. Em outra carta tratarei do mais que me falou. Abrace por mim cada uma de suas irmãs, ao seu mano Dr. João, aos seus filhinhos, bem



como a sua virtuosa esposa e minha comadre, e aceite um sincero abraço meu como sinal de real identificação nos mesmos sentimentos de dor que nos pungem a alma que eu aqui, ficarei rogando a Santíssima Virgem das Dores pela felicidade de todos vocês. Disponha sempre do seu amigo, parente e compadre, P. Cícero.

Tais são alguns trechos de cartas que revelam como Pe. Cícero tratava seus amigos. Em suas mensagens de amizade, ele assina: “disponha sempre de seu velho amigo atencioso” ou “de seu amigo certo”; “seu amigo e irmão em Jesus Cristo”; “do Padrinho e amigo que vos estima” e lembra a Beata Mocinha que “a amizade se conhece na adversidade”, sabedoria que ele mesmo experimentou ao longo de sua vida tumultuosa.



CÍCERO, O SACERDOTE

O Pe. Cícero foi ordenado em Fortaleza, dia 30/11/1870. Registre-se que não foi sem dificuldade, em razão de seu temperamento nordestino e “teimoso” que não se deixou modelar, facilmente, pelos seus professores, lazaristas franceses.⁵⁰ Celebrou a “missa do galo” dia 24 de dezembro de 1871, na Capelinha de Nossa Senhora das Dores. Em 11 de abril de 1872, chegava, definitivamente, a Juazeiro onde foi nomeado capelão, no dia 26 de setembro do mesmo ano, pelo seu bispo, Dom Luis. Os 19 primeiros anos de seu ministério foram muito elo-

50 Ver, na primeira parte deste livro, os comentários encontrados no “caderno da Praia” que comprovam que o seminarista Cícero não obedecia cegamente às exigências do Seminário. Por exemplo, se a recepção regular da Eucaristia já era costume na Europa e imposto aos alunos, não era o caso no interior do Ceará, como se pode perceber na carta escrita ao bispo pelo Padre Benjamim Sampaio em 15 de dezembro de 1878:

(...) Na mesma terrinha do Juazeiro, ajudei ao Pe. Cícero na Consagração e Novena que precedeu-a, (...) O numero de pessoas confessadas durante a semana da Novena não pode precisar-se, porque nem todos comungaram no dia. Ficam aqui muito espantados com a doutrina de comungarem mais de uma vez depois de uma confissão. A muito custo pude obter que os confessados na 5ª, 6ª e sábado comungassem também no Domingo, sem se reconciliarem = que é o que objetam logo = Seguramente umas 400 pessoas confessaram-se durante a Novena, sobretudo nos três últimos dias, e só umas 300 comungaram no dia da Consagração. Dos homens teria uns 20!!
[...]



giados pelos seus superiores e confrades. Mas sua vida sacerdotal foi lacerada pelos famosos “Fatos de Juazeiro”, acontecidos em 1889. Quando a hóstia consagrada transformou-se em sangue, na boca da Beata Maria de Araújo, o destino sacerdotal do padre foi profundamente abalado. Suspenso de suas Ordens, o seu maior desejo era voltar a celebrar a missa, sem abandonar, porém, o Juazeiro e o rebanho por ele conduzido, desde 1872. Nunca deixou de vestir a batina como sinal de sua ordenação *in aeternum*.

Algumas cartas revelam o sacerdote Cícero, antes e depois dos “milagres” de 1889.

As cartas a D. Luís, primeiro bispo de Fortaleza, revelam um tipo de relação, dentro do estilo da época:

(CRA 03,02) (12/01/1876): [...]Eu não tenho jeito senão começar pedindo perdão de minha ruindade em não ter escrito logo a Vossa Ex^a quanto mais em demorar tanto as respostas das que recebi; mas fico certo que saberá perdoar a um filho e amigo de coração; sobretudo que me conhece tão bem, e que esta não será um motivo de fazer-me a honra que não mereço, e dar-me o prazer de escrever-me sempre[...]

(CRA 03,03) (17/05/1877): Tenho sido tão ruim em escrever a V. Ex^a e já nem peço desculpas, mas sim, perdão, e a não saber que me conhece tão bem, nem me animaria, envergonhado, achando que só me satisfazia indo mesmo pessoalmente comprovar a V. Ex^a que nem de leve o respeito, a veneração e o amor filial foram feridos. E creio que posso afirmar que sou sincero em meus sentimentos.



(CRA 03,03) (17/15/1877): [...]Se lembre de mim diante de Deus principalmente no Santo Sacrifício da Missa para que eu seja segundo o seu Santíssimo Coração que eu, ainda que muito ruim, farei sempre o mesmo[...]

(CRA 03,04) (18/12/1917): [...]Estimei demais a carta de V. Ex^a porque veio animar-me no que já desejava e esmorecia. Peço perdão não ter respondido logo porque eu queria ver o resultado e que V. Ex^a não ficasse mal satisfeito, felizmente se fez alguma coisa .

Essas cartas revelam um desejo de obediência quase escrupulosa, ensinada nos seminários:

(CRA 03,03) (17/05/1877): [...]Tendo V. Ex^a me concedido uma faculdade muito lata de benzer segundo o Ritual Romano, tenho lembrança que restringiu, reservando as imagens grandes e as cruzes grandes e, eu entrando em escrúpulos quando será grande ou não, peço a V. Ex^a que, por caridade, me conceda benzer esses objetos sem restrição[...]

(CRA 03,06) (26/11/1878): [...]Quero aproveitar a ocasião para justificar-me. Segundo uma resposta de V. Ex^a a uma consulta feita pelo Benjamim por motivo de uma dúvida sobre consoada de jejum, pareceu-me que V. Ex^a me ficou julgando por seguidor de uma escola inconveniente que nega aos bispos o poder de dispensar em suas dioceses, em certas circunstâncias, nas leis gerais da Igreja e põe embaraços à administração. Deus me livre de tal doutrina que sei que é subversiva e só serve para trazer perturbações às consciências, e à minha faria mais mal do que aos outros que não tendo a certeza que, obedecendo vou direito, não podia fazer mais nada. Não sei em que termos foi exposta a dúvida. Parece-me



que não foi direito porque com a resposta, fiquei sempre com ela. Eu não tinha dúvida que, a dispensa sendo dada, estejamos dispensados e assim podemos usar de laticínios na consoada dos jejuns. O que eu penso é que nós só por uma vez que V. Ex^a nos dispensou quando esteve aqui por pedido do P. Monteiro, estejamos dispensados por toda vida. Primeiro, porque não é praxe serem assim considerados e depois porque eu tinha lembrança que V. Ex^a me havia dito que era preciso se pedir cada ano e nunca mais ninguém a pediu, à exceção daquela única vez[...]. Se V. Ex^a concede a dispensa para a freguesia de Crato e, se acha que não precisa, como decidir, me tira a dúvida e eu obedeço (quero abrir um espacinho aos meus escrúpulos; os jejuns de que se trata são os preceitos de todo ano)[...]

As opiniões sobre promoções eclesiásticas encontram-se também, nesses escritos:

Em 1877, ao bispo Dom Luis, que queria que ele aceitasse um cargo de professor no Seminário de Crato, o Pe. Cícero responde:

(CRA 03,03) (17/05/1877): [...]Estou pronto (a ajudar no Seminário de Crato) ainda que esteja satisfeito com a vida que levo entre este bom povinho que me estima como pai[...]

Numa carta, Pe. Cícero se alegra porque D. Luís não tinha aceitado a promoção para Arcebispo da Bahia:

(CRA 03,07) (06/04/1880): [...]Fiquei muito satisfeito, dei muitas graças a Deus saber que V. Ex^a não aceitou o Arcebispo da Bahia. Foi a SS. Virgem quem livrou a V. Ex^a que acho muito custoso a salva-



ção de um Arcebispo que, no fim da vida e sem saúde, seja obrigado a consertar e corrigir um clero e um povo tão estragado e sem lei que só Deus sabe, sem poder empreender a visita pessoal de toda Diocese sem o que é impossível alcançar nada, e lutar uma luta de morte, que não é para quem pode se salvar sem tanto perigo. Enquanto assim, o melhor lugar é o que d'onde mais facilmente se vai para o céu. Foi a SS. Virgem que livrou a V. Ex^a e a nós[...]

Alguns trechos revelam o tipo de zelo apostólico do Pe. Cícero nos primeiros anos de sua vida sacerdotal. Em 1886, ele escreve ao bispo:

(CRA 03,10) (26/10/1886): “[...]Tendo V. Ex^a me facultado para fazer 12 casamentos, não quis desperdiçar a graça de Deus, comecei logo, fazendo 13 da maior necessidade principalmente o de um pobre velho amasiado há 30 anos, outros porém se dificultando com impedimentos dirimentes de afinidade ilícita e até um deles, creio que primos carnais vivendo reprovadamente... À vista de tais embaraços, assentei pedir a V. Ex^a que me conceda a faculdade de dispensar os impedimentos que aparecerem nos 9 casamentos que ainda não fiz, que V. Ex^a me conceda não para pessoas determinadas mas para pessoas que eu queria ao meu arbítrio. É uma caridade que V. Ex^a faça em honra da SS. Virgem que saberá com profusão recompensar[...]

Em 1887, entregando ao bispo um dinheiro para as obras da propagação da fé, escreve:

(CRA 03,11) (02/08/1887): “[...]Como não posso sair para converter o mundo todo, quero ao menos com este pequeno óbolo que Nosso Senhor aceite o nosso



desejo. Há por aqui um velho que mora uma légua da povoação, de posição social, de bem 70 anos ou mais, que enviuvou há alguns anos, tem levado uma vida digna de compaixão, agora amasiado com uma infeliz moça; pelo modo de proceder dos pais, não digo que por malícia, por falta de educação[...] já tem um filho e o tal velho que foi ameaçado até de ser assassinado, e não sei se ainda estará seguro, pelos irmãos da sujeita, se não casasse, não por causa da noiva, é um velho brutal que não teme a nada, está adormecido no crime. A esmola que peço pelo amor de Deus e destas almas, é que V. Ex^a me conceda a dispensa de todos os banhos de tempo e de lugar, eu acho que não são parentes, mesmo se fossem, será no 39 ou 49 grau, nem talvez de afinidade, mas, por caridade, me conceda a faculdade de dispensar qualquer impedimento que houvesse. Quero fazer uma surpresa agradável e amável, tomando-lhe a casa um dia e não sair enquanto não deixar estas almas perdidas, salvas por Deus[...]

E Pe. Cícero termina a carta, lembrando:

[...]Penso que V. Ex^a me concedendo, eu alcanço bons resultados[...] Em busca dos pecadores é que devemos andar, e estes é que precisam de misericórdia.

Lembre-se que todas as cartas até agora mencionadas nesse capítulo foram escritas antes dos fatos de Juazeiro, em 1889. Quando o Pe. Cícero estava em Roma, nas maiores dificuldades e com medo de nunca mais poder celebrar a Missa, ele escreveu a Joaquim Segundo Chaves uma carta que encontramos no livro de Irineu Pinheiro⁵¹

:

51 Pinheiro, Irineu. *O Juazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914*, Op.cit. p.72



(Pinheiro)(25/05/1898)[...]Se eu não tivesse tantos laços que me prendem, nunca mais voltava ao nosso Brasil, não porque não o amo muito, mas porque os desgostos me encheram a vida de tantos abrolhos e espinhos, que aspiro estar em um cantinho esquecido e desapegado de tudo, cuidando só de salvar-me. Só Deus nos basta. Mas como não são as coisas como nós desejamos, querendo Deus[...].

Numa carta escrita, também, ao amigo Joaquim Segundo Chaves,⁵² ele revela seu desejo de vida contemplativa, quando visitava as catacumbas de São Sebastião em Roma:

(Sobreira) (1898): Creia-me que, quando estava naquela solidão, entre aqueles fradinhos tão humildes e tão poucos, sem terem outra ocupação senão Deus, esquecidos do mundo e em tanta paz, tive vontade de ficar também ali, porque bem me parece que é uma porta do céu aquele repouso de tantos milheiros de mártires e de bem-aventurados que já estão gozando de Deus e esperam seus corpos e ossos ali pelo grande dia de Juízo para glorificarem a Deus por sua fé.

Vi lá caveiras, canelas, braços, dos quais com toda a certeza hei de ver seus donos cheios de vida, sendo felizes. Meu amigo, realmente aquilo convida ficar-se ali em companhias tão santas.

Quando suspenso de Ordens, Pe. Cícero procura padres para confessar em Juazeiro:

(SAL 22,07) (26/04/1910): [...]Meu caro bom amigo

52 Ver Sobreira, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro. Op. cit.* p. 102. Ver também: Irineu, Pinheiro. *Efemérides do Cariri. Op. cit.* p.495-499.



Pe. Sóther, a paz de Deus nos guarde. Tenha a bondade de mandar-me dizer quando V. Rev.^{ma} vem aqui em nosso Juazeiro. Peço-lhe porque o Conde Adolfo resolveu confessar-se com V. Rev.^{ma} quando vier aqui, e eu preciso saber o certo para mandar um portador até Coxá para ele vir; daqui lá são 22 léguas. Portanto, entre ida e volta a chegada aqui, 4 dias. É preciso o certo da sua vinda[...]

(SAL 22,08) (24/10/1910): [...]Se você tiver ainda aquela coragem de vir confessar a minha velhinha e Santa mãe, sua confessada, venha e Deus é quem lhe paga a sua caridade. De seu amigo velho.

Em 1912, o Pe. Sóther é proibido de confessar, em Juazeiro, pelo vigário Pe. Quintino, com aprovação do bispo D. Joaquim... Pe. Cícero escreve ao Pe. Sóther:

(SAL 23,04) (28/03/1912): [...]Recebi sua carta, resposta ao meu pedido para confessar e dar comunhão a minha velha e enferma mãe, só com milagre ainda vive, como muitos outros enfermos que aqui morrem sem o Viático e sem os últimos Sacramentos, e que se eu não estivesse aqui, sem terem, nem sequer absolvição in articulo mortis. E o meu bom amigo aqui celebrar e confessar mais algumas pessoas que necessitam, ainda tínhamos esse recurso que V. Rev.^{ma} nos prestava por sua caridade e velha amizade e que eu não tenho palavras para agradecer. Bem sabemos, V. Rev.^{ma} e eu, que esta sua caridade e sacrifício de amizade quanto desgostavam ao Sr. D. Joaquim e P. Quintino, V. Rev.^{ma} vir aqui no Juazeiro e me prestar esses serviços de seu zelo de salvação das almas, de sacerdote, segundo o espírito de Deus e de amizade sincera que sempre tivemos. Sim, Sr. meu bom amigo, senti muito e sinto o Sr. Pe. Quintino



e o Sr. D. Joaquim fazer de minha mãe, velhinha e quase morta, uma vítima de perseguições e ódios que têm contra mim e o Juazeiro, privando-a dos Sacramentos nos últimos dias de vida! [...]

Mas é ao Pe. Constantino Augusto, historiador, que o Pe. Cícero expõe, com clareza, o plano pastoral dos seus primeiros anos de sacerdócio. Época de 1914. Eis a leitura do passado, feita pelo próprio Pe. Cícero:

(SAL 36,57) (23/10/1914): [...] Há uns 25 anos, na quaresma deste ano de 1889, era um capelão aqui, pequena povoação Juazeiro (hoje cidade) onde me havia destinado a uma missão continuada, somente esforçando-me para salvar as almas e reformar os costumes semibárbaros desses sertões. Com as devidas faculdades de meu bispo, o primeiro que me havia ordenado e estimava-me muito como meu confessor deste Seminário, o Sr. Bispo D. Luís dos Santos, já falecido e o seu sucessor, o Bispo D. Joaquim José Vieira, que também prodigalizava-me por sua bondade as maiores considerações, haviam-me concedido para os bons efeitos da missão a que me propunha todas as faculdades precisas de dispensa para revalidação de casamentos nulos, impedimentos em todos os graus, todas as faculdades que me podiam dar, até a faculdade de provisionar de confessar os padres que, das dioceses vizinhas, vinham confessar-se aqui e ajudar-me. Tinha sempre na modesta capela que aqui edifiquei, seis, oito, dez padres e nunca esgotava-se em cada dia o número de pessoas que, de todas as classes, vinham santificar-se, fazer romarias de devoção e piedade cristã a SS. Virgem das Dores, Padroeira da Capela a quem todos procuram e invocam com a maior dedicação e espírito de fé, como se fosse em Lourdes, Loretto e em outros Santuários que o povo parece mais obedecer a um



impulso divino do que à vontade humana. Era, portanto, uma missão das mais fecundas e de santos resultados que tínhamos no Brasil, pois vinha gente de quase todos os Estados vizinhos e muitos de outros Estados somente em busca de se reconciliarem com Deus, tomando na maior importância sua salvação: maçons que vinham de diferentes lojas; vinham muitos de longe e de toda parte revalidar casamentos nulos, e para isso estava eu munido de todos os poderes dados pelos bispos: Quanto aos amasiados e pecadores de toda espécie, aqui vinham somente reconciliar-se com Deus, se preparavam para se salvar. Era como um chamado de Deus que soou nesses sertões. E era gente de todas as classes, padres, doutores, militares, grandes e pequenos de todos os sexos. Com certeza, não havia no Brasil missão igual. O amor a SS. Virgem, o amor à Eucaristia e à Comunhão frequente era uma sede e fazia a vida de todos, dos daqui e dos que vinham. Quem não se sentia edificado vendo tamanha renovação de vida cristã? Aqui, havia almas, como se escreve na vida aos santos[...].

Sonho pastoral ou realidade? O certo é que tal era o projeto do Pe. Cícero. Numa carta ao Pe. Antero, descobre-se um desabafo angustiado do sacerdote Cícero, vendo a evolução dos acontecimentos depois dos “fatos” ocorridos em 1889:

(SAL 36,08) (04/10/1894): [...]Meu amigo, morro de aflição e de angústia! Gastei toda a minha vida desde a minha ordenação somente procurando a salvação dos outros, sem me importar muito com a minha, e ver uma coisa desta! Meu amigo, não sei dizer o que sofro, desejava de todo o coração que Nosso Senhor me condenasse, contanto que se remediasse a salvação de tantas almas. Nunca pensei ver isto entre nós![...].



Em 1918, já velho, o Pe. Cícero aconselhava um sacerdote de vida moral duvidosa, nesses termos:

(SAL 25,17) (18/07/1918): [...]Reze, meu amigo, todos os dias o seu Breviário, o Rosário da Santíssima Virgem das Dores, e ame a pureza e a nobreza de sua vida sacerdotal, a salvação para onde a Santíssima Virgem das Dores e o divino Coração de Jesus lhe chamam... Peço-lhe, como amigo, que recebendo esta minha carta que é uma voz de amizade que lhe tenho, comece o seu Breviário, todos os dias o Santo Rosário da Mãe de Deus, a vida de bom padre e nunca querer tirar a sua batina[...].

Em 1914, vendo se aproximar o perigo de guerra na região, mandava ao Senador Francisco Sá o seguinte telegrama:

(SAL 07,03) (sem data): [...]Aproximam-se tropas Juazeiro mandadas Franco Rabelo para massacrar-nos. Rogue meu nome, Marechal Hermes medida urgente evitar guerra civil. Sacerdote católico alheio lutas armadas, imploro por providências prontas. Saudações. P. Cícero.

Em uma carta ao governador João Augusto, pedindo justiça para uma família, Pe. Cícero escreve:

(SAL 01,37) (30/09/1927): Como sacerdote cristão, tenho o sagrado dever de prestar meu apoio moral, ou ao menos dar um conselho a quem quer que me busque, resolvi por isso enviar a V. Ex^a a nota que expõe largamente a questão que, posta nos seus termos, representa uma espoliação violenta dos direitos hereditários, trabalhada talvez pela política estreita... dos nossos sertanejos desprovidos de educação cívica.



Ao Dr. Francisco Sá, o Pe. Cícero pedia para que o Senador fizesse tudo para que o clero brasileiro não fosse obrigado ao serviço militar:

(SAL 23,29) (13/03/1917): [...]Se não fosse inoportuno tratar-lhe em uma carta de recomendação de um assunto, digno de seu valor, como representante de nossa cara Pátria, aqui mesmo lhe falava. É propor a revogação da lei que militariza o Brasil, ser excluído o clero, ficando empregado nas atribuições de seu ministério sacerdotal. Eu, como sacerdote católico e cidadão brasileiro, lhe falava isto em nome de todos, para a nossa Pátria e para a nossa Igreja no Brasil[...] Enquanto a Inglaterra, à reclamação de um de seus cardeais, segundo os jornais, o governo inglês excluiu e já a Alemanha e a Áustria haviam excluído, o nosso Brasil é que quer não levar em conta o sacerdote católico, como fizeram os governos ateus[...].

A carta que se segue retrata um dos momentos mais cruciais da vida do Pe. Cícero.

(Pasta VI) (29/11/1890): Meu amigo Secundo, hoje completei 20 anos que sou padre e as festas deste meu aniversário foram avisos de ameaças de perseguição. Em vez de me afligir estou contente de sofrer alguma coisa por meu Deus. Não dizem os livros santos: 'Em vão se guarda o homem se Deus não o guarda?' Se os maus tivessem todo poder sobre os bons, o mundo já desde muito que era um composto só de demônios, se devorando uns aos outros. Se acaso chega a hora das trevas contra mim, eu mesmo não quero fugir da cruz ou do que tiver decretado a Providência e se ainda não chegou e Ele me guarda, é por mim, quem contra mim? Eu já estou afeito e muito acostumado aos rugidos dos



demônios para incomodar-me com estas zoadas que só aterram a quem não sabe e só fazem mal a quem as faz. Deus está sobre tudo e é Providência até das folhas que caem das árvores quanto mais de nós que somos seus filhos. E é certo, o bem que Ele não nos dá, não teremos, e do mal que não nos livrar, virá sobre nós. *Fiat voluntas tua sicut in coelo et in terra.*

De seu amigo velho que o estima sinceramente.

P. Cícero Romão Batista

O Pe. Cícero não foi político por gosto, como se verá em um momento posterior, consagrado a este tema. Em uuma carta ao Dr. José Geraldo, contando o falecimento do Dr. Floro, o assessor político do padre, ele confiava:

(SAL 23/24 (20/03/1926): [...])Como deve saber, em face de minha qualidade de sacerdote, em face da afastada vida que levo e em face da minha idade, não me é possível cuidar pessoalmente da administração do município e estar, constantemente, com a solução de muitos casos de toda ordem, que impõe uma chefia política. De tudo isso, portanto, era encarregado o Dr. Floro[...].

Enfim, nos documentos encontrados nos arquivos do Pe. Azarias Sobreira, descobre-se uma carta do Pe. Cícero ao Pe. Macedo, falando da ação necessária do clero sobre a política brasileira, a favor de uma sociedade regenerada:

(Pasta IV-08/08/1933): Prezado colega Pe. Macedo, *Salutem in Domino*. Portador de sua estimada carta, aqui estive o Sr. Pedro Maia, a quem recebi atenciosamente. Tenho feito e continuo a fazer uma propaganda, quanto



me é possível para que, na nova organização do nosso país, predominem os ensinamentos da nossa Santa Religião, cujos princípios são os únicos capazes de regenerar a nossa sociedade em processo decadencial. Trabalhe também, com esforço, a este respeito, porque do clero muito depende o triunfo do nosso ponto de vista[...].

Até no seu testamento,⁵³ Pe. Cícero recomenda:

Insistindo, peço, como sempre aconselhei, que sejam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores às leis e autoridades civis e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, no seio da qual, tão somente, pode haver felicidade e salvação.

Tais são as conotações sacerdotais que se descobrem nas cartas do Pe. Cícero: um projeto apostólico vasto para salvar os pecadores, especialmente pelo seu jeito de acolher e pela mediação sacramental. Pela força dos acontecimentos, ele não foi um padre de “sacristia”, mas não deixou por isso de ser e de viver como sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana, segundo as suas próprias afirmações.

53 Ver Sobreira, Azarias, *Op.cit.* p.403.



PE. CÍCERO E JUAZEIRO

Não se pode falar do Pe. Cícero sem referência ao Juazeiro! Entre eles dois, havia um laço misterioso, que nasceu de um sonho! Em 1872, certa vez, após um dia cansativo de confissões, o Pe. se dirigiu à pequena escola do lugar, para descansar. No quarto contíguo à sala de aula, caiu no sono, e sonhou: 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se ao redor da mesa do professor numa disposição que lembrava a Última Ceia de Leonardo da Vinci. O padre, no sonho, acordou para espiar os visitantes. Os 12 apóstolos, nesse momento, viraram-se para olhar o Cristo que se apresentou na forma do Sagrado Coração de Jesus. Nesse mesmo momento, um bando de camponeses miseráveis entrou na escola. Davam a impressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Jesus virou-se para os apóstolos e falou lamentando a ruindade do mundo... Prometeu fazer um último esforço para salvar o mundo... Naquele momento, o Cristo apontou para os pobres e, voltando-se para o jovem sacerdote, ordenou: “Você, Pe. Cícero, tome conta deles”. Com esta ordem, contou o padre a um amigo, anos depois, acordei e não vi mais nada; mas pensei um pouco e decidi, mesmo errado, a



obedecer.⁵⁴ Meses depois, no mesmo ano, o Pe. Cícero juntou os poucos bens que tinha no Crato, e mudou-se, definitivamente, para o Juazeiro, até a sua morte, em 20 de julho de 1934.

Em 1874, ele escreve ao bispo D. Luiz:

(SAL 03,01) (27/04/1874): [...]Sem nenhum recurso, empreendi levantar uma Igreja, não no Crato, mas num povoadinho tão pobre que nem eu mesmo não sei como se fez, é verdade que não concluí porque comecei quase no princípio do inverno; com a proteção de N. Senhora das Dores a quem é dedicada, será acabada.

Como já se viu anteriormente, uma promoção de professor no Seminário de Crato não o tentava muito:

(CRA 03,03) (17/05/1877): [...]Estou pronto (a ajudar no Seminário) ainda que esteja satisfeito com a vida que levo entre este bom povinho que me estima como pai.

Anos mais tarde, não queria que as suas responsabilidades políticas o afastassem de Juazeiro:

(SAL 23,21) (20/03/1926): [...]Embora eu não queria ser deputado, porque não desejo e nem posso sair de Juazeiro[...].

Ele desejava fazer desse “Jó do Cariri” um céu, para a morada do Cristo no Santíssimo Sacramento. Em 1886, ele escreve ao bispo:

(CRA 03,09) (04/02/1886): [...]Tenho desejo de

54. Cf. Della Cava, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 24.



colocar um sacrário em nossa pobre capela, onde Jesus Sacramentado, é verdade, que entre pobres e pequeninos, onde falta tudo, nos console, nos anime, nos fortifique. É o nosso verdadeiro amigo entre nós. Eu desejava fazer aqui um céu para sua morada; porque V. Rev.^{ma} não ignora a pobreza deste lugar, é o Jó do Cariri[...]

A capela, V. Ex^a já viu, o sacrário, o Pe. Reitor é quem muito fez a encomendar ao meu pedido, acho que estará decente, a âmbula é boa. O que tenho de alegar para conseguir o meu desejo é que, não obstante ser um lugar pequeno e pobre, é muito popular e distante da Matriz três léguas, onde os enfermos morrem sem Viático por falta deste recurso. V. Ex^a prometeu-me falar ao Núncio, não sei se entre tantos afazeres se teria lembrado. Peço a V. Ex^a que tenha a bondade de responder-me se está alcançando o que tanto desejo. Se for possível me conceda a faculdade de dizer missa Quinta-Feira Santa aqui: além de tantos que não podem, por doença e por outros motivos, vir comungar na Matriz[...].

O Pe. Cícero comparava o povo de Juazeiro ao povo da História Sagrada:

(CRA 03,06) (26/11/1878): [...]O Sagrado Coração ajude a nossa fé, que só um milagre pode salvar este povo que no “castigo” está uma imagem viva do povo judeu. Se houvesse a guerra, Flávio José tinha narrado a nossa fome com diferença de aparecer mais gente sem escrúpulos de comer carne humana.

Ele escreve a D. Joaquim, em 1889:

(CRA 03,12) (04/06/1889): [...]Quem está sem esperança é o pobre distrito de Juazeiro, tão populoso e tão pobre, é o Jó do Cariri[...] Abençoe a mim e a minha



gente e o povinho que dirijo[...] V. Ex^a por caridade e por Nossa Senhora das Dores, que é dona deste lugarzinho tão caro ao seu Coração Sagrado, seja um instrumento de que ela se sirva para nos salvar (da seca)[...]. E como posso ver este pobre povinho que amo tanto, como uma parte de minha alma, desaparecer? Pesa-me mais do que a morte, ou antes morro por cada um[...]

Os fatos ocorridos com Maria de Araújo, em 1889, foram interpretados pelo Pe. Cícero como a própria realização do sonho de 1872. Mas a decisão do bispo D. Joaquim e do Santo Ofício foi outra. Pe. Cícero sentiu a oposição como uma verdadeira perseguição. Em 1912, ele escreve:

(SAL 23,04) (28/03/1912): [...]O demônio os ilude e faz que achem que perseguir a salvação dos habitantes de Juazeiro, lhe ter ódio, desejar-lhe mal, até a perdição eterna, é coisa boa e zelo santo de santos pastores. Os que perseguiram a Jesus Cristo e aos seus discípulos também fizeram assim, se julgando zelosos e santos[...].

Nem por isso, Pe. Cícero deixa de acreditar na missão religiosa de Juazeiro. A um padre amasiado, ele escreve, em 1918, convidando a mulher para vir morar em Juazeiro:

(SAL 25,17) (18/07/1918): [...]Aqui tem sido um refúgio dos náufragos da vida, tem gente de toda a parte que, modestamente, vem abrigar-se debaixo da proteção da SS. Virgem[...],

Não foi somente o flagelo da seca que motivava o nordestino a procurar água e pão em Juazeiro. Em uma



carta ao Pe. Benedito Basílio, Pe. Cícero escreve em 10/08/1929:

(SAL 25,38) *Salutem in Domino*

Meu caro e bom amigo Pe. Benedito. Recebi hoje sua estimável carta de 30 de julho p.passado. Com muita razão tem motivo das aflições que todos nos sofremos por esse diabólico flagelo de bandidos verdadeiras feras que assolam o nosso sertão. Só temos que esperar da SS.Virgem que com certeza a tomemos por Mãe Nossa e nos entregamos a Ela cheios de confiança na sua caridade de Mãe Poderosa que nos defenda e nos livre desses demônios humanos [...]. Do Rio Grande do Norte como do interior dos Sertões dos outros Estados é para aqui no Juazeiro que têm vindo abrigar-se famílias e mais famílias; gentes oprimidas de todas as classes, e aqui descansam e voltam animados, ficando certos e animados que serão guardados continuando nos seus trabalhos. Meu bom amigo eu realmente sofro tanta aflição por tão grandes horrores como V. Rvmo. sofre. Espero que somente Deus nos livre. Oremus ad invincem e aqui disponha sempre de seu amigo e Irmão em Jesus Cristo.

Pe.Cícero Romão Baptista.

O Pe. Cícero decidiu a ir a Roma, em uma época das piores para ele. Estava exilado em Salgueiro e não podia voltar a morar no Juazeiro sem ser excomungado, *ipso facto*. Ao Santo Padre, ele escreve uma carta, em 1898, de Roma, suplicando para não ter que deixar a cidade dos seus sonhos:



(Sal 26,14) (sem data): Santo Padre, vim prostrar-me aos pés de Vossa Santidade, não só para mim mas como para uma população oprimida no que há de mais santo: a salvação de suas almas. Por bondade e misericórdia de Deus, nascemos no seio da Santa Igreja, somos e seremos sempre seus filhos obedientes e submissos como a Deus mesmo ainda que tenhamos a felicidade de darmos por ela a vida. Fui, por decreto de 10/2/97, obrigado a deixar o Juazeiro que é uma grande população de pobres, doentes e desvalidos, onde há 25 anos tenho sido seu único sacerdote e servido de arrimo em todas as suas necessidades. Fui também obrigado a deixar minha única irmã em estado gravíssimo de uma afecção cardíaca, sem esperança de vida, e minha mãe, setuagenária, em leito de morte há 17 anos, cega e paralítica e com numerosa família de órfãs que não têm outra pessoa que de todas elas cuide senão a mim, único filho. E assim, fui obrigado a deixar os meus e tantos outros que ficaram expostos aos maiores males, como nos poucos meses que me ausentei, já morreram, cheios de privações e sem sequer ao menos poderem receber a absolvição *in articulo mortis* mais de 100 enfermos que reclamam diante de Deus por tanta opressão e injustiça. À vista destas e tantas outras circunstâncias, eu não podia deixar o Juazeiro, mas não querendo desobedecer em coisa alguma, ainda com sacrifício de vida, deixei tudo dentro do prazo de 10 dias, seguindo o decreto do Santo Tribunal, e como é ainda do mesmo decreto que é vontade dos Eminentísimos Padres que se eu quisesse recorrer das penalidades impostas pelo Diocesano, viesse quanto antes a Roma, vim obedecer. E como me acho privado, embora sem ter dado motivo algum, graças a Deus, até de confessar-me e comungar, vim aos pés de Vossa Santidade protestar a minha obediência e implorar a restituição das minhas



ordens, a permissão de voltar para o Juazeiro para onde não posso deixar de ir, pela extrema necessidade de cuidar dos meus, e de tantos outros, a quem por direito humano e divino sou obrigado, e ao mesmo tempo, humildemente pedir remédios a tantos males. Pelo que, Santíssimo Padre, por mim e por todos que sofrem e pela salvação de milhares de almas, vim depor aos vossos pés, as minhas súplicas e as minhas lágrimas[...].

O Pe. Cícero voltou de Roma perdoado, e certo de poder voltar a morar e celebrar a missa no Juazeiro. Dom Joaquim lhe restituiu o direito de celebrar a missa na diocese, mas não no Juazeiro. No Breviário dele, conservado por Dona Amália Xavier de Oliveira, uma nota lacônica, sem comentários:

(Pasta II) (01/03/1899): Voltei do Crato depois da carta do Bispo a Monsenhor Antônio Alexandrino, no dia 1º de março de 1899, para o Juazeiro. Cheguei às 11 da manhã. Juazeiro, 1 de março de 1899. P. Cícero Romão Batista.⁵⁵

Na longa carta que ele escreveu ao Pe. Constantino Augusto, em 1914, ele afirma:

(SAL 36, 57) [...] Fui nomeado capelão pelo Eminentíssimo Sr. Cardeal Parrochi na Igreja de São Carlos em Roma depois da absolvição do Tribunal e que se eu ficasse em Roma, me daria as mais faculdades; mas como eu queria voltar para o Ceará [...]

Na mesma carta, ele afirma:

55 Exatamente dez anos após a primeira aparição de sangue, na boca da Beata Maria de Araújo, na hora da comunhão.



Voltando de Roma na melhor boa Fé, o Sr. Bispo quis retirar-me de Juazeiro: e tendo a Santa Sé dado-me positivamente a faculdade de aqui morar e aqui celebrar com faculdade positiva de aqui celebrar; entretanto ele não fez caso da prescrição da Santa Sé e tratou de continuar a proibir-me celebrar no Juazeiro que podia celebrar em toda parte mas continuava proibição no Juazeiro.

Quando se falou de criar a Diocese do Cariri, Pe. Cícero fez tudo para conseguir que Juazeiro fosse a sede do Bispado. Ele encarrega o seu grande amigo Dr. Leandro Bezerra de conseguir o Patrimônio necessário:

(SAL 63,01) (25/09/1908): [...]Creio não há mais dúvida estar criada a Diocese do Cariri. Deus o quer e o venerando amigo foi o principal encarregado da Providência para essa grande obra na Igreja de Deus. Quando estive em Roma em 98, apresentei esse pedido escrevendo por meio de alguém a Sua Santidade Leão XIII e aqui, depois, mandei publicar nos jornais a necessidade de criação dessa Diocese neste Centro dos diferentes Estados que se limitam no Cariri, e o Juazeiro é o ponto principal por onde convergem de todas as partes, desde Alagoas até o Maranhão; o ponto desejado e querido de todos, próprio para uma grande cadeira de ensino de Civilização e de Fé entre populações que se estão barbarizando ainda mais do que eram. Fiz que os jornais publicassem para levantar a ideia e fazer propaganda, porém o meu bom e venerado amigo é que estava reservado pela Providência para fazer tudo. Agora, é completar. Deus, por sua bondade, multiplique os preciosos anos ao seu fiel servo que veja no humilde torrão de seus antepassados a sede de um bispado, na capelinha de Nossa Senhora das Dores, erigida por seu primo e afilhado, o Pe. Pedro, que talvez o meu bom amigo ainda se lembre



que a derrubei e fiz o que verá na fotografia que mando com o registro da imagem das Dores que nela se venera, grande e bonita, de tamanho natural, em lugar da pequena que se conserva como relíquia sagrada em um altar no consistório da mesma capela. Já escrevi duas cartas à Baronesa Ibiapaba, pedindo-lhe em nome de Deus e da alma do Barão, que faça o maior sufrágio que pode fazer para ele, dar o patrimônio do Bispado do Cariri e, para ela, a maior obra que pode eternizar o seu nome e que pode oferecer a Deus para lhe dar o céu. O Pe. Arnaud disse-me que ela o encarregara de dizer-me que me dará a quantia: lhe pedi para o patrimônio cento e cinquenta contos de réis, o que o Sr. Barão havia reservado para o asilo de mendicidade, na Fortaleza, que o Sr. D. Joaquim não quis aceitar. Pedi que ela passasse a doação de tudo para o patrimônio do Bispado do Cariri no Juazeiro do Crato, e reservasse a quantia que tem de sobra, em qualquer banco onde tem depósito. Ela assim queira como pode, e eu espero que fará não só porque tem um coração generoso e bom, como é grata e me tem sincera amizade. Sei que se o Barão fosse vivo, já me tinha dado a quantia precisa para o patrimônio. Mando-lhe uma carta da região ou território que deve ocupar o Bispado do Cariri com uma população razoavelmente avaliada em umas 500 mil almas, vão as fotografias das 3 ruas de Juazeiro que já tem mais de 2.500 casas. Sei que é um grande sacrifício para meu bom amigo ir conferenciar com a Ex.^{ma} Baronesa sobre o patrimônio do nosso Bispado do Cariri. Peço que vá a meu pedido porque, pela esperança que me deu e eu tenho, pode acontecer que, com esta conferência, fique tudo acertado. Eu escrevo a ela sobre o patrimônio investido para que me o dê. Já dei princípio na construção do sobrado que junto a uma casa que me pertence que entre portas e janelas tem oito de frente e pode servir para o Bispado e secretaria. A Santíssima



Virgem abençoe os nossos bons desejos e esforços, ao bom e venerado amigo e a toda Ex.^{ma} família. Disponha sempre de seu amigo e parente. P. Cícero.

O sonho do Pe. Cícero não se realizou⁵⁶; só teve que submeter-se.

(SAL 63,14) (24/12/1915): [...]O nosso primeiro e novo bispo do Crato, o D. Quintino Rodrigues de Oliveira é esperado aqui no dia 31 deste que pretendo ir assistir à primeira missa pontifical do novo bispado e felicitá-lo com as devidas reverências que lhe devemos, no 1º ano de 1916, que ficará uma data histórica na Igreja do Brasil[...] Trabalhei quanto pude para a criação do bispado sendo a sede no Juazeiro, como centro mais populoso do Cariri, porém o Sr. Bispo D. Joaquim não quis, dizendo que fazia questão de honra não ser a sede no Juazeiro mas bem no Crato. Assim me disse o Sr. Núncio[...].

É certo que Pe. Cícero entrou na política por amor ao Juazeiro, a seus olhos perseguido pela Igreja e pelo Crato. Procurou a sua independência, o seu crescimento, a sua prosperidade. Em 1923, por exemplo, ele escreve ao governador do Estado:

(SAL 23,34) (19/07/1923): [...]Tenho, outrossim, o subido prazer de comunicar a V. Ex^a que este município continua na mais completa paz e como sempre progredindo, sob todos os pontos de vista, rapidamente. Como já fiz sentir ao nosso eminente amigo Dr. Justi-

56 Cf. CRA 02,12: D. Joaquim ao Pe. Quintino: “Pelo que toca à criação do Bispado no Juazeiro... não vale a pena falar-se nisso... Ainda que o Pe. Cícero arrancasse de patrimônio mil contos de réis, jamais concorreria para criação da Diocese no Juazeiro, que é habitado por exploradores e explorados[...].” (Fortaleza, 19/04/09).



niano de Serpa, o Juazeiro tem o mais vivo empenho de reivindicar um direito que não lhe foi conferido por ocasião da criação da nossa comarca. Quero me referir ao termo de S. Pedro que pela situação geográfica, distância a relações comerciais e de toda ordem com esta cidade deveria estar sob a jurisdição do Juizado de Direito desta comarca. Igualmente para aqui deveria ser transferido o termo de Aurora porque quer política, quer geograficamente, Aurora pertence ao Cariri: “é a entrada do nosso grande e fertilíssimo vale e pertence ao nosso 69 distrito eleitoral[...]. Só a justiça do nosso pedido, consoante os motivos atrás expostos justificaria o apoio de V. Ex^a e realização deste nosso justo desejo[...].

No seu testamento, ele recomenda:⁵⁷

Aproveito o ensejo para pedir, a todos os moradores desta nossa terra, o Juazeiro, muito especialmente aos romeiros: que depois da minha morte não se retirem daqui nem o abandonem; que continuem domiciliados aqui, no Juazeiro, venerando e amando sempre a Santíssima Virgem Mãe de Deus, único remédio de todas as nossas aflições. [...] Torno extensivo este meu pedido também a todos os meus amigos, pessoas de outros Estados e Dioceses, romeiros também da Santa Virgem Mãe de Deus, isto é: que continuem a visitar o Juazeiro, em romaria à Santíssima Virgem, como sempre o fizeram.

Uma confidência do Pe. Cícero, encontrada numa carta ao amigo Joaquim Segundo Chaves, é um testemunho emocionante de amor ao seu Juazeiro ⁵⁸

57 Ver Sobreira, Azarias: op.cit.: p.403.

58 Ver Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*; Op. cit. p. 495



(Pinheiro) (1898) Tudo quanto me é mais caro está aí. (em Juazeiro) Posso dizer que está lá meu coração e minha alma, e eu ando por aqui (em Roma) somente em corpo.

A leitura dessas cartas e de seu testamento, revelaram a que ponto o Pe. Cícero amava o Juazeiro[...]. Assim nasceu de um sonho, de um compromisso místico, contra ventos e maré, o Juazeiro do Pe. Cícero.



PE. CÍCERO, O CONSELHEIRO

No sertão nordestino, o Pe. Cícero cumpriu o papel todo-poderoso de conselheiro. O povo, faminto de tudo, via nele o doutor, o professor, o pai, o orientador, o juiz. E ele aceitou o desafio de responder a esses anseios populares. As suas cartas são muito reveladoras da maneira, do jeito próprio do padre de aconselhar e julgar.

Em um Nordeste de fome e doença, ele era médico, ensinando ao povo os remédios do mato:

(Pasta VI-13/02/1929): Meu afilhado Salviano. Deus o guarde. Você vai bem em seu lugar. Faça cozimento de velame, puninha e batata de purga; tome uma xícara pela manhã e outra à noite. A Santa Virgem lhe abençoe e nosso Deus. De seu Padrinho.

(Pasta VI-25/04/1930): Meu afilhado Manoel Vicente. Deus o guarde em saúde, paz com todos os seus. Tome o chá de batata, cávola e velame muito tempo de manhã e de noite. Reze o seu ofício às almas do purgatório, todo dia. Do padrinho e amigo.

(Pasta V1-14/04/1920): Meu afilhado José, a paz de Deus o guarde. Dê ao rapaz 2 purgantes de jalapa, no chá de hortelã, faça cozimento de velame corobo e cabeça de negro. Ele tome 3 xícaras por dia. Se banhando



com o seguinte: bote uma panela com água, casca de quina-quina e o rapaz lava a boca, o rosto, e esfregue bem a cabeça; quando Deus quer, água fria é remédio. Disponha sempre do Padrinho.

Em 1876, ao próprio bispo Dom Luís ele mandava uma receita, a seu pedido:

(CRA 03,02) (12/01/1976): [...]Remeto pelo Pe. José Maria uma porção de manacá que V. Ex^a me pediu. Não sei se chegará, mas em outra ocasião oportuna, mandarei mais. Para tentativa, julgo que o que vai, chegará. Por aqui, costuma tomá-lo em banho morno, e do mesmo cozimento do banho, beber um pouquinho em quantidade muito diminuta, mas eu aconselho que, quanto ao uso interno, não deve ser feito sem a direção do médico, porque, em alta dose, é venenoso[...].

Tinha certo conhecimento das doenças e das causas delas, como se revela, por exemplo, numa carta escrita em 1878:

(CRA 03,06) (26/11/1978): [...]A bexiga já apareceu no Crato, vem ajudar ao carbúnculo que faz estragos nos que, doidos de fome, devoram os animais mortos por este mal[...].

Pe. Cícero não era só doutor, para o povo... ele aconselhava e dirigia com firmeza. A uma certa beata Luzia, que pedia esmola em seu nome, sem o seu consentimento, ele escreve:

(SAL 36,46) (11/09/1900): Beata Luzia, hoje, 10 de setembro do corrente, recebi uma carta do Rev.^{mo} Vigário, P. Pedro, de Belo Jardim, onde perguntou-me se já



havia chegado no Juazeiro e estranhando que você ainda continue quando desde muito já lhe tinha dito que voltava para o Juazeiro. Eu tenho estranhado muito e sobretudo quando andando debaixo do meu nome, sem ter nenhum documento assinado por mim, lhe autorizando esmolar como anda, e conduzir a imagem do Menino Deus daqui por estes lugares sem licença minha, e há um ano não fala em voltar. Pois bem, ao receber esta, não admito desculpas, venha e traga a imagem, que você bem pode considerar que isto não está correto e nem convém. Espero-a até o mês de dezembro senão aparecer-me, darei ordem e pedirei ao Vigário do lugar para receber a imagem e remeter-me com oportunidade que for possível. A Santíssima Virgem a abençoe e guarde.

De Roma, Pe. Cícero preocupava-se em dar conselhos às beatas, o qual era o orientador. Numa carta transcrita pelo Pe. Azarias Sobreira⁵⁹, ele escreve à beata Joana (Mocinha):

(Sobreira) (30/03/1898) Joana, Deus a abençoe.

Para não deixar de lhe mandar uma palavra de consolação e que não me esqueço de vocês, vão estas poucas linhas para animá-las, que a Bondade do Sagrado Coração de Nosso Senhor é infinitivamente maior do que a malvadeza dos que nos perseguem; e ele quer mais a nossa fidelidade do que nós desejamos. Portanto tenha muita confiança. Nele pela obediência e Fé que lhe deve e Ele lhe manda.

Em vez de ser uma desanimada, pelo contrário fique sabendo que agora, como sofre por causa d'Ele, é que tem o primeiro lugar no coração d'Ele. Ele mesmo seja

59 Sobreira, Azarias. *Op. cit.* p.105-106.



o seu Mestre, Confessor e Diretor, como você seja uma esposa que o ama muito; e procure ainda fazer mais por amá-lo; seja pontual em suas orações e faça por lembrar-se sempre de todas as palavras que tantas vezes ensinei; e as cumpra por obediência e amor ao Sagrado Coração de seu Deus que a ama infinitamente, e de tal modo que ninguém pode com Ele, nem impedi-lo de botá-la no Céu[...].

Seja mansa com todos e se aconselhem umas às outras, tenham muita caridade com minha Mãe. Rezem muito por mim; obriguem Nossa Senhora das Dores, que ela se encarregue de me levar logo.

Seus conselhos eram, também, muito concretos e práticos. Na mesma carta ele escreve à beata Mocinha:

Os impostos das casas encarreguem a Mestre José ou outra pessoa suficiente para ir pagá-los no Crato e trazer os recibos, e guardá-los pregados em um livro para não se perderem.

Ele termina esta carta voltando a aconselhar todas as beatas:

Esta cartinha sirva também para Isabel e para as outras; sejam todas como Nossa Senhora as quer; espero que tanta palavra, tanto conselho e direção sejam para vocês cumpridos como Nosso Senhor quer e manda por obediência a Ele; que quando a Santíssima Virgem me botar lá, as encontre umas esposas d'Ele e umas filhas d'Ela perfeitas.

A Santíssima Virgem abençoe você e a todas as outras, e eu em nome de Deus as abençôo como filhas em Jesus Cristo.



De Roma, ele manda uma lembrança para cada “menina”⁶⁰:

(Pinheiro) (11/07/1898) Agora mesmo tendo ido fazer uma visita ao lugar onde foi enterrada a cruz do Santo Apóstolo e primeiro Papa, trouxemos um pouco de terra banhada com o sangue de Apóstolo, que mando por José Lôbo, e será distribuída por cada uma das meninas e sirva para aumentarem na Fé

Dois jovens, Goldofredo e Alberto, queriam desistir dos estudos, no Colégio dos Irmãos Maristas. Pe. Cícero coloca-os frente às suas responsabilidades e ao futuro:

(SAL 36,60) (09/06/1933): Godofredo e Alberto. Deus os abençoe. Estou informado de que vocês estão com o pensamento de saírem do colégio. Venho, pois, preveni-los de que não consinto, absolutamente, nisto, e se teimarem e saírem, não contarão mais comigo para coisa alguma. Vejam que não é pequeno o sacrifício que venho fazendo para mantê-los aí e nem é pequeno também o favor que me vêm dispensando os beneméritos Irmãos Maristas, concedendo-lhes estadia e estudos, em um excelente educandário, por uma mensalidade insignificante. Se, portanto, vocês renunciarem a esta nossa boa vontade em proporcionarem-lhes meios de se educarem e virem a ser homens de bem e cidadãos úteis à Pátria e à família, é porque se mostram inferiores aos favores que, por uma graça de Deus, estão recebendo e, assim, não podem continuar a contar com o nosso amparo e proteção. Devo dizer-lhes isto com toda franqueza para que não fiquem iludidos a respeito do futuro. Fiquem, pois, sabendo que não consinto que vocês deixem o colégio e se deixarem, não conta-

60 Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*, *Op. cit.* p.495



rão mais comigo para nada. Mas, o que é preciso é que vocês pensem melhor, procurem ser bons, estudiosos, obedientes aos seus mestres, porque assim agradecerão a mim, a seus pais e a Deus. E espero que vocês ouvirão estes meus conselhos, mudarão de resolução e nos darão o prazer de vê-los satisfeitos continuarem os seus estudos, preparando-se para melhores destinos. E assim procedendo, vocês continuarão a contar com o padrinho e amigo certo.

Mas ele sabia, também, ajeitar situações de adolescente em crise. Uma menina, Maria, tinha confiado por carta ao padre, a tentação de suicídio, nesses termos:

(SAL 36,69) (Capricho, 09/01/1934): [...]O fim desta carta é para saber se o Senhor me quer para eu ir para a casa do Senhor ou para a casa de minha avó... eu não posso mais morar aqui, aconteceu um desgosto muito grande em mim que meu coração não deseja morar aqui. Eu tenho desejado tanto a morte e tenho tido vontade de beber veneno que se eu não for para lá o meu fim é este... Dê-me um conselho que estou sem plano, o meu pensamento é só para me matar[...].

O Pe. Cícero responde, escrevendo ao pai e à menina:

(SAL 36,69) (sem data): Amigo João Batista, Deus e Nosso Senhor o abençoe. Recebi uma carta de sua filha Maria, na qual ela me relata o sofrimento em que se encontra, motivado por um desgosto de família [...].O caso pode dar lugar a consequências desastrosas. Nestas condições resolvi fazer-lhe este pedido encarecidamente, que o Senhor consinta na vinda dessa sua filha para aqui, onde ficará na companhia da avó e do tio, sob a minha direção. Espero que o Senhor não faltará a este



meu pedido, e, portanto, fico esperando pela moça, a fim de ouvi-la e orientá-la, de acordo com o que me parece justo e concorde com a vontade de Deus. De seu amigo.

(SAL 36,69) (sem data): Maria, Deus a abençoe. Nesta data, escrevo a seu pai, pedindo para ele consentir na sua vinda aqui. Espero que ele me atenderá. Enquanto não vier, tenha paciência, reze todos os dias, pela manhã e à noite, o seu rosário, retirando do seu espírito todas as ideias más, principalmente, a de beber veneno, porque isto são coisas ensinadas pelo demônio para perder as criaturas. De seu padrinho e amigo.

Na freguesia de São Pedro, hoje Caririaçu, o Pe. Cícero tinha ouvido falar de brigas entre certos paroquianos e o vigário do lugar: “Vamos acabar com isso, Deus quer e eu exijo[...]” profere o padre em cartas ao Sr. Joaquim Rodrigues Melo e ao Coronel Maia.

(SAL 23,25) (30/12/1916): Amigo Joaquim Rodrigues de Melo, a paz de Deus lhe guarde e os seus. Tomo a liberdade de escrever-lhe um negócio grave que está se dando aí com vocês, e que é preciso acabar. Levantou-se uma questão contra Manoel de Lucena, contra quem você e o compadre José Maia querem fazer um processo, e ao mesmo tempo fazendo perseguição, telegrafando ao Sr. Bispo Dom Quintino, contra seu vigário P. Augusto. Como não vê que isto é uma coisa reprovada e que Deus castiga como um crime? Deixem isto que só serve de mal para vocês. Abandonem por completo este processo, vão se reconciliar com seu Vigário. É um conselho prudente que lhe dou, peça sua demissão de Delegado, para livrar-se de ser um instrumento de perseguição contra pessoa alguma e ainda mais contra o seu Vigário. Peço que faça o meu pedido que é prudente



e um bem e é preciso para a boa paz que Deus quer entre todos. A Virgem SS. lhe abençoe e a todos os seus. De seu amigo.

P. S. Escrevo também ao compadre Cel. J. Maia sobre este negócio. Vocês devem agradecer a Deus ter dado a vocês e à freguesia de São Pedro um Vigário bom e digno como o Pe. Augusto como todos sabem, e me entendam, para Deus os recompensar.

(SAL 23,28) (30/12/1916): Amigo Cel. Maia, a paz de Deus o guarde e família. Como amigo e interessado por você, tomo a liberdade de escrever-lhe sobre um negócio grave. Deu-se aquela questão sobre Manoel F. de Lucena, e este negócio tem tomado uma tal proporção que você, sua Senhora Dona Josefa, Joaquim Rodrigues de Melo, José Nogueira de Melo e mais alguns se declararam inimigos de seu virtuoso vigário, P. Augusto, a ponto de estarem fazendo o reprovado papel de denunciarem, em telegrama ao Sr. Bispo Dom Quintino contra o P. Augusto, bem conhecido do Sr. Bispo e de nós todos. Como é isto, meu amigo? Deixem isto, é preciso endireitar tão grande falta, enquanto Deus não se encarrega de puni-los; embora vocês tenham pouca fé, Deus os pune. Vamos acabar com isto, que é um mal muito sério contra vocês todos. Deus quer e eu exijo: acabem por completo; quero saber de meu pedido que espero será feito. Vão se reconciliar com o seu vigário, mesmo se confessarem com ele. Veja bem, alguém sabendo disto, pediu em um impulso de pouca reflexão, empenhando-se mesmo que escrevesse para o Rio pedindo sua demissão de telégrafo, eu não quis e não quero, que lhe desejo o bem, e nunca se meta, nem levemente, em coisa de fazer mal. Veja bem como você pensa pouco, quando apareceram outro dia aque-



les boatos que seria atacado o Juazeiro por tropas, e eu atacado, o telegrafista de Crato lhe perguntou se você achava isto bom, você lhe respondeu telegrafando que “achava bom”, como me veio às mãos o seu telegrama. Veja lá que se esqueceu destas palavras que Deus disse, que “nada é oculto, que não se descubra”. Eu não me dei por ofendido, nem levando isto por nada, porque sou sempre o mesmo amigo lhe desejando todo o bem. Porém, lhe aconselho sempre como amigo que deixe essas leviandades que não lhe servem, e quando saem fora, está você agoniado. Espero que faça o que lhe peço. Vou também escrever ao Joaquim Rodrigues sobre o caso. A Santíssima Virgem lhe abençoe, a dona Josefa e aos seus meninos. De seu amigo.

A colegas padres, de vida moral irregular, Pe. Cícero tenta convencer à conversão e faz propostas concretas para voltar a viver o celibato sacerdotal:

(SAL 25,17) (18/07/1918): Meu caro e bom amigo Pe. Lúcio. Laudetur J. Christus. Recebi sua carta, onde, tão expansiva e confidencialmente escreve-me. Espero que Deus o tirará do abismo onde os infortúnios da vida o atiraram. Deus lhe-o salva, lhe falo como amigo por quem tenho tanto interesse como por mim mesmo. É o sacerdócio de Deus que lhe reveste que reaja e corte de um golpe a amizade e a vida que você bem sabe quanto está fora do que Jesus Cristo quer, e deve ser um sacerdote de coração bom e inteligente como você é, Deus lhe chama e lhe quer um seu filho bem-aventurado no céu. Para facilitar as coisas, mando convidar a mãe e a filha para aqui, encarregando a João Rodrigues trazê-las no caso de quererem vir; soube que é uma professora aposentada que tem um ordenado de 600\$000; aqui, chega para passar modestamente. Como o meu bom



amigo deve de um modo ainda mais especial amar-lhes a alma e a salvação delas que tão infelizmente se distanciaram, não se oponha a vinda delas. Aqui, tem sido um refúgio dos náufragos da vida, tem gente de toda parte que, modestamente, vem abrigar-se debaixo da proteção da SS. Virgem. E, como é certo que todo bem, ainda os mínimos, vêm de Deus, e de todo mal, Deus é quem nos livra, ou por meio da SS. Virgem ou de seus Santos, ou por qualquer outra criatura, ou diretamente por si, porque só Ele[...] Deus, é o Criador de todas as coisas, ainda as mínimas, e o autor absoluto de todo bem e de toda graça. Falo assim como teólogo; elas vindo em busca da SS. Virgem, é um bem, é Deus quem as traz, e portanto, não se oponha. E torna-se mais fácil como você intimamente bem vê para tudo de sua vida de padre. Elas vindo, não será difícil o bispo novo, ou reintegrá-lo em sua freguesia, ou dar-lhe uma outra freguesia que lhe sirva. Reze, meu amigo, todos os dias o seu Breviário, o Rosário da SS. Virgem das Dores, e ame a pureza e a nobreza da sua vida sacerdotal, a sua salvação, para onde a SS. Virgem das Dores e o Divino Coração de Jesus lhe chamam. Ânimo, meu amigo, deixe tudo que Deus não quer, e vamos começar o Reino de Deus aonde reconheceremos. Não repare falar-lhe deste modo, é o interesse que tenho de vê-lo salvo e fora, por completo, das coisas que você bem sabe, não podem ser em quem se salva e muito mais no meu bom amigo que quero de todo coração vê-lo no céu e é o sacerdote do Senhor. Vá entender-se com o seu novo bispo, e pode acontecer que Deus lhe proteja e você se saia muito bem. Peço-lhe como amigo que recebendo esta minha carta que é uma voz de amizade que lhe tenho, comece o seu Breviário, todos os dias, o Santo Rosário da Mãe de Deus, a vida de bom padre, e nunca querer tirar a sua batina. *Deus super omnia. Oremus ad invicem.* Disponha sempre de



seu amigo e irmão em Jesus Cristo. P. S. Peça-lhe que leia mais de uma vez e reflita.

(SAL 36,59) (12/07/1923): Amigo Pe. Moisés *salutem in Domino*. Desde muito lhe conheço e sempre interessado pelo futuro de sua salvação. Como são coisas de confidências, de intimidade, e não tínhamos oportunidade de conversarmos, nós somente, aproveito[...] para escrever-lhe, como um irmão e como um amigo. Soube do seu infortúnio por uma carta do Cel. Bertolino e irmão. Eles, não compreendendo a gravidade do caso. Meu amigo, nunca é tarde para cuidarmos de nossa salvação e quanto mais próximos da morte pela idade, ainda que o meu bom amigo não é tão velho, mas já não é menino nas ilusões dos poucos anos. Já está em tempo de refletir e olhar para o nosso bom Deus e para o céu, o céu para si e o céu para essa pobre mulher que foi um instrumento quase inconsciente de seu infortúnio; e todos ainda podem ser santos, assim queiram e obedçam ao chamado de nosso bom Deus que ainda mais do que nós, nos quer fazer santos com Ele no Céu. É tempo, meu amigo, de obedecer ao chamado de nosso bom Deus, romperem essa infeliz vida e se salvarem. Estão ambos fora de Deus, de sua amizade, em vida de medonho pecado mortal que, morrendo assim, com certeza ambos se condenam e vão para o inferno. Meu amigo, isto é um horror, Deus não muda a sua Lei e Verdade Eterna porque, quem quer que seja, não lhe quer obedecer, deixar de o ofender com um pecado mortal, o crucifica sempre e ofende a sua face. Meu amigo, é tempo de deixar entrar em amizade com Deus que quer que ambos se salvem. É certo, estão fora do Céu e os nomes no número dos que vão para o inferno. Pelo amor da SS. Virgem das Dores, que os ama e quer ser a sua mãe e salvação, deixem já e se salvem. Venda



a metade do que possuem e vá ao Rio de Janeiro, e se matricule na Academia de Direito ou de Medicina; logo que lá chegue, entenda-se com o Sr. Bispo, converse francamente com ele, expondo-lhe os desejos sinceros de sua conversão, e o Sr. Dom Lemos, que é um bispo sábio e cheio de caridade como o Divino Coração de Jesus, como ele mesmo quer e manda: *Hoc est Preceptum meum, ut diligatis incem, sicut dilexi vos*. E ele se julga feliz em assim praticar com um de seus discípulos. E o Divino Coração que é Deus, quando disse e mandou, tinha, é certo, o P. Moisés, filho pródigo voltando para a casa do Pai mais alegre do que com todos os outros filhos, e tinha diante de si o Dom Lemos em lugar do Divino Coração, lhe abraçando em sua caridade de Pai, lhe restaurando a sua dignidade de sacerdote do Senhor e seu amigo. É natural que paternal e sabiamente, o faça entrar em um retiro de alguns dias para purificar no Santo Sacramento da Penitência, confessando-se e recebendo as vestes de Filho e Sacerdote do Senhor. Recebendo a faculdade de celebrar com as espórtulas das missas que aí lhe dão. Não esmoreça. Dê o primeiro passo e o resto, o nosso Bom Deus fará. Assim, já alcancei com outro padre que também abismado seguiu o meu conselho e é hoje doutor em Direito e vigário no Rio de Janeiro. Em falta de D. Lemos, entenda-se com o Sr. bispo D. Benaci; ainda em falta deste, volte para o seu antigo bispo D. Adauto, de sua Paraíba e tudo alcance. Não esmoreça, só que não pode ser e não queira, é ser um condenado no inferno, e no dia do juízo, lhe vermos entre os condenados. Nunca, meu amigo, a Santíssima Virgem não consinta, até lhe obrigando com todo poder de Deus e sua caridade de Mãe, não consinta. Reze todos os dias o seu Santo Rosário da Santa Mãe de Deus, é um pequeno sacrifício e uma oração dela, é um amor a Ela para o olhar como o seu filho. Meu amigo, lhe



mando um rosário bento e indulgenciado com a bênção da Terra Santa como o inscrevo na Irmandade da Terra Santa. Peça-lhe em nome de Deus que leia esta carta muitas vezes, que é de um amigo que lhe deseja todo bem como a mim mesmo. Leia, reflita e reflita. É Deus quem quer lhe salvar e dar remédio. Atenda por cima de tudo a chamada de Deus que lhe quer salvar enquanto é tempo. Faça também para converter e salvar-se esta infeliz Senhora que está em condições de cair em um inferno, para sempre, e Deus a quer salvar, ensine a rezar o Rosário da Mãe de Deus. Mas por cima de tudo, a deixe e entregue cheio de confiança os seus filhos a Santíssima Virgem das Dores e faça a sua partida. Deus lhe dá a graça para assim o fazer. Faça. A Santíssima Virgem das Dores o abençoe e a todos os seus. *Oremus ad invicem*. De seu amigo e irmão em Jesus Cristo”.

Os assuntos das cartas de conselho são dos mais variados. A um compadre, ele esclarece a lei canônica relativa ao batismo:

(SAL 36,58) (02/07/1916): Compadre e amigo Juca Bezerra, a paz de Deus nos guarde. Se a menina de quem me fala já foi batizada, em um Conselho Ecumênico (geral), foi decretado que não se deve rebatizar. E dizem os teólogos que os laços de parentesco (de padrinho) são, na ocasião, do batismo. Para aplicação dos santos óleos, não estando presente, ou não sendo possível assistência do padrinho, basta uma pessoa batizada e o padre que administra.

Mas como cada terra tem o seu uso, segundo o provérbio, assista fazendo essa consideração de amizade ao nosso compadre F. Luciano e também tomo a liberdade de mandar-lhe e oferecer como espórtula dois mil



e quinhentos réis (2\$500) para dar na ocasião. Sempre seu amigo.

P. S. Faça como for certo.

Outra vez, ele acalma um amigo temendo perseguição:

(Pasta VI) (setembro 1915): Amigo Francisco Filipe, a paz de Deus o guarde. Vocês estão ficando quase sem juízo, assombrados. Vocês não têm que temer, que não são criminosos. Portanto, não larguem o trabalho, e assim diga aos Pedros que as tropas daqui não os perseguem. Não abandone o trabalho, não têm que temer, o comandante das forças não é homem mau, é correto e não é perseguidor. Vá, falta dizer aos Pedros. Deus abençoe a todos”. P. Cícero.

A um romeiro, querendo vender tudo para ir morar no Juazeiro, ele orienta:

(Pasta VI) (22/04/1915): Amigo João Ferreira, a paz de Deus o guarde. Recebi sua carta por seu portador, de 12/2 último. Enquanto a venda de seu sítio trinta contos de réis (30:000/000Rs) já é uma quantia[...]. E não acredito pode servir, contudo ao seu modo de ver é que deve resolver como melhor convenha. Fiado nem um tostão, lhe advirto assim para não deixar iludir. Por ora, não convém vir agora, por que a crise é medonha de seca e de fome, a ponto de se terem retirado para outros Estados. Por aqui, não temos revolução, estamos em paz. O que estão fazendo horrores é a fome e a seca que amedronta tudo. A Santíssima Virgem lhe abençoe como a todos os seus. De seu amigo.

Até entre juiz e política, Pe. Cícero tenta aconselhar, como se vê numa carta escrita ao Dr. Juvêncio Santana,



Secretário de Estado dos negócios do Interior e da Justiça do Ceará:

(SAL 14,06) (28/05/1927): Juvêncio, saúde a você e a Beatriz. Ontem à noite fui procurado pelos nossos amigos, Capitão Firmino e[...] que me vieram mostrar um telegrama recebido pelo primeiro, do Dr. José Pires, chefe de polícia. O aludido despacho telegráfico tinha por objetivo determinar a aquele oficial a abertura de um inquérito contra o cabo de polícia e um civil, por delito cometido há mais de um mês. É certo que eu não ignorava o fato delituoso, mas estava na inconsciência das consequências que o mesmo dera lugar, entre o Dr. Juarez, suplente do juiz municipal em exercício e o delegado militar, acima referido. Só ontem à noite, ouvi então a leitura de uma carta daquele juiz, ao Capitão Firmino, pondo reparo à circunstância deste não haver aberto o respectivo inquérito. Desagradou-me, entretanto, o incidente entre os dois, e se é certo que os delinquentes foram punidos, o primeiro disciplinarmente com 25 dias de xadrez, retirado desta localidade, e o segundo com 8 dias de cadeia correccional e que também já retirou-se daqui; tratando-se além disto, de ligeiros ferimentos, ou antes ligeiras escoriações, que cicatrizar-se logo, peço-lhe para, entendendo-se com o Dr. Pires de Carvalho e o nosso amigo Juarez, atualmente nesta capital, pôr termo a esse pequeno desentendido entre os dois, ficando assim resolvido o caso, pois há de convir que esta desinteligência não deverá acarretar aborrecimentos nada justificáveis entre amigos e correligionários. Certo que você e o Dr. Pires resolverão isto a meu contento, sou como sabe, seu Padrinho e amigo muito afeiçoado.



Pe. Cícero intercede junto a José Ferreira, seu advogado, por um pobre rapaz. Eis a carta:

(Juazeiro, 23/01/1919): Compadre José Ferreira, agora chegou-me a queixa do Compadre Antônio Gonçalves que um seu filho Francisco, caixeiro de Doroteu Sobreira passando, o Pedro Ayres o provoca e prendem o Francisco. Isto não está bom. Ainda pouco, o Pedro deu uma bengalada neste Francisco, agora o ameaça e o prendem. Isto não está direito. Talvez queira processar o rapaz por qualquer pretexto, porque não pôde dar-lhe de novo. Eu não consinto neste processo e sei que você e Moreira não desconcordam deste meu parecer. De seu amigo e Padrinho que os estima. P. Cícero Romão Batista.

Pe. Cícero preocupa-se com o futuro dos jovens e os encaminha na vida. Veja-se esta carta ao seu compadre Francisco Moreira.

(Sem data): Amigo compadre F. Moreira, saudações: Kacildo de Sousa Santos bem seu conhecido, sobrinho de D. Miguel de Artur Romão, vai com destino a sentar praça no Exército. Aproveita a condição de voluntariado. Vai com destino a estudar. Faça o que puder que se saia bem. De seu amigo, P. Cícero.

Um dos conselhos mais frequentes que se encontra nas cartas do Pe. Cícero é, certamente, aquele de ter devoção e absoluta confiança em Nossa Senhora. Ele convida cada um a entregar-se totalmente a ela, Mãe protetora. Atente-se, por exemplo a um trecho da carta que ele escreve ao Pe. Benedito Basílio:



(SAL 25,38) (10/08/1929) [...] Com muita razão tem motivo das aflições que todos nos sofremos por esse diabólico flagelo de bandidos, verdadeiras feras que assolam o nosso sertão. Só temos que esperar da SS. Virgem que com certeza a tomemos por Mãe Nossa e nos entregamos a Ela cheios de confiança na sua caridade de Mãe Poderosa que nos defenda e nos livre desses demônios humanos. Eu tenho aconselhado sempre a todos que aqui vêm que rezem o Santíssimo Rosário da Mãe de Deus em sufrágio e salvação das almas do purgatório para que Ela nos tome e nos guarde e nos livre de tão grandes males e desses perversos que tantos crimes e males praticam. Rezem em espírito de fé e de verdade como Deus manda e com certeza Ela nos livra e nos guarda, os seus filhos. Assim eu tenho aconselhado e aconselho a todos, e os que são fieis e perseverantes têm sido guardados e livres pela Mãe de Deus que é a nossa Mãe Poderosa, e guarda os seus filhos.

Não se pode terminar esse tomo sem lembrar os últimos conselhos que Pe. Cícero deixou lacrados no seu testamento ⁶¹:

Que sejam sempre bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores às leis e autoridades civis e da Igreja Católica Apostólica Romana, no seio do qual, tão somente, poderemos encontrar felicidade e salvação. Estes conselhos que sempre dei em minha vida, não me canso de repeti-los para que, depois de minha morte, fiquem bem gravados na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre foram o objeto da minha maior preocupação.

61 Ver Sobreira, Azarias. *Op.cit.* p. 405



Essas cartas e as últimas recomendações escritas no seu Testamento, deram a oportunidade de perceber com mais nuances o jeito de aconselhar, orientar e até de exigir do Pe. Cícero em vários assuntos da vida. Esses documentos revelam muito a personalidade desse padre, conselheiro do sertanejo.



O PE. CÍCERO E A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE E DO POVO

Ralph Della Cava expõe, com clareza, as dificuldades encontradas pelo Pe. Cícero em matéria de educação organizada em Juazeiro.⁶² As congregações religiosas temiam responder a seu pedido de criar casas e escolas em um Juazeiro suspeito pela hierarquia da Igreja. O padre mantinha cerca de 12 escolas particulares, fundou um dos primeiros orfanatos do interior, mandava jovens de Juazeiro estudar nas capitais, pagando bolsas de estudo, doou terras ao governo para criar a primeira Escola Normal Rural do Nordeste Brasileiro; e, por testamento, entregou quase todos os bens aos Salesianos para que eles abrissem um grande colégio e fizessem obra de educação na cidade que ele fundou.

Nas conversas com o povo, descobrem-se, também, outros fatos reveladores. Por exemplo, uma senhora idosa, alfabetizada, explicou como tinha tido a chance de estudar quando criança: o pai, viúvo, foi pedir ao Pe. Cícero a licença para casar-se uma segunda vez. O sacerdote mandou chamar a futura madrasta das duas crianças do

62 Della Cava, Ralph, Op. cit., p. 220.



primeiro casamento e deu licença para o casamento com a condição de que ela colocasse as duas meninas na escola. Foi assim que a nossa boa amiga, D. Zefinha André, aprendeu a ler e a escrever. Esse exemplo e muitos outros alertam sobre a preocupação do Pe. Cícero para com a educação da juventude dos dois sexos.

E como não lembrar, aqui, a história pitoresca e quase lendária da conversa do Pe. Cícero com Pelúzio Correia de Macedo, e que revela o dom pedagógico do sacerdote⁶³:

(BARBOSA) Padre Cícero, vendo que Juazeiro estava crescendo, ficou preocupado em propor ao povo emprego para viver dignamente. “Olha, Peluzio, fico triste quando vejo essa criançada crescendo, sem ter um ofício. Já estou encaminhando uns para aprenderem a arte de sapateiro, pois é uma arte que sempre dá, todo mundo precisa andar calçado; outros, encaminhei para a ourivesaria, a fim de se tornarem bons artífices, e agora, desejo montar uma fábrica de relógios [...]

— Meu Padrinho, e onde vai ser essa fábrica?

— Aqui em Juazeiro.

— E onde o Senhor vai mandar buscar os engenheiros para fazê-la funcionar?

— Aqui em Juazeiro!

— Em Juazeiro?

63 Ver por exemplo: Barbosa, Walter. *Padre Cícero, pessoas, fotos e fatos*. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1980.



— Sim, homem de Deus. O engenheiro que escolhi foi você. A fábrica vai ser dirigida pelo meu bom amigo e afilhado.

— Mas, meu Padrinho, eu nunca tive a menor noção de tal coisa.

— Pelúzio, para você não há problema. Temos que montar essa fábrica de relógios monumentais, a fim de servir de escola para uma parte dessa rapaziada.

— Mas, meu padrinho, como é que eu posso fazer uma coisa que eu nunca fiz?

— Fazendo a primeira vez! Olhe, vou mandar comprar um despertador. Quando esse chegar, você desmonta, veja como funcionam as suas peças, estude-as. Depois você as montará. Quando isso acontecer, já se tem meio caminho andado para se implantar uma fábrica de relógios no nosso Juazeiro.

— Mas meu Padrinho, e como vou fabricar essas peças?

— Meu camarada, você usa o mesmo processo dos ourives. Faz fundição em areia. Quanto às ligas dos metais, essas, os livros ensinam.

Na Praça Padre Cícero, ainda hoje se encontra um dos relógios fabricados em Juazeiro [...] relógio que marcava inclusive as fases da lua.

Eis um exemplo típico dos métodos utilizados pelo Pe. Cícero: ele acreditava e confiava nas possibilidades da pessoa, indicava o caminho a seguir, motivava o escolhido mostrando-lhe as consequências positivas de tal esforço



de aprendizagem pela prática, pelo concreto. O projeto, que parecia impossível para o Mestre Pelúzio, tornava-se viável, realizável [...]

Quase todas as cartas do Pe. Cícero a D. Luís, 1º bispo do Ceará, revelam uma preocupação com a criação e o funcionamento do Seminário do Crato:

(CRA 03,01) (27/04/1874): Não posso vencer o desejo de falar a respeito do nosso Seminário. O povo está na maior animação [...].

(CRA 03,03) (17/05/1877): Desejo demais o desenvolvimento deste seminário que eu quisera poder fazer tudo que não se teria dado aquela espécie de crise que a eu não saber que as obras de Deus sempre são seladas com o cunho da adversidade, teria esmorecido de seu futuro. Felizmente, vai tudo bem [...].

No álbum do Seminário do Crato (em comemoração ao cinquentenário de sua fundação – 1875-1925), foi descoberto que foi o próprio Pe. Cícero quem defendeu a ideia da criação de um Seminário na Zona Sul Cearense:⁶⁴

O ilustre prelado (Dom Luís) que já fundara o Seminário de Fortaleza, exultou ao receber a carta dos lazaristas e logo quis pôr em prática a ideia de dotar a Zona Sul cearense de uma casa de instrução congênere à da Capital, como anos antes lhe tinha sugerido o Rev.^{mo} Pe. Cícero Romão Batista, então recentemente ordenado.

O próprio povo de Juazeiro se uniu ao padre para construir o seminário.⁶⁵

64 Álbum do Seminário do Crato. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1925. p. 25.

65 *Op. cit.*, p. 32.



O P. Cícero veio, certa vez, do Juazeiro, com uma multidão de pessoas, e, segundo informação segura, fez encher muitos metros de alicerce, em um só dia.

O Pe. Cícero tinha certa reserva quanto à educação dada pelos missionários estrangeiros, no seminário:

(CRA 03,01) (27/04/1874): E a falar com franqueza, esses missionários que têm de vir não têm muito jeito para estas empresas, sabem mais dirigir do que criar: contudo se fará porque é obra de Deus e basta a fé[...].

A pedido do bispo, o Pe. Cícero apresentou-se ao Pe. Boa-Vida, português, para ser professor no seminário:

(CRA 03,03) (17/05/1877): Logo que recebi a carta de V. Ex^a fui entender-me com o Pe. Boa-Vida que dispensou-me dizendo que segundo a distribuição das aulas já feitas[...]. Não precisava. Contudo, já me ofereci uma segunda vez e foi a mesma resposta e no caso de precisão me chamaria. Estou pronto[...]. Porque eu desejo demais o desenvolvimento deste seminário. O novo reitor, se acaso não for como o nosso Pe. Enrile, que é muito custoso vir um Pe. Enrile entre nós, é de muito bom senso e o substituirá bem[...].

Nos arquivos do Pe. Cícero, foram descobertas cartas de apresentação de jovens que ele mandava estudar nas capitais:

(SAL 01,03) (22/02/1934): Desejo muito encarrear para uma profissão útil o meu afilhado Cícero, filho do nosso amigo João Bernardo, é um menino de 11 anos de idade, robusto e inteligente, que poderá ter um bom futuro se conseguirmos colocá-lo em um estabelecimento de educação[...].



Para um estudante em medicina, obrigado a parar os estudos para entrar no quartel, Pe. Cícero escreve ao Dr. Francisco Sá, senador:

(SAL 23,29) (13/03/1917): Tendo sido sorteado o quartanista de medicina da Faculdade da Bahia, o talentoso moço José Alencar Arraes, seguiu para o Rio a fim de cumprir a lei que faz do Brasil um grande quartel, vai de acadêmico ser soldado, trocar o bisturi para máuser, o recomendo ao seu valioso prestígio e proteção, que possa mais facilmente terminar sua carreira. Aí já tem um outro moço nosso amigo seu conhecido e recomendado, o distinto acadêmico Antônio Xavier que se empenha comigo, que escreve ao meu bom amigo que lhe melhore de colocação. Espero, como amigo que não me tenha por exigente. Peço-lhe por ambos, contando por certo, que fará a eles o que puder.

Pe. Cícero seguia, com firmeza, os meninos que mandava estudar, como se viu na carta (SAL 36,60) que foi transcrita, por completo, em “Padre Cícero, o conselheiro”, página 104.

Em uma outra carta, ele aconselha um senhor responsável de dois sobrinhos órfãos:

(SAL 20,39) (05/08/1916): Faça que o Miguel compre um pedaço de terra para trabalhar e viver. A menina fica aqui mesmo, educando-se até, quando Deus quiser, ela case-se.

Ao comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros, ele pede uma educação religiosa para os alunos:



(SAL 07,11) (22/08/1910): Recomendo, porém, a V.Ex^a (permita a declaração e a exigência) que se esforce para que os seus alunos recebam também educação religiosa perfeita, porque não duvida, sem essa educação, não há agremiação que pródiga e que seja útil a si, à família, à sociedade e à Pátria.

Ele parecia ter uma opinião bastante completa do que podia ser “educação”; em uma carta a um monge beneditino, fala de organizar uma orquestra de crianças em Juazeiro:

(SAL 28,04) (26/09/1917): Se V.Rev.^{ma} ainda tiver a citara e o método, desejo que me faça o favor de devolver-me e remeter pelo Sr. Francisco Andrade, se tiver as duas de V.Ex^a. Como estou fazendo uma orquestra de instrumentos de cordas, de meninos órfãos, pobrezinhos que escaparam de 1915 (a seca), ainda mais lhe agradeço ceder-me. Aqui, passou-me de passagem um seu patrício (alemão) para viver tocando um pistom, ou trombeta, tive pena[...].

Em 1914, ele procurou convencer os franciscanos a abrir uma casa no Juazeiro:

(SAL 28,01) (19/11/1914): Meu caro e bom amigo Rev.^{mo} Frei Cyriaco Hielscher, Comissário geral da Terra Santa no Brasil, *Salutem in Domino*. Recebi a sua estimável cartinha de 22 de outubro último, estava ansioso de vê-lo depois de sua vinda da Terra Santa, o grande desejo que tenho de ser fundada aqui uma casa de franciscanos menores, e a esperança que só V. Rev.^{ma} é o natural e próprio encarregado de São Francisco, que nos fará esta santa obra de Deus, como fez em Petrópolis, só ficava satisfeito conversando de viva voz com V. Rev.^{ma}. Pretendo escrever ao Senhor Bispo Dom Manuel logo



que eu saiba da chegada dele em Fortaleza, não obstante propagamos ele e em nome de Deus e a SS. Virgem nos venham trazer São Francisco para o Juazeiro fundando aqui uma sua casa para salvar almas e um colégio para ensinar a santa doutrina no meio de uma grande população que tem a melhor boa vontade para as coisas de Deus Pai[...]

Enfim, descobrem-se diversas cartas de agradecimento, vindas de estabelecimentos de educação, pela ajuda financeira do Pe. Cícero como, por exemplo, da Santa Casa de Misericórdia do Ceará, do seminário menor metropolitano de Pirapora, do vigário da cidade de Floriano, Piauí, do convento das Carmelitas, em Recife, do Pe. Ezequiel Fraga, vigário geral, de registro de Araguaia... Ele ajudou até orfanatos em Belém, na Palestina.

Em 1929, por exemplo, a pedido da Irmã Emília, superiora da Congregação do Santo Rosário, em Belém (Palestina), o padre mandava quinhentos mil réis para o orfanato da Cidade onde Jesus viveu tantos anos :

(SAL 25,37) (02/04/1929): Venerável amigo, Dom Giacomo Maggi, só agora posso ter o grato prazer de responder a vossa prezada epístola, datada de 30 de outubro do ano passado. Com ela, recebi também umas fotografias da vossa casa, consagrada a Jesus Adolescente e, atendendo a vossa solicitação envio para o orfanato, a cargo dessa benemérita instituição cristã, a quantia de quinhentos mil réis com que me fará concorrer como auxílio a sua manutenção. Com os meus protestos de estima, amigo e irmão em Jesus Cristo, *Oremos ad invicem*. P. Cícero Romão Batista.



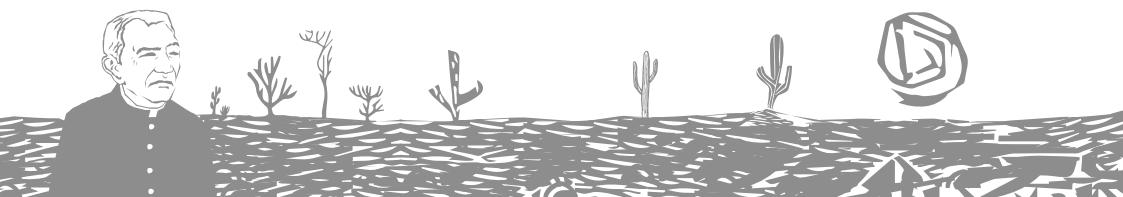
Suas últimas vontades escritas no seu testamento do dia 4 de outubro de 1923,⁶⁶ revelam a importância que o Pe. Cícero atribuía ao desenvolvimento da educação, no Juazeiro:

[...] deixo, na maior parte, para a Bem-Aventurada e Santa Congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde aqui no Juazeiro os seus Colégios de educação para crianças de ambos os sexos.[...]. E rogo a esses bons e veneráveis servos de Deus, os Padres Salesianos, que me façam esta grande caridade, instituindo nesta terra uma obra completa. Estou certo, não só porque eu conheço a índole deste povo aqui domiciliado, assim como (a índole) das populações sertanejas que aqui frequentam e por meio de bons conselhos tenho educado na prática do Bem e do Amor a Deus, e mais ainda porque o pedido que faço, estou certo, repito, que todos os romeiros aqui domiciliados ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim, e em louvor e honra à Virgem Mãe de Deus, continuarão a frequentar este meu amado Juazeiro com a mesma assiduidade; e auxiliarão aos Beneméritos Padres Salesianos, como se fosse a mim próprio, para a manutenção aqui, da sua obra de Caridade Cristã, isto é, dos seus Colégios, cuja existência, destes mesmos Colégios, nesta terra, para todo e sempre, será a maior tranquilidade para a minha alma na outra vida.

Tais são as poucas cartas e escritos, porém reveladores, mostrando a preocupação que o Pe. Cícero tinha em matéria de educação em geral, de formação religiosa e profissional da juventude do Juazeiro e do mundo.

66 Sobreira, Azarias. Op. cit. p.399-340.





PE. CÍCERO, ROMEIRO EM ROMA

Pe. Cícero foi romeiro no pleno sentido do termo. De fato, a palavra “romeiro” vem de Roma e lembra que o grande centro de peregrinação católica é a Cidade Eterna.

Pela força dos acontecimentos, viajou até Roma e, como todo peregrino, visitou os lugares históricos da fundação do catolicismo. Só são encontradas duas cartas contando com certos detalhes as impressões do padre. Elas são tão reveladoras que se decidiu merecerem um pequeno tomo.

Em uma carta ao Cel. Joaquim Segundo Chaves, encontrada no livro de Irineu Pinheiro⁶⁷, o Pe. Cícero descreve uma visita feita em um certo domingo de maio de 1898.

(Pasta VI): [...] Nem você, velho Segundo, sabe quantas vezes eu me lembro de você, caminhando por estas ruas de palácio agigantados, cheias de povo como formiga, estrangeiros de toda parte, entrando e saindo. Ingleses pachorrentos vendo e revendo, armados de guias e cartas de Roma, tantos monumentos e obras de arte, que se você estivesse aqui, com o seu gênio amador de recordações antigas, talvez se transformasse em um cristão do tempo de S. Pedro. Que impressões tão

67 Pinheiro, Irineu. *O Juazeiro do Padre Cícero e a guerra de 1914*, Op. cit. p. 162-164.



agradáveis, domingo passado indo eu fora da cidade, pela via que costeia o Tibre, quando deparei com uma pequena Igreja e em cima da porta uma inscrição e as figuras de S. Pedro e de S. Paulo; é o lugar onde S. Paulo, quando veio para Roma depois da apelação para César, S. Pedro com vários cristãos o foi encontrar e abraçaram-se, Paulo o reconhecendo Chefe da Igreja e Pedro o nomeando Doutor das gentes, e juntos entraram em Roma para saírem mais tarde para o céu, Paulo pela mesma porta e Pedro para o lado do Janículo, ambos no mesmo dia 29 de junho de 67, 34 anos depois da morte de Jesus Cristo. Demorei-me um pouco neste lugar de tantas recordações e daí fui às 3 fontes que ainda hoje contam a história do cristianismo e pregam a fé[...] Agora mesmo, chego do Vaticano onde fui assistir à sagração do Arcebispo de Nápoles, o Cardeal Prisco, e ouvir missa do Santo Padre, sendo ele mesmo quem fez a sagração do arcebispo, na Capela Cistina. São solenidades tão imponentes que é melhor ver do que contar. Será uma hora de entretenimento agradável quando nos achamos juntos[...].

Pe. Azarias Sobreira transcreveu outra carta do Pe. Cícero ao “bom amigo Segundo”:⁶⁸

(Sobreira) (1989) [...] Como domingo, depois que saiu José Lôbo, eu, com o espírito tão cheio de amarguras, desterrado em terra estrangeira, sem ter, graças a Deus, cometido crime, e sem saber as aflições e privações de minha mãe já no fim da vida, fui desafogar o coração fazendo uma visita às catacumbas e basílica de São Sebastião, que me parece estar a umas três ou quatro léguas de onde moro.



Chamei João David e encaminhei-me para a praça Navarra ou Agomal, antigo Circo de Alexandre Severo, ornada com três magníficas fontes, com admiráveis estátuas simbólicas do paganismo; várias igrejas, entre elas uma de Santa Inês, onde a prenderam, e a despiram e um anjo cobriu-a e defendeu da infâmia que a maldade de Satanás queria, onde a botaram dentro de um grande fogo e depois a degolaram.

Daí segui para a praça Minerva onde demorei um pouquinho. Continuei passando no antigo templo da deusa Vesta, onde junto era o recolhimento e morada das vestais, aquele mesmo onde estava aquela Santa Márcia, cuja vida nós lemos aí. Idalina sabe. Entrei no templo que é consagrado hoje à SS. Virgem, encaminhei-me para a rua do Coliseu, passei ao pé desta imensa montanha de construção humana cujo solo foi embebido pelo sangue de muitos milhões de mártires. Consolei-me pensando que aqueles por amor de Nosso Senhor tinham sofrido até a morte e eu, se não tinha sofrido a morte, minha alma, por amor de Nosso Senhor, passava por angustias como as de quem morreu.

Passei no Circo Máximo, mandado construir por Tarquinio Prisco, restaurado por Vespisiano, acrescentado por outros imperadores e que comportava até quatrocentos mil espectadores; passei a porta de São Lourenço, e já fora dos muros procurei a Via Apia, a maior das que tinham construída os antigos romanos por ordem de Áppius Claudius, ornada de muitos monumentos, cujas ruínas ainda atestam sua grandeza. Desviei-me numa pequena distância enquanto ia às termas do Caracala, que eram, meu amigo, uma coisa tão enorme que a gente se admira só das ruínas; tinham uma légua e tudo com tanta magnificência que eram uma das maravilhas de



Roma. O homem que assiste aí me mostrou a planta. Voltei e tomei outra vez a Via Ápia, entrei em seguida na pequena Igreja onde Nosso Senhor apareceu a São Pedro, quando este ia fugindo de Roma; mostraram-me a pedra onde Nosso Senhor esteve em pé e deixou impresso os dois rastos.

Iamos somente eu, João David e um bom homem que nos levava no carro; aí ajoelhei-me e rezei a Nosso Senhor para que nos desse paz, e creia que me lembrei de você.

Depois estive um pouquinho de tempo no sepulcro dos Cipões que era um monumento de três ordens com um vasto subterâneo dentro de um monte; entrei nele uma pequena distância e sai na entrada, pegado naquela parede. Com testemunha tirei esta flor que vai aqui dentro; é perto do Arco de Druso, construído em sua honra pelo Senado, em memória perpétua de suas vitórias contra os germanos.

Passamos e fomos à Basílica de São Sebastião, erigida no Cemitério de São Calixto, no mesmo lugar onde Sata Luciana, matrona romana, sepultou o corpo de São Sebastião. Perto se vê o sepulcro de Cecília Metela, na continuação da Via Ápia, que segue até Cápua.

Entramos na Basílica, que não tinha ninguém dentro, com exceção de um frade muito velho franciscano que já caminhava arrastando os pés, arrumando um altar; e lá para o consistório uns meninos de camponeses a quem dois padres ensinavam a doutrina.

Unido à Igreja está um convento de franciscanos que zelam a basílica e as catacumbas. Chamamos um frade e depois de curta oração, pela qual é concedida indulgência



plenária, visitamos os altares, particularmente a capela e o altar onde está a estátua da São Sebastião. O frade deu a mim e a João David um pequeno archote de cera branca e por uma parte esquerda descemos nós três.

Que recordações tão agradáveis tive eu! Vimos um antigo sacrário de pedra daquele tempo, andamos por aqueles corredores estreitos, em que está colocada aquela imensidade de sepulturas de mártires e de cristãos que ali se refugiavam, ocultos ali em busca do céu.

Andamos muito de vez em quando encontrando um lugar mais espaçoso que servira de capela onde se administravam os sacramentos; uma pia batismal naqueles centros da terra, uma inscrição, um sarcófago de pedra, e finalmente, meu amigo, as catacumbas de São Calixto; nelas estão sepultados quatorze papas e cento e setenta mil cristãos. Aqui estiveram também, por algum tempo, ocultados os corpos de São Pedro e de São Paulo; estive aqui neste lugar.

Constantino edificou esta igreja e muitos pontífices contribuíram para torná-la uma das mais interessantes de Roma. Creia-me que, quando estava naquela solidão, entre aqueles fradinhos tão humildes e tão poucos, sem terem outra ocupação senão Deus, esquecidos do mundo e em tanta paz, tive vontade de ficar também ali, porque bem me parece que é uma porta do céu aquêle repouso de tantos milheiros de mártires e de bem-aventurados que já estão gozando de Deus e esperam seus corpos e ossos ali pelo grande dia de Juízo para glorificarem a Deus por sua fé.

Vi lá caveiras, canelas, braços, dos quais com toda a certeza hei de ver seus donos cheios de vida, sendo felizes. Meu amigo, realmente aquilo convida ficar-se



ali em companhias tão santas. Andamos e descemos a uma grande profundidade, depois saímos para dentro da mesma basílica por outra porta, do lado direito. Pedi qualquer coisa que servisse de memória. Eram talvez cinco da tarde e voltei para o albergue a pensar em tudo daí, só desejando e pedindo a Deus que, como não posso ficar, me leve logo em paz, que muito duvido me deixem mais gozar [...].

No mês de março, do mesmo ano, Pe. Cícero escreve uma longa carta à sua mãe, que já foi transcrita uma parte em momento anteriore a este. Aqui, vai a relação de suas emoções, subindo a Escada Santa:

(SAL 12,22) (Roma, 24/03/1898): [...] Já tenho visitado a maior parte dos santuários mais célebres daqui; mas nenhum há que me tocasse tanto na alma como a Escada Santa; a mesma por onde Jesus Cristo, para o palácio de Pilatos, subiu em dolorosa paixão, caindo gotas de seu sangue nos degraus que ainda hoje se conservam e se adoram. Esta Escada foi trazida de Jerusalém para Roma; tem 28 degraus de pedra mármore e está colocada em um Santuário mandado erigir pelo Papa Sixto V, perto da grande Basílica de S. João de Latrão; os degraus da escada estão cobertos com outros de madeira; e em 4 partes dos degraus onde se conservam algumas pérolas do precioso sangue de Nosso Senhor, está coberto com uma roda de vidro. Sobe-se de joelhos até em cima, onde está o Santuário cheio de preciosas relíquias; sobe-se rezando; e eu impressionado como se estivesse vendo Nosso Senhor subindo e eu acompanhando; a Santíssima Virgem cheia da maior mágoa; aí pedi muito a Ela e Ele que tanto quis sofrer por amor de nós, por minha mãe, por Angélica, por cada um de vocês e por todos daí. No fim, um frade dos que são encarregados de zelar



este lugar tão santo me deu este pequeno registro como lembrança da visita, que também lhe mando[...].

Em uma outra carta, ele descreve para a Mãe e Angélica outra visita que o impressionou, e manda outra lembrança para as beatas⁶⁹:

(Pinheiro) (11/07/1898) Agora mesmo tendo ido fazer uma visita ao lugar onde foi enterrada a cruz do Santo Apóstolo e primeiro Papa; trouxemos um pouco de terra banhada com o sangue do Apóstolo, que mando por José Lôbo, e será distribuída por cada uma das meninas e sirva para aumentarem na fé.

Mas, nessas visitas em Roma, o Pe. Cícero guardava, sempre, o peso dos seus problemas com o Santo Ofício. É pelo menos isso que ele deixa transparecer, numa carta ao Pe. João Carlos, anunciando-lhe a absolvição dos cardeais:

(SAL 12,30) (Roma, 13/09/1898): [...]Agora que eu estou desafogado é que vou respirando o ar de Roma[...].

Conseguiu audiência com o Santo Padre, no dia 6 de outubro, e escreveu em nota no seu Breviário, conservado por Dona Amália Xavier de Oliveira:

(Pasta II): Hoje, 6 de outubro de 1898, ao meio-dia, dia de S. Bruno, tive audiência do Santo Padre, fui apresentado por Monsenhor Cagiano de Azevedo e falei só ao Santo Padre e lhe ofereci um rosário de ouro da Santíssima Virgem e ele benzeu dois crucifixos que intencionei dar ao meu bispo o Sr. D. Joaquim e o

69 Pinheiro, Irineu: *Efemérides do Cariri*, *Op. cit.* p. 495.



outro ao Sr. Bispo de Olinda, o D. Manoel. Fui para o Vaticano com o Padre Vicente Buccheri, canônico, e João David.

No mesmo Breviário, pode-se ler a nota seguinte:

(Pasta II): Hoje, 8 de outubro de 1898, visitei o Santuário de Pompeia; aí celebrei no altar privilegiado às 11 horas do dia (sábado). Antes de voltar para Nápoles, no mesmo dia, confessei-me com o Padre Caetano Landulli, ótimo sacerdote que me deu alguns ricordi e o seu endereço, como pediu-me o meu para escrever-me para o Brasil. Valle de Pompei, 8 de outubro de 1898.

Assim, pôde-se acompanhar o Pe. Cícero, romeiro, nas suas visitas, penitências e descobertas, em Roma e na Itália, nos poucos escritos que foram conservados dessa sua romaria.



PE. CÍCERO, O SOFREDOR E OS INJUSTIÇADOS

Na leitura de muitas cartas aparece um padre sofredor. Reagiu contra injustiças feitas aos pequenos e marginalizados. No item “Pe. Cícero, o nordestino e o flagelo da seca”, a seguir, consagra os problemas da seca do Nordeste, e revela, também, esse lado do comportamento do padre para com o sofrimento do povo, chamando-o a reclamar os seus direitos.

Mas o Pe. Cícero, também, viveu entre 1898 e 1934, com o profundo sentimento de ser ele mesmo, um injustiçado, um “bode de expiação” como escreve ao Pe. Fernandes, na carta (SAL 26,10).

Pode ser que esses sentimentos comuns de sofrimento e injustiça uniram mais do que tudo o padre ao povo nordestino até hoje.

Apresentar-se-ão, aqui, diversas cartas do padre a favor dos sofredores, e outras revelando o seu próprio sofrimento de se sentir julgado, perseguido e condenado injustamente.



Em vários documentos, encontra-se um padre tomando a defesa do mais fraco. Lembre-se a carta escrita à beata Mocinha, afirmando o direito de certa Carolina de ficar morando com eles, mesmo doente e dando trabalho:⁷⁰

(SAL 36,42) (Crato, 23/02/1899): Não quero que mostrem enfado com Carolina, nem desejem que ela volte para casa do pai; pode aproveitar a mudança do ar, porém somente por isso como uma tentativa para ver se aproveitaria, mas de modo nenhum por enfado de vocês. A amizade se conhece é na adversidade.

Ele reagia, também, contra as injustiças mundiais, como podia. Em 1906, ele escreve ao cônsul da França, em Fortaleza, a favor dos judeus perseguidos naquele país:

(SAL 07,06) (19/03/1906): Ex.^{mo} Sr. Achilles Boris, Fortaleza. Não vos é desconhecido, Sr. Cônsul, a perseguição que vitima na Rússia os nobres descendentes de Israel e de Judá. Onde quer que chegue a notícia de seus sofrimentos, não pode deixar de contristar o coração humano e de interessá-lo pela sua sorte. É com efeito inaudito, sem nome e sem exemplo na história, o despotismo que os oprime na Terra do Urso. Se ali constituíssem uma nacionalidade, já tinham sido esmagados até o extermínio. Deus que não o permitiu e os constituiu súditos de todas as nações, tem de certo seu plano de salvação em favor deles. Urge, pois, realizá-lo, que não há tempo a perder em quadra de tanto horror e de tamanha dor. Entretanto, os perseguidos valem muito por si mesmos, valem mais ainda pelos irmãos que

70 Já apresentamos esta carta ao leitor, em momento anterior.



contam em toda parte, e valem tudo pela universalidade das nações que os abrigam em todo mundo. Têm, pois, todos os elementos para ser o povo rei do universo - somente sujeito ao Rei dos Reis que os predestinou para as grandezas da terra e do céu. Para atingirem o duplo fim de seu glorioso destino, bastava-lhes manter entre si, no mesmo plano de vista, certo espírito de fraternidade e de união capaz de fazer de suas individualidades em qualquer nação a maior potência do mundo. Ah! Ex.^{mo} Sr. Cônsul, é este espírito de fraternidade que vos peço, faça valer era favor deles nas crises dolorosíssimas que os esmaga na Rússia como se fossem cães sem dono. Em seu favor, pois, escrevo a vossos confrades do mundo inteiro e aos governos sob cuja bandeira se abrigam, interessando todos para subtraí-los às garras... do Urso e dar-lhes o direito de viver, que todas as nações, até mesmo pelo direito da força, têm obrigação de manter os seus súditos em qualquer parte se achem. Não me leveis a mal, Sr. Cônsul, o interesse que tomo pelo vosso povo. Ele é digno de melhor sorte e o apreço que lhes consagro de coração é o mesmo com que me confesso e me suborno - De V. Ex.^a, venerador e amigo. P. Cícero, Juazeiro, 19/03/1906.

Em agosto de 1914, o Pe. Cícero escreve um telegrama, em francês, ao Santo Padre, suplicando que ele fizesse tudo junto aos países e governos para impedir a Primeira Guerra Mundial:

(SAL 36,56) (20/08/1914): Sa Sainteté Pio X, Roma, Très Saint Père à vous, père de la famille humaine, représentant du Dieu qui vous a fait son Vicaire sur la terre et nous, vos enfants, moi, le plus humble prêtre catholique, membre le plus infime de cette grande famille qui follement se veut détruire, par cette guerre horrible, humblement prosterné,



je vous supplie, Très Saint Père, de faire retentir votre voix devant les nations et leurs gouvernements, en invoquant votre autorité divine et paternelle pour qu'ils suspendent et résolvent les droits de chacun, à ce même tribunal de Paix de La Haye qu'ils ont eux-mêmes créé. Pour l'amour de Dieu, Très Saint Père, daignez accorder votre haute attention et concéder votre Bénédiction Apostolique à votre enfant très humble et très soumis, C. R. Batista, Juazeiro, Ceará, 20 Août 1914.

Em 1927, ele escreve ao governador do Rio Grande do Norte, a favor de uma família injustiçada:⁷¹

(SAL 01,37) (30/09/1927): Ex.^{mo} Sr. Dr. João Augusto, confiado no alto critério e boa vontade com que V.Ex^a vai governando este Estado vizinho, constituindo uma honrosa exceção entre os governos nordestinos, é que lhe envio uma queixa de uma família v. coestadana. Como verá V.Ex^a, o assunto escapa a minha competência, por isso, nada posso fazer, mas como sacerdote cristão, tenho o sagrado dever de prestar meu apoio moral, ou ao menos dar um conselho a quem quer que me busque. Resolvi por isso enviar a V.Ex^a a nota que expõe largamente a questão que, posta nos seus termos, representa uma espoliação violenta aos direitos hereditários, trabalhada talvez pela política estreita dos nossos sertanejos desprovidos de educação cívica. Tenho por uma grande caridade se V.Ex^a se der o trabalho de ler a exposição escrita e por um ato de elevada justiça se abrir uma sindicância imparcial cujos pontos são a paz de uma família, vossa patrícia e um bom exemplo de sábia, justa administração pública já comum no Vosso governo. Desculpe o prezado amigo a minha intervenção neste negócio. Tenha-me sempre na conta de um

71 Esta carta foi referenciada, parcialmente, em momento anteriore no item: “Cícero, o sacerdote”.



admirador de suas qualidades de administrador público.

Em 1932, ele pede a um compadre para se fazer presente no seu lugar ao julgamento de um amigo que, segundo ele, era inocente:

(SAL 36,64) (15/04/1932): Compadre e amigo João Clementino, como sabe, deve responder júri no dia 18 do corrente, em Juazeiro da Bahia, o nosso bom amigo Pedro Silvino, injustamente acusado por um crime no qual nenhuma co-participação teve[...] Se me fosse possível, também iria assistir ao julgamento do meu amigo, que sei inteiramente inocente e espero será absolvido. Não podendo, porém, ir pessoalmente, peço-lhe comparecer a este ato[...]

É na carta ao Pe. Constantino Augusto, em 1914, que ele revela o seu problema de consciência e a sua atitude, em favor da beata Maria de Araújo, recusando reconhecer, publicamente, que tinha sido enganado por ela, pois ele mesmo a julgava inocente:

(SAL 36,57) (23/10/1914): Porém, o Senhor Bispo exigiu de mim mais do que dos outros; que eu perjurasse do testemunho em obediência que me fez dar, me desdizendo e ainda mais que caluniasse a pobre e inocente Maria de Araújo, que tinha me enganado ou outras desordens que eu houvesse feito. Isto era um absurdo que eu nunca, nem sequer pensei que o Sr. Bispo se lembrasse de exigir um tão grande crime a ponto de mandar um escrito com tais dizeres para eu assinar. Mandeí-lhe dizer, respeitosamente, que toda submissão tinha feito e fazia como sacerdote católico e obediente à Igreja, segundo os princípios teológicos e exigidos pelos



ensinamentos da Igreja; mas não podia desdizer-me, dando um testemunho falso e calunioso contra pessoa alguma e contra a minha consciência, um grande crime... não fiz como ele queria, começou a propagar-me como desobediente...

Numa longa carta escrita ao Pe. Antero, Pe. Cícero faz o histórico da “questão religiosa” que acabava de ser condenada pelo Santo Ofício. Segue o documento em sua totalidade, pois é uma das cartas mais interessantes do pensamento do Pe. Cícero, de sua personalidade, de seus sofrimentos e angústias:

(SAL 22,19 e CRA 36,08) (4 /10/1894)

Meu caro e bom amigo Pe. F.F.Antero

Cheguei aqui no dia 23 de setembro domingo tendo eu celebrado em Missão Velha pela manhã e encontrando desde o caminho notícias dos excessos do R.Vigário Antônio Alexandrino. Realmente achei o povo em tanta agitação e consternação que eu não sei onde iria parar tanta coisa. Ao povo pacífico como você sabe, que é a população daqui, o Vigário ameaçou mandar espancar com tropa, que havia de arrastar daqui Maria de Araújo (que está ela prostrada quase morta, parálitica de um lado, sem quase poder falar que se ouvisse). Ele gritava que havia de arrastá-la, aquela cabrita ou por gosto ou a força, não obstante ela sempre dizer que não desobedecia e o irmão o chamar na Igreja que ele fosse ver o estado dela. Várias pessoas quase tudo mulheres foram, uns por amizade e outros por curiosidade, mas ninguém havia armado e nem para se o por porque sabiam que ela queria ir obedecer a ordem que ele lhe havia intimado por ordem da Santa Sé e do Sr.Bispo. E lá chega



este Pe. com dois cabras armados, um de faca e garrucha ou revolver e outro de facão e cacete e fala com tanta imprudência que algumas mulheres com medo saltam pela janela, e entretanto para o quarto onde estava Maria de Araújo (que estava como já disse quase morta de doença e aflição) fecha ou manda fechar a porta e estando dentro, um dos cabras armado de facão e cacete quer entrar, então dois senhores de consideração que aí se achavam Leopoldino do Major Pedro e outro não consentirão que o tal homem armado entrasse, mesmo sem se oporem com armas, nem de modo nenhum violento, somente disseram que não consentiam que ele entrasse, então saiu o Pe. de um modo que não era para se supor de um padre e saiu espalhando e dizendo pelo Crato que bem quinhentos homens armados lhe fizeram resistência e desacato e o quiseram matar. De tanta falta de verdade testemunhada por tanta gente, que bem mostrava o mau espírito que o movia.

Nem nunca Maria de Araújo nem nenhuma das outras em nada desobedecem, em nada, pela graça de Deus sofrendo como verdadeiro martírio por Jesus Sacramentado, um abismo de calúnias, de injúrias e de perseguição, em nome da Santa Sé e do Bispo (assim eram e são feitas). Maria de Araújo dentro do prazo marcado por ele (tenho a carta por dele mandada) para não desobedecer a ordem em nome da Santa Sé e do Sr. Bispo foi em uma rede por não poder levantar-se, levada pelos irmãos para a casa de caridade de Barbalha (3 léguas daqui) aonde esperava o Padre Manoel Cândido que lhe tinha sede (é um perigo se o Sagrado Coração não acudi-lo neste lago de leões, para sua salvação), não sei como terá ido porque como você bem sabe a pena que nos foi imposta pelo nosso Bispo de suspensão, ipso facto, se tivesse qualquer comunicação com ela e com as outras



mulheres testemunhas que foram no processo, nem por escrito nem por intermediário de qualquer modo.

Não ficou aí. Foram intimadas por carta em nome do Sr.Bispo pelo Vigário Pe.Alexandrino, Solidade e as outras por se acharem no Crato para uns interrogatórios e outras coisas que elas não sabiam o que lhes seria exigido. Antes que se preenchesse o prazo, ele mandou dizer ao Sr.Bispo que elas tinham desobedecido (ele mesmo confessou). Elas compareceram no dia marcado em sua presença (5ª feira, 27 do passado). Ele exigiu, em virtude da obediência, que cada uma depor fosse ele só e cada uma em um quarto só, para não ter testemunha para o tal interrogatório e exigências e por temor de não pecar porque se mandou em virtude da obediência. Lá foram e quando estavam sós ele apresentou um papel, que dizia ter sido formulado pela Sr.Bispo e elas ou afirmavam aquele papel e o que ele exigia ou ficavam excomungadas pela Igreja, nunca mais recebiam nenhum Sacramento nem na hora da morte. Ficavam por ordem do Sr.Bispo e da Igreja obrigadas a tirar todo habito religioso (quando todas vivem no seio de suas famílias, sem pertencerem a nenhuma ordem religiosa, e trajam de manto e de véu somente por piedade e decência). Que horror! E foi exigido que perjurassem e afirmassem uma confissão de coisas tão imundas e extravagantes que ficaram horrorizadas. E porque duas se indignaram mais por umas perguntas ofensivas ao pudor e modéstias o Pe. ficou zangado e saiu dizendo que tinham se comportado mal. Foi entregue tudo, as ameaças, as seduções de todo modo, os mais refinados sentimentos de compaixão, até as lágrimas de fino cômico. Elas se comportaram cheias de temor de Deus e piedade que só ele lhes sugeriu respostas tão firmas e tão sábias entre tantas aflições e sem apoio de ninguém. Afirmando que o que tinham jurado era verdade e não



era possível jurar falso embora sofresse tudo. Falavam do modo mais respeitoso e persuasivo (ainda que firmes pelo horror e consciência de um juramento falso, para que o Pe.visse que não era possível exigir semelhante coisa).

Finalmente o Pe. não conseguiu o que exigiu em nome do Sr.Bispo, que perjurasse e confirmasse tamanhas abominações, declarou, em nome da Santa Igreja tirasse o vestuário religioso e ficassem para sempre privadas dos Sacramentos. Que horror! Em nome da Santa Igreja de N.Sr.J.Cristo, ser excomungado porque não quis cometer tão grandes crimes! Meu amigo, nunca pensei sermos testemunhas de semelhantes excessos. E o que mais dói e aflige, é ver o esforço e o nenhum caso da condenação de milheiros e milheiros de almas, se lançando do seio da Igreja para fora. Populações inteiras negando-se todos os sacramentos até na hora da morte. Porque o povo que na mais íntima convicção crê que os fatos aqui sucedidos são verdadeiros e que lhes veio dar a despertar a Fé em N.Senhor J.Cristo, na Eucaristia se convertendo uns e se apavorando outros, como todos sabem. E muitos que foram testemunhas de vista ou firmados em pessoas de confiança não querem, estão tão entranhados que como dizem eles podem descreer, e convencidos e certos em sua consciência que não é uma mentira nem embuste, sujeitam-se as excomunhões e aos excessos com que são tratados e coitadinhos, lançados dos Sacramentos para fora. Onde irá parar tudo isto? É um horror! Porque não querem que aqui não seja a reprodução do que já se deu em outras partes? Expor a condenação eterna milheiros e milheiros de almas! Como se não fosse nada. Se D.Joaquim e os outros que informados por ele o acompanham tivessem morrido em uma Cruz para salvá-las não fariam assim. Se o Santo Padre que é o Sagrado Coração de Jesus na



terra, Misericórdia e Caridade soubesse de tanto horror e semelhantes excessos daria uma medida pronta para remediar tão grande abismo.

Meu amigo, morro de aflição, morro de aflição e de angústia! Gastei toda a minha vida desde que me ordenei, somente procurando a salvação dos outros sem me importar mesmo com a minha e ver uma coisa desta. Meu amigo, não sei dizer o que sofro, desejava de todo meu coração que Nosso Senhor me condenasse, com tanto que se remediasse a salvação de tantas almas. Nunca pensei ver isto entre nós!

Senti muito, Deus sabe, quanto eu sofro, ver Maria de Araújo, na Pastoral, diante da Sagrada Congregação de Santo Ofício, para todos que não a conhecem, não só ela como as outras que foram testemunhas no Processo consideradas por embusteiras e como tais sacrílegas e infames e combinadas para semelhantes abominações e com aprovação dos padres. E que Padres, meu amigo? V.Rma., o Pe.Clicério, membros da Comissão, Monseñor Monteiro, o Vigário Manoel Rodrigues e outros. Os Padres mais distintos da Diocese e eu que ainda que sou o mais indigno. Damos a Deus por testemunha, que nenhum de nós que graça a Ele mesmo, é capaz de tais horrores e imundices e nem nunca fomos hereges e cismáticos como na consideração. É incrível, meu amigo que a paixão ou não sei o que, conseguir provar que é o que ele pensou, que os fatos do Juazeiro são embustes e falsidades e para isto não tem escolhido meios, nem poupado nada procurando fazer passar por infames, e por tanto capaz de todo embuste, pessoas que todos nós sabemos que são verdadeiras servas de Deus e da mais elevada virtude. Foram estabelecidos encarregados próprios, e abriu-se a porta a toda calúnia de gente capaz



de tudo e cada caluniador tendo a certeza de lhe ser ocultado o nome e ter liberdade de dizer o que quisesse. Qualquer mulherzinha sem critério, qualquer ímpio são pessoas fidedignas e suas histórias as mais indignas tomadas em depoimentos e remetidas como ricos achados. Padres os mais distintos jurando em Fé de sacerdote, médicos de consciência e reputação jurando em Fé de seu grau. Senhores de toda consideração, consciência e posição social não só deste, como de outros Estados por milheiros que aqui vinham de propósito para ver e viam a sinceridade e verdade, e se convertiam a Deus em tão grande número que quase não ficava ninguém que não se convertesse sinceramente. Padres esquecidos de sua dignidade, bacharéis, maçons, militares, assassinos horrorosos pessoas de toda a consideração que vinham sem conhecimento de Deus e abismados em todos os vícios daqui saiam regenerados. Sinceramente convertidos e para viverem como verdadeiros cristãos e em tão grande escala que se ascendeu a Fé por toda a parte. E se regeneravam os costumes nas freguesias e nos sertões todos dos Estados vizinhos estes testemunhos e tudo quanto às pessoas mais sinceras diziam, não valia nada, nem servia afirma pessoalmente ao Sr.Bispo o reverendo Pároco Manoel Rodrigues, um Padre de toda consideração que tinha visto mesmo com toda precaução e pedindo a Deus como prova, o crucifixo de metal começar debaixo de sua vista a verter e correr sangue, tomando antes toda cautela para que se dando o fato não pudesse ficar engano. A mesma coisa acontece com Monsenhor Monteiro, com Pe.Vicente o fato da Barbalha e do Juazeiro que lhe afirma em Fé de sacerdote que é verdade. Nada disto tem valor, não bastante considerar todos estes sacerdotes de toda consciência e sinceridade. As histórias de qualquer ímpio ou mulher sem educação nem consciência com tanto que destrua, são boas provas.



V. Rev.^{ma}. bem sabe quem é aquele cavaleiro distinto de que fala a Pastoral. Homem acostumado com juramentos falsos em negócios eleitorais e quando se descobre fica tão afresco como se nada tivesse feito. Que querendo casar e o Vigário não admitindo sem confessar-se simula a confissão. Passar a noite no jogo e depois se ostentar que não crê em nada de religião. Come e vai receber o Santíssimo Sacramento da Eucaristia. É o tal cavaleiro distinto que se alega para destruir o testemunho das mulheres de pessoas conscienciosas e honestas.

Agora o Vigário o Sr. Pe. Alexandrino e os outros encarregados de destruir a verdade, pegaram uma pobre mocinha e aterrada, sem saber o que dizia, afirmou horrores, cobrindo tudo de infâmia e dizendo que me dava sangue de pinto para se botar nas hóstias e outros e outros absurdos. Tudo que exigiram que dissesse, ela dizia e outro servindo de secretário escrevia (é de ordem superior) para ser mandado ao Sr. Bispo e este a Sta. Sé como documentos fidedignos. Chorando em tempo de enlouquecer procurando remediar o mal que fez a declarando, que disse aqueles falsos porque a obrigaram. Como o seu pedido foi autenticado por esta declaração, reparou o mal que tinha feito. Que calúnias e horrores não teriam sido remetidos para Sagrada Congregação para se lhe arrancar aquela tremenda condenação.

A mesma decisão dá entender proibindo romarias a Maria de Araújo e as outras mulheres cúmplices, quando aqui nunca houve romaria a Maria de Araújo e nem as outras, mas somente ao S.S. Sacramento por suas manifestações aqui ocorridas. E a Nossa Senhora das Dores em cuja Capela se tinham dado estes fatos que despertaram a Fé e Piedade do povo, que vindo aqui como ainda hoje fazem não procuravam somente outra coisa senão



reconciliar-se com Deus, se confessar, benzer objetos de piedade e cuidar da salvação somente. E quando Maria de Araújo desde o processo continuou reclusa por muito tempo por ordem do Sr.Bispo mesma na casa de caridade do Crato três léguas do Juazeiro e tanto lá como aqui desde sua volta sempre procurou evitar visitas, e enquanto as outras nunca foram objeto de curiosidade.

O mesmo decreto considera Maria de Araújo e as outras mulheres testemunhas do Processo, profanadoras da Sagrada Eucaristia. Certamente por causa dos documentos que por lá foram embora arranjados como V.Rma. sabe, depois de concluído o Processo, quando eu sei de consciência como confessor de Maria de Araújo desde menina que ela era dotada de um grande espírito de piedade e temor de Deus. Incapaz de tais horrores, como também as outras, que foram servir de testemunhas nesta causa obrigadas pela obediência à Comissão e aos confessores. Além disto, eu sou testemunha que quando as sagradas hóstias se manifestavam em Sangue ela tinha tanta aflição temendo que era castigo e indignidade sua e só comungava obrigada por obediência ao confessor e muitas vezes chorando e depois só faltava morrer de aflição quando se viu obrigada aos exames para a verificação da verdade de fato.

A vista disto, meu bom amigo, e de tantas coisas que dariam um livro, cremos que Deus virá ao auxilio de tantas almas inocentes e boas que deram testemunho e sofrem por amor de justiça. A Sagrada Congregação e o Santo Padre entrando no conhecimento dos fatos será favorável a reformar aquela decisão que matou em nós todos a amargura e se fará justiça, a obra da Misericórdia de Deus para salvação das almas, nestes tempos em que se prepara grande perseguição para a Santa Igreja, é



a Justiça de Deus para o mundo.

Oremos ad invicem que nos preparamos para o Céu que lá, sim, seremos felizes.

De seu amigo e Irmão em J.Cristo

Pe.Cícero Romão Baptista

(*) *Nota avulsa*

E como o sistema principal para destruir a verdade e sinceridade dos fatos e desmoralizar as pessoas, não se poupou nem se poupa nada. Avalie um jornal das lojas maçônicas de Pernambuco intitulado – Lanterna, jornal caricata, desenhou a mim e ás piedosas donzelas testemunhas dos fatos, que graças a S.S.Virgem, nunca ninguém, se atreveu a por em dúvida a nossa reputação.

Esses sentimentos de ser perseguido por causa da justiça e da verdade, o Pe. Cícero os interpretava em um sentido religioso. Ao Pe. Constantino, ele escrevia:

(SAL 36,57) (23/10/1914): É certo: os discípulos não podem ser melhor julgados que o mestre[...].

Ao seu compadre e amigo Pedro Lobo, pai do Pe. Azarias Sobreira, ele escreve de Roma:⁷²

(Sobreira) (31/05/1898) Já lá vão três meses que estou aqui e quase um ano de desterro, e não sei ainda quando a bondade de Deus me restituirá aos meus. Não me queixo nem digo nada. A Providência que encarrega-se até dos animais do campo e de todos os seres da criação, já por isto nos ensina que só devemos dizer, sendo Ele nosso Pai: “Seja feita a Vossa Vontade assim

72 Sobreira, Azarias. *Op. cit.* p.101.



na terra como no Céu.” E portanto não sei quando terei a felicidade de ir outra vez para o meio de todos que me são caros, e abraçar o meu velho e bom amigo.

Ao Pe. João Carlos, ele confiava:

(SAL 12,30) (Roma, 13/09/1898): [...] A Calúnia, com audácia e autoridade, moveu uma perseguição que deu a morte a Jesus Cristo, quanto mais a mim que nada sei defender-me. Algum dia, os que me fizeram tanto mal, hão de saber que não se persegue os seus semelhantes impunemente [...].

Na carta já citada, ao Pe. Constantino, ele chega à conclusão:

(SAL 36,57) (23/10/1914): [...] Fizeram como se fez com Joana d’Arc, um processo para um resultado condenatório.

Em 1896, ele escreve ao Dr. Bilhar:

(SAL 36,30) (Crato, 31/05/1896): [...]Tinha assentado causa nenhuma arrancar-me do meu silêncio e deixar à Providência e ao tempo a solução dos meus negócios, porém o meu bispo tanta opressão me tem feito que resolvi recorrer ao Santo Padre.

Pe. Cícero foi, então, para Roma e voltou perdoado e certo, de que, enfim, poderia celebrar a missa e morar no Juazeiro. O bispo não entendeu as decisões do Santo Ofício desta maneira[...] O Pe. Cícero escreve ao Dr. João Carlos de Azevedo o seguinte desabafo e a sua própria interpretação dos acontecimentos:



(SAL 12,58) (sem data): [...] Vim de propósito pela Fortaleza entender-me com o Sr. Dom Joaquim, conforme me foi mandado em Roma. Com surpresa, ainda o encontrei disposto a continuar uma perseguição que só tem servido para fazer mal. Disse-me que não tinha recebido de Roma comunicação que eu pudesse residir em minha casa (quem já viu esta) e assim obrigou-me a continuar nas penas das quais fui absolvido pelo Santo Ofício. Proibiu-me celebrar e morar no Juazeiro, celebrando fora daí, não me permitiu sequer administrar a comunhão nem intra nem extra missa. Tirou-me tudo, até a própria faculdade de oratório privado, antes de chegar em casa, que aliás contém a cláusula: 'Hoc res-criptum suppragetur perinde ac Litterae Apostolicae in forma Brevis desuper expeditae fuissent'. De nada pois aproveitou-me ter ido a Roma, ter-me submetido a tudo que o Santo Ofício quis de mim, como sacerdote, nem ter sido absolvido de todas as penas dia 19 de 7 último. Entretanto o Ex.^{mo} Sr. Comissário do Santo Ofício, logo depois de me ter dado essa absolvição, me assegurou que eu podia voltar para minha casa e celebrar no Juazeiro, e que mesmo eu participasse ao meu bispo, no que no mesmo dia assim fiz entregando ao mesmo Sr. Comissário a cópia da carta que ele achou conforme e conservou em seu poder, garantindo-me que faria sua comunicação. Afirmando porém que não recebeu, Sr. D. Joaquim, não sei se fez desmoralização ao Santo Ofício, mas, a mim cortou tudo o que o Tribunal superior me concedeu, fazendo permanecer as mesmas censuras ou proibições de que já tinha sido absolvido e assim injuriou-me, punindo-me sem culpa nenhuma; pois, nem ao menos tinha acabado de chegar[...] Pelo amor de Deus, ajude-me a salvar-me, obtendo que ao menos seja mantido o que já me foi concedido, de celebrar e continuar minha residência no Juazeiro, em minha casa,



acabando-se assim esta pena de desterro, se tirando de mim tanta infâmia[...]

Quando, em Roma, ele recebeu a boa notícia do perdão, Pe. Cícero, escrevendo a Monsenhor Fernandes a sua alegria, confia, também, o seu medo:

(SAL 26,10) (Roma, 13/09/1898): [...]É como uma adoração e ação de graças a Nosso Senhor, repeti-las ao meu bom amigo que foi testemunha de tantas amarguras que me faziam julgar-me um naufrago sem esperança de ver terra. Mas, quando Deus quis, tudo se encaminhou e um desses dias que eu só via dificuldade, mandaram-me chamar do Santo Ofício e depois de ter feito o ato de submissão devido aos seus decretos, me deram a faculdade de celebrar o santo sacrifício da missa e mandaram-me voltar para casa[...] Ontem, fui visitar o Cardeal Parochi, recebeu-me muito afável dizendo *recta omnia* e mais de umas palavras e abençoou-me. Fiquei realmente admirado e muito grato. A Santíssima Virgem por certo, é quem fez tudo, que você bem sabe quanto sou sem jeito para as coisas[...] Escrevi a D. Joaquim no mesmo dia e vou pra lá. Já peço a Deus que no Ceará, alguma nova tempestade não caia sobre mim. O demônio não dorme e a casa onde há o baixo emprego de delator, não goza paz[...].

Em 1912, depois de ter recebido uma carta do Pe. Sóther, comunicando-lhes que não podia ir ao Juazeiro, confessar os doentes por ordem do bispo, Pe. Cícero escreve:

(SAL 23,04) (28/03/1912): [...]Sim, Senhor, meu bom amigo, senti muito e sinto o Sr. Pe. Quintino e Sr. Dom Joaquim façam de minha mãe, velhinha e quase morta, uma vítima das perseguições e ódios que têm



contra mim e o Juazeiro, privando-a dos sacramentos nos últimos dias de vida! Quem pode esquecer que fosse uma verdadeira perseguição religiosa com ódios velhos que não ocultam, um esforço inconscientemente diabólico para condenar almas e destruir o resto da fé e da religião que ainda se conserva no povo? Perseguinto uma população de trinta mil almas empregando um esforço para deixarem a religião e a Igreja. Só Deus lhes tem sustentado a fé e eu os aconselhando, não se debandaram. O Sr. P. Quintino e o Sr. Dom Joaquim não querem mais nem que o povo do Juazeiro tenha missa, privando os padres aceitarem aqui celebrar. É realmente diabólico[...] Apelamos para Deus de tamanha impiedade. Deus os converte, porque o demônio os ilude e faz que achem que perseguir a salvação dos habitantes de Juazeiro, lhes ter ódio, desejar-lhes males, até a perdição eterna, é causa boa e zelo santo de santos pastores[...] Só eles não vêem que são lobos vestidos de zelosos pastores. Mas Deus assim os vê e os que sofrem há 19 anos, esperando somente em Deus o remédio e pedindo que os converta e nos livre deles, também sabem que um dia assim serão julgados[...] Não repare lhe escrever uma carta tão longa e talvez achando-a tão inconveniente. É um momento de desgosto e a confiança de amigo que me fizeram escrever mágoas de tantas injustiças e ruindades que não tenho mais esperança que este mundo se faça melhor.

Essas cartas de desabafo, destinadas a amigos, são reveladoras do sofrimento e até mesmo da revolta interior do Pe. Cícero. Entretanto, não seria exato concluir que o Pe. Cícero falava abertamente desses sentimentos ao povo em geral. Foram encontradas outras cartas, em que ele revela a sua vontade de aguentar em silêncio:



(SAL 36,21) (13/01/1893) [...] Ainda continuo debaixo da opressão que me priva do exercício de meu ministério e nem sei quando sairei destas provações[...] Resignado com a sua graça, pretendo dizer sempre: Fiat voluntas tua sicut in coelis et in terra. Espero que o Sagrado coração não me deixará trair a sua causa ainda que custe mais[...].

Numa carta escrita em 1900, ele escreve:

(SAL 36,47) (04/12/1900): [...] Enquanto aos meus negócios, continuo debaixo da perseguição caprichosa do Sr. Dom Joaquim que tem poder de sobra e não lhe faltam recursos, sem nenhum temor de consciência para manter o mal que nos tem feito. Entrego à Providência e espero só dela[...].

Pe. Cícero, mais de uma vez, desconfiou que as suas palavras fossem mal interpretadas junto ao bispo de Fortaleza e que isso fosse uma das razões das dificuldades de se entenderem. A carta mais reveladora, nesse sentido, data de junho de 1897, recusando encontrar-se em segredo com Monsenhor Alexandrino:

(SAL 06,12) (21/06/1897): Recebi às 5 horas da tarde de 13 de junho corrente o ofício que neste mesmo dia dirigiu-me V.Rev.^{ma} marcando-me às 4 horas uma entrevista reservada. Assim, pois, não tinha mais lugar a satisfação do chamado, nem também se revelava a necessidade desta entrevista, porque se há algum assunto reservado e tratar-se, ainda hoje mesmo ou quando queira, V.Rev.^{ma} pode fazê-lo com melhor vantagem por escrito; pois verba volant et scripta manent. E assim em tempo nenhum que seja não poderia atribuir-me outra palavra, nem dar às nossas expressões sentido que elas



não tenham. Convém, pois, e é necessário mesmo, na confiança do presente prevenir a vicissitude incerta do futuro e a salva-guardar um direito que nos é comum principalmente quando a calúnia e a má vontade que não respeita ninguém, há muito me persegue e me faz sua vítima, pode ainda em desempenho de seu ofício atribuir-me crimes e desobediências, que, por mercê de Deus nunca pensei. E do que tenho sofrido, Deus livre e Deus guarde a vossa Rev.^{ma}.

Mais de uma carta revela o medo do Pe. Cícero de ser considerado desobediente. Quando ele estava em exílio, em Salgueiro, escreve ao bispo de Olinda, Dom Manuel dos Santos Pereira ⁷³:

(Pinheiro) (28/10/1897) [...] Eu vim para Salgueiro somente com o fim de obedecer às decisões do Santo Ofício que me impunham deixar Juazeiro dentro de 10 dias, mas sem determinar lugar, e tanto mais que minha estada aqui é provisória, somente enquanto trato de minha ida a Roma, de conformidade com as mesmas Decisões. Aqui, como no Ceará, não tenho feito exercício das minhas ordens, considerando-me suspenso seguindo todas as prescrições de meu bispo, não obstante eu, graças à bondade de Nosso Senhor, nunca ter cometido crime e não haver feito coisa alguma que merecesse imposição de penas. É regra de direito e teologia corrente que não se incorre em censuras não havendo crime, contudo a todas as penas me tenho submetido sem dizer coisa alguma, e disso são testemunhas todos os que me conhecem e Nosso Senhor é quem melhor sabe que por sua graça nunca desobedei, nunca pratiquei, nunca ensinei coisa alguma contra a doutrina da Santa Igreja, e nem quero o mal.

73 Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*. *Op. cit.* p.493-494.



Em 1903, ele escreve ao Pe. Quintino, que lhe tinha mandado a ordem do bispo, de parar a construção do santuário dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, no Horto:

(SAL 06,16) (18/06/1903): Meu caro e bom amigo Pe. Quintino, por motivo de doença ainda hoje não posso responder, como era o meu dever, sua atenciosa e estimável carta que me trouxe o Sr. Zacarias Arnaud no dia 13 do corrente; porém farei o mais breve que eu puder. Entretanto, para não demorar o que é essencial, peço ao Rev.^{mo} amigo, que faça constar quanto antes, ao Sr. Bispo, que eu, como sacerdote católico, não tenho outra lei senão obedecer àqueles a quem Deus constituiu meus superiores, e assim fica parado o serviço de que fala S. Ex.^a Rev.^{ma}. E pela brevidade com que lhe fizer esta comunicação, mais agradecido fica o seu amigo velho e irmão em Jesus Cristo. Pe. Cícero Romão Batista”.

Em 1907, Dom Joaquim impede, dessa vez, a continuação da construção da capela do cemitério. Pe. Cícero escreve ao Pe. Quintino:

(SAL 06,20) (05/11/1907): Minhas cordiais saudações. O tempo de continuar os trabalhos da capela do nosso cemitério está na porta e tinha assentado, como lhe comuniquei em um cartão que eu ia começar para salvar da ruína uma obra tão dispendiosa e adiantada que eu havia feito com o povo que quis ajudar-me. Tinha assim resolvido porque me julgava com esta faculdade em vista de um despacho dado pelo Sr. Bispo; ainda que de modo que indica a má vontade e prevenções que, sem nenhum motivo, me consagra, interpretei que me tinha dado, contanto que V. Rev.^{ma} não se opusesse como pároco daqui. Despacho dado na minha petição a ele feita, em que alegava que V. Rev.^{ma} não



faria nem podia encarregar-se em vista dos pesados trabalhos da freguesia, e além disto morando distante. Em seu cartão de[...]. Respondeu-me que o Sr. Bispo lhe havia comunicado por carta que não deu a faculdade que a ele pediu. Ele é o intérprete natural das palavras que escreveu; portanto, se deu a faculdade que lhe pedi, retirou-a e eu não contrário, nem a ele nem a V. Rev.^{ma}. Assim não faço e nem entro em tal trabalho, nem mais uma palavra. Chega de questões. São coisas do tempo, que uns acham de razão e de direito, venderem e destruírem Igrejas, e outros empatarem que se as faça. Se o Sr. Bispo me facultar dando a licença, tenho muito gosto de fazer a capela do nosso cemitério em honra da SS. Virgem; porém na paz e na boa vontade de todos. Disponha sempre de seu amigo e irmão em Jesus Cristo.

Quando Dom Quintino foi nomeado primeiro bispo de Crato, em 1916, Pe. Cícero tentou mudar a reputação negativa que pesava sobre Juazeiro. Num almoço oferecido ao bispo, Pe. Cícero levantou-se e fez um discurso:

(SAL 06,23) (28/12/1916): Ex.^{mo} Rev.^{mo} Sr. Dom Quintino, meu digno Diocesano; permitiu a Providência que V. Ex.^a tivesse ocasião de perceber com segurança o grau da consideração e de respeito que este povo lhe tributa. Sinto-me plenamente satisfeito com a visita de V. Ex.^a a esta terra, porque, só assim, em uma demonstração pública e sincera, por intermédio desta população que me ouve, poderia eu testemunhar a V. Ex.^a que os laços de estima que nos uniam, quando aqui chegou, como simples padre, ainda permanecem em toda sua integridade. Por muitos lugares, bem sei, e conforme V. Ex.^a com a sinceridade que lhe caracteriza, afirmou em uma das eloquentes práticas que proferiu, se dizia que aqui seria mal recebido. Por toda parte onde a maledi-



cência procura perturbar a paz das almas, alguns espíritos sistemáticos procuram ainda circular boatos os mais temerários sobre a estadia de V. Ex^a aqui, entretanto, com surpresa encontrou desmentido mais completo e de perto tudo viu, e, inteligente e sensato como é, saberá dar o valor relativo a semelhantes notícias, e se convencerá que em cada habitante desta cidade mansa ovelha desse rebanho do qual V. Ex^a é o bom pastor, tem um amigo e um sincero e um dedicado auxiliar para sustentação dos divinos princípios da Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. E eu querendo ainda confirmar pessoalmente os sentimentos de amizade, de consideração e de respeito, qual modo público, já dei por intermédio do povo, ofereço a V. Ex^a este almoço íntimo no meu humilde lar. É uma modesta homenagem, porém, cujo real valor encerra-se na pureza de minhas intenções. Agradecendo a aceitação do convite a V. Ex^a, bem como aos meus irmãos em Jesus Cristo que aqui se acham, honrando-me com a sua presença em companhia de V. Ex^a, desvanecido ergo a minha taça em honra de V. Ex^a, assegurando ao mesmo tempo os meus protestos de amizade, de paz, de concórdia e de filial respeito.

Na sua carta ao amigo Joaquim Segundo Chaves, já parcialmente apresentada em outras páginas⁷⁴, ele confia sua apreensão:

(Pinheiro) (1898) Tudo quanto me é mais caro está aí. (em Juazeiro) Posso dizer que está lá meu coração e minha alma, e eu ando por aqui (em Roma) somente em corpo; porém estou com medo de voltar vendo o espírito de perseguição e a má vontade com que me consideram, parece-me que só me vendo morto ficavam descansados. Eu digo isto, não entenda que é porque tenha indispo-

74 Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*, *Op. cit.* p.495.



sição nem ressentimento contra ninguém, que graças a Deus não tenho pois sempre perdoei e perdoo todas as calúnias e perseguições com que procuraram oprimir-me sem temor de consciência nem piedade, porque quero mesmo ter o gosto de no dia de Juízo dizer a Nosso Senhor que Ele mandou que eu perdoasse, nos pondo todos os dias a rezar o – Padre Nosso que estais no céu – e eu perdoei; tenho é realmente medo, já tão cansado de amarguras.

Finda-se esse tomo, lembrando o parágrafo que o Pe. Cícero colocou no seu testamento de 1923:⁷⁵

(Sobreira) [...] Afirmo que nunca fiz mal a ninguém, nem a ninguém votei ódio nem rancor, e que sempre perdoei, por amor de Deus e da Santíssima Virgem, a todos que me fizeram mal consciente ou inconscientemente.

Acredita-se que essas cartas e sua declaração em testamento deram ao leitor a ocasião de se fazer uma ideia mais exata do Pe. Cícero, no clima de suas angústias, de seus sentimentos de ser injustiçado junto ao povo de Juazeiro.

75 Ver Sobreira, Azarias. *Op.cit.*, p.401.



PE. CÍCERO, O NORDESTINO E O FLAGELO DA SECA

A seca é uma velha conhecida do Nordeste. Lendo e relendo os arquivos do Pe. Cícero, descobrem-se cartas do patriarca, que revelam o quanto esse problema o preocupava, quanto ele procurava soluções concretas para combater e vencer “a velha conhecida do Nordeste”. Personalidades da região não hesitavam em apresentar o nome do Pe. Cícero ao bispo de Fortaleza, Dom Luis, como uma das pessoas de mais confiança e capacidade para receber e distribuir a ajuda do governo aos famintos⁷⁶

Em 1877 [...] A leitura dos documentos convida a uma reflexão sobre acontecimentos antigos, de mais de cem anos, entretanto, atuais: naquele ano, tinha chovido um pouco; Pe. Cícero escreve a D. Luís:

(CRA 03,03) (17/05/1877): Graças ao nosso bom Deus, tem dado algumas chuvas, e ainda que tenhamos perdido muita lavoura, estou animado que não teremos fome e apenas elevação dos preços pela imigração espan-

76 Por exemplo, a carta de Antônio Luis Alves Pequeno para Dom Luis (19-04-1877): “É certo que a comissão deve ser feita com todo cuidado, recaindo em homens muito insuspeitos: lembro o Pe. Cícero, o Promotor público Dr. Manuel Pinheiro [...] Joaquim Secundo Chaves. Estes homens são muito capazes de semelhante fim [...]”



tosa que tem corrido para o Cariri que está regurgitando de verdadeiros naufragos[...].

Mas, no ano seguinte, os horrores da seca fazem o Pe. Cícero pedir ao bispo intervenção junto ao governador do Estado:

(CRA 03,05) (20/02/1878): É nas maiores angústias que escrevo a V. Ex^a e por uma ocasião tão lamentável que eu não queria para não levar a partilhar do excesso de nossas Aflições. Passamos por um estado de cousas que apenas se julgaria possível, porém só se vendo como o povo inteiro reuniu um excesso de tantos sofrimentos, parece que Deus enchendo a medida abandonou o Cariri. Sei que V. Ex^a é já acercado de tantos negócios, e eu não deveria pedir, mas estamos em tal extremo que só se quer socorro, e por isso desculpe eu enviar este ofício dirigido ao Presidente da Província para V. Ex^a Rev.^{ma} mandá-lo apresentar e exigir alguma providência que já temos mandado três com esse e nem sequer tem a delicadeza de responder[...] Eu nunca pensei ver tanta aflição e desespero juntos; os cães saciam-se de carne humana, nos caminhos, no campo. Por toda parte, é um cemitério e o que mais aflige é que nem ao menos têm as consolações da Fé, sem sacramentos, sem nem ao menos uma voz amiga que lhes fale da Eternidade, onde vão sumir como viveram abandonados dos homens e como que até de Deus. Tudo fala de retirar-se[...] Ficarei eu à mercê de Deus, ao menos darei absolvição aos que puder, embora depois Deus disponha o que for servido[...].

No fim daquele mesmo ano, o Pe. Cícero escreve outra carta ao bispo:



(CRA 03,06) (26/11/1878): Apresso-me em felicitar a V. Ex^a pela lembrança inspirada de empregar o único remédio que nos pode salvar: a consagração desta Diocese ao Sagrado Coração de Jesus. Recebi a Pastoral de V. Ex^a neste sentido, e ainda que pelas circunstâncias atravessadas em que nos achamos, não pudéssemos fazer uma solenidade como deveríamos, fizemos como coisa do mato, porém comungamos, durante uma novena que precedeu, muita gente, e no dia, umas duzentas pessoas. Permitti o Sagrado Coração que sejamos ouvidos. Tenho tanto medo, só me parece a seca continua, nem se pode duvidar, que tanta avareza, tanta impudícia, tanto assassinato, tanto crime em uma escala nunca vista, faça continuar o castigo ou aparecer outros maiores que Nosso Senhor nos livrando, é uma grande misericórdia. O Sagrado Coração de Jesus ajuda a nossa fé, que só um milagre pode salvar este povo que no castigo está uma imagem viva do povo judeu. Se houvesse a guerra, Flávio José tinha narrado a nossa fome com diferença de aparecer mais gente sem escrúpulo de carne humana. De tudo se morre, e o que é pior sem ao menos os socorros dos sacramentos. O Pe. Monteiro aqui tem sido um herói, mas o que ele, só, há de fazer com um povo moribundo, pelas calçadas, pelos caminhos, por toda parte. Só o Sagrado Coração de Jesus nos pode salvar e suprir tanto abandono[...].

Em 1880, o Pe. Cícero envia a boa notícia da chuva, nesses termos:

(CRA 03,07) (17/04/1880): [...]Agora, graças a Deus, posso noticiar a V.Ex^a que temos tido por aqui bom inverno, os gêneros já baratos e esperança de muita colheita que grande parte já está seguro. Nosso Senhor ouviu o clamor do seu povo! [...]



Mas, em 1889, a “velha conhecida” reaparece. Pe. Cícero descreve para Dom Joaquim a seca do Cariri:

(CRA 03,12) (04/06/1889): [...]Angustiado por tanta aflição, nem sei dizer o que sinto[...] O tremendo flagelo de fome apresenta-se diante dos meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar, não falo do resto do Cariri que eu acho pior do que em 1877, porém contudo as poucas chuvas que houveram e os recursos das águas da região salvaram muita coisa. Em S. Pedro mesmo, onde vou sempre, continuando o meu trabalho e por natureza tão seco, e toda população obrigada a retirar ou morrer de sede por falta d’água para beber. Nosso Senhor acudiu com algumas chuvas e se o inverno seguinte começar cedo, escaparão. Quem está sem esperança é o pobre distrito de Juazeiro, tão populoso e tão pobre, é o Jó do Cariri, planta quase exclusivamente só arroz, as chuvas não foram suficientes para esta plantação que exige mais do que as outras. As águas do Rio Batateira não chegam mais até nós que façam as irrigações como era costume nos outros anos precedentes, o que era pântano que desde depois da seca de 1877 e a continuação dos péssimos invernos que se seguiram, dessecou de tal modo que pouco remedeia. O que é certo é que perdeu-se tudo e não vejo recurso de salvação, ou morrer ou ser retirante. Esta ideia rasga-me o coração e quase me mata não podendo dar remédio a tantos males, Temos pedido muito a Nosso Senhor e os meus pecados impedem que ele ouça! E como posso ver este pobre povinho que amo tanto, como uma parte de minha alma, desaparecer? Pesa-me mais do que a morte ou antes morro por cada um! E eu sei que Deus vai castigar o mundo com tanto rigor como não se pensa. Se a SS. Virgem não alcançar misericórdia e perdão é como uma tempestade de males que vai envolvê-lo e este ano



mesmo é um ano de lágrimas. O Sagrado Coração de Jesus e as lágrimas de Maria falem por nós. Eu não sou nada, tenho consciência do que sou e por isso não me atrevo a dirigir-me aos que governam; são políticos, só com políticos se entendem. Lembrei-me de pedir a V. Ex^a que sabe chorar com os que choram, para se interessar, alcançando algum recurso do governo, por meio de algum trabalho e que seria de garantia para prevenir outros anos.

Nesta carta, Pe. Cícero não ficou só nos pedidos de recursos, ou medo do castigo de Deus para o mundo, ele apresentou sugestões para combater a seca:

(CRA 03,12) (04/06/1889): [...]Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo, tendo trabalho, possa escapar. Em Constantina, na Argélia, os poços artesianos têm remediado o mesmo mal que nós sofremos, e me parece que se é verdade o resultado que dão, será um remédio mais pronto e mais eficaz. Aí está uma companhia contratada pelo Governo para este fim, nos alcance um destes poços para o nosso pobre Juazeiro, de proporções largas, que dê para irrigar as terras que eram irrigadas pela Batateira nos anos precedentes. A quantia que para cada um foi ajustado sobra, e o nosso terreno se presta do melhor modo e me parece que terá melhor resultado. V. Ex^a Rev.^{ma}, por caridade e por Nossa Senhora das Dores, que é dona deste lugar tão caro a seu Sagrado Coração, seja o instrumento de que ela se sirva para nos salvar. O nosso bom amigo Pe. Manuel Félix, este homem de Deus que veio partilhar com as nossas amarguras como testemunha, ainda dirá melhor a V. Ex^a Rev.^{ma} a nossa condição. Estamos nas mãos de Nosso Senhor, Ele se compadece de nós[...].



Quando voltou de Roma, em 1898, ele escreve ao Dr. João Carlos de Azevedo:

(SAL 12,58) (sem data): [...]Felizmente, cheguei em nossa casa[...] Mas o Ceará e os Estados vizinhos estão passando pelos horrores do flagelo da fome, e não obstante já ter começado o inverno, não cessam ainda de morrerem muitas pessoas de pura inanição. Só quem viu 77 entre nós pode avaliar o que seja o flagelo das secas nos sertões do Norte[...].

A reputação que o Pe. Cícero deixou, faz-nos pensar que ele ajudava, em esmolas, os flagelados e famintos. Uma carta confirma: a um padre que lhe pedia ajuda financeira, o Pe. Cícero responde, em 1918:

(SAL 25,17) (18/08/1918): [...]Como já lhe disse, os horrores da seca me obrigam, para não deixar morrer de pura fome uma população inteira de necessitados, me abismaram em uma dívida tão grande que tudo quanto alcanço é para pagar aos que me confiaram. Se não fosse essas dificuldades em que estou, não lhe emprestava, lhe dava com muito gosto de ajudá-lo na vida. Não repare mandar-lhe um pequeno socorro para suas precisões, vão inclusive cem mil réis.

Como prefeito, Pe. Cícero apresentou soluções ao terrível mal da seca. Em um telegrama ao presidente Getúlio Vargas, ele faz um novo apelo:

(SAL 01,15) (20/04/1932): [...]Tomo liberdade insistir, perante V.Ex^a, serem atacados trabalhos ramal ferroviário Juazeiro-Barbalha, açude Carás, já estudado, bem como prolongamentos R.V.C. partindo Missão Velha. Estes serviços amparariam populações famintas



zona Cariri, consideravelmente aumentadas flagelados Estados vizinhos, para aqui atraídos fama fertilidade desta zona. Releve V.Ex^a insistência venho tratando este assunto para o qual estão voltadas todas as minhas preocupações, não só pelas excepcionais atenções me dispensa povo nordestino como, sobretudo, pela compaixão que me despertam observações in loco horrível sofrimento nossos infelizes patrícios.

Açude dos Carás: velho sonho do Pe. Cícero. Desde 1915, o prefeito de Juazeiro batalhava para que esta obra se realizasse:

(SAL 02,18) (16/07/1915): Senhor Inspetor, em resposta ao vosso ofício n. 122 de novembro de 1913, cabe-me informar que - primeiro: os terrenos que ficariam inundados pertencem em grande parte ao meu Município de Juazeiro, onde fica situada a barragem, era terras de propriedade do Rev.^{mo} P. Cícero Romão Batista, que as oferece ao Governo, sem indenização; segundo: um grande açude em boas terras nunca poderia ser uma calamidade, visto como pela prática de irrigação e pela evaporação, as terras de montante todos os anos se descobririam dando lugar a belas e produtivas vasantes que o depósito de sedimentos das águas teria tornado mais férteis, valorizando-as; - terceiro: não consta a existência, nas proximidades, de locais mais apropriados à construção de açudes, apesar das explorações feitas em toda aquela zona; quarto: poucas e ordinárias seriam as casas e benfeitorias inundadas; quinto: os benefícios do açude Carás se estenderiam por quatro municípios: Juazeiro, Crato, São Pedro e Missão Velha, sendo as indenizações relativamente módicas, uma vez que os proprietários atuais teriam direito às vantagens correspondentes às suas terras[...].



Como se sabe, o Pe. Cícero ensinava o povo a diversificar as suas plantações. Uma carta ao prefeito de Crato ficou nos arquivos do Pe. Cícero como exemplo desta preocupação:

(SAL 02,14) (14/10/1918): O P. Cícero Romão Batista, com o fim de demonstrar e ensinar aos outros rendeiros do Estado que a Chapada Araripense pode produzir outras plantas úteis que as rotineiras mandiocas e maniçobas, pede mais uma licença[...] De cultivar durante três anos na mesma área pedida acima para criar, 20 tarefas de cana-de-açúcar e 20 tarefas de diversos cereais e café, ao todo 40 tarefas[...].

Importante é lembrar, também, o papel do Pe. Cícero na expansão da mandioca no Cariri, depois de 1877, salvando, assim, da fome muitas vítimas da seca.⁷⁷

Ao seu amigo, José Marrocos, Pe. Cícero abre o seu coração:

(SAL 10,12) (Crato, 18/04/1989): [...]É uma aflição os horrores da seca, parece que fica deserto o Ceará. Está todo dia saindo tanta gente de Juazeiro que não sei se ficará alguém. Meu amigo, se você tem tempo, escreva com urgência um artigo para os jornais despertando e concitando o Governo do Estado e o pessoal para conjurar o medonho flagelo que certamente risca do mapa do Brasil este infeliz Ceará que somente tem tido quem lhe esgote[...] Até os próprios filhos que o têm governado, sem se importarem nem sequer com a sua conservação, e, muito menos, nem sequer se fala de

⁷⁷ Sobre o papel do Pe. Cícero na expansão da mandioca no Cariri, ver Gomes, Celso. *Em defesa da serra da Araripe. A Província*, III (1956), p. 31-34.



seu adiantamento. Pode ser que a Providência se sirva de você para despertar esta incúria criminosa dos que nos governam. Escreva, pois, meu amigo, que pode ser que você desperte o patriotismo de outros e nasça uma idéia salvadora[...].

Nem todo mundo reagia ao drama do povo faminto como Pe. Cícero. Não se pode ignorar reações como as do Pe. Alexandrino: em 1896, chamando o poder público para obrigar os romeiros a voltar para seus estados; em 1896, temendo o saque dos famintos de Juazeiro na cidade de Crato e, em 1898, proibindo José Marrocos a pedir esmola ao povo de Crato e vizinhança, em favor dos famintos de Juazeiro, lembrando as leis das Constituições Sinodais Diocesanas.⁷⁸

78 – Padre Alexandrino a Dom Joaquim: (CRA 04,30) (24/11/1896) “Agora escrevo de novo, tendo por principal objetivo comunicar a V.E^{xcia} o estado atual do Juazeiro. Causa espanto o que por ali se passa. [...]No Juazeiro está havendo muita fome: e se houver algum refringente de seca – o saque n’esta cidade e a casa dos capitalistas será inevitável. O povo do Crato vive aterrado considerando n’isto e espera dos poderes públicos uma providência qualquer que dê como resultado a internação de tanta gente pelos centros dos estados vizinhos.

Se não houver n’isto inconveniente, peço a V.E^{xcia} que se entenda com o governador d’este Estado, fazendo-lhe ver a necessidade da intervenção do poder civil, sem o qual serão improficuos todos os esforços no intuito de chamar à ordem aquela gente, e fazê-la voltar para os seus lares abandonados.

Se o E^{xmo} S^o D^e Accioly atender as considerações que acabo de fazer – poderá mandar pessoa ou pessoas de toda confiança ao Juazeiro como meros expectadores, ali observarão tudo, e voltando entregarão a Ele um relatório de tudo o que viram a fim de que Ele possa empregar com resultado satisfatório as medidas indispensáveis para internação d’aquela povo.

A povoação do Juazeiro compõe-se de mais de dois mil fogos: calcula-se em mais de dezesseis mil os habitantes do distrito respectivo. A um grito do Padre Cícero, pode, em menos de uma hora, reunirem-se quatro ou cinco mil carabinas.

Apesar de tudo isso, o Juazeiro nada rende para mim e o Coadjutor, e a razão é a seguinte = De lá vem casar-se uma ou outra pessoa, e isto por que exigimos dos noivos



Mas, quando recebe ajuda, Pe. Cícero sabe agradecer: a Monsenhor Quintino, ele escreve:

(SAL) (28/07/1915) Recebi pelo Sr. Possidonio sua preciosa carta de 26 do corrente e com ela os trezentos mil reis (300#000) que na divisão do que lhe mandaram para as vítimas do medonho flagelo que ameaça despoivar o nosso Ceará, teve a bondade de mandar para os pobres daqui, cuja distribuição já comecei.

Aconteceu agora o que na seca de 1877 nos fez o Santo Bispo daquele tempo o Sr. D. Luiz, nos mandou também uma parcela do que lhe deram.

Trinta e oito anos depois o nosso Ceará é mendigo diante dos outros Estados, não tendo Pedro II, que tão patriótica e generosamente despendeu sessenta e cinco mil contos para o povo oprimido.

Que infidelidade, meu amigo; e quantas angústias nos ferem as almas de Cearenses e de Padres!

Deus nos salve nos olhando com nosso Pai que está no Céu.

que vem se confessar a descrença nos fatos do Juazeiro, e eles não obedecem.[...]

– Padre Alexandrino a Dom Joaquim (CRA 14,21) (12/05/1898) Os habitantes da cidade receiam ser atacados pelos romeiros que dizem francamente aqui acolá = de fome não morreremos. Falam assim por que pretendem recorrer ao saque.

Se não fosse uma mandioquinha que eu e o Pe. Fr Alexandrino temos no Araripe, não sei como poderíamos subsistir.

– Padre Alexandrino para José Marrocos (CRA 14,23) (28/11/1898) “Constando-me que o Senhor está agenciando donativos n’esta cidade e Freguesia no intuito de socorrer exclusivamente os pobres do Juazeiro, não tendo para isto autorização nossa, dirijo-lhe este, proibindo expressamente a continuação de semelhante abuso, previsto e mencionado no artº, digo, no Título XIX do Capítulo XVII das Constituições Sinodais Diocesanas, que encarrega a consciência dos Párocos no tocante ao cumprimento de semelhante dever. Deus guarde a V^{mcc}.”



Oremos *ad invicem*. Disponha sempre
De seu amigo
Pe.Cícero Romão Batista.

A Dom Bonifácio, beneditino, ele escreve, agradecendo, também:

(SAL 63,14) (24/12/1915): [...]Recebi sua estimável carta de 20 de novembro último acusando o recebimento das quinhentas intenções de missa e comunicando que caridosamente reservou a metade para socorro dos flagelados pela destruidora seca do Ceará: morre gente de pura fome, daqui até Fortaleza e nos Estados vizinhos. Tudo tenho feito para dar remédio a tão grande mal. De todos os socorros remetidos de todos os Estados, somente nos veio trezentos mil réis que mandaram para distribuir com os pobres enfermos flagelados e morrendo de pura fome, entretanto aqui era a cidade mais populosa, depois de Fortaleza, de todo o Estado. Foi preciso que se retirassem a mendigar o pão em outros Estados, só daqui de nosso infeliz Juazeiro, umas trinta mil almas, quase todas sem levar nada, expondo-se a morrer nos caminhos como morreram muitos. Tudo fiz pedindo aos poderes públicos, pedindo socorro[...] E nada obtive. Oh! Que homens ingratos! [...]

Em 1900, o Pe. Cícero escreve ao Pe. Climério:

(SAL 36,47) (4/12/1900): O nosso Ceará passa por uma crise tão medonha que está ficando despovoado. Ainda que tenha visto o que dizem os jornais sobre a seca no Ceará, não faz uma ideia do que seja. Parece não ter mais um terço da população. Morre-se de pura fome e a imigração no maior desespero de escapar ainda,



atirando-se os pobres, sem nenhum recurso, aos caminhos a morrer ou escapar, é contínua. É um horror e cada dia aumenta mais. Meu amigo, cada cearense deve ser uma trombeta na Imprensa e em toda parte gritando com toda força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que estes governos que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas despertem este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando caprichosamente morrer milhares de vidas que podiam salvar e não querem. Estamos certo que só a Providência nos dará remédios.

Nessa necessidade de “gritar” os seus direitos, Pe. Cícero lembrou mais uma vez, quando no fim de um telegrama ao Dr. Floro, ele escreve:

(SAL 08,03) (15/11/1915) Todo brasileiro, cearense, tem direito de reclamar. Seu amigo, Pe. Cícero.

Acompanhou-se, assim, nesse tomo, o nordestino Cícero, na defesa do flagelado da seca, sofrendo com ele, desta “velha conhecida do Nordeste”: outra face complexa do patriarca que se tenta descobrir nos seus próprios escritos.



PE. CÍCERO E A POLÍTICA

Pode-se argumentar, com justeza, que o patriarca jamais foi ‘político’; esse papel foi-lhe imposto claramente, em 1908, no momento em que Juazeiro dava início à sua luta pela autonomia. Assim, a sua retirada política, a partir de 1914, talvez possa ser vista como um retorno a um estilo de vida que estava mais de acordo com o gosto e a preferência do patriarca. Todavia, dois outros fatores estavam em jogo e que melhor explicam a posição assumida pelo padre. Em primeiro lugar, havia sua constante esperança de voltar, integralmente, ao sacerdócio[...] Em segundo lugar, é impossível não levar em conta o fato de que sua saúde precária e sua avançada idade foram razões suficientemente fortes para o seu afastamento político e social[...].⁷⁹

Essa análise de Ralph Della Cava faz eco quase perfeito ao próprio escrito do Pe. Cícero, que já foi apresentado no tomo III.⁸⁰ Já velho, ele confiava a um amigo, na ocasião da morte do Dr. Floro Bartolomeu:

(SAL 23,24): [...]Como deve saber, em face da minha

79 Della Cava, Ralph, *Op. cit.*, p. 229-230.

80 Tomo III, *Cícero, o sacerdote*, p. 38.



condição de sacerdote, em face da minha afastada vida que levo e em face da minha idade, não é possível cuidar pessoalmente da administração do Município e estar, constantemente, preocupado com a solução de muitos casos de toda ordem, que impõe a chefia política. De tudo isto, portanto, era encarregado o Dr. Floro[...].

Ralph Della Cava explica como Pe. Cícero entrou sem querer na política; o Dr. Floro Bartolomeu foi para o Juazeiro, com o Conde Adolfo van Den Brule, engenheiro de Minas, conversar com o padre sobre a exploração de uma mina de cobre, situada em propriedade recém-comprada do patriarca. Este, acabou nomeando o Dr. Floro o seu procurador legal. Por trás da aceitação do Pe. Cícero de explorar a mina “Coxá” e, assim, ficar rico, jazia a obsessão permanente de rever a condição sacerdotal. De fato, depois de seu regresso de Roma, sem esperança de ver D. Joaquim mudar de opinião a seu favor, Pe. Cícero mudou de tática: fazer tudo para conseguir que a sede da nova diocese do Cariri fosse Juazeiro e não Crato, conseguir juntar um patrimônio suficiente para o novo bispado. A exploração das minas de Coxá ia ser o “tesouro” do patrimônio exigido.

No item 4⁸¹, viu-se que ele procurou, também, ajuda financeira junto à Baronesa Ibiapaba.

O que encerrou mesmo a neutralidade política do Pe. Cícero, segundo o mesmo autor, foi um fato totalmente externo a seus planos:

81 Item 4: *Pe. Cícero e Juazeiro*, p. 48.



No dia 15 de dezembro de 1908, na estrada de Coxá, os representantes do patriarca (um advogado, um agrimensor e um sacerdote) tendo à frente Dr. Floro, escaparam de morrer numa emboscada. Em represália, o aventureiro Baiano arregimentou o apoio dos chefes políticos de Milagre e Missão Velha[...] Provido de 50 capangas armados, Dr. Floro desbaratou o bando de assassinos cujo objetivo consistia em impedir Coxá de cair nas mãos do patriarca. Pe. Cícero foi considerado responsável pelo contra-ataque de Floro. Essa ação armada comprovou, além disso, ser uma declaração de guerra contra o poderoso chefe de Crato, Cel. Antônio Luís Alvez Pequeno, pois foi com a sua aprovação tácita que seu parente próximo enviou o bando de assassinos para impedir Floro. Alguns meses depois, estas circunstâncias contribuíram forçosamente para a decisão do patriarca de ingressar na política.⁸²

A partir desses acontecimentos, a roda política ficou rodando, sem que o padre pudesse mais sair ou voltar atrás.

Ele jamais foi “político”: esta constatação faz duvidar da possibilidade de descobrir o verdadeiro Pe. Cícero a partir de seus escritos políticos, oficiais, assinados por ele, mas pensados e escritos por outro, a saber, o Dr. Floro Bartolomeu.

Descobriram-se, porém, alguns documentos interessantes, dele mesmo, falando de política, dos políticos, assim como algumas cartas cujo estilo pareceu ser dele mesmo, comparando-o com as cartas apresentadas nos outros itens

82 Della Cava, Ralph, *Op. cit.*, p. 141.



desta publicação: são esses documentos que ajudarão a ter uma opinião mais exata do Pe. Cícero, jogado na política.

Já se percebeu qual era o seu julgamento sobre a política e os políticos.⁸³ Em 1878, ele tinha experimentado o desinteresse silencioso dos políticos cearenses para com os problemas vitais do povo:

(CRA 03,05) (20/02/1878): [...]desculpe eu enviar este ofício dirigido ao Presidente da Província para V. Ex^a Rev.^{ma} mandá-lo apresentar e exigir alguma providência que já temos mandado três com esse e nem sequer tem a delicadeza da responder[...]

Onze anos depois, ele escrevia a Dom Joaquim:

(CRA 03,12) (04/06/1889): [...]Eu não sou nada, tenho consciência do que sou e por isso não me atrevo a dirigir-me aos que governam, são políticos, só com políticos se entendem[...]

Em 1900, ele escreveu a José Marrocos:

(SAL 10,12) (Crato, 18/04/1900): Meu amigo, se você tem tempo, escreva com urgência um artigo para os jornais, despertando e concitando o Governo do Estado Federal para conjurarem o medonho flagelo que certamente risca do mapa do Brasil este infeliz Ceará que somente tem tido quem lhe esgote[...] Até os próprios filhos que o têm governado, nem se importaram sequer com a sua conservação, e muito menos nem sequer se fala de seu adiantamento. Pode ser que a Providência se sirva de você para despertar esta incúria criminosa dos

83 Item 9: Pe. Cícero, o nordestino e o flagelo da seca. Retranscrevem-se aqui trechos de algumas dessas cartas, focalizando agora o aspecto político.



que nos governam. Escreve, meu amigo que pode ser que você desperte o patriotismo de outros e nasça uma ideia salvadora.

No mesmo ano, ele queria chamar o povo a reclamar contra tanta injustiça:

(SAL 36,47) (04/12/1900): Cada cearense deve ser uma trombeta na imprensa e em toda parte, gritando com toda força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que estes governos que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas despertem com este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando caprichosamente morrer milhares de vidas que podiam salvar e não querem[...]

Mesmo como prefeito, ele confia ao Dr. Floro, em 1916:

(SAL 08,04) (16/08/1916): [...]Estou tão descrente em realidades favoráveis ao nosso município, que qualquer uma que venha, tenho por um milagre[...]

Um mês depois, recebendo a comunicação da alteração do município de Juazeiro, ele escreve novamente ao Dr. Floro:

(SAL 08,04[2]) (29/09/1916) Lhe escrevi a pouco, de tal modo doente dos olhos que nem assinar pude, mas já me acho melhor e agora lhe escrevo por um moço: Quando já estava desgostoso pela supressão da nossa Comarca, recebo comunicação sua para alteração dos limites de nosso município. Pretensão de acabarem com o município, já sendo talvez o menor do Estado em extensão territorial. Telegrafo ao Sr. Dr. José Saboya, e



ao Sr Dr. João Thomé protestando e reclamando contra esta perseguição política renovando ódios passados. Pela facilidade com que acabaram com a comarca, não duvido que acabem também com o Município tirando-lhe a extensão precisa para subsistir.

Em uma carta ao Dr. José Augusto, em 1927, Pe. Cícero faz uma crítica indireta aos governadores do Nordeste:

(SAL 01,37) (30/09/1927): Confiado no alto critério e boa vontade com que V.Ex. vai governando esse Estado vizinho, constituindo uma honrosa exceção entre os governos nordestinos, é que lhe envio uma queixa de uma família vossa coestadana.

Como vera V^a.Excia, o assunto escapa a minha competência e por isso nada posso fazer, mas como Sacerdote Cristão tenho o sagrado dever de prestar meu apoio moral, ou ao menos dar um consolo a quem quer que me busque, resolvi por isso enviar a V^a.Excia a nota que expõe longamente a questão que posta nos seus termos, representa uma espoliação violenta aos direitos hereditários trabalhada talvez pela política dos nossos sertanejos desprovidos de educação cívica. Tenho por uma grande caridade se ^aV.Excia se der ao trabalho de ler a exposição escrita e por um ato de elevada justiça se abrir uma sindicância imparcial cujos frutos são a paz de uma família vossa patrícia e um belo exemplo de sobre sua administração pública alias já como no Vosso Governo.

Desculpe o prezado amigo a minha intervenção neste negócio tenha-me sempre em conta de um admirador de suas qualidades de administrador público.



Esses documentos revelam, claramente, a opinião do Pe. Cícero em relação aos políticos brasileiros da época. Quanto à política internacional, encontram-se duas cartas escritas de Roma ao Pe. Fernandes. Elas revelam um pouco a visão que o Pe. Cícero tinha dos acontecimentos mundiais:

(SAL 12,27) (17/08/1898): [...]Aqui, o que há de mais culminante é a Encíclica do Santo Padre ao povo italiano, jornais da Baviera se mostram falando dela, receando que a aliança da Itália não venha ser fatal ao Império Germânico. Para os que não têm fé, me parece quase uma coisa certa que a justiça de Deus quando cair sobre a Itália não fique impotente diante de seus aliados. Os seus jornais não vão porque não têm coisa nenhuma de interesse. O Estado só se ocupa em descompor o Accioly com tal excesso que se esquece de dar notícia do Ceará.

Comenta o Pe. Cícero ao amigo e um mês depois, ele escreve ao mesmo Padre:

(SAL 26,10) (13/09/1898) [...] Hoje, o que está ocupando a atenção pública por toda parte é o assassinato execravelmente bárbaro da Imperatriz da Áustria: procurando a saúde no ar da Suíça, encontrou a morte por um anarquista italiano descarregando-lhe uma punhalada no coração. Parece um plano combinado da infernal seita, verdadeira legião de demônios humanos que cresce e se espalha por toda Europa. Você certamente, talvez melhor do que eu, já sabe que o Czar da Rússia está fazendo esforços para que se desarmem as nações. Eu creio, por mais que os governos lhe façam as cortesias de honra por tão alta imaginação, e lhe



digam: É muito bonito, e muito bom, estou pronto para combinar[...] Ficam armados e ainda mais se armam, e finalmente a aliança do Sr. Imperador Guilherme com a Inglaterra, fazendo retórica, ameaçando a França com Waterloo. Isto vem dar em causa. Parece que, segundo a marcha política das nações européias, o Waterloo será na Itália, trazendo a queda, não de Napoleão, mas do trono da casa Savóia[...] Ruína do Império Germânico, e o tempo providencial da volta do Santo Padre para a posse dos seus direitos. E as ambições e elementos corrosivos que movem os que governam me parecem que apressam para menor tempo do que talvez não se espera. Já estou lhe caceteando com conjeturas políticas e tanta prolixidade, que, se não fosse amizade de amigo velho, talvez concluisse: destas tais, libera-nos (Senhor) mas como a sua paciência é muita, sei que não repara e escreva-me sempre[...]

Parece que o Pe. Cícero, mesmo velhinho, gostava de falar sobre política e procurava estar por dentro dos acontecimentos. No *Jornal Diário de Pernambuco* (15/5/1932), encontra-se uma entrevista de Aníbal Fernandes com o Pe. Cícero, sobre assuntos políticos:

(Pasta n. IV): Pedimos (ao Pe. Cícero) uma mensagem para os Diários Associados [...] Queremos, diz ele, uma Constituição para sermos uma nação livre, mas tendo como princípio básico: Deus. Ataca fortemente a Fundação Ford, critica os governos que venderam a América Inglesa, discorre largamente sobre a infiltração estrangeira no Brasil [...] Ficamos a ouvi-lo em silêncio, sem interrompê-lo. O Pe. Cícero fala abundantemente [...]"



Quanto ao papel político do Pe. Cícero, foram escolhidas as cartas escritas em 1910, para exigir a autonomia municipal de Juazeiro. Encontram-se esses documentos publicados no jornal *O Rebate*.⁸⁴ Eles nos parecem reveladores da psicologia do Pe. Cícero nos primeiros meses em que ele entrou involuntariamente na política:

(Pasta: O Rebate): Juazeiro, 25 de julho de 1910. Amigo Antônio Luís. Cordiais saudações. Confiado na promessa a mim feita o ano passado, de que este ano, de boa vontade, trataria da elevação do nosso Juazeiro a Vila, ordenei aos amigos que lhe pedissem o seu consentimento e com ele assinei o respectivo pedido, querendo, deste modo, dar-lhe a prova mais irrefragável da segurança do compromisso e da verdadeira paz futura. Como amigo, me animo a ponderar-lhe que a elevação de Juazeiro a vila não trará à marcha política do Crato nenhuma perturbação; ao contrário, sinceramente, creio e garanto, mais se estreitarão os laços de cordialidade e de consideração. E como cratense que eu sou e de que muito me honro, sentirei sempre, em silêncio, é verdade, os dissabores resultantes das interpretações inconvenientes, que choques imprevistos têm determinado; e, por isso, no intuito de vê-lo impor-se à real simpatia deste povo, pelo esforço empregado a favor de seu melhoramento para, deste modo, ambos nós conseguiremos a decidida harmonia entre todos, desejo se realize esta aspiração. Há emergências na vida pública, meu amigo, que a definição do pensamento e a justificativa da intenção se tornam impossíveis; e, muitas vezes, adianto mais, conclusões intempestivas são irrefletidamente tiradas do silêncio a que a conveniência obriga. A minha idade, auxiliada pela experiência que

84 *O Rebate*, ano II, n. LIX, domingo, 4 de setembro de 1910.



os sofrimentos me têm conferido, permite ainda esforçar-me junto a si, para realização de um acontecimento notável na sua administração política do Crato, e que há de recomendá-lo, torná-lo alvo das simpatias gerais. É unicamente o que eu desejo, pode crer. Deste modo, todo comentário injusto feito a si, será sufocado pela defesa espontânea do povo agradecido. Assim, peço, como amigo, consinta e se esforce para que seja este ano elevado a vila o Juazeiro. Se resolver satisfazer-me, dando-me este prazer, responda-me por telegrama para que eu lhe envie as informações sobre os limites de Missão Velha e Barbalha, pois os que se referem ao Crato e S. Pedro, você poderá dar melhor. Disponha sempre de seu amigo velho, Pe. Cícero.

No dia seguinte, Pe. Cícero mandava uma carta ao governador do Ceará, Dr. Accioly:

(Pasta: O Rebate) (26/07/1910): [...] Depois da prezada carta de V.Ex^a de 27 de junho último, fico ciente do que me diz. Agora mesmo ordenei aos amigos daqui que pedissem ao nosso amigo Cel. Antônio Luís para consentir na elevação de Juazeiro a vila, e com eles também assinei, escrevendo-lhe ao mesmo tempo, particularmente, pedindo que se esforçasse neste sentido. Quero, mais uma vez, dar-lhe um testemunho de que sou o mesmo amigo de sempre, dele; e mais, que desejo pelo modo mais honroso para todos, terminar todas as prevenções sem razão existentes, restabelecendo entre todos a harmonia necessária. Só eu sei o resultado proveitoso, se o nosso amigo Cel. Antônio Luís resolver-se aceder ao nosso pedido. E porque sou dele amigo e desejo vê-lo credor de reconhecimento deste povo, que também muito quero, é que assim esforço-me. Não há, pode crer, nenhuma odiosidade deste povo contra ele;



o que existe apenas, é o simples ressentimento por não ter sido ainda satisfeito no seu justo desejo. Justamente acabar com isto tornando-o sinceramente querido, é que procuro o meio. E como creio na boa intenção dele, que incontestavelmente é um moço sensato e um bom amigo, creio, V. Ex^a não encontrará dificuldade em obter dele o consentimento para a boa consecução. Quanto à permanência do batalhão de volantes aqui, no Cariri, para o nobre fim de acabar com o infeliz elemento de cangaceiros, estou de acordo com V. Ex^a produzirá os melhores resultados. É indispensável a continuação dele aqui nesta zona por longo tempo, até acabar, por completo, com este elemento pernicioso, pois já se nota grande melhoramento. O capitão Edmundo Milfont corresponde perfeitamente à confiança depositada pelo Governo, e estou certo, nos restituirá a paz de que tanto precisamos[...]

Mas o Cel. Antônio Luís não aceitou a proposta do padre e mandou o seguinte telegrama:

(Pasta: O Rebate): Fortaleza, 15 de agosto. Recebi carta. Sinto não poder este ano satisfazer vosso pedido e dos amigos na elevação Juazeiro a vila porque não preparado tal fim, pois não estou a par dos limites que devo dar. Além disso circunstâncias se deram que impossibilitaram-me dar meu consentimento. Para o ano, correndo as coisas sem alterações será possível satisfazer pedido. Peço obséquio cientificar amigos. Saudações. Antônio Luís.

O Pe. Cícero respondeu pelo telegrama seguinte:

(Pasta: O Rebate): Ciente. Entretanto, lamento ressentido que V. segunda vez não queira ajudar-me



em obra tão meritória que traria definitivamente a paz geral, glória de seu nome, seu triunfo sobre seus desafetos. Admira V. preferir os ressentimentos de um povo não satisfeito à real simpatia de um povo agradecido, para satisfazer um capricho. Estou certo não compreendeu minha carta.

E no mesmo dia, 16 de agosto de 1910, Pe. Cícero escrevia outra carta comprida ao prefeito do Crato:

(Pasta: O Rebate): [...] Foi para mim grande surpresa a sua resposta, recusando o consentimento para a criação do Município de Juazeiro, depois da carta que lhe escrevi. Sempre pensei que V. refletindo sobre o que eu dizia-lhe ajudasse a suavizar todas as dificuldades, consentindo e se empenhando; entretanto V. deixando o capricho lhe sufocar, respondeu-me de um modo desatencioso, negando-se pela segunda vez a me satisfazer. Não poderá desconhecer que as alegações que V. fez no telegrama de ontem, têm por fim não somente colocar-me em um plano a que nunca fiz jus e muito menos hoje que não sou uma criança, que sou um homem velho que me respeito, como também lançar-me positivamente uma ameaça, sem perceber que a minha dignidade, apesar de ser seu amigo, não permitia nem permite que com ela me conformasse[...] Na carta que lhe escrevi, bem como no pedido que o povo lhe fez, o qual também eu assinei, dei-lhe uma prova decidida de amizade e consideração; provei, com franqueza, o meu desejo de vê-lo triunfar sobre seus desafetos, desmentindo todos os boatos de indisposição minha contra si, boatos que só a maledicência podia agravar. A elevação de Juazeiro a município é uma necessidade que se impõe há muito tempo, e para a qual V. já deveria ter-se esforçado para consegui-lo. Esta localidade não pode mais continuar a ser reduzida à



humilhante condição de povoação. V., como amigo meu, que diz ser, não devia me expor a choques e desgostos, concorrendo para interromper a nossa amizade que não devia ser estremecida, tal é a antiguidade e a sua origem. Por isto, ainda lhe pondero sobre a necessidade da elevação do Juazeiro como povoação. Quanto aos limites, lhe enviarei com brevidade por telegrama, a fim de que este obstáculo seja removido. Ainda é tempo de V. me ajudar. Disponha sempre de seu amigo Pe. Cícero.

Enfim, no mesmo, jornal *O Rebate*, lê-se a carta do Pe. Cícero ao governador, no mesmo dia 16 de agosto de 1910. Apresentam-se, aqui, alguns trechos interessantes:

(Pasta: O Rebate): Tendo recebido ontem o telegrama do Cel. Antônio Luís recusando, pela segunda vez, o consentimento para a elevação de Juazeiro a Vila, surpreendi-me com tal recusa e convenci-me de que um capricho mal entendido é causa única. Este procedimento me desperta muitos receios, me preocupando bastante, depois da carta que a ele escrevi na qual dava- lhe a entender com a maior franqueza a minha intenção, que era e é única e exclusivamente ver a paz e harmonia entre todos, torná-lo alvo das simpatias do povo e encontrar um campo mais largo para melhor agir a favor dele mesmo. Qualquer pessoa que aqui vem e vê as proporções e adiantamento desta localidade, que é a maior do Cariri e mais habitada e de comércio superior, se admira sabendo que é ainda povoação[...] Meu caro amigo, Sr. Dr. Accioly, o que posso garantir a V. Ex^a é que, diante destas e de outras irreflexões, se minha presença aqui não fosse útil e necessária a tantas pessoas que me cercam, já teria me retirado daqui; pois sofro bastante, moralmente, com a impressão que me causa tal atitude do Cel. Antônio Luís, preferindo proposi-



talmente os ressentimentos deste povo às suas simpatias[...] Respondeu-me de modo desatencioso, parecendo considerar-nos como crianças, resposta esta que envolve mais uma ameaça do que uma promessa, e com a qual, confesso, não posso conformar-me[...]

Essas cartas, no começo da vida política do Pe. Cícero, pareceram reveladoras. Embora se possa supor que elas não foram escritas sem ajuda ou orientação do Dr. Floro, o estilo parece ser em grande parte do Pe. Cícero.

Na mesma carta ao governador Accioly, ele pergunta: “Como se explica quererem que eu neutralize os choques e desgostos, quando não me ajudam a evitá-los”?

Assim, estreou na política o Pe. Cícero que jamais foi político. Mas o patriarca não foi só prefeito de Juazeiro, cargo que ele aceitou, segundo Ralph Della Cava, “porque tinha dado uma volta completa em favor do povo”.⁸⁵

Nas eleições de 1914 ele passou de 3º a 1º vice-governador. Depois da morte do Dr. Floro Bartolomeu, em 1926, o problema da sucessão do político preocupou o padre. Eis, aqui, uma carta escrita ao Dr. Francisco Sá, por exemplo:

(SAL 23,21) (20/03/1926): [...]Com o prematuro falecimento do nosso saudoso amigo Dr. Floro, surgiram muitos candidatos à sua substituição na representa-

85 Della Cava, Ralph, *Op. cit.*, p. 139: “Naquela época, os habitantes de Juazeiro tinham se dividido em dois grupos: os filhos da terra e os adventícios, que vinham de fora. O Pe. Cícero assumiu o cargo de prefeito para que não fosse tomada pelos “filhos da terra”, contra o povinho, sobretudo os romeiros.



ção federal. Sendo todos amigos nossos, era natural que ficássemos em grandes dificuldades. Todavia, assentei em escolher um pelos serviços prestados, tanto que todos o aceitaram satisfeitos. Era o Dr. Juvêncio de Santana, juiz de Direito desta comarca, moço que o meu eminente amigo conhece pessoalmente. Entretanto, sendo ele inelegível, em face do cargo que ocupa, não pôde candidatar-se nessa legislatura, ficando adiada a sua eleição para a seguinte. Para completar, porém, o atual período legislativo, persistiam as mesmas dificuldades. Como solução capaz de resolvê-las, os amigos se lembram do meu próprio nome, embora eu não queira ser deputado porque não desejo e nem posso sair do Juazeiro. Todavia, sendo eu prefeito, parece sou também inelegível.

Este obstáculo, o Dr. Accioly que, poucos dias esteve aqui, se encarregou de procurar dirimi-lo, em Fortaleza. Se o conseguir, estará o caso resolvido; se, porém, não lhe for possível, eis-nos em novas dificuldades. Neste caso, eu desejaria que fosse escolhido o meu parente e dedicado amigo Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, advogado, residente em Niterói. Trata-se de um bacharel inteligente, católico prático, homem de excelentes qualidades pessoais[...]

Pe. Cícero venceu, facilmente, a eleição para a Câmara Federal[...] Mas nunca tomou posse da sua cadeira. Apesar disso, segundo Ralph Della Cava, essa eleição salvou por um tempo o Cariri da decadência.⁸⁶

Assim, viu-se como o Pe. Cícero aceitou cargos políticos, pelo menos de fachada, para salvar o seu Juazeiro e o Cariri.

86 Della Cava, Ralph, *Op. cit.*, p. 214-215.



Em 1925, Pe. Cícero escrevia ao mesmo Francisco Sá, senador, tentando convencê-lo a não recusar a Presidência da República, se por acaso o cargo lhe fosse proposto:

(SAL 23,27) (05/08/1925): [...]Tenho acompanhado, com o interesse que o assunto reclama, as negociações em torno da sucessão presidencial da República. Vejo que a nação inquieta tem as vistas voltadas para o magno problema, especialmente devido ao momento excepcional da nossa história. De fato, muita razão há de serem grandes os escrúpulos na solução desse problema, porque, do futuro dirigente do País, parece, muito dependerá a sua boa ou má sorte. Depois deste período tumultuoso que atravessou, da anarquia administrativa produzida pelo desvario de alguns brasileiros sem patriotismo, o Brasil precisa decididamente reentrar na ordem e se reconstituir financeiramente para marchar no caminho do progresso. Isto só se conseguirá se, para seu futuro presidente, for escolhido um homem moderado e prático dos negócios públicos que, pelo prestígio do seu nome e conseqüente confiança que inspirar, possa apaziguá-lo inteiramente. Pensando assim, tomei a liberdade de dirigir uma carta ao Dr. Artur Bernardes, fazendo-lhe longas ponderações a respeito e lembrando o nome do seu eminente amigo, que reputo um dos mais capazes de salvar o País. Agora, dirijo-lhe também esta carta pedindo-lhe que se o seu nome surgir das discussões sobre o assunto, não tenha dúvida em pôr-se à disposição da Pátria. Faço-lhe este pedido porque conheço a sua modéstia, tão apreciável quanto prejudicial aos surtos de sua carreira política e por isso mesmo, aos superiores interesses do Brasil. Desculpe-me a franqueza: mas eu penso que, no termo político os homens de verdadeiro valor, por uma questão de patriotismo, não têm direito de ser modestos. Espero, assim, que o



eminente e prezado amigo não deixará de me atender e em toda estima subscrevo-me seu velho amigo e muito atencioso. P. Cícero.

Outra carta reveladora foi escrita pelo padre ao Cel. Pedro Silvino de Alencar, em 1916, desenvolvendo a importância da fidelidade ao partido:

(SAL 23,30) (11/09/1916): Amigo Cel. Pedro Silvino. A paz de Deus o guarde. O Conde Adolfo conversou-me um negócio com o Dr. Hermínio; há um provérbio antigo: Quem se confia em inimigos nas suas mãos cai. Você já viu a traição que ele com Tomás Cavalcante faz criando uma facção nos botando para fora deles, fazendo política, ameaçando os intendentos todos ao aderirem, separando-se de nós e formando um partido Benjamim Cavalcantista Herminista, tomando ele a chefia política exclusivista que tanto mal nos fez e está fazendo. Pense e veja se tem lugar você entrar fora da chapa e aventurar-se no pleito. Fiquei desgostoso com o Dr. Lavor porque foi quem apresentou o projeto e sem dificuldades lá se foi nossa comarca que custou esforços que fizeram a libertação do Ceará, o fato histórico mais notável da história do Ceará. E foi considerado com o desprezo que os porcos fazem das pérolas, pisando na lama. Uma conquista constitucional de direito, e nem mereceu a menor importância. Os idiotas quebrando e sacudindo no mato os objetos de valor. Não posso ficar satisfeito com isto. A única coisa que restava da obra que vocês fizeram, não deviam arrancar-lhes das mãos por considerações nenhuma; fizeram de meninos que não tinham consciência do feito que fizeram. Ainda acompanho a política porque deixar abrupto não convém, fazendo a Juazeiro um mal maior.



Fiquei muito desgostoso, a não ficar mais, disponha sempre de seu amigo, Pe. Cícero. - P. S. Meu amigo, vocês deviam ter quebrado lanças e sustentado o nosso feito. O que é que resta do que vocês fizeram com sacrifícios de vida e de heróicos sacrifícios?

Enfim, termina-se a apresentação desses documentos do Pe. Cícero, mergulhado na política, com duas cartas relativas a um fato ocorrido em 1911, e que alimentou a reputação de um Pe. Cícero protetor dos cangaceiros.⁸⁷

Em junho de 1911, um conhecido chefe político da Paraíba refugiou-se em Juazeiro, fugindo das polícias pernambucana e paraibana. Pe. Cícero desarmou toda a comitiva de Santa Cruz e aconselhou o político a partir para o interior do País e, honestamente, ganhar a vida com o cultivo da terra. Mas Santa Cruz renegou o conselho do Pe. Cícero e voltou para Paraíba para tentar depor seus inimigos e o governador. Sabendo disso, em 10/11/11, Pe. Cícero enviou-lhe a seguinte carta:

(SAL 23,15) (10/11/1911): Amigo Dr. Santa Cruz, a paz de Deus o governe. Seus negócios me afligem como se fossem meus. Digo com franqueza, não acho razoável fazer revolução na Paraíba, não vejo resultado favorável. O João Machado telegrafou-me como ele é e disposto a não fazer mais negócio e os tribunais que resolvam, e determinado a repelir qualquer agressão sua, defender o tesouro do Estado. Você escreve aos seus manos sobre esse grave negócio seu. O Dr. Floro tem de ir para Missão Velha logo que venha do Crato e converse com ele sobre isto. O General Dantas ganhou no Recife, 2.000 votos

87 Della Cava, Ralph, *Op. cit.*, p. 186.



de mais, e no Centro é provável que perdeu. A fazenda do Dr. Madeira ainda está exposta à venda por dezesseis ou dezoito contos com 400 cabeças de gado, segundo dizem: é você comprar esta fazenda e passar-se para lá até as circunstâncias lhe forem favoráveis e nos tribunais procurar seus direitos. É, em todo caso, muito melhor do que uma revolução que não tem possibilidade de ganhar. Reflita, não se precipite, arruinando o seu futuro. Eu não combino com revolução e muito menos sendo você um amigo que lhe desejo todo bem. Reflita e Deus lhe dirija e abençoe.

Mas o conselho do Pe. Cícero não adiantou. Em 1912, Santa Cruz começou os combates e Pe. Cícero foi logo envolvido na trama como um dos conspiradores principais. Eis aqui a carta do padre ao General Biseril, procurando defender-se:

(SAL 11,12) (19/05/1912): [...]Recebi o seu telegrama sobre o Dr. Santa Cruz e, conforme respondi-lhe, nunca dei-lhe auxílio para a questão da Paraíba. O que fiz foi tão- somente por conhecer a tenacidade do Dr. Santa Cruz, em desafrontar-se com o Dr. João Machado e o chefe do Alagoado Monteiro, procurar o bem da ordem deste Estado, ver se o retirava de lá definitivamente por meio da venda de seus bens ao Governo, conforme proposta do Cel. Pedro Monteiro e do Dr. João Machado mesmo. E como prova do que afirmo, tenho telegramas e cartas era meu poder. Infelizmente, o Dr. João Machado, nesta ocasião, não querendo compreender a pureza da minha intenção sobre o caso, nem acreditar na veracidade do que eu dizia, revoltou-se contra mim ao ponto de telegrafar ao Presidente da República, dizendo que eu queria com o Santa Cruz saquear a



Paraíba. Estou certo que ele está convencido do que lhe afirmei pelo telegrama, pois o Dr. Santa Cruz, apesar da grande força de polícia mandada pelo Governo, evacuou a vila de Monteiro e está de posse dela, obrigando o Governo a gastos enormíssimos e muito maiores do que a quantia proposta para a pacificação. Entretanto, pode ficar que não darei ao Dr. Santa Cruz nesta questão[...]

Em 1926, Pe. Cícero não hesita a escrever aos revoltosos de Luis Carlos Prestes convidando-os a depor as armas. O estilo é bem próprio ao Padre mais do que ao político Cícero. Ele manda um portador a Prestes nestes termos:

(SAL 23,23)(20/02/1926) Ilustre Amigo Sr. Coronel Prestes

Saúdo-vos.

Resolvi mandar este positivo á vossa presença e dos vossos companheiros, para levar-vos uma carta, que é um sincero apelo ao vosso patriotismo.

Espero que estudareis com interesse e me respondereis com a ponderada reflexão que o assunto exige.

Outrossim: julgo desnecessário recomendar ao vosso fidalgo acolhimento os meus portadores, pois confio inteiramente no vosso cavalheirismo.

Deus vos dê felicidade e vos conduza à paz como são os desejos de vosso Patrício ato. Padre Cícero Romão Baptista.

(GEN A, 27) (20/02/1926) Caros patrícios, Venho vos convidar à rendição. Faço-o firmado na convicção de



que presto serviço à Pátria, por cuja grandeza também devem palpitar os vossos corações de patriotas.

Acredito que já não nutris esperanças na vitória da causa pela qual, há tanto tempo, pelejais, com excepcional bravura. É tempo, portanto, de retrocederdes no árduo caminho por que seguis e que, agora, tudo está a indicar vos vai conduzindo a inevitável abismo. Isto, sinceramente, enche-me a alma de sacerdote católico e brasileiro de intraduzíveis apreensões, dominando-a de indefinível tristeza.

Reflexo do meu grande amor ao Brasil, esta tristeza, assevero-vos firmemente, é uma resultante do conhecimento que tenho dos inauditos sacrifícios que estais impondo à Nação, entre os quais incluo, com notável relevo, o vosso próprio sacrifício e dos muitos companheiros que são vossos aliados, na expectativa de resultados, hoje, provavelmente impossíveis.

Confrange-me o coração e atormenta-me, incessantemente, o espírito esse inominável espetáculo de estar observando brasileiros contra brasileiros; numa luta fratricida e exterminadora, que tanto nos prejudica vitais interesses ao interior, quanto nos humilha e deprime perante o estrangeiro. Acresce que para uma Nação jovem e despovoada como é a nossa, as atividades constantes de cada cidadão representam um valor inestimável ao impulsionamento do seu progresso. De modo que para se fazer obra de impatriotismo basta contribuir-se para a paralisação dessas atividades ou para o desvio da sua aplicação construtora. É o que estais fazendo, involuntariamente, talvez.

Assim sendo, é claro que se outros vultosos males não acarretasse ao País a campanha que contra ele susten-



tais, bastaria atentardes nesta importante razão para vos demoverdes dos propósitos de luta em que persistis.

Entretanto, deveis refletir ainda na viuvez e na orfanidade que, com penalizadora abundancia, se espalham por toda parte; na fome e na miséria que acompanham os vossos passos, cobrindo-vos das multidões dos vossos patrícios, que não sabem compreender os motivos da vossa tormentosa derrota através do nosso grandioso hinterland.

É, pois, em nome destes motivos superiores e porque reconheço o valor pessoal de muitos dos moços que dirigem esta malfadada revolução, que ousou vos convidar e a todos os nossos companheiros a depordes as armas. Prometo-vos, em retribuição a atenção que derdes a este meu convite, todas as garantias legais e bem assim me comprometo a ser advogado das vossas pessoas perante os poderes constitucionais da Republica, em cuja patriótica complacência muito confio e deveis confiar também. Deus queira inspirar a vossa resolução, que aguardo com ansiedade e confiança.

Deus e o amor da Pátria sejam vossos orientadores, neste momento decisivo da vossa sorte, cujos horizontes me parecem toldados de sombrias nuvens.

Outrossim: é meu principal desejo vos salvar da ruína moral em que, insensivelmente, vos estais embrenhando, com os feios atos e desregramentos conseqüentes da revolução e que, certamente, vos conduzirão a uma inevitável ruína material. Lembrai-vos de que sois moços educados, valentes soldados do Brasil, impulsionados neste vosso corajoso tentâmem por um ideal, irrefletido embora, e que, entretanto, estais passando, perante a maioria dos vossos compatriotas, por celerados comuns,



já se vos tendo comparado, na imprensa das capitais, aos mais perigosos facínoras do nordeste.

Isto é profundamente entristecedor. Deixai, portanto, a luta e voltai à paz ; - que será abençoada por Deus, bendita pela Pátria e aclamada pelos vossos concidadãos, e, pois, só vos poderá conduzir à felicidade. Deus e a Pátria assim o querem e eu espero que assim o fareis.

Com toda atenção subscrevo-me

Vosso patrício muito grato.

P. Cícero Romão Batista.

Será que o leitor consegue se aproximar um pouco do Pe. Cícero mergulhado em política?

Ele mesmo, ciente que a sua vida política criaria muitas interpretações contraditórias durante sua vida e depois de sua morte, fez questão de escrever, longamente, no seu Testamento, sobre esse assunto. Não se pode terminar esse item sem apresentar a versão oficial do Sacerdote:⁸⁸

(Sobreira) (4/10/1923) Preciso ainda elucidar um assunto ao qual meu nome por circunstâncias especiais se acha ligado, porém no qual minha ação, aliás, pacífica, conciliadora e sempre ao lado do bem, tem sido injustamente deturpada pelos que se deixam dominar pelas paixões do momento ou não souberam interpretá-la. Nunca desejei ser político; mas, em mil novecentos e onze (1911), quando foi elevado o Juazeiro, então povoado, à categoria de vila, para atender a insistentes pedidos do então Presidente do Estado e meu saudoso

88 Ver Sobreira, Azarias. *Op. cit.* p.401-402



amigo Comendador Antônio Pinto Nogueira Acioli, e para evitar, ao mesmo tempo, que outro cidadão, na direção política deste povo, por não saber ou não poder manter o equilíbrio de ordem até esse tempo mantido por mim, compromettesse a boa marcha desta terra, vi-me forçado a colaborar na política. Apesar das bruscas mutações da política Cearense, sempre procurei conservar-me em atitude discreta, sem apaixonamentos, evitando sempre as incompatibilidades que pudessem determinar choques de efeitos desastrosos. Para conseguir isto, muitas vezes tive de me expor ao conceito de homens sem idéias bem definidas.

Após a queda do Governo Acioli, por motivo de ordem moral, retrai-me da política, mantendo, entretanto, relações de cordialidade com o governo Franco Rabelo, sendo até eleito terceiro vice presidente do Estado. E meu amor à ordem foi tão manifesto que, a despeito da má vontade do partido dominante para comigo, não hesitei em atender ao pedido da população desta terra e autorizar que o meu nome fosse apresentado para voltar ao cargo de Perfeito deste Município naquele mesmo governo que me era sobremaneira hostil. Quando, em novembro de mil novecentos e treze (1913), o meu amigo, Dr. Floro Bartolomeu da Costa, atual Deputado Federal por este Estado, e diretor político desta terra, de volta do Rio de Janeiro, me informou que os chefes do partido decaído haviam resolvido reunir a Assembléia Estadual aqui, por ser impossível a reunião em Fortaleza em virtude da pressão exercida pelo partido governante, e dar-lhe a direção do movimento reacionário, com a maior lealdade ponderei, em carta reservada ao Coronel Franco Rabelo, sobre a vantagem de sua renúncia. E assim procedi porque, sem nada de mais grave propriamente saber, a não ser da reunião da Assembléia, perce-



bi pelos precedentes de violência do então governo, a possibilidade de uma luta.

Não sendo, porém, atendido pela então Presidente Coronel Franco Rabelo e não podendo este evitar que, à sombra do meu nome, fossem cometidos atos de desatino, entre os quais bárbaros assassinatos e espancamentos, considereei finda a minha árdua tarefa, afastando-me do campo de ação política e deixando, ao mesmo tempo, que o Dr.Floro agisse segundo as ordens recebidas, já que não me era possível poupar esta população laboriosa da triste condição de vítima indefesa. E no período mais agudo da luta, cujo curso de gravidade foi para mim uma surpresa, podem garantir, os que aqui a testemunharam, que a minha atitude era lastimar as desastrosas conseqüências dos erros políticos; e jamais deixei de ser no sentido de evitar violência.

De maneira que posso afirmar, sem nenhum peso de consciência, que não fiz revolução, nela não tomei parte, nem para ela concorri, nem tive nem tenho a menor parcela de responsabilidade, direta ou indiretamente, nos fatos ocorridos.

Eleito, no Biênio do governo Benjamim Barroso, primeiro Vice-Presidente do Estado, apesar deste se achar rompido politicamente com o Dr.Floro Bartolomeu, sempre com ele mantive a maior cordialidade. Não tenho culpa de que, por um despeito mal-entendido e de ordem política, houvesse e ainda exista quem me queira tornar por ela responsável. Estou certo de que, quando se fizer a verdadeira luz sobre esses fatos, meu nome realçara limpo, como sempre foi. Faço estas declarações, neste documento, para que os que me sobreviverem fiquem cientes (porque perante Deus tenho a minha consciência tranqüila), que neste mundo, durante toda



a minha vida, quer como homem quer como sacerdote, nunca, graças a Deus, cometi um ato de desonestidade, seja sob que ponto de vista se possa ou queira encarar o assunto; nem nunca cometi, nem alimentei embuste de espécie alguma.

A quantidade de correspondências e telegramas que tratam da Sedição de Juazeiro nos bastidores da Guerra de 1914 é tal que só se pode, nos limites dessa publicação da correspondência do Pe. Cícero, escolher três documentos esclarecedores da personalidade política do Patriarca de Juazeiro, e que se encontram no livro *Efemérides do Cariri*⁸⁹

(Pinheiro) (28/11/1912) Telegrama ao Franco Rabello: Chegando-me avisos de diversos amigos prevenindo-me que vosso governo pretende concentrar forças aqui com o fim de atacar-me para tomar o armamento que possuo, como se eu fosse um revolucionário e possuísse armamento e pretendesse fazer alguma revolta contra vosso governo. Não creio que tenhais conhecimento de tais resoluções, se de fato existem, mas atendendo que a irreflexão de políticos despeitados possa permitir informações de caráter subversivo contra mim, envio-lhe este telegrama obséquio informardes com franqueza o que há respeito. O fato de retirar-me da atividade política por não querer filhar-me partido que ora tem vosso apoio, não quer dizer que me constituísse adversário capaz de levantar revoltas contra vosso governo. Sou um sacerdote católico, sou um cidadão brasileiro e além disso sou o terceiro vice-presidente do Estado e como tal sou incapaz de concorrer diretamente ou indi-

89 Pinheiro, Irineu, *Op.cit.* p.180 e seguintes. Veja-se também, o livro do mesmo autor: *Juazeiro do Padre Cícero e a guerra de 14.*



retamente para perturbação da ordem. Como não quero com meu silêncio deixar que tomem vulto as explorações mal entendidas de adversários políticos para comprometerem minha dignidade, dirijo-me pelo presente telegrama. Portanto, confiado nas vossas afirmativas de paz e ordem, espero respondais com franqueza a fim desmentir boatos que interessados por desordens fazem circular nesta zona, com grande prejuízo do trabalho e do movimento comercial.

A este telegrama respondeu o coronel Rabelo, tranquilizando o sacerdote que, no dia 2 de dezembro, passou a seguinte mensagem:

(Pinheiro) (2/12/1912): Exmo. Cel. Franco Rabelo, presidente Estado. Fortaleza. Ciente conteúdo vosso telegrama, sinceramente agradeço conceito referência minha pessoa e franqueza informação, a qual tornei pública para tranquilizar povo. Quanto medida extinção banditismo, se bem felizmente aqui não haja, estou inteiro acordo, pois é único meio conseguir-se paz e ordem. Respeitosamente saudações.

Esses dois telegramas foram escritos em 1912, meses antes da “guerra de 14”. Durante o ano de 1913, houve muitas conversas e decisões tomadas entre o Governo Federal e os aliados do partido de oposição ao governo, especialmente o Dr. Floro Bartolomeu. A situação se tornou cada vez mais perigosa. Assim, Pe. Cícero escreveu o seguinte telegrama ao Marechal Hermes, Presidente da República:

(Pinheiro) (15/12/1913) Para maior justificativa das minhas afirmações sobre a anarquia do Estado, transmi-



to a Vossa Excelência, o telegrama sob o número 364, dirigido hoje às 9 da noite, ao Dr. Floro Bartolomeu da Costa pelo Capitão Ladislau, comandante da força policial do Crato. Ei-lo: “Estou com 600 homens em armas. Prepare-se, meu velho, que hoje ou amanhã vou comer o capão que me ofereceu daí e e buscar os soldados e armamentos do Governo. Não sofra do coração, que o negócio está feito”. Povo repelira agressão. Por mais este telegrama V.Excia. se convencerá da veracidade das minhas afirmações quanto à anarquia Estado, promovida pelo próprio governo.

Esse item conserva as suas escuridões porque dificilmente poderia dar uma ideia clara do Pe. Cícero político. Não seria essa uma das características da política e dos políticos que, segundo as próprias palavras do Patriarca, “só com políticos se entendem?”



O HOMEM CÍCERO E OS BENS DESTE MUNDO

O Pe. Cícero, quando suspenso de Ordens, não podia viver “do Altar” como é o caso de qualquer sacerdote, celebrando os sacramentos. Recebia muitas ofertas dos romeiros agradecidos. Segundo o que ficou na memória popular, retribuía em esmolas uma parte, aquela que a Beata Mocinha não conseguia lhe tirar na hora; comprava terras onde os próprios romeiros iam trabalhar, convertia dinheiro em ações, construía casas, mandava o dinheiro que o povo lhe confiava para celebrar missas a padres do Brasil e mesmo do exterior. Deixou quase toda a sua fortuna para os salesianos. Outra parte foi destinada à Matriz de Nossa Senhora das Dores. Ele mesmo não parece ter aproveitado do dinheiro que tinha, em vida luxuosa ou viagens de férias, recluso como vivia em Juazeiro até os seus noventa anos. O objetivo, aqui, não é fazer o levantamento das riquezas do Pe. Cícero mas descobrir, através de algumas cartas, a maneira pela qual tratava de negócios.

Mas, antes de tudo, ler-se-á no seu testamento, como ele afirma ter usado o dinheiro que recebia dos amigos e romeiros:⁹⁰

90 Ver Sobreira, Azarias, *Op.cit.* p.399.



(SOBREIRA) (04/10/1923) Declaro mais que desde a minha ordenação, mesmo durante o pouco tempo que fui vigário na paróquia de São Pedro do Crato, nunca percebi um real sequer pelos atos religiosos que tenho praticado como sacerdote católico. Declaro ainda que todos os dinheiros que me foram e continuam a ser dados, como oferta feitas a mim unicamente, os tenho distribuído em atos de Caridade que estão no conhecimento de todos, bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado tenho aplicado em bens, que ora deixo, na maior parte, para a Bem-Aventurada e Santa Congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde aqui no Juazeiro os seus Colégios de educação para crianças de ambos os sexos.

Desde muito cedo, quando comecei a ser auxiliado com esmolas, pelos romeiros de Nossa Senhora das Dores que aqui chegavam, a par do auxílio eficaz por mim feito para o desenvolvimento desta terra, resolvi aplicar parte das mesmas esmolas recebidas em propriedades, visando assim fazer um patrimônio para ajudar uma Instituição Pia e de Caridade, que pudesse aqui continuar a sua Obra Benfazeja.[...]Declaro, outrossim, que os dinheiros que tenho recebido para mandar celebrar missas conforme a intenção das pessoas que me os têm dado, os tenho distribuído com o maior critério, por intermédio dos padres e vigários desta e de outras Diocese e de algumas Instituições religiosas do País e do estrangeiro. Devo acrescentar que os dinheiros que me têm sido entregues para eu aplicar como entendesse e quisesse, na intenção, louvor e honra de Nossa Senhora das Dores, sem nenhuma outra condição, do mesmo modo os tenho aplicado com muita consciência em atos de caridade, em auxílio a Obras e Instituições Pias, e em bens que ora deixo, conforme vai adiante declarado,



por Nossa Senhora das Dores, Padroeira desta Matriz, e para a Santa Congregação dos Salesianos; particularizo desta maneira, a aplicação, à minha vontade, das importâncias, em dinheiro, recebidas por mim para distribuir na intenção de Nossa Senhora das Dores, nunca me apoderei delas; ao contrário, ordenei sempre que fossem recolhidas aos respectivos cofres da Igreja, hoje Matriz, os quais estiveram sempre à guarda dos Vigários da Paróquia.

Nos itens anteriores, encontra-se o padre com dificuldades financeiras, especialmente durante a sua estadia em Roma; lembre-se, por exemplo, a carta do Pe. Fernandes:

(SAL 12,27) (Roma, 17/08/1898): [...]Estou em uma condição apertadíssima[...]

Lembre-se, também, a missiva ao P. João Carlos, agradecendo pelo dinheiro mandado do Brasil:

(SAL 12,30) (Roma, 13/09/1898): [...]Meu amigo, não sei lhe dizer quanto sou grato ao nosso bom amigo Dr. Lima Borges e ao P. Pedro, de Belo Jardim. Quando não tinha mais recurso e devia muito, e sem saber o que fizesse, eles lembraram-se que eu estaria sofrendo privações e moveram subscrição e quando eu não esperava, vieram me trazer do correio cartas deles e de D. Engracinha com uma ordem para o banco, de 930 libras. Só Deus podia movê-los a ação tão generosa[...]

No capítulo I, descobre-se o Pe. Cícero responsável pela manutenção da casa, pagando dívidas, mandando pagar os trabalhadores. Registre-se, aqui, a carta que ele



escreveu de Roma, para a mãe, orientando de longe o sustento da família:

(SAL 12,26) (Roma, 22/07/1898): [...]Eu tenho na Serra de S. Pedro quatro tarefas de mandioca, boa de farinha, escreva ao Sr. Cândido vos fazer a caridade de desmanchar, se ele não puder, mande pedir ao Compadre Antônio Felix ou mesmo a José Lobo ou a outro[...] Mestre José Davi não se negará em vista das nossas dificuldades e talvez seja o que mais facilmente possa encarregar-se. Na Serra do Araripe também tenho dez tarefas de mandioca que, não obstante estar muito velha, pode dar ainda alguma coisa. Leopoldina sabe delas e pode encarregar-se e no caso de não poder, ela ensinará ao Seu Cândido que dará a providência precisa. Convém prontidão nessas coisas antes que outros lancem mão... Com o que tivermos, não deixe as meninas de D. Leopoldina passarem fome[...]

Viu-se, também, que, nos anos 1908, ele procurou se enriquecer (Minas de Coxá) e construiu casas e sobrados, querendo oferecer à Igreja o patrimônio necessário para a nova Diocese do Cariri, no Juazeiro.

(SAL 63,01) (25/09/1908): [...]Eu escrevo a ela (a Baronesa Ibiapaba) sobre o patrimônio insistindo para que me dê. Já dei princípios à construção do sobrado que, junto a uma casa que me pertence que, entre portas e janelas, tem oito de frente e pode servir para o bispo e secretaria[...]

Ele era proprietário de terras. Nos arquivos, ficou uma carta interessante sobre esse assunto:

(SAL 09,03) (Juazeiro, 05/12/1909): Meu caro e



bom amigo Cel. Pedro Onofre, *Salutem in Domino*. Recebi hoje sua carta convidando-me para a demarcação do engenho da Serra do Sr. Miguel Batista. Veio em ocasião que incômodos de saúde me privam montar a cavalo. Convida a mim somente como se eu fosse o confinante pelas terras do Sítio ou Data Faustino que tem um grande número de possuidores, como são os Gomes, o Sr. Manoel Leandro, negociante de Crato, Ezequiel, cunhado do falecido Cel. Segundo Chaves, irmão de D. Marica e os meninos de João da Botica, falecido, os filhos do falecido Oriel Norões Maia e o Sr. Leopoldino Romão que está no Amazonas, os filhos e genros de D. Clotilde, irmã de D. Marica, o Sr. Cel. José Monteiro que comprou uma posse na mesma data e vários outros, todos interessados, que bem me parece será uma dificuldade, que convinha demorar e convidar a todos, sobretudo Leopoldino que, sabendo a demarcação que fez o nosso avô, o Capitão Romão, em 1852, cujos marcos ainda existem testemunhas vivas, como seja o velho Cândido, morador na fábrica e era vaqueiro nestas terras, pode acontecer que não concordem pelo ponto que quer o Sr. Cel. Miguel que é diferente do ponto que sempre possuímos e é indicado nos registros paroquiais da mesma data, que estão em nosso poder, que está no Cartório, nos livros de registros de Crato. Achava bom ficar essa demarcação para diante enquanto chegava o Sr. Leopoldino Romão do Amazonas e se tomavam um fôlego de tantos trabalhos. Você procura uma pessoa que queira ir no dia 9 representar-me. Mande dizer no Monte Alegre ao Sr. José Norões que, com meu bom amigo fez um protesto sobre esses mesmos marcos, visto ser ele um dos donos de uma parte, como talvez deverá lembrar-se que o encarregou deste trabalho que foi publicado no *Correio do Cariri*. Meu amigo, já estou cansado com essas questões de terras, já peço a Deus que



me livre delas. Disponha sempre de seu amigo. P. Cícero Romão Batista.

O Pe. Cícero era, também, criador de gado, como prova uma carta escrita ao compadre Cândido Ribeiro Campos:

(SAL 20,43) (13/10/1916): [...]A paz de Deus o guarde e família. Tendo precisão de fazer minha criação de gado e animais nesta propriedade que comprei aos padres de S. Bento, mandei até lá José Xavier e o meu vaqueiro e disseram-me eles que o lugar que presta é o Pavão. Havia passado procuração bastante ao Sr. José Xavier para tratar de qualquer negócio com qualquer um estivesse no lugar mais apropriado, e resolver, como fosse justo. O Pavão foi o melhor que acharam. Portanto, não estranhe em exigir para estabelecer-me que boto aí, ou perco o resto da criação que está mal colocada. Portanto, lhe aviso que não posso mais arrendar aí, e em janeiro mandarei o José e o vaqueiro para aí. A respeito de sua casa, cercados, indenizo por preço razoável. Eu lhe digo com pena porque lhe desejo a si e a todos todo bem que posso desejar, porém não tenho outro lugar que se preste para a criação que já estou perdendo. É muito melhor que compre uma propriedade onde firme seus trabalhos e deixe sua família colocada em propriedade sua. Reflita bem que verá que é mais justo e melhor. De seu amigo e compadre.

Pe. Cícero comprava material até do exterior para as suas plantações:

(SAL 11,10) (15/05/1912): [...]Meu caro e bom amigo Cel. Adolfo Barroso. A paz de Deus o guarde. Mando-lhe uma carta para o Banco Inglês, London, Brazilian Bank Limitada - Fortaleza. Como você verá,



receberá do Banco a fatura consular e outros documentos com os quais você me fará o favor de retirar da Alfândega os artigos que houver lá de minha direção, conforme lhe mando cópia de fatura que, inclusa, remeto. Retire tudo e mande pôr na Sussuarana em poder do correspondente de nosso amigo Cel. Vitorino, avisando ao mesmo tempo correspondente que mandarei positivo buscar; você avisa pelo telégrafo para irem os meus portadores daqui. Mando-lhe o requerimento para despesas de impostos de Alfândega, dirigido ao inspetor da mesma Alfândega com quem você também se entenderá... das canecas para extração do leite de maniçoba, como para o ácido acético para coagular o mesmo leite, que este ácido virá provavelmente por outro vapor[...]

Fazia, também, comércio com os países estrangeiros:

(SAL 11,10) (15/05/1912) [...]Se ainda não recebeu comunicação do dinheiro restante da venda definitiva da nossa borra, logo que venha, tire o dinheiro do banco e nos comunique, o banco é London River Plate Bank, aí mesmo conforme comunicação de G. Robinson. Que se chegar, para o meu pagamento de minha dívida ao nosso amigo Cel. Antônio de Sá Barreto Sampaio entregando à casa Boris como você sabe, e faça antes que eu gaste. E comunique-me[...]

Como se vê, o Pe. Cícero pedia, também, a amigos para ajudá-lo nos pagamentos das dívidas.

No campo do cultivo da maniçoba, para extrair o leite e fazer borracha, Pe. Cícero parece ter trabalhado muito. Em 1912, procurou concorrer para receber o prêmio do Governo Federal, para recompensar os lavradores da maniçoba:



(SAL 11,11) (20/05/1912): Ao Dr. João Maximiliano de Figueredo (Deputado Federal pela Paraíba) ...Ainda uma vez, vou abusar de sua bondade pedindo-lhe o seguinte tendo o Governo Federal criado um prêmio para os lavradores de maniçoba, e eu possuindo um grande plantio na Serra do Araripe que custeio com grandes esforços, resolvi em cumprimento a essa lei criada, tentar obtê-lo. Assim, constituí meu procurador aí o nosso amigo Dr. José Geraldo para disso cuidar, e a ele recomendei que procurasse seu valioso auxílio. E por minha vez, peço-lhe que me ajude como puder nesta minha pretensão. Bem sei que tais negócios dão melhor resultado, muito mais pelo empenho que se consegue do que pelo direito que se possui e por isso mesmo é que a despeito de ser um sócio da sociedade da agricultura, peço-lhe o obséquio de auxiliar-me quanto puder[...]

Numa carta escrita ao amigo Adolfo Barroso, fala das dificuldades da exploração da borracha:

(SAL 11,19) (17/08/1913): [...]Por aqui vamos em paz, somente muito desanimado com o baixo preço que quase obriga abandonar a exploração da borracha que me tem custado não poucos sacrifícios a mim e a todos os plantadores de maniçoba. O conde vai ver se obtém uns poços tubulares... que já lhe prometeram. Eu já estou tão descrente de promessas que deixo ao conde as suas esperanças e boa fé[...]

Pe. Cícero preocupava-se para que o seu trabalho de fazendeiro fosse um exemplo e incentivo para os outros plantadores da região. Registre-se a carta escrita ao prefeito de Crato:

(SAL 02,14) (14/10/1918): O Pe. Cícero, com o fim



de demonstrar e ensinar aos outros rendeiros do Estado que a chapada araripense pode produzir outras plantas úteis que as rotineiras mandioca e maniçobas, pede mais uma licença de cultivar durante três anos, na mesma área pedida acima para criar 20 tarefas de cana-de-açúcar e 20 tarefas de diversos cereais e café, ao todo 40 tarefas[...]

Várias cartas falam de pagamento de dívidas; em 1912, por exemplo, conta suas dificuldades para o pagamento da coletoria, em Fortaleza:

(SAL 20,22) (25/05/1912): [...]Amigo Dr. Sampaio. Tendo eu passado um saque de três contos e cem mil réis (3.100\$000) para o nosso amigo Cel. Adolfo Barroso fazer um pagamento da Coletoria em Fortaleza, o encarregado do Coletor daqui foi receber o saque e o Cel. Adolfo não podendo satisfazer, como você verá pelo telegrama do Dr. Teogenes que junto lhe mando, peço-lhe que mande pelo telégrafo, visto como urge o tempo, entregar esta quantia ao Dr. Teogenes para que não haja uma falta que prevíamos. Você mande dizer em que casa em Fortaleza o Dr. Teogenes deve receber a dita quantia para daqui se telegrafar ao Dr. Teogenes onde deve receber. É negócio tão urgente que lhe ficarei sumamente agradecido. Disponha sempre de seu amigo e compadre.

Numa carta, escrita em 1914, ele trata de pagamento à firma Sampaio, de Barbalha:

(SAL 20,33) (4/11/1914): [...]Amigo Sr. Cel. Antônio Gonçalves da Siqueira Granja. A paz de Deus o guarde. A firma Sampaio e Irmão, de Barbalha, que estão em Recife, Pernambuco, aos quais devo a impor-



tância de quinze contos quinhentos e sessenta e sete mil setecentos e quarenta réis (15.567\$740), como verá na carta que lhe remeto pelo mesmo portador, Sr. Francisco Andrade e esta importância aos mesmos Srs. Sampaio, indicaram-me que eu entregasse ao meu bom amigo o dito pagamento, como verá o telegrama que pelo mesmo Sr. Andrade também lhe mando. Portanto, ficará em seu poder a importância do pecúlio da Mutualidade Pernambucana que tenho em seu poder, e o que ainda deve faltar para completar o dito pagamento, o Sr. Andrade também lhe entregará, como me fará especial favor de comunicar aos mesmos Srs. Sampaio que fiz o meu pagamento e cuja quantia já em seu poder. De tudo me confesso muito agradecido. Disponha sempre de seu amigo.

Pe. Cícero escreve ao compadre Manuel Furtado de Oliveira, ensinando-lhe como se conserva bem o feijão que tinha acabado de comprar para ele:

(SAL 20,38) (05/07/1916): [...] A paz de Deus lhe guarde. Recebi sua amável carta de 3 de julho corrente, comunicando-me que comprou as 20 quartas de feijão. Remeto-lhe inclusive, pelo mesmo portador 100\$000 réis e outro restante (57\$000) irá por Antônio Fernandes quando for para trazer-me. Tenha a bondade de curar, cada quarta, com um oitavo de mercúrio. Vá curando quarta por quarta e espalhe o feijão para não arder ou queimar. Vai um pouco de azeite para botar no mercúrio bem mexido com o óleo e junte umas quatro garrafas de água bem misturada com o azeite, que fique ensopado o feijão. A SS. Virgem lhe abençoe e aos seus. De seu compadre e amigo.

O Pe. Cícero aceitava, também, ser fiador, o que lhe causava, às vezes, alguns problemas. O Major Joaquim Be-



zerra tinha recebido dinheiro emprestado do Cel. Antônio Sampaio, sendo o fiador, o Pe. Cícero[...] Mas o Major não pagava a dívida. Vai uma carta do Pe. Cícero ao Cel. Antônio de Sá Barreto e outra ao Major Joaquim Bezerra:

(Pasta IV) (05/04/1916) Il.^{mo} Sr. Cel. Antônio de Sá Barreto Sampaio. A paz de Deus o guarde e a Ex.^{ma} Família. Em virtude de uma carta minha de 19 de maio de 1911, dando ordem a V. Ex^a para emprestar ao Sr. Joaquim Bezerra de Menezes uma certa quantia, o que, segundo sua conta corrente realizou no dia seguinte, 20 de maio, na importância de um conto e seiscentos e noventa e seis mil réis (1.696\$00) com o prazo de 6 meses; e nove meses depois do prazo vencido, foi a letra retomada com o juro de um por cento ao mês, que juntou mais aquela quantia à importância de cento e quarenta mil e novecentos réis (140\$900). Como a conta corrente que foi apresentada por V. Ex^a não consta o Sr. Joaquim Bezerra de Menezes ter feito nenhum pagamento, e ter sido preciso eu ter feito o pagamento dele, peço fazer-me o obséquio de mandar-me a letra do Sr. Joaquim Bezerra e, na falta desta, o recibo de todo pagamento que fiz por ele, para eu apresentar-lhe este documento, do que por ele paguei, e possa exigir a importância do que me ficou devendo. Disse-me ele já ter lhe dado alguma quantia em pagamento, porém como não consta na conta corrente, creio ser equívoco dele e eu remeti por meio do Cel. Granja, do Crato, toda aquela importância. Se tiver a bondade de fazer-me o pedido, ficarei agradecido, podendo entregar ao Sr. Manuel Carneiro Motta Lobo que me fez o favor de ir positivamente a este negócio. Peço desculpas incomodá-lo, porque o Sr. Joaquim Bezerra põe dificuldade se não vir o documento. Disponha sempre de seu respeitador amigo que sinceramente muito o considera.



Em 1916, Pe. Cícero escreve ao Sr. Joaquim Bezerra:

(SAL 20,37) (02/06/1916): [...] Como o bom amigo não pode fazer o pagamento ao Sr. Sampaio, ele mandou-me a conta corrente de sua casa comercial, do seu débito, a qual tem todo direito de lei, exigindo de mim todo o pagamento. Como lhe mando pelo Sr. Francisco Andrade a nota, fiz ao Cel. Sampaio o pagamento de todo seu débito que eu tinha tomado toda responsabilidade por minha carta de ordem e pedido. Agora, o meu bom amigo deve a mim 1.836\$900 réis. Portanto, estou certo que me fará o pagamento que somente exijo o pagamento ou quantia de sua letra de um conto e seiscentos e noventa e seis mil réis (1.696\$000) e mais uns juros de um por cento ao mês contados pelo Sr. Cel. Sampaio que também paguei por ser ao mesmo Cel. Sampaio. Tenho o recibo legalizado desta quantia, por meu responsável, feito o pagamento pelo bom amigo ao Cel. Sampaio em 4/11/14. Se o bom amigo puder fazer-me este pagamento, pode entregar ao Sr. Francisco Andrade que, por ordem minha lhe passará o recibo, e lhe fico muito grato. Em último caso, não podendo fazer o pagamento, me passe uma letra a um por cento ao mês a qual conduz o Sr. Francisco para ser assinada pelo meu bom amigo. Espero não fará reparo no que tão justamente lhe escrevo. De seu amigo e compadre.

Por sua parte, o Pe. Cícero pedia dinheiro emprestado:

(SAL 20,35): [...] Tenho de pagar ao Dr. Francisco Sá a quantia de 2.000\$000 réis, e receando que possa haver extravio no correio, envio para o amigo a referida importância inclusa, pedindo o obséquio de a ele enviar o mais breve, pois já telegrafei a ele neste sentido; sem mais, disponha do amigo.



(SAL 20,48) (27/03/1919): [...]meu afilhado Zeca da Cruz. Tendo compadre Felonon Pitta emprestado-me um conto de réis (1.000\$000) e me dito que lhe avisasse, portanto, entregue ao Sr. Joaquim Feitosa e guarde este documento que me entrega quando eu fizer o pagamento, que será logo. De seu padrinho e amigo.

(SAL 20,39) (05/08/1916): [...]Amigo Sr. Joaquim Francisco de Paula, a paz de Deus lhe guarde. Recebi sua carta de 15 de julho último e com ela pelo mesmo portador e seu sobrinho, a quantia de trezentos e noventa e cinco (395\$000) mil réis. Entreguei ao herdeiro Miguel, filho da falecida Ana Francisca de Paula a quantia de cento e cinco mil réis (105\$000) e com os cem mil réis que estão em seu poder e que entreguei ao mesmo órfão Miguel, completa o que a ele tocou da herança da mãe, e a menina, irmã do mesmo Miguel e filha da mesma falecida Ana Francisca de Paula[...] Entreguei duzentos e cinco mil réis (205\$000). E os noventa e cinco mil réis foi tudo distribuído de conformidade como determinou a mesma viúva Ana Francisca, falecida. Faça que o Miguel compre um pedaço de terra para trabalhar e viver. A menina fica aqui mesmo, educando-se até quando Deus quiser, ela casa-se. A SS. Virgem que lhe abençoe e aos seus.

Como já se viu em outros itens, o Pe. Cícero ajudava colégios, seminários, igrejas que lhe pediam recursos. Pagava bolsas de estudo para seminaristas e jovens de Juazeiro:

(SAL 25,48) (26/08/1932): Prezado colega e amigo P. João Leite. Recebi e respondo a sua prezada carta, da qual foi portador o Sr. Cícero de Souza. Agradeço e retribuo os cumprimentos que teve a gentileza de enviar-me. Quanto ao auxílio que me pede para os serviços da



igreja da sua Paróquia, remeto, pelo mesmo Cícero de Souza, uma pequena quantia porque, no momento, me encontro desprevenido de dinheiro. Espero que saberá me desculpar pela insignificância do auxílio e peço continuar a dispor do amigo, colega e servo em Nosso Senhor Jesus Cristo.

(SAL 25,37) (02/04/1929): Estimável amigo D. Giocone Maggi, Bethlehem, Palestina. Só agora posso ter o grato prazer de responder a vossa prezada epístola datada de 30/10 do ano passado. Com ela recebi também umas fotografias de vossa casa, consagrada a Jesus Adolescente, e, atendendo a vossa solicitação, envio para o Orfanato a cargo dessa benemérita instituição cristã, a quantia de quinhentos mil réis como auxílio à sua manutenção. Com os meus protestos de estima, amizade, o irmão em Jesus Cristo. Oremus ad invicem.

(SAL 36,60) (09/06/1933): [...] Godofredo e Alberto[...] Vejam que não é pequeno também o sacrifício que venho fazendo para mantê-los aí (no colégio).

Ofertava presentes, como, por exemplo, um relógio para uma igreja de uma diocese vizinha:

(SAL 25,46) (20/08/1893): Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Mallan, minhas cordiais e respeitadas saudações. Apresento a V. Ex.^a Rev.^{ma} o portador desta, Pelúcio Macedo, que construiu o relógio de sua fabricação, por mim oferecido à matriz dessa diocese, conforme os acatados desejos de V. Ex.^a Rev.^{ma}. O mecânico Pelúcio é amigo a quem muito prezo, pai dos Padres Manoel, José e Semeão Macedo, e portanto pessoa de representação social. Ele se encarregará dos assentamentos do aludido relógio que aí pretende deixar em pleno funcionamento. Ficarei muito satisfeito se o modesto presente que ofereço à diocese de



V. Ex^a Rev.^{ma} satisfizer inteiramente[...] E pedindo-lhe recomendar-me nas suas orações[...]

Pe. Cícero, durante muitos anos, foi proibido de celebrar missa. Mas os romeiros confiavam-lhe intenções e contribuições que mandava a sacerdotes, como se pode observar lendo o grande número de recibos conservados e algumas cartas do próprio Padre:

(SAL 28,04) (10/10/1915): Rev.^{mo} amigo D. Lucas, O.S.B. Laudetur J. Christus. É portador o Sr. Francisco Andrade que conduz cem mil réis (100\$000) para espórtulas de trinta e quatro (34) intenções de missas e espórtulas de 3.000 missas para serem celebradas aí no Convento de Santo Estêvão, ou de D. Bonifácio, como em qualquer outro Convento que V. Rev.^{ma} queira. Confio muito que todas sejam celebradas e tenha a bondade de mandar-me os recibos para eu dar conta aos donos que me entregaram[...]

(SAL 28,05) (12/10/1915): [...]Rev.^{mo} amigo D. Bonifácio. Salutem in Domino. Já não respondi suas cartas porque estava juntando maior número de missas, cujas espórtulas lhe vão integralmente como as recebi. Remeto-lhe 500 intenções com espórtulas de dois mil réis (2.000\$000), como V. Rev.^{ma} ordenou por intermédio de D. Lucas e este também telegrafou-me pedindo intenções. Autorizei-lhe que tirasse o que quisesse e comunicasse a V. Rev.^{ma}. Não mando mais intenções porque nem V. Rev.^{ma} pode avaliar a medonha crise que atravessamos[...] Morre-se de pura fome. Peça a Deus em suas missas que nos socorra[...]

É terminava a carta com um N.B.:



“Muito agradeço sua generosidade em oferecer-me 500 de cada espórtula; porém, eu ficava mais satisfeito mandar-lhe da forma que recebi...”

Tais são as cartas do Pe. Cícero, que foram encontradas, tratando de dinheiro, de terra, de comércio[...] Elas poderão ajudar o leitor a se aproximar de uma outra realidade do padre que se tentou conhecer com objetividade.



PE. CÍCERO, O FILÓSOFO

Várias cartas deixaram escapar frases, sentenças, provérbios, afirmações que representam pontos chaves do pensamento do Pe. Cícero, não necessariamente o que ele vivia, mas pelo menos o que ele pretendia viver. Num pequeno item final, foram recolhidas ideias, expressões de uma filosofia de vida[...] Assim pensava o Pe. Cícero:

(SAL 12,32) (24/9/1898): A gratidão, com certeza, é uma virtude do céu.

(SAL 12,31) (25/9/1898): Há generosidades que não se pode e nem se sabe pagar.

(SAL 36,42) (23/2/1899): A amizade se conhece é na adversidade.

(SAL 64,01) (25/1/1912): Só na velhice, pelas sinceras provas de lealdade durante toda vida do homem, é que pode-se ter a convicção da verdadeira amizade.

(SAL 25,17) (18/7/1918): Todo bem, ainda os mínimos, vem de Deus, e de todo mal, Deus é quem nos livra, ou por meio da Santíssima Virgem, ou de seus santos, ou por qualquer criatura, ou diretamente por si, porque só ele, Deus, é o Criador de todas as coisas, ainda as mínimas, é o autor absoluto de todo bem e de toda graça.



(CRA 03,12) (4/6/1989): É uma consolação falar com quem sabe sentir.

(CRA 03,09) (4/2/1986): Jesus Sacramentado, entre pobres e pequeninos, onde falta tudo, console, anime, fortifique. É o nosso verdadeiro amigo entre nós.

(SAL 36,06) (sem data): Sem a unidade da fé é impossível a vitalidade, a grandeza e a inexpugnabilidade de um povo.

(SAL 07,11) (22/8/1910): Sem educação religiosa perfeita, não há agremiação que progrida e que seja útil a si, à família, à sociedade e à Pátria.

(SAL 36,06) (sem data): Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação.

(SAL 36,06) (sem data): “O sacrifício individual tem sido muitas vezes a salvação geral”.

(CRA 03,03) (17/5/1877): As obras de Deus sempre são assinadas com o cunho da adversidade.

(CRA 03,04) (28/12/1877): Deus há de ajudar; que a sua obra firmada por tantas contradições dê frutos de vida.

(CRA 03,03) (17/5/1877): As grandes ideias encontram embaraços no seu começo.

(CRA 03,04) (28/12/1877): Faremos o que pudermos e Deus provará que é obra sua.

(SAL 12,12) (Salgueiro, 28/10/1897): Só espero na bondade de Deus que me quis, em sua santa vontade, fazer passar por tais ásperas privações, que me dará a sua santa paz.



(CRA 03,12) (4/6/1889): Estamos nas mãos de Nosso Senhor, Ele se compadece de nós.

(SAL 25,38) (10/8/1929): Espero que somente Deus nos livre. *Oremus ad invicem.*

(SAL 10,01) (23/3/1906): O demônio nunca deixou de procurar” destruir toda obra de Deus.

(SAL 23,04) (28/3/1912): O príncipe do mundo é Lúcifer, e a autoridade dos que governam sabe transformar em instrumentos de perseguição.

(SAL 23,10) (Roma, 13/9/1898): O demônio não dorme, e a casa onde há o baixo emprego de delator, não goza paz.

(SAL 36,26) (31/1/1895): Orem para nós todos ao Sagrado Coração de Jesus manso e humilde que nos ensina a sofrer por ele com paciência.

(SAL 36,21) (13/1/1896): Resignado com sua graça, pretendo dizer sempre: fiat voluntas tua sicut in coelos et in terra. Espero que o Sagrado Coração não me deixe trair a sua causa ainda que custe mais.

(SAL 06,16) (16/6/1903): Como sacerdote católico, não tenho outra lei senão obedecer àqueles a quem Deus constituiu meus superiores.

(SAL 12,12) (Salgueiro, 28/10/1897): Nosso Senhor sabe que, com sua graça, nunca desobedeci nem pratiquei, nem ensinei coisa alguma contra o ensino da Santa Igreja e nem quero o mal.

(SAL 36,57) (23/10/1914): Eu não tenho o que fazer senão sofrer e suportar o mar de mentiras, injúrias e calúnias.



(SAL 12,30) (Roma, 13/9/1898): A calúnia, com audácia e autoridade, moveu uma perseguição que deu a morte a Jesus Cristo, quanto mais a mim.

(SAL 23,28) (30/12/1916): Nada é oculto que não se descubra.

(SAL 20,10) (1/12/1909): Que o direito, a razão e a justiça triunfem de tanta pretensão!

(SAL 36,57) (23/10/1914): Como estou certo que vamos todos para a eternidade e lá serão recompensados os que sofrem as injustiças do mundo, e eu, já velho como estou, me conformo e não me incomodo mais com as injustiças do mundo. Tudo fica aí e nós vamos como Deus vê que somos.

(SAL 12,30) (Roma, 13/9/1898): Não se persegue aos seus semelhantes impunemente.

(SAL 36,08) (sem data): Desejaria que Nosso Senhor me condenasse, contanto que se remediasse a salvação de tantas almas.

(CRA 03,02) (12/1/1876): Sabemos que promessas humanas nada valem quando não são filhas da Fé.

(SAL 11,19) (17/8/1913): Estou descrente de promessas.

(SAL 08,04) (16/8/1916): Não olho para nada do que eles (os políticos) querem dar: com bananas e bolos, se enganam a todos.

(CRA 03,11) (2/8/1887): Em busca dos pecadores é que devemos andar, e estes é que precisam de misericórdia.



(SAL 36,59) (12/7/1923): Nunca é tarde para cuidarmos de nossa salvação, e quanto mais próximos da morte pela idade.

(SAL 25,17) (18/7/1918): Ânimo, deixe tudo que Deus não quer!

(SAL 36,59) (12/7/1923): Dê o primeiro passo e o resto o nosso bom Deus fará.

(SAL 23,30) (11/9/1916): Há um provérbio antigo: Quem se confia em inimigos, nas suas mãos cai.

(SAL 23,15) (10/11/1911): Eu nunca combino com revolução.

(SAL 28,04) (26/9/1917): Que horror é guerra! Não há dúvida, é começo do fim. É Deus obrigado a castigar a terra com severidade. Que horrores!

(SAL 08,03) (15/11/1915): Todo brasileiro, cearense, tem direito de reclamar.

(SAL 36,47) (06/12/1900): Cada cearense deve ser uma trombeta na imprensa e em toda parte, gritando com força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará.

(SAL 26,10) (13/9/1898): Somente a ambição se atreve a perturbar o direito alheio.

(SAL 26,10) (13/9/1898): As ambições e elementos corrosivos movem os que governam.

(O Rebate 04/9/1910): Há emergências na vida pública que a definição do pensamento e a justificativa da intenção se tornam impossíveis, e muitas vezes conclusões intempestivas são irrefletidamente tiradas do silêncio a que a conveniência obriga.



(SAL 23,27) (05/8/1925): No terreno político, os homens de valor, por questões de patriotismo, não têm direito de ser modestos.

(Carta a Segundo Chaves, cf. Irineu Pinheiro, Roma maio de 98): Aspiro a um cantinho esquecido e desapegado de tudo, cuidando só de salvar-me.

(SAL 09,03) (05/11/1909): Já estou cansado com essas questões de terra; já peço a Deus que me livre delas.

(CRA 03,07) (06/4/1880): O melhor lugar é o que de onde mais facilmente se vai para o céu.

(SAL 12,11) (Salgueiro, 24/10/1897): Depois de uma infelicidade, as desculpas não remedeiam coisa alguma.

(SAL 36,58) (02/7/1916): Cada terra tem seu uso.

(SAL 25,10) (19/10/1907): Sempre sou amigo e apreciador dos bons operários da vinha do Senhor.

(SAL 36,08) (sem data): Nos preparamos para o céu que lá, sim, seremos felizes.

(SAL 08,04) (16/8/1916): Sou padecente e resignado com toda ingratidão.

(CRA 03,12) (04/6/1889): O Sagrado Coração de Jesus e as lágrimas de Maria falam por nós.

(SAL 12,05) (Crato, 14/9/1897): Ore por mim para que Nosso Senhor me dê a sua santa paz que eu desejava que fosse logo no céu.

(SAL 36,57) (23/10/1914): Perdão a todos que talvez façam essas coisas entendendo que estão fazendo bem. Nosso Senhor os salve junto comigo no céu.



(SAL 23,04) (28/3/1912): *Veritas Domini manet in aeternum.*

(SAL 25,38) (10/8/1929): Eu tenho aconselhado sempre a todos que aqui vêm que rezem o Santíssimo Rosário da Mãe de Deus em sufrágio e salvação das almas do purgatório para que ela nos tome e nos guarde e nos livre de tão grandes males. Rezem em espírito de Fé e de Verdade como Deus manda e com certeza Ele nos livra e nos guarda como seus filhos.

(SAL 36,61) (18/3/1929): Com sua família, reze todos os dias seu santo rosário, se entregando a Deus e a SS. Virgem, para lhe guiar e governar nesta e na outra vida.

(SAL 36,59) (12/7/1923): Reze todos os dias o santo rosário da Santa Mãe de Deus; é um pequeno sacrifício e uma oração dela, é um amor a Ela para o olhar e receber como o seu filho.

(SAL 17,15) (23/3/1897): Esperamos somente da proteção de Nossa Mãe Santíssima, Nossa Senhora das Dores.

(SAL 28,04) (26/9/1917): Oremos e celebremos a Mãe das Dores por essa pobre humanidade que nem sabe o que faz e nem vê para onde marcha.

(SAL 36,47) (06/12/1900): Estamos certos que só a Providência nos dará remédio.

(CRA 03,03) (17/5/1877): Creio que posso afirmar que sou sincero em meus sentimentos.

(SAL 20,38) (05/7/1916): A paz de Deus lhe guarde!

(SAL 23,15) (10/11/1911): A paz de Deus o governe!



(CRA 03,09) (04/2/1886): Louvado seja Deus!

(SAL 64,01) (25/11/1912): Os velhos não podem dizer tudo quanto sentem.



CONCLUSÃO

Nunca se perde tempo procurando aproximar-se da verdade subjetiva do homem.

Apresentaram-se ao leitor as peças do grande quebra-cabeça, deixando-o descobrir o Pe. Cícero, a partir de suas cartas.

A compilação de 180 cartas por ele escritas revela a complexidade e a riqueza de sua personalidade. Acrescentam-se outras cartas que se acham em livros insuspeitos, em que os autores transcrevem fielmente documentos que passaram por suas mãos.

Ao leitor, o trabalho da interpretação.

Lembre-se, no começo deste livro, uma carta ao Pe. Cícero, em que Mons. Macedo escreve ao sacerdote suas impressões: ⁹¹

“Almocei ontem na Nunciatura com o cardeal e o bispo do Ceará, que achei duro e inflexível quanto aos negócios de Juazeiro fazendo, no entanto, as melhores ausências de V. Rev.^{ma} [...] Está me parecendo que há entre V. Rev.^{ma} e o seu bispo, investigáveis desígnios ou

91 SAL 63,08.



intrigas ocultas, das quais nem um nem outro descobriu ainda a fonte perversa. Qual o motivo de tão profundos desacordos? Como explicar a falta de confiança do bispo para com V. Rev.^{ma}, a quem no entanto ele faz tantos elogios e a quem reputa como excelente padre? Mistério! Mistério! Quem será o culpado? Um dos dois? Ninguém pode afirmar e bem pode ser um 39 que se ignora e anda nas trevas[...]"

Em não se chegando a esperar-se, ao menos, a descobrir a terceira pessoa que “anda nas trevas”, espera-se, ao menos, ter fornecido material suficiente para que se faça luz sobre o Pe. Cícero.

Deseja-se que esta publicação ajude os pesquisadores, os estudantes, os romeiros e todos aqueles que procuram tocar mais de perto a verdade sobre Pe. Cícero, especialmente, as igrejas cristãs, católicas ou não, a caminhar em um processo de melhor compreensão da pessoa desse sacerdote tão importante na cultura nordestina e brasileira, com menos polêmica. Para as autoras, esse trabalho foi esclarecedor e até considerou-se que foi uma questão de justiça oferecer ao Padre um espaço para falar “por ele mesmo”, expressar-se, defender-se. Sem isso, não se pode esperar uma aproximação da verdade, um julgamento sereno dos comportamentos, à luz do Evangelho, que, para todos, é o farol que conduz. Sem essa compreensão não se pode chegar ao perdão indispensável e recíproco dos erros e falhas que marcaram a vida das pessoas implicadas na tumultuosa história do Juazeiro.



Infelizmente, é comum julgar e manipular a concepção que se tem de uma pessoa, a partir de interesses pessoais. O “marketing” econômico e político é cada vez mais especialista na matéria! Acontecem com as personalidades, os políticos, as autoridades religiosas. Ainda hoje, acontece, também, com o Pe. Cícero. Não se pode aceitar essa manipulação tão frequente e vergonhosa, porque deforma a verdade sem escrúpulo.

Ora, sem uma compreensão honesta das pessoas e dos fatos, não se pode tirar as lições da história e construir a verdadeira paz.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

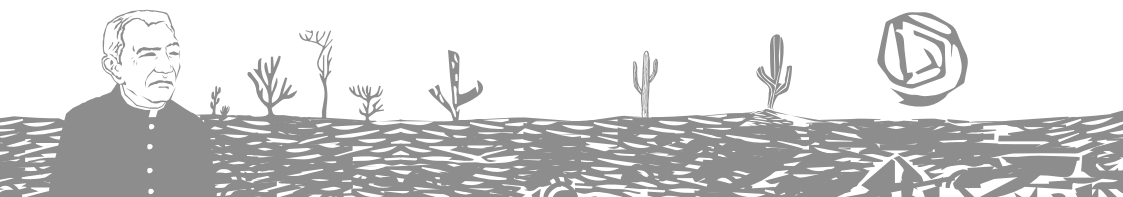
O padre Cícero, devido a sua importância histórica e religiosa, é objeto de uma polêmica que motiva estudos e pesquisas que procuram uma resposta para a questão do chamado “fenômeno de Juazeiro”, além da reparação de uma colossal injustiça da qual foi vítima o levita. Muito se escreveu a favor e contra o patriarca de Juazeiro do Norte.

Fugindo da vulgaridade, estudiosos do assunto, fazem relatos brilhantes da vida do Padre Cícero. Por mais fieis que tenham procurado ser os registros dos mais diversos autores, está sempre presente a interpretação e impressão pessoal dos fatos pelo escritor no relato de eventos que o tempo teima em querer apagar da memórias dos últimos remanescentes de uma época.

No livro “O Padre Cícero – por ele mesmo”, as autoras, a partir dos escritos do punho do próprio sacerdote, nos põem em contato direto com a fé e o pensamento daquele que é tido por milhões de romeiros como o Santo do Nordeste.

Deputado Estadual Dr. Santana.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Joaquim. *Juazeiro, Cidade mística*. Fortaleza: Ed. “Instituto do Ceará”, 1949.

ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BARBOSA, Walter. *Padre Cícero, pessoas, fotos e fatos*. Fortaleza: Ed. IMEPH, 2011.

CABRAL, Emílio, Pe. (org.) *Álbum do Seminário do Crato*. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1925.

COMBLIN, José: *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livr. Francisco Alves, 1940. 15. ed.

DELGADO, José de Medeiros. *Padre Cícero, mártir da disciplina*. Documentário Pastoral (agosto de 1970) (mimeografado).

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. Fortaleza: Ed. UFC, 1980. Coleção “Retratos do Brasil”, vol.5, 6. ed.



GUIMARÃES, T. S. *Padre Cícero e a Nação Romeira, estudo psicológico da função de um Santo no Catolicismo popular*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. Coleção Centenário.

HOORNAERT, Eduardo. *Verdadeira e Falsa Religião no Nordeste*. Salvador: Ed. Benedictina, 1972.

MAIA, Helvídio Martins. *Pretensos Milagres de Juazeiro*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MARANHÃO, LEITE. Padre Cícero, paranóico? *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza LXXX, 1966.

OLIVEIRA, Amália Xavier. *O Padre Cícero Que Eu Conheci*. Verdadeira história de Juazeiro. Fortaleza: Ed. H. Galeno, 1974.

PEIXOTO, Alencar. *Juazeiro do Cariry*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. Coleção Centenário. 2. ed.

PINHEIRO, Irineu. *O Juazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. Coleção Centenário, 2. Ed.

PINHEIRO, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Edições UFC, 2010.

QUEIROZ, M. Isaura Pereira DE. *Réformes et révolution dans les sociétés traditionnelles*. Paris: Ed. Anthropos, 1968.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *O Verbo encantado; a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 1998. Coleção Outros Diálogos.

SÁ BARRETO, Francisco Murilo de. *Padre Cícero*. Coleção “Nossos Padres” – 1; São Paulo: Ed. Loyola, 2002.



SÁ BARRETO, Francisco Murilo de. *Testemunho, serviço e fidelidade*. Juazeiro do Norte: Paróquia N. Sra. Das Dores, 1998.

SEGUNDO, Joaquim Alves. *Juazeiro, Cidade mística*. Fortaleza: Ed. “Instituto do Ceará”, 1949.

SILVA, Antenor de Andrade. *Cartas do Padre Cícero (1877-1934)*. Salvador: Ed. Salesianas, 1982.

SOBRAL, Lívio. Padre Cícero Romão. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1942. t. LVI.

SOBREIRA, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro*. Petrópolis: Vozes, 1968.

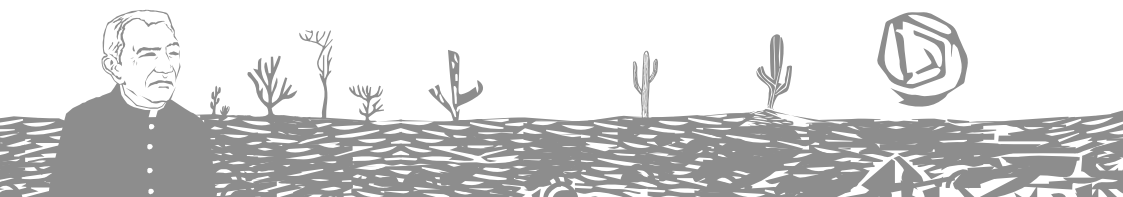
TÁVORA, Fernandes. O Padre Cícero (considerações sobre sua personalidade e ação social), *Revista do Instituto do Ceará*, ano LVII (1943).

TEÓFILO, Rodolfo. *A sedição do Juazeiro*. Fortaleza: Editora Terra de Sol, 1969.

VERGOTE, Antoine. Um esclarecimento da psicologia religiosa sobre o fenômeno Juazeiro do Norte. In: *Anais do 1º Simpósio Internacional sobre Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: URCA, 1990.

WALKER, Daniel. *História da Independência de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: ed. do autor, 2010.





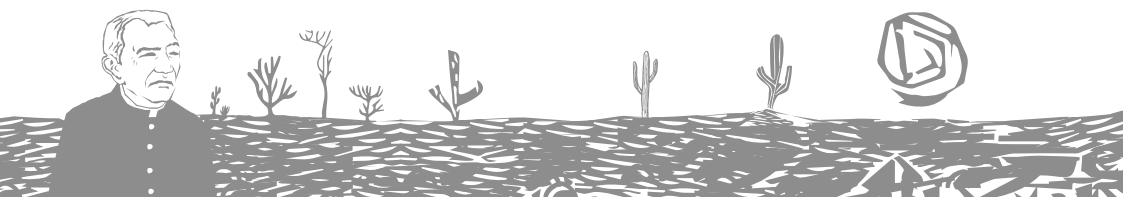
Apêndice

Documentação

FONTES:

1. Arquivo do Centro de Psicologia da Religião, Juazeiro do Norte, CE;
2. Arquivo de Daniel Walker e Renato Casimiro, Juazeiro do Norte, CE.





Em: e Am: Sua:

As condições diffíceis em que appare-
ce collocar-me a Providencia pri-
vã-m de ex jurisdicção. Com o P^{to}to
visitar a M^{ta} m^{ta} e seu vicario or-
min bone desejo de amigo sincero.
Adora muito nem sei serrei ator-
vado em os gemidos de m^{ta} b^{ta} e
velha mãe. Laudã. seja Deus.

Como Dade m^{ta} sobre M^{ta} tanto
digo de collocar um Sacerdote em nos-
sa pobre Capella onde Jesus Sacra-
mentado, e unidade q^{ta} entre pobres
e pugnantes, or d^{ta} falta tudo, m^{ta}
benedicta, nos animas, no fortifica
E omne veridico am. entre nos. Eu deo
para fazer aqui um Ceu q^{ta} sua
merceda; p^{ta} m^{ta} nos ignora
aproveita esta logar, e o job do
Cariri. A Capella v^{ta} jo^{ta} vive,
o Sacerdote m^{ta} e p^{ta} p^{ta} a orcom
munda amem p^{ta} e, aho q^{ta}
estari^{ta} deente, a ambola e
boa. O q^{ta} temha de allegar q^{ta} corre-
quer o meu desejo, e q^{ta} nos abetãta
agui ser em logar pugnante q^{ta}

Carta do Pe. Cícero à Dom Joaquim Vieira, 2º Bispo de Fortaleza, pedindo a
licença para guardar o S. Sacramento na Capela de Nossa Senhora das Dores

(04/02/1886).



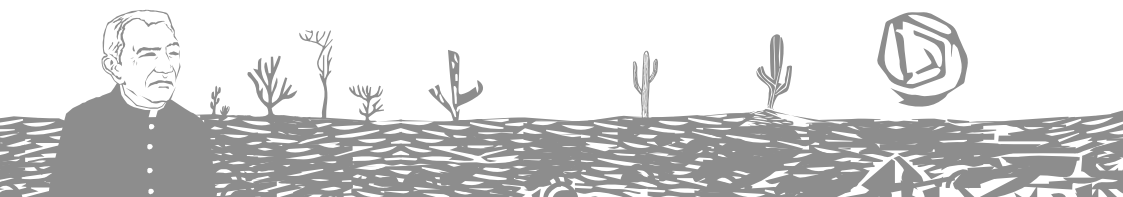
bra 1^o. m. populosa e distants
De Matry tray ligas vinda or in
fermos marrem sem oriatice e
falta de la reuras. D. E. a ju
mitta me falar ao estuicio, mo
sio se intertautos ofalens. se taria
dumbros. Deo a He. 1^o terta
rebande de rufonem me, kio
ta alcanando. e q^o tant dujo.

de por possivel me emceda
a faulo. De dixer missa quin
ta fira santagialum de taster q^o
na podum e dixer e q^o au
tos motivos ven communi
no Matry. O lantassim sacro
m^o e q^o kalamjurore a He.

Deponho Dissipue e a
benção e huermba sumo e ami
go. verdades

B. P. P. P. P. P.

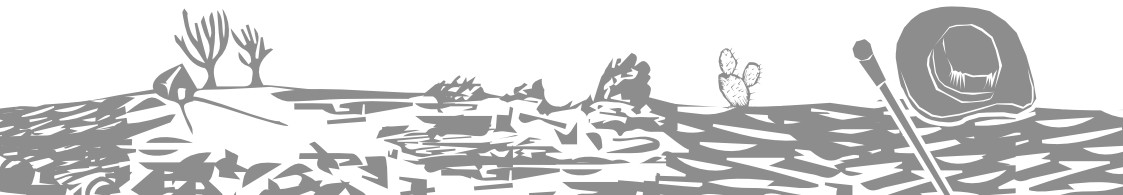
Joalun 4 de Junho
de 1886.



Cami. N. S. S. P. P. P.

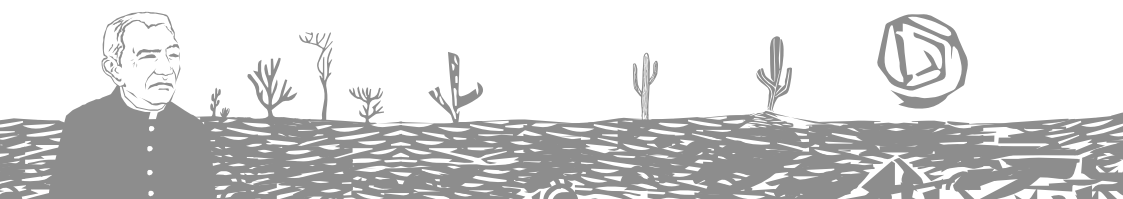
Angustado de tanta afflicção não sei como
se sente. O tremendo flagello da fome
apresenta-se de ante dos olhos e dos ouvidos em
tudo os seus horrores, só um milagre
nos pode salvar, não falta de resto
de ouvir q' o acocho já está de 1^o em 1^o e q' em
com tudo as poucas chuvas q' haueram
nos últimos dias não se reger a falta
no m^{to} causa. Em S. Pedro m^{to}, q' onde
não sempre continuando o mesmo talento
e q' natureza tão seca, e toda população
com obrigação de evitar se morrer de fome
e de beber água beber a água com
algumas chuvas e de o inverno seguinte
começar sem escapa. Com esta com
esperança e o pobre Districto de quaseiro tão
populoso e tão pobre, e o govt do Cariri,
planta quasi exclusivamente de arroz,
as chuvas não foram sufficientes p^o esta
plantação q' exige mais de 4^o de altura,
as águas do rio Patativa não chegam mais
até mais q' fazem as irrigações como era cost
tudo no antigo como já se viu, e q' era
prontado q' desde de q' a seca de 4^o e
a existência da população hueram q' se
requerão de tal modo q' poucos
demoreia. O q' é certo, e q' já se viu se tudo
e não se viu mais de tal modo, em S. Pedro

Carta do Pe. Cícero à Dom Joaquim Vieira (04/06/1889).



na sua situação... Esta ideia raze-me
 o coração e quasi me mata não podendo
 dar remedio a tantos males. Tenho
 perdido m^{te} a Nossa Senhora e os
 meus precados culpados q' elle ouço!
 E como posso vir esta pobre prisioneira
 q' amo tanto, como uma parte de
 alma de quem? Pela-me mais
 de q' a morte, ou antes morto q' cada-
 um! E eu sei q' D. vai castigar
 o mundo com tanto rigor como
 se puda. Si a d. também (p. q. m.)
 não alcança misericórdia e perdão
 e como uma tempestade de males
 q' vai enche-lo e este anno m^{te}
 é um anno de lagrimas. O lagrimas
 não de Jesus e as lagrimas de almas
 fallen p' nós.

Eu não sou nada, toda
 a consciência de q' sou e p' isto não me
 aturo a dirigir-me ao q' governo, ao
 politico, ao com politico se entender.
 Debrei-me de pedir a t^{te} h^{ra} q'
 sabe chorar em or q' chora, p^{te} de
 entender p' nós ou alcançando nós al-
 cançando alguma medida do governo
 p' meios de alguns trabalhos e q' de
 de garantia p' prisioneiros e outros. Tenho



aqui bons logares proprios p. aquelles q'
puderem aproveitar e isto pode
pouco tempo traballo possa escapar

Em Conestantina na Calabria as pessoas
arruam, tem rendia de 8000^{rs}. com q'
nos soffemos, e em pouco q' si i
nurd. o resultado q' tao, sera' um reme-
dio mais proprio e mais efficaz.
Ahi esta' uma companhia contractada
do p.^{to} governo p.^{to} esta' finca, mas aham
e um dicto poder p.^{to} o mesmo pobre gen-
alicio de proporcionar largar q' de p.^{to} de
gar as terras q' eram regadas p.^{to} Portugal
em q' momento. Equivale p.^{to} q' cada um
pali ajustado, sobre, e nosse terrenos de
punta do melhor ^{modo} e mi parte q' d'ols
tem o melhor resultado. O p.^{to} p.^{to} p.^{to}
Carid. e p.^{to} Oraca' Pontual de Porto q' e' Ponta
deste logarinho tao' caro a seu degra'do
Cariaco, seja o instrumento de q' ella se
riava p.^{to} das sabias. O mesmo bom Am.
p.^{to} de p.^{to} Foly, este nome de D. q' acio por
tillar em as nosas, amarguras com
testamento, ainda dira' melhor a' p.^{to} p.^{to}.
a nosa condicao. Estamo' no' mais de oraca'
sentir, elle se comprad. ca' de nos.

Otras causas q' t'ha' mecessid. de faltar
p.^{to} a' os assumptos q' estao' p.^{to} de mais em



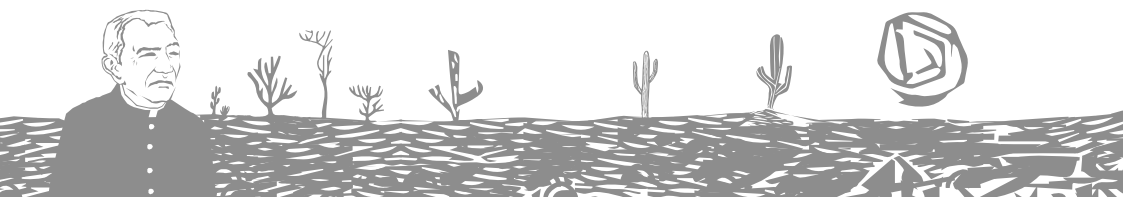
favendo a V. M. ten occupato, p'caro G.
altri. occasione. Alpe d'isole. Cu Saffio
tanto! e l'una consolacoe, follu an G.
sabu d'inter. Et benea amia o
m' d'inter e a p'ovinto y' d'origo. P.
v'ntuon sempre -

De subdito fidelis am.
verdica.

Vigilia - v'ntu l' d' Jullo
- 1889.



Lucas e Junior e
more y' d' d' d' d' d' d' d' d'



Jes 31 de Jan. de 1895.

Angélica e Santíssima Virgem the abençoada
e a todos de casa.

Já recevi a vossa Mãe e toce
escrevendo the vossa carta, onde ve
rá q' já estão quasi bon.

Espero q' se vo en tem con
tinuado a dar dinheiro a Off. Palmir
p. o serviço da vossa, e barre em q' to eu
chege, q' j' pretendo estar ahí querendo
q' na semana seguinte eu no ou
tra. O Sr. Diego mandou amassar
o P. e outros de suspiros. Não sei
até quando ira tanta oppressão

Orém p' mi todos as Sagradas bo
raças de q' Mães e humilha
q' in vossas a coffee & Elle com
paciencia. A Santíssima Vir
gem das Dores abençoe a toce e a todos
de casa guardando a toce como boa
Mãe.

De seu irmão —

D. Cícero

Carta do Pe. Cícero à sua irmã Angélica.



Santissimo Padre

Este não foi
mandado

Estos humillamente Vos supplicamos
em nome de duas e de duas mil al-
mas e em nome do Santissimo Coração
de Jesus a Vossa Magestade tanto e tão
dignamente representada ora termo, refer-
mandos a Sentença do Santo Officio que por
documentos que a vossa Magestade de propósito
preparou para obter a dita sentença, quer havendo
e se negando a verdade, tão injustamente
e a ponto em perigo por alguma persegui-
ção desabrida a nível de duas mil al-
mas, vinda em nosso respeito. Sois
Vos Santissimo Padre e encarregado de nos
obrigar e proclamar o que Deus fez aqui
a bem das almas e de sua Igreja, e de nos
salvar. Aprovei e mandei e proclama
que os hostias sacramentales aqui no Jomão
de Crato me beara se transfundiram em seu
que, a bondade de Deus fez autor. amorem
Mas para dar testemunho da primeira. Si
não fosse a vossa S. S. Padre, não nos vos
pediamos, já esta vossa filha e vossa aus
que é levada em pessoa a Bessa praecep
em virtude em nome da Santissima Trindade
Vos supplicamos esta graça, transportada lo-
mente por força Divina e pelo santo obedi-
cia a Confessor, é um testemunho que a vossa
ma S. S. Trindade Vos. Sa. S. Padre. Sa. vossa

Carta do Pe. Cicero ao Papa (25/03/1897)



De do facto que já vos foi identificado
em um papel que vos foi entregue pelo
Sr. J. G. Costa e em uma carta dirigida
pelo Sr. J. G. Costa ao Sr. J. G. Costa
em interveção de vossa Santidade.

Esperamos ardentemente da proteção e do
ajuda de vossa Santidade e do Sr. J. G. Costa
e da bondade de vossa Santidade
sempre atentos.

Joaquim B. S. de Moraes, de 1894



(Via Bella-Bella)

19

Estação de _____, em _____ de 191_____

Repartição
Geral dos Telegraphos

N. _____
Palavras n. _____
Data _____
Hora _____

Carimbo

Hora de transmissão

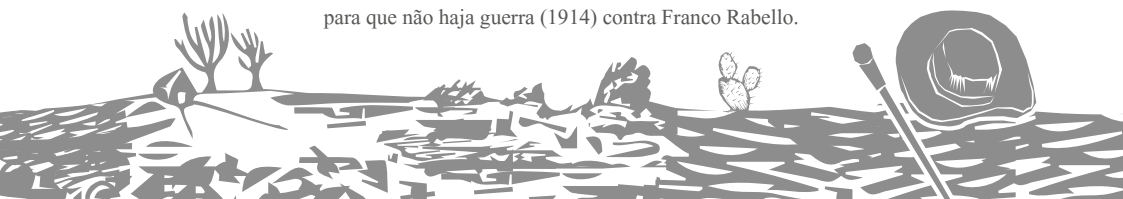
(Allyente) Senador Francisco Sá, Pe

Apprimam-se mandadas para Boque elvariohas urgente Cimp. athico implore preceptas	Tropas Francis massacrar no mau Hermes vital facendote lutar par Saudação	Joazeiro Rabello nome mandada guisa Catholico armadas providenciais
--	--	--

Residencia do expeditor
Pe Cicero

TELEGRAMMA

Telegrama do Pe. Cicero ao senador Francisco Sá pedindo providências para que não haja guerra (1914) contra Franco Rabello.



Cópia
Bulle 11.05.1913

Joaquim 17 Ag.º 1913

Meu caro e bom amigo Cel. Adolpho Barroso
Após de Deus o guarde.
Segue-se ali o nosso amigo Conde
Adolpho que aprimeiro q. se referir a
já nos peço recomendar a
q. o considero um seu amigo e
q. é digno de toda consideração
e eterna Paz já sabe.
Por aqui vamos sempre com ^{te} mt. de
nervado com o bairro preso que quase
obriga abandonar a exploração da
barrocha que me tem custado não
poucos sacrificios a mim e todos os
plantadores de Maniobas. Onde
vai ver se obtém some peças tubulares
p. a ^{de} trope q. já lhe prometteram. N.º 7

Cópia da carta do Pe. Cícero ao Cel. Adolpho Barroso apresentando o amigo,
o Conde Adolpho Van der Brulle.



eu já estou tão descrente de pro-
metidas, q' deixo ao Conde as
suas esperanças p' a fé.
Certam'te já deve ter recebido as
Letras de Sr. Frac. Salvação Lisboa
Deponha sempre

De seu amigo
P. Cicero Romão D. F.

P. S. Já se recomendo a D. Afonso de
as seu venerável pai, a D. Afonso e a sua família



Dr Floro

Fortaleza ..

Ramalho seguei Pinheiro,

Tem sido amigo leal.

Faça esforço telegraphico.

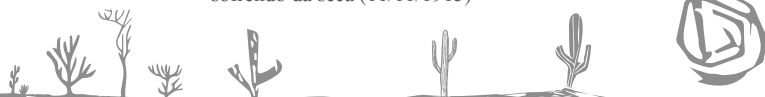
Governo salvar vidas man-
dando ja' trabalhos, socorros
publicos .

Aqui depullam todos dias
de pura fome . Outros caida
ruas, Caminhos .

Socorros agenciados todos Etern
nada vem aqui .

Cum contos noma direcao bal
ceava muito em q^{to} vem inuer-
no, plantacões . Faça esforço

Bilhete ao Dr. Floro Bartolomeu pedindo socorro para o povo
sofrendo da seca (11/11/1915)



todo Brasileiro, Cearense
tem direito reclamar,

Seu amigo

P. Bico

Horta 11 Novembro 1965



Cópia
Joazeiro 5 de Julho de 1776 -

Comp. Manoel Furtado de Oliveira
Apy de D.^a lhe guarde.

Recebi sua amavel carta de 3 de julho
corrente communicando-me que com-
prou as vinte quartas de feijão sendo
quatro quartas a oito mil r.^s (8000;
e seis quartas a sete mil e quinhentos
7500) que imposta em 15 r.^s (15000) Rem-
tto lhe encluzo fl.^o m.^o por cem mil
r.^s (100000) e outro restante cincoin-
ta e sete mil r.^s (57000) irá fl. Anto-
nio Fernandes q.^o por fl. de arde me.
Tenha abundancia de curar, cada qua-
ta - uma oitava de mercurio, vá cu-
rando quarta fl. quarta, e espalhe
o feijão fl. não arder, ou esquentar.
Vai um pouco de axite fl. botar, no
mercurio e bem muido com o olio e jun-
te asnas quatro garrafas d'agoa bem
mesturada com o axite que fique bem
ensopado o feijão. A D. virgem lhe a
abonca e aos seus - De seu comp. e
amiz.

P. Cícero Ramos Baptista

Cópia da carta do Pe. Cícero a Manuel Furtado de Oliveira,
com receita (05/07/1916)



Paraná Ceará 10 de Agosto de 1929.

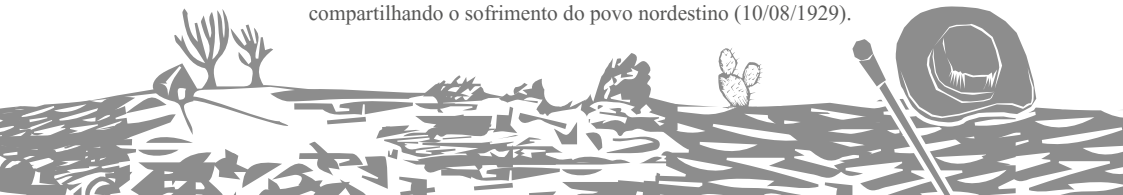
R.º P.º Benedito Basilio

Cópia

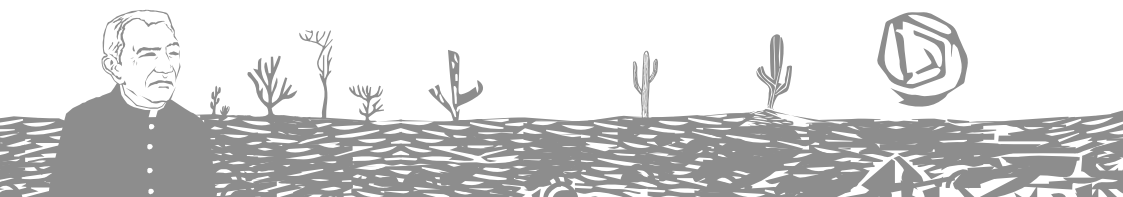
Salutem in Domino

Meu Carr e bom amigo P.º Benedito.
Recbi hoje sua estimavel carta de
30 de Julho p.º para. Com muita razão
tem motivo das afflicções que todos nos
soframos por um diabolico flagello
de bandidos verdaderias feras que
assolam o nosso estado. So temos
que reprovar da S.ª Birgem, que
com certeza a tomamos por Mãe
Nossa e nos entregamos a Ella e hijos
de Confiança na sua caridade de
Mãe Poderosa que nos defende e
nos livra desses demonios huma-
nos. Eu tudo aconselhavo sempre
a todos que aqui vivem que vivam
o santissimo Rosario da Mãe de Deus
em supplicio e salvação dos almas

Cópia da carta do Pe. Cícero ao Pe. Benedito Basilio,
compartilhando o sofrimento do povo nordestino (10/08/1929).



do purgatório para que Ella nos tome
e nos guarde e nos livre de tão
grandes males e de seus insucessos
que tantos crimes e males prati-
camos. Assim em espírito de fé e de
verdade como Deus manda e com
certeza Ella nos libera e nos guarda
como seus filhos. Assim eu tenho
acostumado e acostumo todos, e
os que são fiéis e perseverantes
têm sido guardados e livres, pela
Mão de Deus que é a nossa Mãe
poderosa, e guarda os seus filhos.
Ela é o Reino que principalmente
nos devemos servir, e seguindo
aos meios necessários e de boa ju-
diciosa é fiel ao Governador do
Estado que inequivocamente dará



as providencias precias, pois sabemos
que o Sr. José Augusto é um dos melhores
Presidentes que governa nos Estados do
Nordeste de nosso Paiz. Do Rio Gran-
de do Norte como do interior dos Estados.
Em outros Estados é para aqui ao
gracioso que tem vindo abrigar-se
familias e mais familias; gente opri-
mida de todas as classes, e aqui
descançam e voltam animados,
ficando certos e animados que
serão guardados continuando
nos seus trabalhos. Não sou
amigo eu realmente não sou tanta
efflicia por tão grandes honras como
V^{ra} ^{meu} com razão sabe. E isso
que somente Deus nos leve,
Oramus ad invicem. e aqui



disponha sempre de seu
Amigo e Formador em
Jesus Cristo

Fr. Cícero Romão Batista

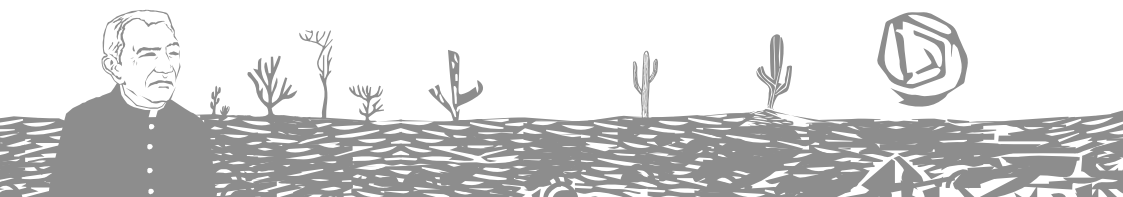




Ilustração 1 – Padre Cicero Romão Baptista, então seminarista (Seminário da Prainha, Fortaleza), na companhia de seu colega, Pe. José Carlos de Matos Peixoto, Fortaleza, 1870.





Ilustração 2 – Padre Cícero Romão Baptista e sua irmã, Angélica Vicência Romana, Juazeiro, 1889.

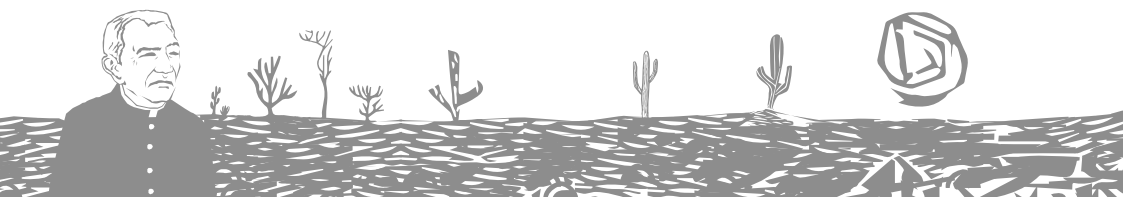




Ilustração 3 – Padre Cícero Romão Baptista, Roma, 1898.

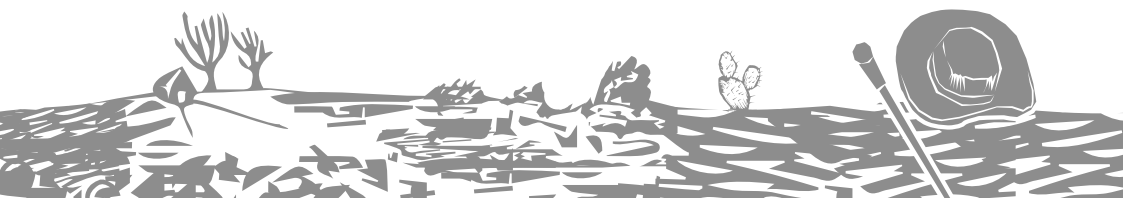




Ilustração 4 – Padre Cícero Romão Baptista, Roma, 1898.

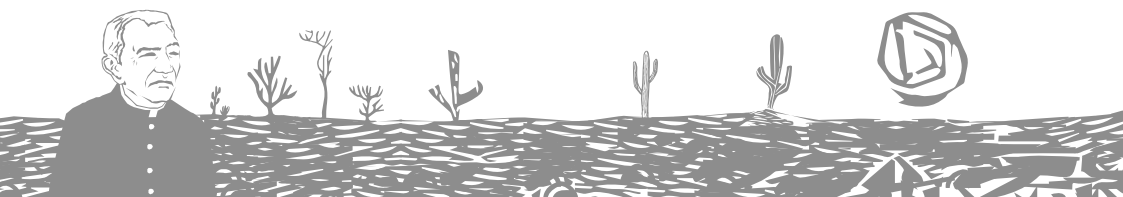




Ilustração 5 – Chegada de Floro Bartholomeu da Costa a Juazeiro do Norte, recebido pelo Pe. Cícero Romão Baptista, 1908





Ilustração 6 – Reunião para tratar da emancipação política de Juazeiro. Dentre outros, as presenças de: Pe. Cícero, Floro Bartholomeu, Pe. Alencar Peixoto, Beata Mocinha, Francisco Belmiro, Pedro Coutinho, Pelúcio Correia de Macedo, Angélica Soares, Maria Custódia. Juazeiro, 1908.

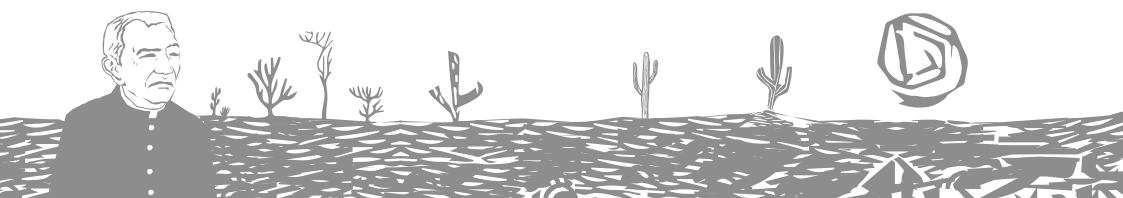




Ilustração 7 – Pe. Cícero Romão Baptista, Juazeiro do Norte, s/data.





Ilustração 8 – Visita Pastoral a Juazeiro, pelo primeiro Bispo da Diocese de Crato, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em 1917.

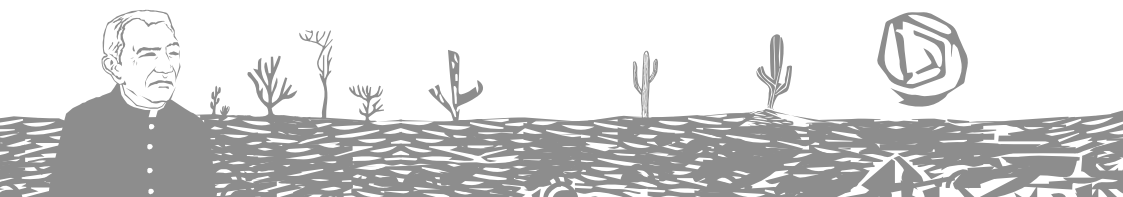




Ilustração 9 – Pe. Cícero Romão Baptista, Juazeiro do Norte, s/data.





Ilustração 10 – Pe. Cícero atende o povo romeiro, de uma das janelas de sua residência, na Rua São José. Juazeiro, 1926.

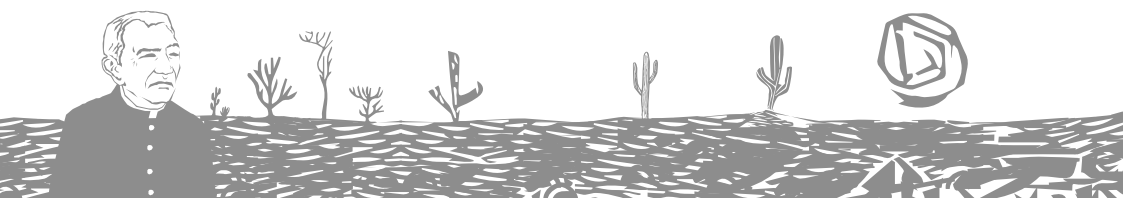




Ilustração 11 – Igreja de Nossa Senhora das Dores, ainda com a fisionomia da reforma empreendida pelo Padre Cícero, em 1875. Juazeiro do Norte, 1923.





Ilustração 12 – Igreja de Nossa Senhora das Dores, em meio à reforma empreendida pelo Padre Manoel Correia de Macedo. Juazeiro do Norte, 1923.

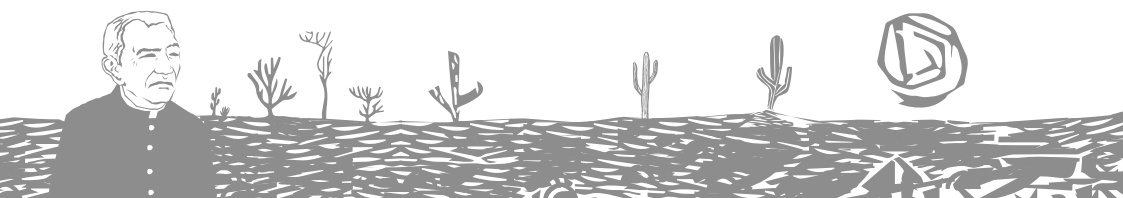




Ilustração 13 – Pe. Cícero Romão Baptista, Juazeiro do Norte, s/data.





Ilustração 14 – Visita do Presidente José Moreira da Rocha a Juazeiro:
Recepção do Pe. Cícero nos arredores da cidade, em 11/09/1925.

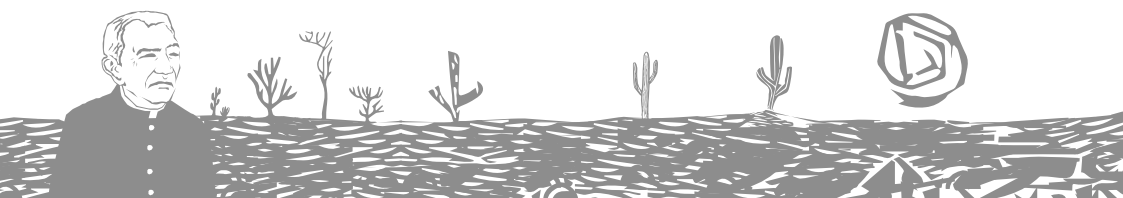




Ilustração 15 – Visita do Presidente José Moreira da Rocha a Juazeiro:
Recepção da comitiva na cidade, em 11/09/1925.





Ilustração 16 – Visita do Presidente José Moreira da Rocha a Juazeiro:
Recepção da comitiva na cidade, em 11/09/1925.

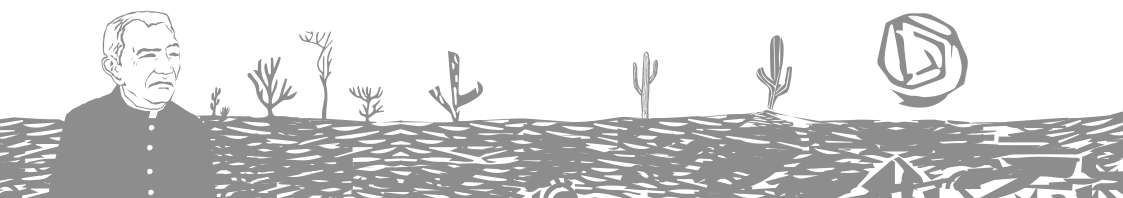




Ilustração 17 – Visita do Presidente José Moreira da Rocha a Juazeiro:
Almoço na residência do Pe. Cícero, em 11/09/1925.





Ilustração 18 – Visita do Presidente José Moreira da Rocha a Juazeiro:
Almoço na residência do Pe. Cícero, em 11/09/1925.

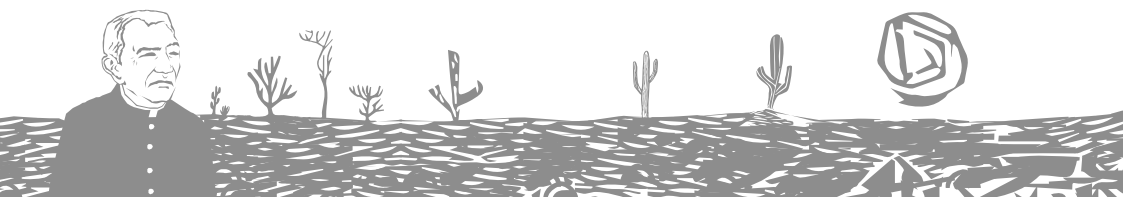




Ilustração 19 – Visita do Presidente José Moreira da Rocha a Juazeiro:
Pe. Cícero e o jornalista João Nogueira, em 11/09/1925.





Ilustração 20 – Visita do Presidente José Moreira da Rocha a Juazeiro:
Recepção da comitiva na Casa Paroquial, em 11/09/1925.

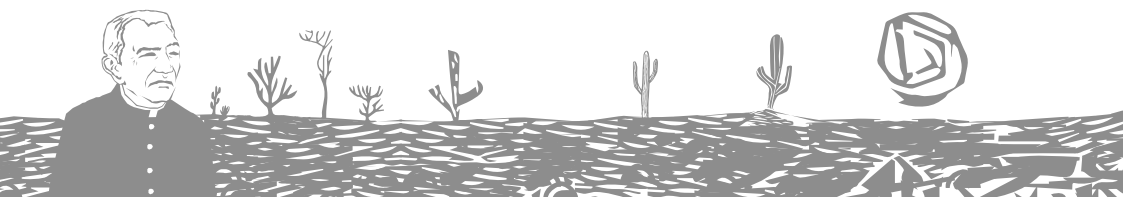




Ilustração 21 – Vista da antiga construção da Igreja, iniciada pelo Pe. Cícero, na Serra do Horto, em 11/09/1925.





Ilustração 22 – Padre Cícero Romão Baptista, em 1925.

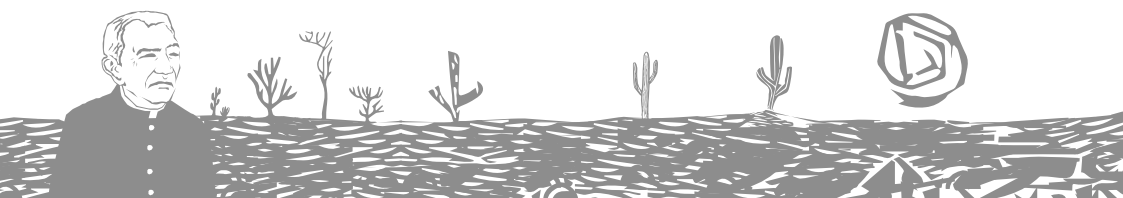




Ilustração 23 – Almoço comemorativo ao aniversário dos 90 anos do Padre Cícero Romão Baptista, em sua residência, no dia 24/03/1934, cercado de grandes amigos, dentre os quais: Dr. Plácido Aderaldo Castelo, José Geraldo da Cruz, Jesus Rodrigues, Odílio Figueiredo, Mozart Cardoso de Alencar e Juvêncio Joaquim de Santana.





Ilustração 24 – Velório do Padre Cícero Romão Baptista, em 20/07/1934.

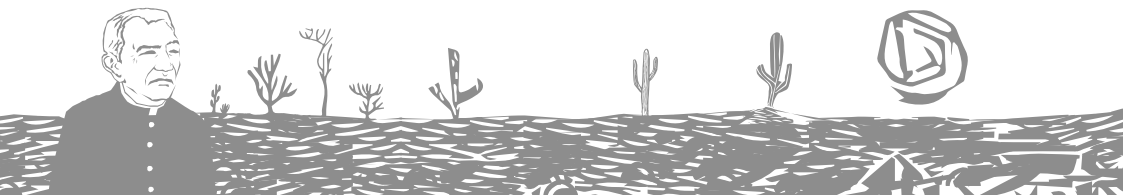




Ilustração 25 – Por muitos anos, Pe. Cícero falava aos romeiros, de uma das janelas de sua residência, na Rua São José. Juazeiro, 1925.





Ilustração 26 – O povo romeiro de Juazeiro do Norte, aglomerado em frente à casa do Padre Cícero, na Rua São José, procura de todo modo entrar na residência na manhã do dia 20.07.1934 para assistir ao seu velório.

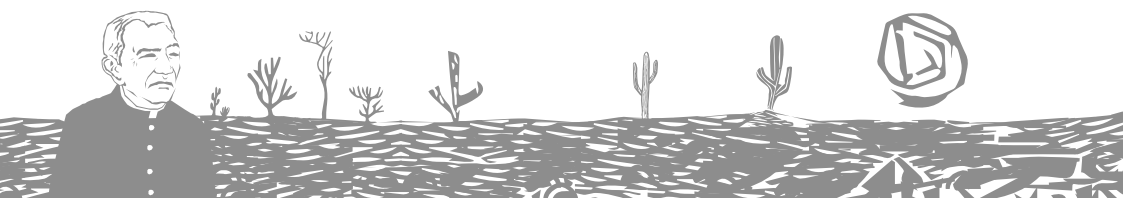




Ilustração 27 – Cortejo fúnebre para o sepultamento no Cemitério de Juazeiro do Norte, 21/07/1934.

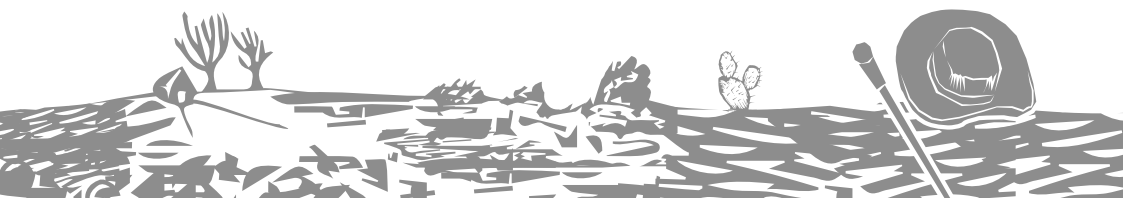




Ilustração 28 – Velório do Padre Cícero Romão Baptista, em 21/07/1934.

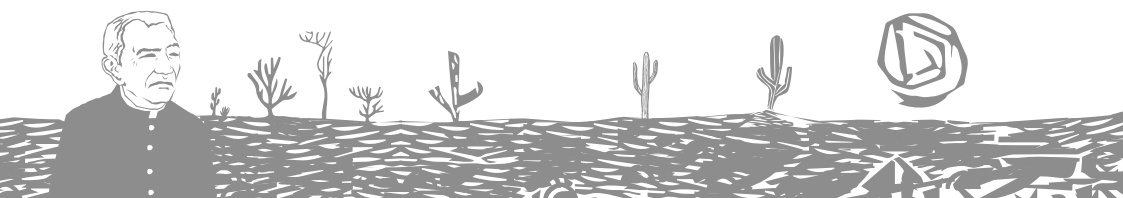


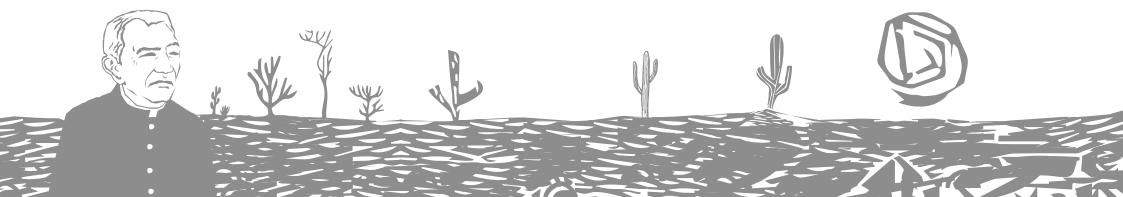


Ilustração 29 – Estátua do Padre Cícero, obra do escultor Agostinho Balmes Odísio e que hoje orna o monumento na Praça do Socorro, Juazeiro do Norte, 1935.





Ilustração 30 – Pe. Cícero Romão Baptista, em sua foto oficial de prefeito de Juazeiro, em 1914.





Ele conquistou espaço para escrever seu livro!

Caro leitor, a você é oferecida a possibilidade de responder pessoalmente, sem intermediários:

“Mas, afinal, quem é o Padre Cícero, mesmo?”

Este é o principal objetivo desta publicação! Será que conseguimos alcançá-lo?

*Therezinha Stella Guimarães
e Anne Dumoulin*



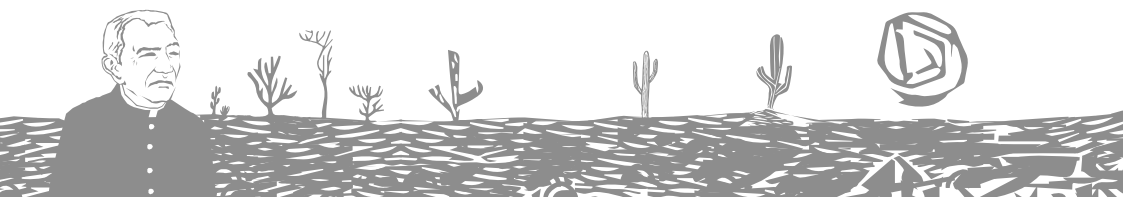
As autoras

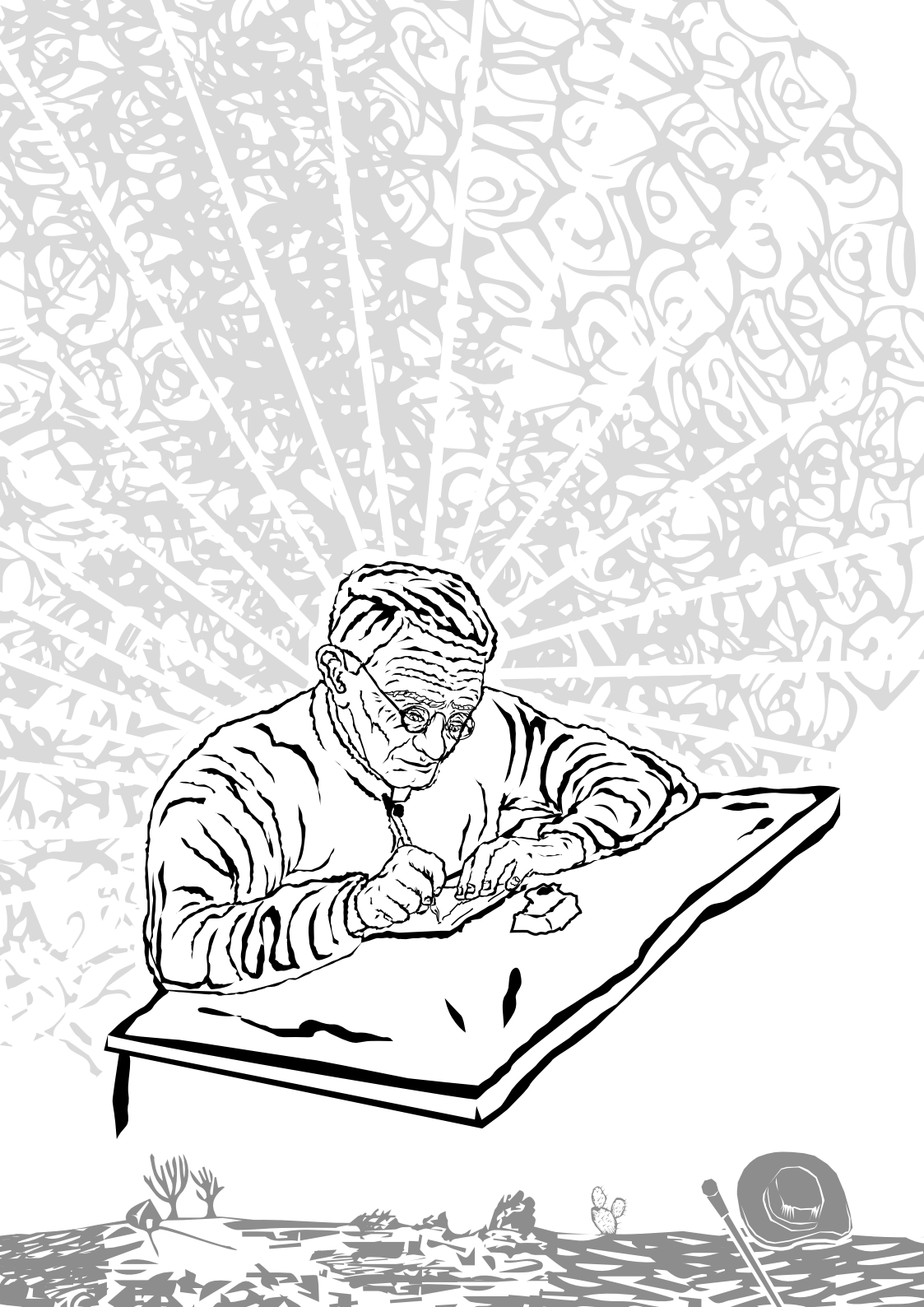


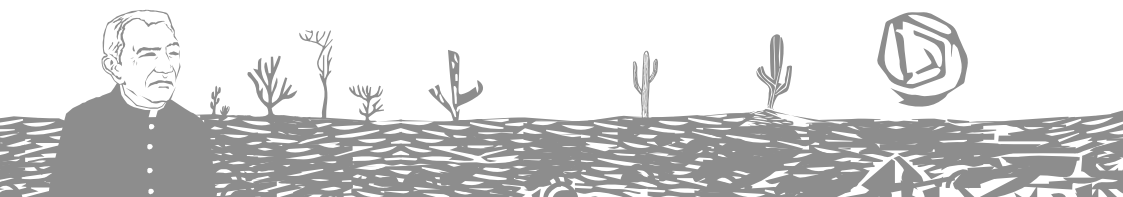
Therezinha Stela Guimarães, **Irmã Ana Teresa** (*in memoriam*), da Congregação de Nossa Senhora – CSA, nasceu em Guaratinguetá-SP em 1935. Doutora em Psicologia da Religião pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica, e professora de Psicologia nessa mesma instituição. Foi professora e diretora de diversos colégios da Congregação, em São Paulo e Santos. Desde 1976, fixou residência em Juazeiro do Norte, onde se colocou a serviço da Basílica de Nossa Senhora das Dores, acolhendo os romeiros do Padre Cícero. Cofundadora do Centro de Psicologia da Religião – CPR onde recolheu e estudou os arquivos relativos à história do “patriarca do Nordeste” e da cidade que ele fundou. Foi autora do livro “Padre Cícero e a nação romeira”, editado, em 2011, na coleção do Centenário da Cidade de Juazeiro do Norte e membro da Pastoral de Romaria em Juazeiro do Norte-CE.



Anne Dumoulin, **Irmã Annette**, da Congregação de Nossa Senhora – CSA, nasceu em Liege, Bélgica, em 1935. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Foi membro do Centro de Psicologia da Religião da mesma universidade e professora nas faculdades de Teologia e de Psicologia até 1976. Coautora do livro: “Les méditations religieuses dans l’univers de l’enfant”, editoras Lumem Vitae e Leuven University, 1972. Em 1976, acompanhou Ir. Ana Teresa numa nova missão junto aos romeiros do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte e fundou com ela o Centro de Psicologia da Religião – CPR. Foi professora de Teologia Pastoral nos seminários da Prainha, Fortaleza-CE, e de São José, Crato-CE. Atualmente, é coordenadora da Comissão Diocesana de Pastoral de Romaria, da Diocese do Crato-CE.









**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**Mesa Diretora
2015-2016**

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

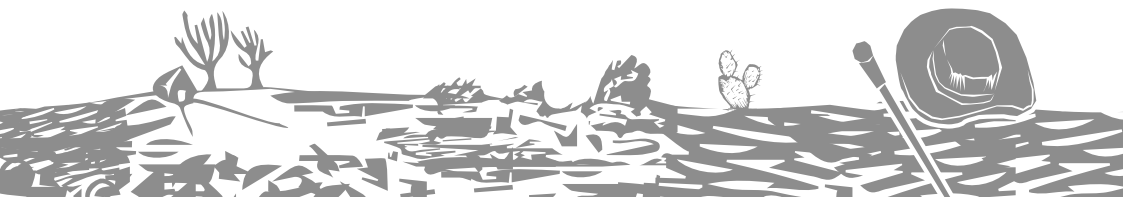
Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Sérgio Aguiar
1º Secretário

Deputado Manoel Duca
2º Secretário

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Joaquim Noronha
4º Secretário



INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ
INESP

GRÁFICA DO INESP

Coordenação editorial

Roberto César de Albuquerque Mendonça

(Chefe de Gabinete da Presidência da Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará, respondendo pela Presidência do Inesp)

Assistente editorial

Andréa Melo

Coordenação da Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo

Equipe de Produção Gráfica

Cleomarcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,
Hudson França e João Alfredo

Equipe de Produção Braille

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Diagramação

Carol Molfese e Mário Giffoni

Equipe de Design Gráfico

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Revisão

Lúcia Jacó e Vânia Soares

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707

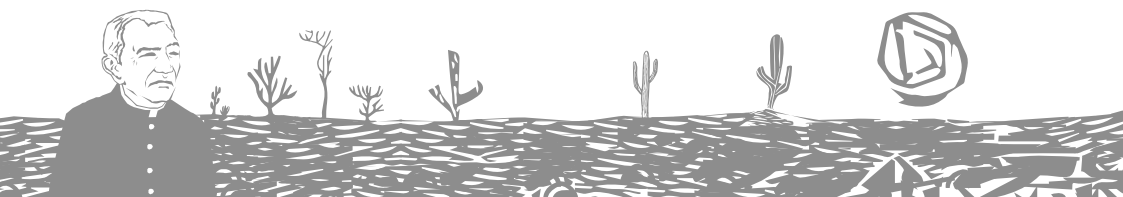
Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

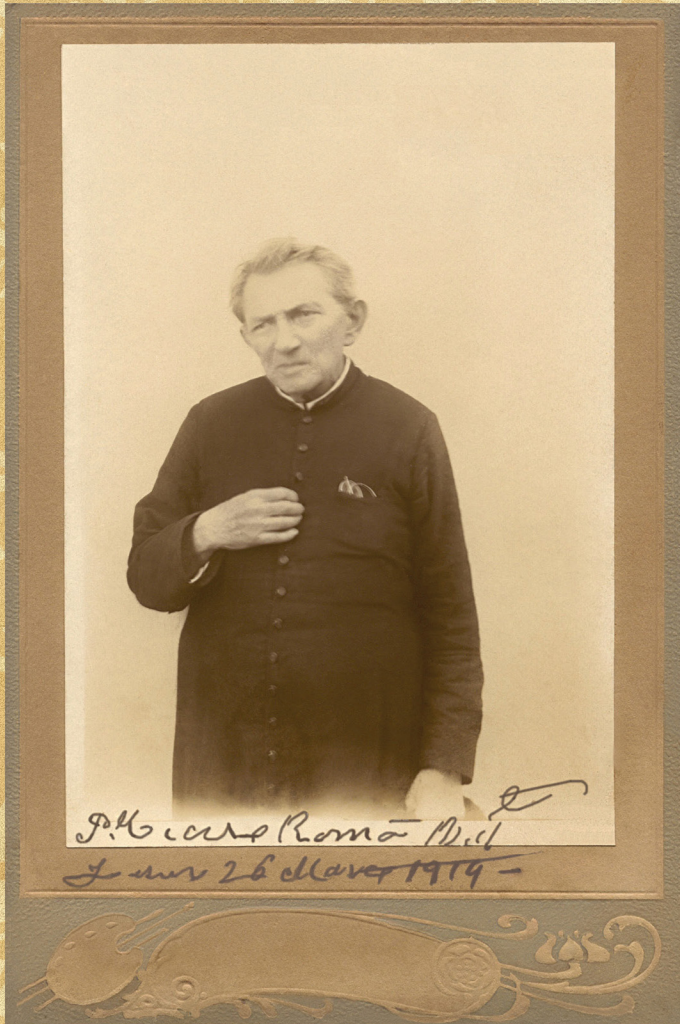
Av. Desembargador Moreira 2807,

Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará

Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500





Padre Cicero Romão Batista | 26 de março de 1914

